

Elke Beatriz Felix Pena

ENUNCIÇÃO E REGULARIDADES GRAMATICAS:
apontamentos para o ensino de língua portuguesa para o
ensino médio

Belo Horizonte

2015

Elke Beatriz Felix Pena

**ENUNCIACÃO E REGULARIDADES GRAMATICAIS:
apontamentos para o ensino de língua portuguesa para o
ensino médio**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Linguística.

Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva

Linha de Pesquisa: Estudo da Estrutura Gramatical da Linguagem

Orientador: Prof. Dr. Luiz Francisco Dias

Belo Horizonte

Faculdade de Letras da UFMG

2015

Ficha catalográfica elaborada pelos Bibliotecários da Biblioteca FALE/UFMG

P397e	<p>Pena, Elke Beatriz Felix.</p> <p>Enunciação e regularidades gramaticais [manuscrito] : apontamentos para o ensino de língua portuguesa / Elke Beatriz Felix Pena. – 2015.</p> <p>162 f., enc. : il., grafs., color., tabs., p&b.</p> <p>Orientador: Luiz Francisco Dias.</p> <p>Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva.</p> <p>1. Língua portuguesa – Estudo e ensino – Teses. 2. Livros didáticos – Avaliação – Teses. 3. Língua portuguesa – Sintaxe – Teses. 4. Enunciação – Teses. I. Dias, Luiz Francisco. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. IV. Título.</p> <p>CDD : 469.5</p>
-------	--



FOLHA DE APROVAÇÃO

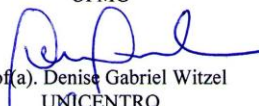
**ENUNCIÇÃO E REGULARIDADES GRAMATICAIS: apontamentos
para o ensino de língua portuguesa para o ensino médio**

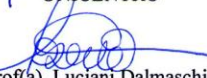
ELKE BEATRIZ FELIX PENA

Tese submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Doutor em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, área de concentração LINGÜÍSTICA TEÓRICA E DESCRITIVA, linha de pesquisa Linha C - Estudo da Estrutura Gramatical da Linguagem.

Aprovada em 27 de fevereiro de 2015, pela banca constituída pelos membros:


Prof(a). Luiz Francisco Dias - Orientador
UFMG


Prof(a). Denise Gabriel Witzel
UNICENTRO


Prof(a). Luciani Dalmaschio
UFSJ


Prof(a). Gilcinei Teodoro Carvalho
UFMG


Prof(a). Delaine Cafiero Bicalho
UFMG

Belo Horizonte, 27 de fevereiro de 2015.

Para Tomás

AGRADECIMENTOS

A todos os meus (ex-)alunos, pois eles são os principais motivadores para que eu continue buscando conhecimento e me aperfeiçoando.

Ao professor Luiz Francisco, pela significativa aprendizagem nestes anos de orientação.

Ao Psica, pela compreensão, pelo incentivo e pelo amor.

À minha família, pelo apoio e incentivo de sempre.

À amiga Silvany, por me “ceder” a babá de suas filhas na reta final da escrita da tese. À Denise, por ter cuidado tão bem do Tomás. Sem as duas, certamente, não teria sido possível terminar o texto.

Às colegas, amigas e companheiras do Grupo de Pesquisa em Enunciação, da UFMG, pela troca de conhecimento, boas risadas e deliciosas viagens para os congressos. Agradeço em especial à Luciani, à Priscila e à Emiliana, cujos trabalhos serviram de base para o meu estudo.

À amiga-irmã, Ana Elisa Costa Novais, grande pesquisadora e colega de trabalho, que esteve ao meu lado durante todo o processo do doutorado, me incentivando, me ouvindo e, muitas vezes, me encorajando a continuar. E (principalmente!) pelos “socorros” para a formatação do texto.

Ao Willian Menezes e à Rivânia Trotta, pelo grande incentivo para que eu começasse o doutorado.

Aos colegas da Coordenadoria da Área de Língua Portuguesa (CODALIP), DO IFMG-Ouro Preto, por compartilharem minhas aflições, dúvidas, anseios, meu cansaço e estresse no processo do doutorado e, principalmente, por lutarem comigo pela minha licença para capacitação.

Ao IFMG - Ouro Preto, pela liberação para que eu conseguisse concluir o doutorado.

Aos funcionários do Poslin, pela prontidão e pela eficiência com que me atenderam durante o período de curso.

Ao Marcelo Cardoso dos Santos, amigo querido, pelo abstract.

A todos os meus amigos que se preocuparam. As ligações e as mensagens de incentivo e de cuidado me encheram de força e coragem nessa travessia.

RESUMO

Neste trabalho, desenvolvemos um estudo com bases na Semântica da Enunciação, a fim de propor um ensino de gramática para o ensino médio em que sejam consideradas as dimensões orgânicas e enunciativas da língua. Para isso, analisamos capítulos destinados à sintaxe em três coleções de livros didáticos de língua portuguesa para o ensino médio. A partir dessa análise, discutimos os conceitos de contexto e de completude do sentido, apresentando os conceitos de intertexto e saturação no acontecimento enunciativo. Através disso, também propomos uma abordagem de ensino que considere as noções de lugares sintáticos e de exemplos-colmeia. Dessa forma, empreendemos um trabalho com sentenças, em sala de aula, que aborde um conjunto de exemplos que se relacionam, para que o aluno perceba, através das diferentes enunciações das formas linguísticas, a relação entre língua e sua exterioridade. Para tanto, nos apoiamos em estudos de Benveniste, Guimarães, Dias, Milner, Pecheux, Adam, Rastier, entre outros teóricos. Na perspectiva que adotamos, durante o acontecimento, definido por uma determinada cena enunciativa, o sujeito mobiliza e atualiza conhecimentos da memória dos dizeres. Nesse momento de atualização dessa memória é que se produz, paralelamente, o efeito de sentido e a posição de sujeito.

Palavras-chave: Semântica da Enunciação. Sintaxe. ensino de língua portuguesa

ABSTRACT

In this work, we developed a study based on Semantics of Enunciation, in order to propose a kind of grammar teaching for high school that takes into account both the organic and enunciative dimensions of language. In order to do so, we Analyzed chapters dedicated to the syntax in three collections of Portuguese language textbooks for high school. From this analysis, we discuss both the concepts of context and completeness of meaning, BY presenting both the concepts of intertext and saturation in the enunciative event. Through this, we propose a teaching approach that considers both the notions of syntactic places and examples-hive. Thus, we undertook a job with sentences in the classroom that addresses a set of examples related to each other in order to make students notice, through different utterances of linguistic forms, the relationship between language and its externality. For this, we rely on the studies of Benveniste, Guimarães, Dias, Milner, Pecheux, Adam, Rastier, among other theorists. From the perspective we adopted during the event, defined by a certain enunciative scene, the subject mobilizes and updates his/her knowledges of the memory of sayings. When updating that memory is that, in parallel, both the effects of meaning and subject position are produced.

Keywords: Semantics of Enunciation. Syntax. Portuguese language teaching

*Sei que a arte é irmã da ciência
Ambas filhas de um Deus fugaz
Que faz num momento
E no mesmo momento desfaz*

(Gilberto Gil – Quanta)

LISTA DE FIGURAS

1 Resultado IDEB 2013	13
2 Exemplo 1	19, 40, 81
3 Charge	29
4 Exemplo 3	30
5 Propaganda Havaianas	84
6 Exemplo 4	4, 35, 118
7 Exemplo 5	38, 88
8 Livros didáticos mais distribuídos PNLD-2012	45
9 Quadro-esquemático coleção I PNLD-2012	49
10 Quadro-esquemático coleção II PNLD-2012	54
11 Quadro-esquemático coleção III PNLD-2012	58
12 Quadro-resumo 1- conteúdos das coleções didáticas	61
13 Quadro-resumo 2 organização da parte de gramática das coleções	63
14 Exemplo 6	66
15 Exemplo 7	70
16 Exemplo 8	73
17 Exemplo 9	76
18 Exemplo 10	77
19 Exemplo 11	91
20 Exemplo 12	94
21 Exemplo 18	102
22 Exemplo 19	110
23 Exemplo 20	114
24 Exemplo 21	120
25 Exemplo 22	124

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1 – ENUNCIÇÃO: PRINCÍPIOS PARA NOSSA PESQUISA	22
1.1 SEMÂNTICA DA ENUNCIÇÃO.....	22
1.2 ENUNCIÇÃO E LÍNGUA	29
1.2.1 A Transversalidade Enunciativa	29
1.2.2 Enunciação e Sintaxe	32
1.3 A QUESTÃO DO CONTEXTO	40
CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA E CORPUS	43
2.1 A PESQUISA	43
2.2 COLETA E SELEÇÃO DE DADOS	43
2.2.1 O PNLD-2012	45
2.2.2 Coleções didáticas	48
2.2.2.1 (CI) Português: contexto, interlocução e sentido	48
2.2.2.1.1 Estrutura Geral da Coleção	49
2.2.2.1.2 Manual do Professor	49
2.2.2.1.3 A Organização do eixo Gramática	51
2.2.2.2 (CII) - Português – Linguagens: literatura, produção de texto, gramática	53
2.2.2.2.1 Estrutura Geral	53
2.2.2.2.2 Manual do Professor	54
2.2.2.2.3 A Organização do eixo Gramática	56
2.2.2.3 (CIII) Português: literatura, gramática, produção de texto	58
2.2.2.3.1 Estrutura Geral	58
2.2.2.3.2 Manual do Professor	58
2.2.2.3.3 A Organização do eixo Gramática	60
2.2.3 Sobre a organização dos conteúdos nos livros didáticos de português do ensino médio	60
2.3 PROCEDIMENTO DE ANÁLISE	63

CAPÍTULO 3-MEMÓRIA, ACONTECIMENTO E ENSINO: O EXEMPLO-COLMEIA	65
3.1 DO CONTEXTO PARA O INTERTEXTO	65
3.2 EXEMPLO-COLMEIA: UMA METODOLOGIA DE ENSINO	80
CAPÍTULO 4 – LUGARES SINTÁTICOS E ENSINO	84
4.1 LUGAR SINTÁTICO	84
4.2 LUGAR SINTÁTICO DE SUJEITO	95
4.3 LUGAR SINTÁTICO DE OBJETO	117
CONSIDERAÇÕES FINAIS	124
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	128
ANEXOS	132

INTRODUÇÃO

Nosso interesse, neste estudo, é apresentar uma reflexão sobre como podem ser trabalhados os conteúdos referentes ao ensino-aprendizagem de língua materna, em especial, os conteúdos sintáticos, tomando-se por base o arcabouço teórico da Semântica do Acontecimento (Guimarães, 2002). Para isso, analisaremos atividades propostas em três coleções de livros didáticos (doravante LD) de língua portuguesa do ensino médio (EM), procurando identificar em cada uma delas aspectos enunciativos da língua, que nem sempre (ou quase nunca) são considerados nos LD, mas que estão presentes por ser parte constitutiva da própria língua (Benveniste, 2006). A partir dessas análises e dos estudos já desenvolvidos nesse campo teórico a respeito do que chamamos de lugares sintáticos, pretendemos apontar algumas perspectivas de abordagens para o ensino que consideram as dimensões orgânica e enunciativa da língua, bem como o enunciado como parte constitutiva da produção de sentido.¹

Nessa direção, vamos mostrar o porquê decidimos desenvolver essa pesquisa com o ensino médio, utilizando o livro didático.

Começamos pelo nível de ensino. São três os principais motivos que nos levaram ao desejo de dispensar nossa atenção ao EM. O primeiro deles inicia-se pela nossa experiência docente que se dá, por um lado, nos últimos anos, nesse nível de ensino, e, por outro, numa experiência anterior, na formação de professores dos cursos de Letras e Pedagogia. Dessa forma, pudemos articular nossas experiências docentes com as de professor-orientador, acompanhando estágios curriculares de licenciandos que tanto ministravam as aulas quanto as observavam. Essa dupla vivência no ensino nos levou a dúvidas e desafios, os quais motivaram o início da nossa pesquisa e participação no Grupo de Estudos da Enunciação, na UFMG.

Os dois próximos motivos estão diretamente ligados ao primeiro, pois por estarmos atuando no EM é que nos interessamos por pesquisas desenvolvidas para esse nível, bem como por estatísticas oficiais a seu respeito.

¹ Nos capítulos seguintes, desenvolveremos as noções de lugares sintáticos e dimensões orgânica e enunciativa da língua. Por ora, apenas para esclarecimento ao leitor, definiremos esses termos, de forma demasiadamente objetiva, da seguinte maneira:

Lugares sintáticos: lugar qualificado que dá aos termos ocupantes desses lugares a capacidade de adquirirem funções nas sentenças.

Dimensão orgânica da língua: ocupação material ou não do lugar sintático.

Dimensão enunciativa da língua: instância de acionamento das possibilidades de ocupação do lugar sintático.

O segundo motivo que nos levou à presente pesquisa é a carência de estudos voltados ao ensino-aprendizado neste período da educação básica, como afirma Mendonça (2006):

Se muitas pesquisas aplicadas ao ensino já se debruçaram sobre a realidade do ensino fundamental I e do ensino fundamental II (...), isso não se repete para a etapa posterior de escolarização, o EM (...). Há de fato uma demanda por pesquisas que ajudem a compreender por que razões, no EM, as competências relativas ao campo da linguagem ainda estão longe do patamar desejado, como indicam, mesmo que de maneira parcial, avaliações do nível nacional como o Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB) e o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). (MENDONÇA, 2006, p.13)

Também no que se refere a políticas e avaliações públicas, o EM apresenta um grande atraso, quando comparado ao ensino fundamental.

Segundo Jurado e Rojo (2006), em 1986, o Ministério da Educação (MEC) começou a avaliar e distribuir livros para o ensino fundamental público. Essa ação do governo federal só é levada ao EM em meados de 2003, quando se inicia a criação de critérios para a avaliação dos LDs desse nível de ensino. Somente com os Princípios e Critérios para Avaliação do Livro Didático de Português para o Ensino Médio (PNLEM-2005) que livros de língua portuguesa são distribuídos ao EM, mesmo assim para um universo restrito de alunos nas regiões Norte e Nordeste.

A inclusão do EM no Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB), conduzido pelo Instituto Nacional de Estudo e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), desde 1990, também foi tardia, de acordo com os dados apresentados por Marcuschi (2006), acontecendo apenas em 1995, depois de já realizadas duas aferições no ensino fundamental, em 1990 e 1993. Em 1997, o INEP realiza a primeira versão do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), com a intenção de autoavaliação para os alunos concluintes dessa etapa. Por ser facultativo e pago, teve baixa adesão. Em 2001, já gratuito, o MEC coloca o Enem como alternativa, parcial ou total, para o ingresso no ensino superior.

O terceiro motivo para a pesquisa no EM se deve às estatísticas oficiais que trazem resultados bastante alarmantes De acordo o Índice de Desenvolvimento da Educação

Básica (IDEB)² divulgado em setembro de 2014, o EM ficou abaixo da meta de 3,9 pontos prevista pelo MEC para o ano de 2013. Nesse nível de ensino, o Ideb registrado no Brasil foi de 3,7 pontos, o mesmo registrado em 2011.



FIGURA 1- Gráfico IDEB 2013.
Fonte: Ministério da Educação/INEP

Dados levantados pelo Movimento Todos pela Educação³, a partir das informações da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) 2013, mostram que somente 54,3% conseguiram concluir o EM até os 19 anos. Outro índice que nos chama atenção é o percentual de jovens com idade certa (15 a 17 anos) matriculados no EM, que passou de 54,4% em 2012 para 54,3% em 2013. O Plano Nacional de Educação estipula que, em dez anos, a taxa líquida de matrículas no ensino médio seja de 85%. Mas, como é indicado, esse índice teve uma pequena variação negativa.

Dadas as motivações para realizarmos esse estudo no EM, agora passamos para aquelas que nos levaram a utilizar os LD de língua portuguesa.

Ainda é indiscutível a significativa presença na sala de aula do livro didático como principal material didático para o professor e para os alunos, como nos diz Jurado e Rojo (2006, p.44),

Tal como se apresenta hoje, ele [o livro didático] tem sido o instrumento de letramento mais presente na escola brasileira, especialmente a partir da década de 1970. Atualmente, representa a

² O Ideb é um indicador geral da educação nas redes privada e pública. Foi criado em 2007 pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) e leva em conta dois fatores que interferem na qualidade da educação: rendimento escolar (taxas de aprovação, reprovação e abandono) e médias de desempenho na Prova Brasil, em uma escala de 0 a 10.

³ <http://www.todospelaeducacao.org.br/>

principal, se não a única, fonte de trabalho com o material impresso na sala de aula, ao menos na rede pública de ensino.

A partir de 2003, em decorrência da elaboração do primeiro PNLEM-2005, a qualidade pedagógica desse material virou objeto de observação. Com isso, e com as significativas pesquisas desenvolvidas sobre o ensino de língua materna, os LD tiveram grandes avanços no que diz respeito à diversidade de gêneros e tipos textuais, bem como em suas atividades de leitura e produção de textos. No entanto, o mesmo não se pode falar no que se refere ao ensino de gramática, como vemos em estudo de Mendonça (2006),

Tomemos como exemplo desse movimento o lançamento da obra organizada por J. W. Geraldi, *O texto na sala de aula*, em 1984. Os artigos deste livro já propunham uma reorientação para o português, com base na leitura e escrita de textos como práticas sociais significativas e integradas, e na análise dos problemas encontrados na produção textual como mote para a prática de AL (análise linguística), em vez de exercícios estruturais de gramática (normativa e descritiva). Apesar de ter-se convertido num marco entre as publicações voltadas para a formação de professores, não se efetivaram, desde seu surgimento, grandes mudanças quanto ao ensino de gramática, ao passo que o trabalho com leitura e escrita já apresentou algumas modificações (MENDONÇA, 2006, p.200).

O que percebemos é que o ensino da sintaxe acontece em duas direções. A primeira, mais tradicional, é aquela em que o estudo de categorias sintáticas é relacionado aos grupos morfológicos e a “funções” que os termos exercem na sentença, tal como orienta a gramática normativa. Aqui, vemos um estudo pautado na memorização de categorias e localizações estritamente geográficas dos termos na sentença. Dessa forma, essa abordagem funciona quando são apresentados ao aluno exemplos que “cabem” nas definições.

A segunda abordagem surgiu a partir dos estudos linguísticos sobre o texto, em que ele é considerado unidade de sentido, como a Linguística Textual e a Linguística de Gêneros e Tipos textuais. Nessa concepção, o estudo sintático somente é necessário se considerar a função que a oração ocupa no texto, em relação à coerência e à coesão desta unidade de sentido. Com isso, o conhecimento da organicidade sintática das sentenças se perdeu muito em nome da maior importância do sentido global do texto e de alguns elementos que eram considerados fundamentais para esse sentido.

Dias (2010) faz um estudo sobre o ensino de sintaxe em livros didáticos do ensino fundamental e aponta alguns problemas relativos a esse ensino. Dois deles são:

- a) interação dos estudos gramaticais com os estudos do texto e do discurso – com a grande importância que os estudos do texto e do discurso tomaram nas últimas décadas, os autores de livro didático tentam adequar suas obras a essas bases. No entanto, articular a organicidade da língua ao seu papel no texto ou no discurso exige domínio dessas abordagens, e, como diz Dias, “Esses estudos ainda não adquiriram uma estabilidade suficiente, principalmente no Brasil, para que possam fornecer segurança aos autores de manuais didáticos” (p.193)
- b) heterogeneidade terminológica e dispersão do campo gramatical – devido à grande diversidade dos fundamentos teóricos dos estudos gramaticais, alguns conceitos como os de língua e gramática variam consideravelmente. Com isso, surgem novas terminologias ligadas a diferentes bases teóricas, que ainda não foram completamente apreendidas pelos autores desses manuais. Com isso, percebe-se grande confusão terminológica-conceitual que pode ter como consequência dar a velhas formas “rótulos” novos.

Entendemos que, no ensino fundamental, o trabalho com gramática deve estar relacionado ao texto, para que esse aluno perceba e entenda a função sintática em um contexto maior, participante da unidade de sentido do texto. Segundo Dias (2003), essa forma de ensinar a gramática deve acontecer nas primeiras séries. Ele propõe que, nas duas últimas, os conceitos já sejam explicitados. Concordando com essa proposta, vamos além para dizer que o Ensino Médio é o momento de trabalharmos com questões mais conceituais, que devem abordar tanto os aspectos orgânicos quanto enunciativos da língua, acompanhando o nível de maturidade cognitiva e o conhecimento que esse aluno veio adquirindo por todos os anos de escola. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (1999) - PCNEM, o EM tem, como anos finais da educação básica, o objetivo de aprofundar o conteúdo do ensino fundamental e oferecer ao aluno instrumentos para que possa continuar aprendendo. Ainda sobre esse ponto, os PCN+ (2002, p.56), nos afirmam que “O ensino de língua materna deve considerar a necessária aquisição e o desenvolvimento de três competências: interativa, textual e gramatical”. Também em

Mendonça (2006), encontramos considerações a respeito do trabalho sistemático com língua no ensino médio.

Não se exclui aqui a necessidade de sistematizar na AL (*análise linguística*), já que, especialmente nessa etapa de escolarização, não há mais motivo para tratar os fenômenos normativos, sistêmicos, textuais e discursivos de forma intuitiva. Isso é defendido para a abordagem de alguns aspectos do EFI (*ensino fundamental I*) (principalmente) e EFII (*ensino fundamental II*), quando a meta maior é alfabetizar e letrar, ou seja, levar os alunos à apropriação do sistema de escrita e inseri-los em diversas práticas letradas significativas. Portanto, é preciso que o trabalho com AL no EM parta de uma **reflexão explícita e organizada** para resultar na construção progressiva de conhecimentos e categorias explicativas dos fenômenos em análise. (p.204)

Nos PCNEM e PCN+, encontramos, em diversos momentos, a orientação para o trabalho com a gramática e a reflexão a respeito da materialidade da língua. Esses documentos apresentam as bases para o ensino, como os objetivos, as competências e as habilidades referentes a esse nível escolar. Então, podemos dizer que nossa posição a respeito da abordagem ecoa nesses princípios.

No mundo contemporâneo, marcado por um apelo informativo imediato, a reflexão sobre a linguagem e seus sistemas, que se mostram articulados por múltiplos códigos e sobre os processos e procedimentos comunitários, é, mais do que uma necessidade, uma garantia de participação ativa na vida social, a cidadania desejada (PCN+-Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, p.20)

Mais especificamente sobre a estrutura da língua, encontramos:

Cabe à escola aprimorar a competência gramatical dos alunos, de modo a levá-los a gerar sequências próprias, consideradas como admissíveis e aceitáveis no interior da Língua Portuguesa, bem como aprender enunciados distintos. (Idem; p. 57)

Se está se falando em levar o aluno a gerar sequências próprias, podemos dizer que é necessário que ele conheça a estrutura dessas sequências. Nessa perspectiva, podemos dar a entender que desconsideramos o ensino a partir de textos, mas essa impressão não se sustenta. Achamos coerente a nossa visão com a que propõe o ensino no e pelo texto, no entanto, com base na Semântica da Enunciação, entendemos *texto*, dentro de um espaço de enunciação, que trará “as línguas” que esse espaço mobilizar (GUIMARÃES, 2011). O

texto é uma unidade de sentido integrada por enunciados, por isso, o enunciado tem papel fundamental na nossa concepção de ensino de língua.

Esta definição considera de modo direto que o texto é uma unidade de significação. Ela se caracteriza por produzir sentido, e é isso que faz dela (desta unidade) um texto. Outro aspecto é que esta unidade (o texto) integra enunciados, ou dito de outro modo, o texto é integrado por enunciados. E é isso que faz com que o texto seja texto e faça sentido. (GUIMARÃES, 2011, p. 19)

Ao olharmos para o texto, sua constituição e suas relações, entendemos esse processo e o relacionamos, posteriormente, a outros enunciados que o compõem, formando, assim, o sentido dessa unidade (o texto).

Segundo Guimarães (2011, p. 126),

Esta posição coloca, de início, no centro da questão do ensino dois aspectos fundamentais: 1) o funcionamento do enunciado; 2) o fato de que o sentido dos enunciados são produzidos (*sic*) por sua relação de integração com o texto.

O aspecto 1, parte do objeto do estudo que propomos neste trabalho, diz respeito à consistência interna dos enunciados, então, às suas sistematicidades, às relações entre os elementos que os compõem. Essa sistematicidade está diretamente ligada à produção de sentido, i.e., a articulação entre os elementos que formam o enunciado é fundamental para o seu sentido. Para nós, a sistematicidade gramatical está associada à produção de sentido, porque é um lugar de constituição de referência.⁴

Com isso, continuamos a concordar com Guimarães quando diz que é fundamental que seja ensinado a observar e a levar em conta essas sistematicidades do enunciado. Ele também afirma que se deve “ensinar o funcionamento gramatical (fonológico, morfológico, sintático) junto ao funcionamento semântico da produção de sentido”. (GUIMARÃES, 2002, p. 126)

Essa abordagem não se desvincula do que orienta o PCN+, no volume sobre “Linguagens, códigos e suas tecnologias”, como nos mostra a seguinte citação:

Em sentido amplo, texto é qualquer manifestação articulada que se veicula por linguagens. Sendo ele o elemento mínimo de qualquer

⁴ No capítulo 2, trataremos dessa relação com mais detalhes ao falarmos de enunciação e sintaxe (item 2.2.2)

situação de interlocução, sua organização segue **padrões formais que devem ser compreendidos** para que essa interlocução se efetive. (grifo nosso) (p. 43)

A que se referem esses “padrões formais”? Acreditamos que a elementos que constituem esse texto: desde sua estrutura tipológica até a dimensão dos enunciados que compõem essa estrutura.

Nossa base teórica se constitui: i) pela Semântica da enunciação; ii) por estudos sintáticos que consideram a dimensão enunciativa da língua, além da sua organicidade. Dessa maneira, defendemos que de outras enunciações se cria a memória de ocupação e relação dos componentes de uma sentença, ou seja, uma sentença se assenta sob a enunciação de outras sentenças (DIAS, 2012). A sentença, tomada como face regular do enunciado, é o ponto de contato entre o dizível e a atualidade do dizer. Desta forma, ao analisarmos uma sentença, devemos considerar tanto as regularidades dos seus elementos quanto “as regularidades da significação advindas das recorrências da memória” (DIAS, 2010, p. 03). Essa perspectiva teórica será desenvolvida no próximo capítulo.

Uma vez conhecidos e entendidos, pelo aluno, usuário da língua, o funcionamento e o processo de produção de sentido desta língua, o entendimento de sua organização passa a ser mais eficaz. Em vez de categorizar por processos de memorização termos e nomenclaturas sintáticas, o aluno passará a identificar a regularidade da sentença em relação à regularidade de sentido produzido neste processo enunciativo. E além da sentença, poderá estabelecer a relação deste enunciado com os demais enunciados do texto, formando uma rede de sentidos, considerando-se as duas dimensões da língua: a enunciativa e a orgânica.


Podemos observar no uso de LD em sala de aula ou numa leitura atenta desse material, que aparecem algumas tentativas de levar para o campo do ensino da sintaxe fundamentos e abordagens enunciativas, apresentando atividades que demandem o acionamento da memória e da historicidade da língua. No entanto, ainda se vê uma fragilidade quanto ao uso dessas bases e ao domínio dessas abordagens, gerando uma heterogeneidade terminológica e uma dispersão gramatical das quais falamos anteriormente, que leva o aluno a “esquecer-se” da reflexão sobre a estrutura da língua para pensá-la, de maneira muitas vezes vaga, sobre suas relações de sentido.

Vejamos um exemplo retirado de uma das coleções utilizadas na pesquisa⁵. O exercício abaixo faz parte do item “Atividades” propostas ao final do capítulo de introdução ao ensino de sintaxe de um dos livros analisados.

(1)

» O anúncio abaixo deve servir de base para as questões 5 e 6.

Pode ter inversão térmica. Pode ter trânsito louco. Pode ter seus problemas. Com tudo isso, a gente não pode deixar de amar essa cidade. Feliz aniversário, São Paulo.



▲ 27º aniversário. São Paulo: Clube de Criação de São Paulo, 2002. p. 174.

5. Observe o enunciado que aparece no canto superior direito do anúncio. Como é constituído sintaticamente?
 - ▶ Desconsiderando o contexto, é possível compreender o que é afirmado?
6. Esse anúncio foi veiculado por ocasião do aniversário da cidade de São Paulo. Que elementos do texto caracterizam esse contexto?
 - ▶ Considerados os elementos contextuais do anúncio, como pode ser entendida a afirmação “É. O amor é cego”?

FIGURA 2 – Exemplo (1)
FONTE: Coleção didática I, v.2, p. 510.

O enunciado *É. O amor é cego.* é o objeto de análise da questão 5, em que é pedido para que o aluno diga como o mesmo é constituído sintaticamente. A resposta indicada no Guia de Recurso do professor (p. 188) é “O enunciado é constituído de duas frases curtas ‘É.’ e ‘O amor é cego.’ Em cada frase, há uma oração (um período simples).” Se formos considerar a definição de frase dada anteriormente⁶, *É* não poderia ser classificada como tal. Se a sua extensão é marcada pelo ponto, deveríamos considerá-la individualmente, de acordo com a definição de frase das autoras. Sem relacioná-la à segunda sequência, *O amor é cego*, não haveria possibilidade de sentido, adotada a perspectiva indicada anteriormente. O que acontece aqui é um exemplo de que os enunciados estão relacionados

⁵ Dedicamos o próximo capítulo à exposição das coleções de livros didáticos das quais selecionamos as atividades que analisaremos neste trabalho.

⁶ “Frase é um enunciado linguístico que, independente de sua estrutura ou extensão, traduz um sentido completo em uma situação de comunicação. O início e o fim da frase são marcados, na fala, por uma entoação característica e, na escrita, por uma pontuação específica.” (p.507)

a uma rede de memória, por isso o *É* é apontado pelas autoras como uma frase, mesmo não abordando o aspecto enunciativo em sua definição. Apesar de *É*, isoladamente, não trazer uma referência específica, *O amor é cego* possui uma anterioridade discursiva, e, relacionados, pode-se chegar ao sentido.

Ainda na questão 5, mas no segundo item, é pedido que o aluno diga se há sentido em *É. O amor é cego*, desconsiderando-se o contexto. Apesar de não estar claro na questão a que contexto específico elas se referem, na sugestão de resposta entendemos que é ao contexto do anúncio publicitário: a imagem, e os dizeres da parte inferior direita do texto. As autoras afirmam ser possível compreender o enunciado “como uma afirmação genérica sobre o fato de o sentimento amoroso levar os apaixonados a verem seus objetos de amor de forma completamente idealizada (...)” sem enxergar os seus defeitos. Porém, só é possível fazer essa leitura do enunciado em questão porque ele foi relacionado a algo além do que está materializado no anúncio, o que nos impede de dizer que houve uma “descontextualização” completa como nos sugere o comando da atividade. E o que seria esse “algo além do materializado”? Na nossa perspectiva, é o acontecimento enunciativo, atualizando enunciações presentes na memória desse enunciado. Mas essa instância não é levada em consideração no material analisado, pelo menos de forma consciente.

A questão 6 busca levar o aluno a pensar o sentido de *É. O amor é cego* considerando todos os demais elementos, o que é bastante interessante em relação à compreensão do anúncio. No entanto, a relação da sintaxe com o sentido produzido não é abordada. Perde-se o foco na sintaxe para abordar questões relacionadas ao texto apresentado, anúncio publicitário, sem estabelecer um elo entre a constituição da sentença e a relação entre os grupos que a constituem (o sintático, tema do capítulo).

Há uma atualidade nos textos, que exige relações bem complexas, como relações anafóricas, extratextuais, etc., mas, ao mesmo tempo, ao se passar para as questões sobre esse texto, a rede de memória desses dizeres não é explorada na sintaxe. Não é dada orientação de como elementos linguísticos ali presentes devem ser observados e nem é explicitada a relação entre esses elementos e o sentido do texto. O interessante é pensarmos que, mesmo assim, os alunos, ao responderem a essas questões, fazem essas relações. A resposta aos exercícios só é possível pela passagem naquilo que não é realizado materialmente no dito, mas que é constitutivo do dizer, ou seja, o aluno tem que buscar algo do enunciativo para realizar as atividades.

No decorrer dos capítulos que se seguem, serão apresentadas essa e outras atividades que fazem parte de LD do EM. Com a finalidade de entendermos melhor a sistemática desses livros quanto à metodologia de análise linguística que deve ser utilizada pelo professor, consideramos, além das atividades relacionadas aqui, no manual do professor, as orientações a respeito do trabalho com a sintaxe.

Quanto à análise linguística, nossa atenção foi para o estudo das relações de articulação na língua entre a memória e a atualidade no acontecimento enunciativo, considerando, assim, os lugares sintáticos constituídos nas sentenças. Nosso objeto de estudo é o enunciado, considerando a sua consistência interna e sua relação com os demais enunciados de um texto (Guimarães, 2002).

Este texto foi organizado em quatro capítulos. No primeiro, apresentamos as bases teóricas que dão sustentação a essa pesquisa, trazendo os conceitos da Semântica da Enunciação e da relação entre enunciação e sintaxe. No segundo capítulo, são apresentados o *corpus* e a metodologia utilizados no trabalho. Nos dois capítulos seguintes, 3 e 4, apresentamos análises que buscam demonstrar a proposta que trazemos para o ensino de sintaxe com bases enunciativas, para o ensino médio. No capítulo três, discutimos os conceitos de *contexto* e *completude de sentido* e propomos os conceitos de *intertexto*, *saturação no acontecimento enunciativo* e *exemplo-colmeia*. Por fim, no capítulo quatro, fazemos uma exposição de aspectos enunciativos da constituição dos lugares sintáticos de sujeito e objeto, tendo em vista possibilidades de trabalho com exemplos-colmeia.

Ao final da tese, como anexos, disponibilizamos a digitalização das páginas dos LD em que se encontram os exemplos utilizados nesse trabalho, para que o leitor possa fazer a leitura das informações e/ou atividades que circundam esses exemplos.

CAPÍTULO 1 – ENUNCIÇÃO: PRINCÍPIOS PARA NOSSA PESQUISA

1.1 A SEMÂNTICA DA ENUNCIÇÃO

Quando falamos em Teoria da Enunciação, é importante determinarmos a que “teoria da enunciação” estamos nos referindo. Há vários estudos enunciativos que apresentam diferentes abordagens conceituais em relação ao que é língua, sujeito e até mesmo enunciação, de acordo com o tipo de análise que é realizada. Flores (2008) aponta essa pluralidade, dividindo os estudos sobre enunciação em dois grandes grupos, de acordo com o modelo de análise utilizado em cada um deles.

No primeiro grupo, estão os autores cuja reflexão é voltada para a enunciação, mas não formulam modelo de análise: Benveniste, Bally, Sechehaye e Guillaume, considerados, pelo autor, fundadores dessa abordagem da língua.

Do segundo grupo, participam autores que elaboraram propostas teórico-metodológicas de análise enunciativa, como Jakobson, Ducrot, Authier-Revuz, Culioli, Fuchs, Hagege, Kebrat-Oracchioni, entre outros.

Nossa perspectiva é a da Semântica do Acontecimento⁷, desenvolvida por Guimarães (2002) com fundamentos em Benveniste e Ducrot. Para apresentarmos as bases que nos orientam nessa teoria, faremos um caminho já percorrido por estudiosos como Dias (2009) e Dalmaschio (2013). Apontaremos dois importantes estudos no campo da enunciação que servem de referência para nosso trabalho, naquilo que nos aproxima e também nos afasta de suas teorias: a passagem da língua para o discurso, de Benveniste (2006), e o conceito de acontecimento, de Ducrot (1987).

Benveniste (2006, p.82) define a enunciação como “este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização”, trazendo para o primeiro plano dos estudos linguísticos a individualidade do sujeito que faz o aparelho funcionar, “Este ato (de produzir enunciado) é o fato do locutor que mobiliza a língua por sua conta.”. Há uma materialidade pertencente ao aparelho formal, da qual se apropria o locutor para colocá-la

⁷ Termo cunhado por Guimarães que equivale à Semântica da Enunciação. No decorrer dessa seção, explicaremos a utilização do termo acontecimento no lugar de enunciação nessa teoria.

em funcionamento em determinado tempo e espaço (aqui-agora). O locutor, uma das faces do sujeito de Benveniste, que sempre pressupõe o outro (eu-tu), é introduzido pelo ato individual pelo qual a língua é utilizada como “parâmetro nas condições necessárias da enunciação” (p.83). São duas instâncias apresentadas por Benveniste, a da língua e a do discurso. A instância da língua é onde a língua guarda um conjunto de formas que se constitui em uma classe de indivíduos linguísticos. O locutor enuncia - através da apropriação desses individuais (o pronome “eu”) que permitem ao homem individualizar - promovendo o desdobramento da instância da língua em uma segunda instância, a do discurso, na qual produzimos referência. Em outras palavras, para Benveniste, a enunciação é a passagem da possibilidade de língua para uma instanciação discursiva.

Mais tarde, Ducrot (1987), ao definir enunciação como um “acontecimento histórico”, traz para o campo dos estudos da língua a noção de “histórico/historicidade”, muito cara às nossas pesquisas. Porém, o que Ducrot entendia por histórico é algo pontual, marcado por um tempo cronológico, em que o enunciado dito em um determinado tempo e espaço não será repetido em uma outra enunciação.

O que designarei por esse termo é o acontecimento constituído pelo aparecimento do enunciado. A realização de um enunciado é de fato um acontecimento histórico: é dado existência a alguma coisa que não existia antes de falar e que não existirá depois. É essa aparição momentânea que chamo enunciação. (p.168)

Para ele, o acontecimento enunciativo é histórico, mas essa historicidade é marcada no tempo e no espaço específicos, dando ao enunciado um caráter de irrepitibilidade.

Essa visão de irrepitibilidade é reconstruída em Guimarães. Esse autor, ao se colocar como um semanticista, afirma que nos estudos semânticos é fundamental pensarmos que o que dizemos é construído na e pela linguagem (Guimarães, 2002). A linguagem fala de algo, mas esse “algo” não está presente no mundo. Por isso, para esse autor, para se fazer análise do sentido, é necessário fazer uma análise da enunciação, do acontecimento do dizer, pois o objeto de análise para a Semântica do Acontecimento é o enunciado: “saber o que significa uma forma é dizer como seu funcionamento é parte do processo da constituição do sentido do enunciado.” (GUIMARÃES, 2002, p.7)

Para Guimarães (1989 e 1995), a enunciação é um espaço que considera a constituição histórica do sentido, desta forma, abordar a enunciação é observar o sujeito que enuncia, ou seja, o sujeito na linguagem. O autor considera a enunciação como

“acontecimento no qual se dá a relação do sujeito com a língua” e, partindo do que Ducrot (1987) desenvolve na teoria polifônica da enunciação, coloca uma importante questão para seus estudos: como tratar a enunciação como funcionamento da língua sem remeter isto a um locutor, a uma centralidade do sujeito?

Ao tratar essa questão, é importante explicitar que, para nós, fundamentados na tese antirreferencialista de Ducrot, a produção de sentido não se dá através da relação entre uma expressão linguística e seu referente como entidade no mundo. A questão que é colocada neste campo de estudo a respeito da produção de sentido é como ao dizer fala-se das coisas, pois as coisas existentes são referidas enquanto significadas na e pela linguagem. Desta forma, como define Guimarães (2002), para a semântica linguística, a questão do sentido não é uma questão ontológica, mas uma questão simbólica: “Enuncia-se enquanto ser afetado pelo simbólico e num mundo vivido através do simbólico” (p.11). Enunciar passa, assim, a ser uma prática política, e não mais individual. Dessa forma, entendemos o sentido como algo histórico-social e não particular.

Tomando a enunciação como o acontecimento da linguagem, apresentamos os elementos da constituição desse acontecimento. Constituem esse acontecimento: i) a língua; ii) o sujeito, que se constitui pelo funcionamento da língua na qual se enuncia algo; iii) a temporalidade e iv) o real a que o dizer se expõe ao falar dele (materialidade histórica do real).

Dentro dessa constituição, é preciso entender que o acontecimento não é marcado por um presente em que o locutor diz *eu* e enuncia a partir de um antes (passado) e um depois (futuro), como propôs Benveniste. Para a semântica do acontecimento não é o sujeito que temporaliza, mas o próprio acontecimento. “O sujeito não é assim a origem do tempo da linguagem. O sujeito é tomado na temporalidade do acontecimento” (GUIMARÃES, 2002, p. 12)

A temporalidade é constituída, por um lado, de um presente que abre em si uma latência de futuro (a futuridade), a partir da qual se dá uma projeção e uma produção de efeito na memória, que abre o lugar dos sentidos, do interpretável. Por outro lado, o presente do acontecimento constitui um passado que é a rememoração de enunciações, uma nova temporalização, considerada como o que é da ordem do memorável.

Dessa forma, afirmamos que o acontecimento é a diferença na sua própria ordem, não sendo um fato no tempo, um antes e um depois, marcados cronologicamente, mas na enunciação. É um presente no acontecimento que busca o passado e projeta um futuro de

significações. Essa temporalização é constituída no acontecimento enunciativo, momento de atualização do dizer, diferentemente da forma como Ducrot entende essa temporalidade. Dessa maneira, o enunciado é atualizado e não irrepitível. Dado esse fundamental papel do acontecimento enunciativo é que Guimarães denomina a sua teoria de Semântica do Acontecimento.

Usamos nesta abordagem o termo memória discursiva de acordo com Pierre Achard (1999). Segundo este autor, há uma repetição, tomada por uma regularidade do discursivo. Essa regularização dá à memória um estatuto social. Apesar desta repetição e regularização dos discursos, a história não forma uma memória autônoma, é necessário um texto atual que a busque. Desta forma, a enunciação é tomada como “operações que regulam o encargo, quer dizer, a retomada e a circulação do discurso” (ACHARD, 1999, p.17). Ainda segundo Achard, a memória nunca é fielmente reproduzida num enunciado, sendo esse enunciado o ponto de partida para o entendimento de uma regularidade. A memória discursiva seria, então, a força da regularidade desses elementos.

A memória é o tempo da dispersão, do heterogêneo, do múltiplo. Mas não há presente sem memória. A memória é o ancoradouro do presente. O heterogêneo, o disperso, o múltiplo habitam a unidade, o homogêneo, e a unidade do corpo que fala se divide (GUIMARÃES, 1995, p.67)

Para Pêcheux (2002), há diferentes modos de dizer o que se diz. Os enunciados podem remeter ao mesmo fato, mas não constroem as mesmas significações, que são construídas no acontecimento. Os enunciados são passíveis de interpretações e precisam de formulações para significar. As proposições do sujeito falante são atravessadas por uma série de atualizações, transformando o que aparentemente seria homogêneo em heterogêneo. Esta heterogeneidade discursiva é própria deste sujeito falante, é “o espaço de necessidade equívoca”. (PECHEUX, 2002, p.33).

Há dois espaços que atravessam o discurso: um de significações estabilizadas, normatizadas, e o outro de transformações de sentidos, de lacunas a serem preenchidas sempre.

Todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro (...). Todo enunciado, toda sequência de enunciados é, pois, lingüisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar à interpretação. (PÊCHEUX, 2002, p.53)

Em decorrência dessas mudanças é que se estabelecem as filiações históricas organizadas em memórias e as relações sociais em redes de significado, como afirma Pêcheux.

O enunciado é repleto de lacunas, os equívocos, que devem ser preenchidos pelas relações de memória, que são sócio-históricas. É próprio do discurso se atualizar “só por sua existência, todo discurso marca a possibilidade de uma desestruturação-reestruturação” (p.56).

Para ilustrarmos o que acabamos de dizer a respeito do acontecimento enunciativo e da sua historicidade, vejamos a seguinte manchete, retirada do jornal mineiro *O Tempo* (06/10/2013), na primeira de uma série de reportagens a respeito da transposição do Rio São Francisco, proposta e iniciada pelo governo federal.

(2) A transposição do descaso e do abandono no sertão. (*Caderno Especial, p. 19*)

O enunciado que forma o título dessa reportagem traz uma organização reconhecível das palavras na língua portuguesa e uma relação entre elas que levam um leitor nativo a entender, sem grandes problemas, o seu sentido. Mas o que nos leva a esse efeito de completude do sentido de um enunciado? Para a Semântica do Acontecimento, a relação entre os elementos que formam esse enunciado é histórica, uma vez que já fizeram parte de outros enunciados em outros acontecimentos. Há, em cada palavra aí presente, uma memória que se atualiza em cada nova enunciação, mantendo e, ao mesmo tempo, modificando seu sentido.

Acreditamos que as palavras guardam as propriedades de seus usos e que a significação não é anterior à enunciação, mas construída no acontecimento da linguagem, que produz uma atualização e uma determinada pertinência. As palavras e/ou as construções ditas podem ser as mesmas, mas com uma pertinência àquele dizer, pois a atualização sempre pressupõe a diferença, o deslocamento de sentido. Devido a essa atualização, que sempre pressupõe a diferença, não podemos considerar o sentido fora da enunciação e entendemos que não buscamos sentido analisando apenas a palavra, mas a relação da palavra com as outras que participam da enunciação. Dessa maneira, olhamos a palavra tendo em vista seu conjunto de determinação. A essa forma de pensar e representar o sentido das palavras, Guimarães (2007a) chama de Domínio Semântico de Determinação (DSD).

Precisamos, então, definir o que tomamos por determinação e, conseqüentemente, por determinante e determinado. Para nós, as relações de determinação se constituem no acontecimento enunciativo, a partir do modo como as palavras se relacionam em um texto, entendido como “uma unidade de significação integrada por enunciados” (p.82). Queremos dizer que, se um elemento X determina um elemento Y, tornando-se, então, Y determinado por X, isso acontece na enunciação e não é dado anteriormente como próprio da natureza da palavra. Há uma relação de sentido em duas vias, determinante – determinado, construída na enunciação. Isso porque não há, intrinsecamente, na palavra, algo que a faça ser um termo que determina ou que é determinado. Por isso não podemos considerar essa relação como fixa, independente do acontecimento enunciativo. Relacionada à determinação, temos a designação de um termo, fundamental na nossa perspectiva de análise. A designação é produzida pelo processo enunciativo e também é instável, por ser constituída na relação de uma palavra com outra. Segundo Guimarães (2007a, p.95),

A designação de uma palavra é uma relação de palavra a palavra, que não é uma classificação das coisas existentes, é uma significação que acaba por identificar coisas, não enquanto existentes, mas enquanto significadas.

Esse é também um processo resultado de uma ação histórica, pois os elementos linguísticos já participaram de outros eventos, sendo assim, não é possível termos uma enunciação inaugural. Na enunciação, esses elementos linguísticos criam uma relação de atualização com outros elementos linguísticos, constituindo a designação. E esse é o processo necessário para a significação. Como, na semântica, encontramos esse termo sendo usado como sinônimo de referência, Guimarães preocupa-se em diferenciá-los dentro de seus estudos. A designação é a atualização, a relação linguística dentro do enunciado, é “o modo pelo qual o real é significado na linguagem” (p.82). Já a referência é a particularização de algo que foi designado, isto é, particularizado pela enunciação.

Nessa perspectiva, o DSD mostra, portanto, como as palavras se organizam e como elas produzem sentido na enunciação. Guimarães caracteriza a designação das palavras, que nos leva a como ela refere-se às coisas.

De um certo modo, podemos dizer que no acontecimento se refaz insistentemente uma língua, pensada não como uma estrutura, um sistema fechado, mas como um sistema de regularidades determinado historicamente e que é exposto ao real e aos falantes nos espaços de enunciação. De outra parte, (...), o modo de referir, ou seja, a relação com as coisas é construída por uma determinação enunciativa, que os Domínios semânticos de determinação descrevem e interpretam. (GUIMARÃES, 2007a, p.96)

Partindo desse princípio teórico, em (2), “Transposição” nos remete à transposição do Rio São Francisco, assunto muito divulgado e discutido pela imprensa brasileira desde sua proposta, em 2007, pelo governo federal. No dado exemplo, seu complemento “do rio são Francisco” é substituído por “do descaso” e “do abandono”. Apesar disso, percebemos que em “transposição” é mantida toda a rede de memória de “transposição do Rio São Francisco”, como se esse termo, no título da reportagem, já abrangesse os outros que estão implícitos no enunciado. “Descaso” e “abandono” são palavras de sentido negativo que aqui se relacionam à “transposição” e, ao mesmo tempo, a “sertão”. Ao lermos “descaso” e “abandono”, já entendemos - ou presumimos - que o projeto não esteja tendo o sucesso esperado, provavelmente, por problemas de atraso, mau uso da verba, má gestão etc. Concomitantemente a essa relação, percebemos que “no sertão” nos remete a “seca”, “pobreza” e, logo, a “descaso e abandono”, relações presentes em enunciados anteriores a (1). O acontecimento enunciativo é constituído por uma memória do dizer e pela atualização dessa memória no momento em que se dá a enunciação.

Nessa configuração, Guimarães apresenta o que chama de cena enunciativa (2002 e 2007a), que são especificações e distribuições dos lugares enunciativos no acontecimento. Esses lugares são configurações do agenciamento enunciativo para “aquele que fala” e “aquele para quem se fala”. Na cena enunciativa, esses lugares não são pessoas “donas” do seu dizer, mas lugares constituídos pelos dizeres. A distribuição desses lugares se faz pela temporalização específica do acontecimento, fundamental na cena enunciativa.

Assumir a palavra é se por no lugar que enuncia, o lugar do Locutor (L), representado no dizer como fonte deste dizer, o presente constituído por L. Porém, para que L se represente como origem do dizer, é necessário que ele esteja afetado por um lugar social de locutor, que o autorize a dizer. Esse lugar é chamado de locutor-x, em que x é uma variável que predica esse lugar social (de presidente, diretor, professor etc). É necessário distinguir L de locutor-x, ao mesmo tempo que L somente se dá como Locutor

quando também se dá como lugar social, locutor-x, formando assim uma condição díspar de L em si mesmo.

Resumindo, durante o acontecimento, definido por uma determinada cena enunciativa, o sujeito mobiliza e atualiza conhecimentos da memória dos dizeres. Nesse momento de atualização dessa memória é que se produz, paralelamente, o efeito de sentido e a posição de sujeito.

1.2 ENUNCIÇÃO E LÍNGUA

1.2.1 A transversalidade enunciativa

No volume 1, da coleção 1 do nosso *corpus* de pesquisa, encontramos algo que não nos parece comum em livros didáticos de LP. A unidade 6, “Introdução aos estudos gramaticais”, inicia-se com o capítulo “A gramática e suas partes” (p.314-325), em que são apresentadas as origens dos estudos gramaticais, diferentes concepções de gramáticas e, o que mais nos interessa aqui, os níveis de análise gramatical.

A partir da charge



FIGURA 3 – Charge

FONTE – Coleção Didática I, V.1, p.314

as autoras procuram demonstrar para os alunos que todo falante tem um conhecimento intuitivo da sua língua, construído no momento da aprendizagem da fala. Como ilustração, afirmam que, ao decompor o verbo “*comemorar*” em “*comer*” e “*morar*”, o personagem “demonstra reconhecer a possibilidade de analisar as palavras em diferentes níveis.” (p.315)

Na página seguinte, após explicar a diferença entre gramática descritiva e gramática normativa, é apresentado o tópico “Os níveis da descrição gramatical”:

(3)

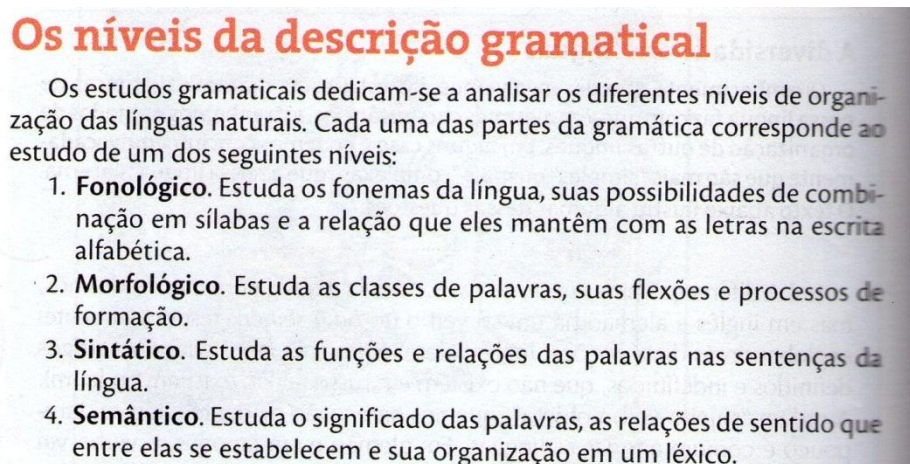


FIGURA 4 – Exemplo (3)

FONTE: Coleção Didática I, V2, p. 315

Os níveis apresentados, a princípio, nada acrescentam em relação ao que é canonicamente dito pelas gramáticas tradicionais, mas o fato de apresentá-los aos alunos, podendo levá-los a conhecer (e até refletir) a respeito de formas de se olhar para a língua, nos pareceu relevante, já que ainda não é comum em aulas de português. Além dessa singularidade, segue, no texto das autoras, informações sobre esses níveis. Vejamos:

(3.1)

Um outro importante nível dos estudos linguísticos é o **pragmático**, que analisa a relação entre o sentido dos textos e o contexto em que são usados.

Observem que, nesse trecho, “partes da gramática”, “níveis de organização da língua”, foram substituídos por “nível dos estudos linguísticos”, para se apresentar o “nível

pragmático”. Há uma diferenciação, embora não explicada ou explicitada, entre o que é do linguístico e o que é do gramatical para as autoras. Também percebemos que elas procuram mostrar que o discursivo faz parte dos estudos da língua e da própria língua. Ainda, ao seguir na leitura do capítulo, nos é apontado que a divisão em níveis se faz por uma questão metodológica, quando é colocado que o conhecimento do falante não é “compartimentado” e, ao usar a língua, são “processadas” informações referentes a todos os níveis.

Trouxemos esse exemplo porque ele nos mostra como há um movimento em alguns livros didáticos que visa trazer para o campo do ensino de gramáticas questões discursivas, que até então sequer eram mencionadas no ensino. Claro que ainda existe um distanciamento entre a teoria apresentada e a efetiva prática nos exercícios desses manuais, mas percebemos uma intenção de se fazer essa aproximação.

Na sequência, aproveitaremos o exemplo (3) para falar sobre como lidamos com os níveis de análise linguística na nossa perspectiva enunciativa.

Não desconsideramos os níveis de análise linguística, mas os concebemos da forma posta por Benveniste em que há organização de fronteira entre eles, que se dão em decorrência do sentido do conjunto do discurso. Flores (2011), trazendo o pensamento de Benveniste, afirma que a análise enunciativa aponta para o “sentido de conjunto do discurso”, porque “as unidades distribuem em um nível e integram um nível superior” (p.51). Dessa maneira, “a Enunciação não é um nível da análise, mas um ponto de vista – o do sentido (ideia) – sobre os níveis.” (p.52) Ou seja, a enunciação perpassa por todos os níveis de análise, não se prendendo ou pertencendo a um só deles.

Ainda segundo Flores (2011, p.52),

O estudo da Enunciação não se limita, então, a certos mecanismos da língua, mas compreende a língua na sua totalidade. E, nesse ponto, seguimos de perto as ideias de Benveniste: se o aparelho formal de enunciação é constitutivo da língua, então todo e qualquer fenômeno linguístico carrega em si a potencialidade de um estudo em termos de Enunciação. Qualquer fenômeno linguístico de qualquer nível (sintático, morfológico, fonológico, etc.) pode ser abordado desde o ponto de vista da Enunciação.

Numa perspectiva enunciativa, os níveis de análise linguística estão envolvidos num mecanismo de “inter-relação, de engendramento” entre eles, que Flores denominou de *transversalidade enunciativa*, definida por ele como:

o nome que damos à diferença que há entre pensar a língua como uma organização cujos níveis se apresentam como “camadas” sobrepostas e pensa-la como um todo que é atravessado pelas marcas da Enunciação. (idem)

Com isso, dizemos que a Enunciação é sempre transversal à língua e não linear, perpassando (transversalmente) todos os níveis de análise linguística considerados pela linguística clássica.

Portanto, quando observamos a sintaxe num viés enunciativo, estamos considerando a relação existente entre aquilo que é materializado no acontecimento enunciativo e aquilo que “atravessa” essa materialidade. Por isso defendemos a tese de que a enunciação precisa ser considerada no ensino.

1.2.2 Enunciação e Sintaxe

Como já apresentado, nossa forma de tratar a língua é de natureza semântica. Assim, vale, já de início, reafirmar que, nessa perspectiva, a referência é constituída na relação entre o acontecimento enunciativo e o espaço histórico desse dizer, tal qual nos apresenta Guimarães (2002). Essa noção é fundamental para o entendimento de que, para nós, existe uma relação intrínseca entre semântica e sintaxe. Essa maneira de tratar a língua é proposta por Dias. Lembramos, aqui, o seu objetivo de “elaborar uma gramática capaz de explicar o funcionamento da língua, trabalhando a relação entre a configuração orgânica e suas projeções de acionamento enunciativo” (DIAS, 2002, p.3).

Dessa forma, consideramos a língua em duas dimensões: i) orgânica: possibilidades regularmente configuradas numa ordem material específica e ii) enunciativa: mecanismos de acionamento dessas possibilidades. Em (i), temos a sintaxe como base para a observação dessa ordem material e a relação entre os elementos que compõem essa estrutura orgânica. (p. 4) Consideramos que faz parte da forma linguística uma dimensão enunciativa, que traz a memória social e histórica das enunciações desta forma, que marcam a futuridade e o passado no presente do acontecimento (GUIMARÃES, 2002), como demonstramos no exemplo (2).

Para nós, “sentença é a face regular da unidade configurada como enunciado” (DIAS, 2009, p.8). Nela, vemos configurados os lugares sintáticos⁸ nos quais a memória do dizer e a atualidade desse dizer encontram pontos de contato. Esses pontos de contato são objeto de estudo da sintaxe, uma vez que a regularidade das sentenças está relacionada à regularidade da significação das recorrências da memória.

Uma unidade sintática é articulada, isto é, constituída articulatoriamente, na medida em que os seus constituintes já participaram de outras unidades em outros domínios de enunciação da língua. Dessa maneira, uma sentença (ou oração) se assenta não exatamente sob outras sentenças (à maneira de uma reprodução de padrões), mas sob a enunciação de outras sentenças, de onde os componentes trouxeram as regularidades do funcionamento agregador da unidade. (DIAS, 2012, p.1)

De outras enunciações é que se cria a memória de ocupação e relação dos componentes na sentença, ou seja, das enunciações anteriores é que os termos que a compõem trazem as regularidades do funcionamento da sentença.

Para definirmos essa regularidade da sentença, utilizamos o conceito de *site*, de Milner (1989)⁹, em sua Teoria das posições. Para esse autor, são duas as posições ocupadas nas sentenças às quais denomina de *place* e *site*. O *place* marcaria a localização orgânica de um item lexical na sentença. Já o *site* seria o lugar de pertinência dos termos em uma sentença, sendo os *sites* o objeto de estudo da sintaxe. A fim de exemplificarmos essas posições, utilizaremos o estudo de Dalmascio (2013) sobre a não ocupação do lugar do objeto na perspectiva da semântica da enunciação (também retomaremos esse estudo ao falarmos sobre enunciação e ensino no item 3.3). Nessa perspectiva, consideremos o objeto sintático, nos exemplos¹⁰ dados pela autora (p.90):

⁸ O capítulo 4 tratará especificamente dos lugares sintáticos.

⁹ Retomaremos Milner no capítulo 4, ao tratarmos dos lugares sintáticos de sujeito e objeto e sua relação com o ensino.

¹⁰ Como são exemplos retirados de outro trabalho, não manteremos aqui a sequência numérica dada aos exemplos específicos da nossa pesquisa. Optamos por organizá-los por letras (A) e (B) para facilitar ao leitor fazer a distinção entre exemplos da nossa análise e exemplos externos a ela, mas que servem para ajudar a elucidá-la.



FIGURA 5 – Propaganda Havaianas

- (A) “Sandálias e mulheres, os homens preferem com curvas.”
 (B) Os homens preferem mulheres e sandálias com curvas.

Em (B), o *place* objeto seria o lugar projetado pelo verbo, posicionamento regular no português, depois das formas verbais. Em (A), há um deslocamento desse lugar “Sandálias e mulheres”. No entanto, nos dois (A) e (B), os termos sublinhados continuam exercendo a função de objeto. Isso nos leva ao fato deste deslocamento ter sido realizado em função do *site*, o lugar qualificado, não fixo, dos termos, que aponta para uma ocupação motivada pelo acontecimento enunciativo dos termos que compõem a sentença.

Dias (2009) adota a noção de *site*, mas utiliza o termo “lugar sintático” para se referir a ela. O lugar sintático, como demonstrado acima, não é um lugar geográfico na sentença, mas um lugar qualificado que dá aos termos ocupantes desses lugares a capacidade de adquirirem funções na sentença. Desta forma, estudar sintaxe não é olhar para os termos, mas para os lugares sintáticos, observando aquilo que governa a relação entre os grupos de termos que ocupam os lugares, ou seja, as funções gramaticais que conhecemos – sujeito, predicado, adjuntos etc - são relações entre os lugares sintáticos e só assim podem ser consideradas como relações sintáticas (DIAS, 2009. p.9)

Para o ensino de sintaxe, nosso foco neste trabalho, essa discussão pode trazer grandes contribuições para o entendimento por parte do aluno em relação a certos mecanismos da língua. Vejamos o exemplo abaixo, cujos complementos dos verbos que servem de foco para as questões propostas não aparecem explícitos nos enunciado.

(4)

Leia a tira a seguir e responda às questões 1 e 2.



(Luis Fernando Veríssimo. *As cobras em: Se Deus existe que eu seja atingido por um raio*. Porto Alegre: L&PM, 1997. p. 98.)

1. O complemento dos verbos das frases do 1º, do 2º e do 3º quadrinhos não foi mencionado: ele está implícito. Pelo contexto, qual é ele? *a bola*

2. No 4º quadrinho:

a) De acordo com o contexto, que palavras provavelmente formariam o predicado da oração não concluída na fala da cobrinha da esquerda? *provavelmente: não atrasou a bola? ou lançou a bola?*

b) Identifique o sujeito e o predicado da oração correspondente à fala da cobrinha da direita. *sujeito: ninguém; predicado: pediu por favor*

FIGURA 6 – Exemplo (4)

FONTE: Coleção didática II, V.2, p.268-269

Responder às questões 1 e 2a seria impossível se fossem consideradas, para uma análise sintática, apenas as relações internas materializadas nos enunciados. Os verbos passar, chutar, atrasar e lançar (focos da questão 1) fazem parte, nessa cena enunciativa, da mesma memória, a do futebol. Outros enunciados pertencentes a esse campo, produzidos anteriormente, ajudam a produzir o efeito de sentido deste quadrinho. A recuperação dos complementos não é feita somente no contexto apresentado na tirinha, como os desenhos, mas os próprios verbos carregam sentidos que possibilitam a ocupação dos lugares pelo acontecimento enunciativo do qual esses verbos estão participando. Se isolarmos os verbos da tirinha, ainda assim, conseguimos relacioná-los, talvez aí de maneira mais ampla, a uma memória de jogo, bola.

Ainda pensando no exemplo (4), vamos apresentar outro estudo que serve como base ao nosso trabalho: a macrossintaxe, de Berrendonner (1990). Para esse autor, a microssintaxe é determinada na relação de ligação entre os constituintes da sentença, relação interna. Já a macrossintaxe apresenta dois níveis de combinatória, que se complementam, M (memória) e C (clauses – sentenças), em que um dos níveis mantém uma relação de apontamento em relação ao outro. Os elementos que compõem o enunciado estabelecem relações de apontamento com a memória, atualizando o enunciar. Esses níveis são apresentados no seguinte esquema pelo autor:

Implicite :	{M _i }		{M _{i+1} }		...		{M _z }
« Texte » :	⌊ C1	⋮	⌊ C2	⋮	⌊ Cn,	⋮	

Fonte: Berrendonner (1990, p.26)

Temos em C o nível do texto, dos elementos orgânicos, da sentença; e em M, o nível dos implícitos, da memória discursiva, evocada pelos apontamentos realizados pelos elementos presentes em C. No acontecimento enunciativo em que ocorre a atualização da memória em enunciado, C regulariza, na sentença, as informações de M.

Então, em (4), “passa, chuta, atrasa”, materializadas em C, apontam para M, em sua virtualidade, “1- passa a bola para outro jogador; 2- chuta a bola pra mim, não prenda a bola assim ou chuta pro gol; 3- atrasa a bola para dar tempo de outro chegar, pro time se organizar, pra defesa agir; etc” Essas possibilidades em M são atualizadas no acontecimento enunciativo, na cena posta em questão, e se mantém como memória para enunciações futuras.

O que queremos mostrar é que, para responder às questões dos exercícios sobre sintaxe, o aluno tem que recorrer a um não dito nos comandos das atividades, mas que fazem parte da sintaxe da língua, apesar disso não ser considerado no ensino – como também pode ser visto no exemplo (1), na introdução deste trabalho, em que é necessária a articulação entre o exposto na peça publicitária e algo da exterioridade dela que a constitui na sua historicidade. Como vimos em Pecheux (2002), os dizeres são marcados por lacunas, e são essas lacunas que permitirão, ou melhor, motivarão essas operações de apontamento para o memorável, o histórico. Para a sintaxe com bases enunciativas, as sentenças são formadas como resultado de coordenadas de enunciação na instalação do dizer, que projetam os lugares sintáticos. Dessa forma, esses lugares são parte constituinte das sentenças estando ou não ocupados organicamente, como nos apresenta Dias (2009, p.12), “o enunciado habita a unidade que a sintaxe apreende como sentença, domina os lugares sintáticos, antes mesmo dos componentes linguísticos se instalarem na organicidade oracional”.

Essa relação entre as dimensões orgânica e enunciativa, apesar de ainda não ser tratada de forma ampla no ensino, aparece em alguns momentos do material que analisamos. Vejamos a sugestão de atividade que encontramos no Manual do Professor, da coleção II:

Sugestão 5 - Textos-cloze: “Qualquer que seja a unidade de conteúdo trabalhada, o professor pode fazer uso da técnica de texto-cloze, que consiste em escolher um texto em que haja uma incidência significativa do aspecto gramatical em estudo – por exemplo, substantivo, preposição, sujeito, orações coordenadas, figuras de linguagem, etc. e suprimir essas palavras ou termos, de modo que o aluno complete as lacunas de acordo com o sentido global do texto, com coerência e coesão. Naturalmente, nesse tipo de exercício não há respostas definitivas, mas respostas possíveis. Essa técnica pode ser utilizada tanto para introduzir o assunto – nesse caso, o aluno opera com o conceito antes de formalizá-lo como para aprofundá-lo na forma de exercícios.” (Manual do Professor, p.30)

Essa atividade nos chama atenção porque o trabalho que está sendo realizado opera diretamente com o memorável e com ocupação dos lugares sintáticos, mesmo que isso não fique explícito na orientação ao professor. Para uma efetiva reflexão a respeito da língua, nessa atividade, poderia haver uma discussão do que levou os alunos a preencherem essas lacunas com determinadas palavras/termos e não com outras.¹¹

Neste mesmo livro, no capítulo 3, “O modelo morfossintático – o sujeito e o predicado” (p.260), ao introduzir o assunto a ser estudado, é proposta a atividade 3, que dialoga com a sugestão do trabalho com lacunas proposto no Manual do professor ao pedir que o aluno preencha lacunas em um texto:

¹¹ Essa discussão será retomada com mais especificidade no capítulo 4 que trata dos Lugares sintáticos.

(5)

4) Qual é o papel do discurso citado na notícia e nos textos literários?

Morfossintaxe: a seleção e a combinação de palavras

Construindo o conceito

Leia esta tira, de Fernando Gonsales:

(Tédio no chiqueiro. São Paulo: Devir, 2006. p. 23.)

- No 2º quadrinho da tira, foi empregado o advérbio *loucamente*.
 - Que tipo de circunstância esse advérbio expressa? *modo* -mente / felizmente, facilmente, perfeitamente, legalmente, geralmente, etc.
 - Identifique o sufixo desse advérbio e empregue-o na formação de outras palavras. *-mente*
 - A partir do radical desse advérbio, forme uma família de palavras. *louco(a), louquinho(a), loucura, louquice, louquejar*
- A tira estabelece uma relação intertextual com outro texto. Qual é esse texto?
A parábola "Um elefante incomoda muita gente, dois elefantes incomodam muito mais" e assim por diante.
- Na anedota a seguir, foram propositalmente suprimidas duas palavras. Leia-a.

O prefeito foi visitar o manicômio da cidade. Chegando à biblioteca, vê um homem pendurado no teto, de cabeça para baixo. Preocupado, diz à bibliotecária do hospício:

 - O que é que esse está fazendo aí no teto?
 - Ele pensa que é um lustre.
 - Permitir isso é uma ! Ele pode cair e se machucar! Por que não o tiram daí?
 - Mas, à noite, como é que a gente vai fazer para ler no escuro?
 - Uma ou outra das palavras suprimidas na anedota poderia ser *loucamente*? *Não.*

FIGURA 7 – Exemplo 5

Fonte: Coleção didática II, V.2, p.260-261.

A resposta dada à questão (3c), “Ambas pertencem à classe dos substantivos”, pode indicar ao professor (e ao aluno, conseqüentemente), que para completar as lacunas do texto o determinante nesta escolha é a classe gramatical das palavras. Não negamos essa relação, mas sabemos que é provável o preenchimento desses espaços sem levar em consideração essas questões gramaticais. O preenchimento das lacunas, como sugerido no exercício, leva muito mais o aluno a acionar relações da memória de dizeres que são apontadas pelos elementos presentes no texto dado, do que fazer relações internas entre as

classes gramaticais e as funções sintáticas dos termos. Dessa maneira, observar as relações de sentido entre os enunciados do texto faria com que esse aluno percebesse como a sua “escolha” pelas palavras *louco* e *loucura* se deu muito pelo domínio semântico dos termos que formam os enunciados. E, juntamente com isso, ao preencher os espaços deixados, essa ocupação exigirá uma adequação do termo à pertinência do seu papel dentro da sentença, daí o uso dos substantivos e não do advérbio como tenta problematizar o exercício.

Na sequência da atividade, na seção “Conceituando”, os autores ratificam a ideia de que seleção e combinação são o “princípio fundamental da linguagem”, demonstrado no exemplo (5). Afirmam também que a seleção e a combinação são realizadas simultaneamente na língua e, por isso, o olhar para ela, língua, tem que ser morfossintático. Porém, “como” é feita essa seleção e essa combinação não fica claro para o aluno.¹²

É dito, neste capítulo, que o que determina a estrutura das orações é a classe gramatical das palavras, mas sem explicar o motivo disso. “A combinação entre sufixos e radicais determina a classe gramatical das palavras. Esta, por sua vez, determina as possibilidades da combinação das palavras no contexto.” (p.261)

Mais à frente, essa afirmação é retomada, acrescentando o “contexto”, sem explicitar o que é esse contexto, à relação morfossintática: “Isso significa que não se pode desvincular a morfologia (parte da gramática que estuda a forma das palavras) da *sintaxe*, e vice-versa, pois forma e função coexistem e seus papéis só se definem no contexto. As palavras constituem grupos *morfológicos* e, ao serem combinadas em frases, adquirem um papel *sintático*.” (p.262)¹³

A presença do termo “contexto” é uma constante nos exercícios de sintaxe nesses livros, o que nos leva a fazer alguns apontamentos a respeito do tratamento que damos ao termo nas nossas pesquisas.

¹² Na sua “Teoria das Posições”, Milner vai tratar da “seleção” e da “combinação” de elementos da língua, como a relação de pertinência e etiqueta do lugar ocupado. A pertinência categorial do termo ocupante seria o objeto da morfologia e a etiqueta do lugar ocupado, objeto da sintaxe. A relação entre os dois, pertinência e etiqueta, é que determina a configuração sintática do *site*. Voltaremos a essa relação, no capítulo 4, destinado ao estudo dos Lugares Sintáticos.

¹³ No capítulo 3 retomaremos esse exemplo para o desenvolvimento dessa noção empregada nos LD da seleção e combinação das palavras.

1.3 A QUESTÃO DO CONTEXTO

É muito comum vermos a palavra “contexto” sendo utilizada nos livros didáticos. Nos três exemplos de atividades que demos (1), (4) e (5), o “contexto” é citado em algum dos comandos das questões. Do que se trata esse “contexto”?

Percebemos que o contexto é tratado de modo genérico, sem explicitação do seu referente, levando-se em conta a situação restrita daquele texto. Como no exemplo (1) que, quando se refere ao contexto, como nos trechos descritos abaixo,

(1a) Desconsiderando o *contexto*, é possível afirmar o que está sendo afirmado?

(1b) Que elementos do texto caracterizam esse *contexto*?

(1c) Considerados os *elementos contextuais* do anúncio, como pode ser entendida a afirmação “É. O amor é cego”?

refere-se ao anúncio publicitário em si: as imagens e o texto da parte inferior, que são elementos que circundam o enunciado.

(1d)



Mas o efeito de sentido do texto “É. O amor é cego”, depende das marcas de enunciação projetadas no texto que está materializado. Precisamos da memória de outros textos para identificarmos isso: outros textos publicitários e outros textos sobre o amor. Dessa forma, pensamos no que Rastier (1998) diz quando se refere a contexto não como situação, mas como relação entre texto, o contexto intratextual, isto é, o intertexto. Para esse autor, um conjunto de textos do mesmo gênero forma um *corpus* desse texto. Para

análise de um determinado texto, não podemos olhar somente para o seu interior, mas para o *corpus* do qual participa. A isso ele chama de memória intertextual.

o escrito opera com uma outra forma de contextualização justamente aquela que vai de texto a texto – e que aliás não é totalmente estranha quando se trata do oral. O escrito, com efeito, pode se desvincular da situação inicial, ou pelo menos ampliar essa situação, alcançando outros contextos. Dessa maneira, tendo em vista a problemática retórico/hermenêutica, o contexto é constituído não somente do aqui/agora, mas também daquilo que não se situa no imediato: ele transborda, portanto, os limites do situacional.¹⁴ (p.106 – Tradução nossa)

Rastier, então, defende que todo texto é interpretado dentro de um *corpus*, uma propaganda é compreendida dentre outras já lidas, um romance dentre outros já lidos, dessa forma, “o texto é o lugar do encontro entre contexto e intertexto.”¹⁵ (p.107 – tradução nossa). O *corpus* se constitui da entrada de um texto na memória de outros textos, uma relação de dizeres atualizados em um acontecimento com a memória desses dizeres. “É. O amor é cego.”, na peça publicitária em questão, só funciona ali devido a sua entrada em outras enunciações da mesma estrutura.¹⁶

Outro autor que também trata o contexto como memória intertextual é Adam (2011), que se refere ao contexto como uma “forma memorial”, pois considera essa memória um suporte interno do texto e critica o conceito de contexto como aquilo que situa o enunciado.

Adam (2011) parte da afirmação de Foucault (1969) de que “uma unidade linguística (frase ou proposição) só torna-se unidade de discurso (enunciado) se ligarmos esse enunciado a outros” (p.128 *apud* Adam, 2011, p.45) para defender a rede de memórias entre textos, o intertexto. Para ele, “realidade ao mesmo tempo histórica e cognitiva, o contexto está ligado à memória intertextual. Não é um dado situacional exterior aos sujeitos.” (p.56). Por isso, todo texto constrói seu “contexto de enunciações”. (p.56).

Dessa forma, tirando o contexto somente do campo do situacional restrito e levando-o para o campo da memória, é possível relacionar o termo ao que está sendo

¹⁴ “l’écrit connaît une autre forme de contextualité, celle qui va de texte à texte – et qui d’ailleurs n’est nullement inconnue de l’oral. L’écrit en revanche peut n’être pas attaché à sa situation initiale, ou du moins s’en éloigner pour gagner d’autres contextes. Ainsi, pour la problématique rhétorique/herméneutique, le contexte est fait non seulement du hic et nunc, mais aussi de ce qui n’est pas là: il débordé alors la situation.” (p.106)

¹⁵ “le texte est le lieu de rencontre entre le contexte et l’intertexte,”(p.107)

¹⁶ No capítulo 3 discorreremos sobre isso com mais detalhes..

proposto nas atividades, pois, para respondê-las, é necessário relacionar o que está dito no texto com o exterior que é projetado pelo que está posto materialmente.

CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA E CORPUS

2.1 A PESQUISA

Esta pesquisa se filia aos estudos qualitativos da língua pela interface semântica/sintaxe, com base enunciativa, assim como propõe Dias. A partir de análises de atividades de livros didáticos de língua portuguesa do ensino médio, pretendemos, com base nos estudos já desenvolvidos nesse campo teórico a respeito dos lugares sintáticos:

- a. apontar a presença de elementos enunciativos nos conteúdos desses livros e
- b. sugerir abordagens de ensino que considerem tanto as dimensões orgânicas e enunciativas da língua quanto o enunciado como parte constituinte da produção de sentido. Para isso, propomos uma metodologia de ensino de sintaxe baseada no uso do exemplo-colmeia.¹⁷

2.2 COLETA E SELEÇÃO DE DADOS

Faremos uma apresentação das três coleções que serviram como fonte para a seleção das atividades discutidas neste trabalho sob a perspectiva da Semântica do Acontecimento. Vale ressaltar que não se trata de um capítulo analítico, mas descritivo dessas coleções, apesar de, ao final, trazermos algumas considerações acerca da sua organização. Partimos desse material, porque sabemos que o livro didático é uma importante ferramenta didático-pedagógica em grande parte das escolas brasileiras.

o livro didático assume um papel significativo. Com efeito, representa um objeto de cultura, produzido conforme um quadro de fundamentos teórico-metodológicos e destinado a orientar as atividades do ensino escolar. Reúne, portanto, a indicação de um caminho e a explicitação das pistas de como atingir as metas pretendidas. (...) Enfim, o livro didático representa um apoio para o professor, por vezes o apoio mais acessível, o que implica a demanda da escola por livros que, de fato, priorizem a ampliação das competências dos alunos na produção e recepção das diferentes práticas de diversas linguagens. (Guia PNL D, 2012, P.90)

¹⁷ No capítulo 3, desenvolveremos o conceito de exemplo-colmeia, cunhado por Dias (2006).

A partir desses livros, procuramos fazer nossas reflexões e considerações, buscando, contribuir, para o aperfeiçoamento do ensino de língua portuguesa no ensino médio.

As coleções didáticas utilizadas nesta pesquisa foram:

- **Coleção 1** (doravante, **CI**) - Português: contexto, interlocução e sentido, de Maria Luiza Abaurre, Maria Bernadete M. Abaurre e Marcela Pontara (Editora Moderna), 2008.
- **Coleção 2** (doravante, **CII**) - Português – Linguagens: literatura, produção de texto, gramática, de Willian Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães (Editora Saraiva), 2010.
- **Coleção 3** (doravante, **CIII**) - Português: literatura, gramática, produção de texto, de Leila Lauer Sarmiento e Douglas Tufano (Editora Moderna), 2010.

Selecionamos esses livros com base no PNLD (Programa Nacional do Livro Didático) 2012. Procuramos coleções analisadas e aprovadas pelo programa e que foram amplamente utilizadas nas escolas brasileiras. As obras em questão foram as que tiveram maior distribuição nesse ano, como nos mostra o quadro apresentado no site do FNDE (Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação):

Código	Título	Tipo	Componente Curricular	Série / Ano	Quantidade do Título	Código da Coleção	Quantidade da Coleção
25146C0101	PORTUGUÊS LINGUAGENS	L	Português	1ª série do EM	1.416.105	25146COL01	3.484.770
25146C0101	PORTUGUÊS LINGUAGENS	M	Português	1ª série do EM	20.330		
25146C0102	PORTUGUÊS LINGUAGENS	L	Português	2ª série do EM	1.087.348		
25146C0102	PORTUGUÊS LINGUAGENS	M	Português	2ª série do EM	17.178		
25146C0103	PORTUGUÊS LINGUAGENS	L	Português	3ª série do EM	928.186		
25146C0103	PORTUGUÊS LINGUAGENS	M	Português	3ª série do EM	15.623		
25143C0101	PORTUGUÊS - LITERATURA, GRAMÁTICA, PRODUÇÃO E INTERAÇÃO	L	Português	1ª série do EM	588.633	25143COL01	1.441.128
25143C0101	PORTUGUÊS - LITERATURA, GRAMÁTICA, PRODUÇÃO E INTERAÇÃO	M	Português	1ª série do EM	8.513		
25143C0102	PORTUGUÊS - LITERATURA, GRAMÁTICA, PRODUÇÃO E INTERAÇÃO	L	Português	2ª série do EM	448.534		
25143C0102	PORTUGUÊS - LITERATURA, GRAMÁTICA, PRODUÇÃO E INTERAÇÃO	M	Português	2ª série do EM	7.174		
25143C0103	PORTUGUÊS - LITERATURA, GRAMÁTICA, PRODUÇÃO E INTERAÇÃO	L	Português	3ª série do EM	381.693		
25143C0103	PORTUGUÊS - LITERATURA, GRAMÁTICA, PRODUÇÃO E INTERAÇÃO	M	Português	3ª série do EM	6.581		
25142C0101	PORTUGUÊS - CONTEXTO, INTERLOCUÇÃO E INTERAÇÃO	L	Português	1ª série do EM	452.224	25142COL01	1.107.291
25142C0101	PORTUGUÊS - CONTEXTO, INTERLOCUÇÃO E INTERAÇÃO	M	Português	1ª série do EM	6.354		
25142C0102	PORTUGUÊS - CONTEXTO, INTERLOCUÇÃO E INTERAÇÃO	L	Português	2ª série do EM	346.030		
25142C0102	PORTUGUÊS - CONTEXTO, INTERLOCUÇÃO E INTERAÇÃO	M	Português	2ª série do EM	5.341		
25142C0103	PORTUGUÊS - CONTEXTO, INTERLOCUÇÃO E INTERAÇÃO	L	Português	3ª série do EM	292.525		
25142C0103	PORTUGUÊS - CONTEXTO, INTERLOCUÇÃO E INTERAÇÃO	M	Português	3ª série do EM	4.817		
25111C0101	LÍNGUA PORTUGUESA - LINGUAGEM E INTERAÇÃO	L	Português	1ª série do EM	382.821	25111COL01	945.547
25111C0101	LÍNGUA PORTUGUESA - LINGUAGEM E INTERAÇÃO	M	Português	1ª série do EM	5.427		
25111C0102	LÍNGUA PORTUGUESA - LINGUAGEM E INTERAÇÃO	L	Português	2ª série do EM	294.712		
25111C0102	LÍNGUA PORTUGUESA - LINGUAGEM E INTERAÇÃO	M	Português	2ª série do EM	4.554		
25111C0103	LÍNGUA PORTUGUESA - LINGUAGEM E INTERAÇÃO	L	Português	3ª série do EM	253.839		
25111C0103	LÍNGUA PORTUGUESA - LINGUAGEM E INTERAÇÃO	M	Português	3ª série do EM	4.194		
25131C0101	NOVAS PALAVRAS - NOVA EDIÇÃO	L	Português	1ª série do EM	375.776	25131COL01	924.597
25131C0101	NOVAS PALAVRAS - NOVA EDIÇÃO	M	Português	1ª série do EM	5.388		
25131C0102	NOVAS PALAVRAS - NOVA EDIÇÃO	L	Português	2ª série do EM	288.313		
25131C0102	NOVAS PALAVRAS - NOVA EDIÇÃO	M	Português	2ª série do EM	4.549		
25131C0103	NOVAS PALAVRAS - NOVA EDIÇÃO	L	Português	3ª série do EM	246.415		
25131C0103	NOVAS PALAVRAS - NOVA EDIÇÃO	M	Português	3ª série do EM	4.156		
25173C0101	SER PROTAGONISTA PORTUGUÊS 1	L	Português	1ª série do EM	245.747	25173COL01	608.356
25173C0101	SER PROTAGONISTA PORTUGUÊS 1	M	Português	1ª série do EM	3.314		
25173C0102	SER PROTAGONISTA PORTUGUÊS 2	L	Português	2ª série do EM	191.002		
25173C0102	SER PROTAGONISTA PORTUGUÊS 2	M	Português	2ª série do EM	2.763		
25173C0103	SER PROTAGONISTA PORTUGUÊS 3	L	Português	3ª série do EM	163.016		
25173C0103	SER PROTAGONISTA PORTUGUÊS 3	M	Português	3ª série do EM	2.514		
25186C0101	VIVA PORTUGUÊS - VOLUME 1	L	Português	1ª série do EM	160.838	25186COL01	396.705
25186C0101	VIVA PORTUGUÊS - VOLUME 1	M	Português	1ª série do EM	2.350		
25186C0102	VIVA PORTUGUÊS - VOLUME 2	L	Português	2ª série do EM	123.225		
25186C0102	VIVA PORTUGUÊS - VOLUME 2	M	Português	2ª série do EM	1.986		
25186C0103	VIVA PORTUGUÊS - VOLUME 3	L	Português	3ª série do EM	106.490		
25186C0103	VIVA PORTUGUÊS - VOLUME 3	M	Português	3ª série do EM	1.816		
25112C0101	LINGUAGEM EM MOVIMENTO	L	Português	1ª série do EM	159.083	25112COL01	393.826
25112C0101	LINGUAGEM EM MOVIMENTO	M	Português	1ª série do EM	2.246		
25112C0102	LINGUAGEM EM MOVIMENTO	L	Português	2ª série do EM	123.201		
25112C0102	LINGUAGEM EM MOVIMENTO	M	Português	2ª série do EM	1.901		
25112C0103	LINGUAGEM EM MOVIMENTO	L	Português	3ª série do EM	105.652		
25112C0103	LINGUAGEM EM MOVIMENTO	M	Português	3ª série do EM	1.743		
25152C0101	PROJETO ECO - LÍNGUA PORTUGUESA 1	L	Português	1ª série do EM	94.168	25152COL01	235.628
25152C0101	PROJETO ECO - LÍNGUA PORTUGUESA 1	M	Português	1ª série do EM	1.262		
25152C0102	PROJETO ECO - LÍNGUA PORTUGUESA 2	L	Português	2ª série do EM	74.547		
25152C0102	PROJETO ECO - LÍNGUA PORTUGUESA 2	M	Português	2ª série do EM	1.061		
25152C0103	PROJETO ECO - LÍNGUA PORTUGUESA 3	L	Português	3ª série do EM	63.641		
25152C0103	PROJETO ECO - LÍNGUA PORTUGUESA 3	M	Português	3ª série do EM	949		
25187C0101	VOLUME 1	L	Português	1ª série do EM	22.022	25187COL01	53.653
25187C0101	VOLUME 1	M	Português	1ª série do EM	314		
25187C0102	VOLUME 2	L	Português	2ª série do EM	16.757		
25187C0102	VOLUME 2	M	Português	2ª série do EM	261		
25187C0103	VOLUME 3	L	Português	3ª série do EM	14.065		
25187C0103	VOLUME 3	M	Português	3ª série do EM	234		
25180C0101	TANTAS LINGUAGENS - LÍNGUA PORTUGUESA: LÍNGUA	L	Português	1ª série do EM	14.810	25180COL01	36.606
25180C0101	TANTAS LINGUAGENS - LÍNGUA PORTUGUESA: LÍNGUA	M	Português	1ª série do EM	222		
25180C0102	TANTAS LINGUAGENS - LÍNGUA PORTUGUESA: LÍNGUA	L	Português	2ª série do EM	11.153		
25180C0102	TANTAS LINGUAGENS - LÍNGUA PORTUGUESA: LÍNGUA	M	Português	2ª série do EM	186		
25180C0103	TANTAS LINGUAGENS - LÍNGUA PORTUGUESA: LÍNGUA	L	Português	3ª série do EM	10.059		
25180C0103	TANTAS LINGUAGENS - LÍNGUA PORTUGUESA: LÍNGUA	M	Português	3ª série do EM	176		

FIGURA 8 – Livros didáticos mais distribuídos PNLD 2012.

Fonte: [www.file:///C:/Users/Elke%20Pena/Downloads/colecoes%20mais%20solicitados%20pnld%202012%20com%20editotas%20\(2\).pdf](http://www.file:///C:/Users/Elke%20Pena/Downloads/colecoes%20mais%20solicitados%20pnld%202012%20com%20editotas%20(2).pdf). Acesso em 05/01/2015.

2.2.1 O PNLD EM 2012

O Programa Nacional de Livros Didáticos (PNLD) é um programa do governo federal, executado em ciclos trienais alternados, que tem por objetivo a distribuição de livros didáticos, obras literárias, obras complementares e dicionários para as escolas públicas do Ensino Fundamental e Médio. As obras são inscritas pelas editoras a partir de

edital e passam pela avaliação do MEC. Após avaliação, é elaborado o Guia do Livro Didático, composto de resenha de cada obra analisada. Esse guia é disponibilizado às escolas pelo FNDE, que escolhem aqueles que deseja utilizar.

No PNLD 2012, do qual fizeram parte as coleções citadas neste trabalho, passaram pelo processo avaliativo 18 coleções e 11 (61,11%) foram aprovadas.¹⁸

Na apresentação do Guia do Livro Didático PNLD 2012, é colocada a tensão existente entre o “tradicional” e o “inovador” nas coleções analisadas, dada como um momento de transição no ensino de LP no EM. Essa oposição se apresenta, ainda segundo o Guia, entre outras, das seguintes maneiras:

- organização das coletâneas de textos com base nos quais as propostas de ensino se articulam;
- seleção dos tópicos que serão objeto de ensino-aprendizagem, em diferentes momentos;
- definição da natureza das atividades e na lógica didático-pedagógica que determina sua sequência;
- forma como se programa a progressão do ensino-aprendizagem.¹⁹

É comum as coleções trazerem como eixos de ensino: leitura; produção de texto; oralidade; conhecimentos linguísticos e literatura, que, de forma geral, com algumas variações, são organizados em Literatura, Gramática e Redação, com seções específicas para cada uma.

Com perspectivas teórico-metodológicas diferentes, todas as coleções apresentam textos, informações, conceitos, noções e atividades que contemplam os “objetivos oficiais estabelecidos para cada um dos quatro grandes objetos de ensino da disciplina: leitura, produção de textos escritos, oralidade e conhecimentos linguísticos.” (p.13).

O Guia apresenta dois modelos de livros didáticos identificados nas coleções analisadas. O primeiro, denominado de compêndio, que visa oferecer exemplos, modelos e discussões que devem ser selecionados, ordenados e adaptados pelo próprio docente. O segundo, chamado de manual, tipo mais recente, principalmente no EM, oferece um roteiro que pode ser seguido pelo professor em uma aula ou um conjunto de aulas sobre

¹⁸ GUIA de Livros Didáticos: PNLD: Língua Português (p.12)

¹⁹ (Idem)

determinado tema ou tópico. Essa sequência prevê o planejamento anual para determinado segmento de ensino. Entre as coleções desse Guia, oito (quase 73%) são do tipo manual; duas (cerca de 18%) do tipo compêndio; e uma apresenta características dos dois modelos.

Em relação aos princípios metodológicos adotados nas coleções, o Guia aponta a presença mais intensa e recorrente das tendências metodológicas opostas transmissiva e construtivo-reflexiva, havendo em todas as obras avaliadas uma mescla das duas metodologias.

Em geral, não se pode qualificar uma obra como inteiramente “construtiva” ou “transmissiva”. É bastante comum que as atividades relacionadas aos eixos de ensino diretamente identificados como usos da língua abordem a leitura, a produção textual e a linguagem oral como ‘conteúdos procedimentais’, propondo ao aluno um percurso mais indutivo, como o do desenvolvimento/construção de competências e habilidades, por exemplo. Em contrapartida, é frequente que os conhecimentos linguísticos e literários, tradicionalmente entendidos como ‘conteúdos conceituais’, sejam abordados em exposições dedutivas, seguidas de atividades e exercícios de ‘assimilação’ e ‘fixação’. (p.15)

Como mostramos na introdução desta tese, Dias (2010) trata de problemas causados por essa combinação de concepções no campo da sintaxe em livros didáticos do ensino fundamental, a que ele chama de “heterogeneidade terminológica e dispersão no campo gramatical”.

Ainda segundo o Guia, a leitura e a produção de textos estão presentes em todas as coleções aprovadas, estando a primeira presente em todas as partes de algumas das coleções. Em relação à linguagem oral, o trabalho específico com a oralidade está presente apenas em quatro manuais e um compêndio desse Guia (p.20). Nas outras coleções, ele aparece como atividade-meio, e não como atividade-fim, muitas vezes tida como competência já adquirida, sem orientações específicas para esse trabalho ou com orientações bastante genéricas.

A respeito dos conhecimentos linguísticos, parte das coleções ainda dá o tratamento tradicional ao ensino da gramática, em que há uma divisão entre os conhecimentos do conjunto de normas de prestígio social e aqueles que eram legados ao ensino de literatura, como estilo, por exemplo. Nessas obras, os primeiros são colocados na parte denominada “Gramática”, e os outros, na “Literatura”.

Há coleções, em que as linguísticas do uso e do texto são presentes, que já procuram integrar esses conhecimentos, com reflexões a respeito da “variação linguística, os gêneros do discurso e os mecanismos e recursos que dão a um texto coerência e coesão” (p.22). No entanto, é recorrente esses materiais terem como foco a gramática nos níveis da morfologia, da morfossintaxe e da sintaxe, numa abordagem metalinguística, indo da formação da palavra à constituição de frases e períodos, passando pela classificação morfossintática.

Há também as obras que se propõem mais inovadoras, principalmente as que têm o gênero como foco para o trabalho, que tendem a articular os conhecimentos linguísticos com os demais eixos. Em relação a essa abordagem, comentamos na introdução da tese o risco de se descuidar da sistematização desse conhecimento. Mas, segundo o Guia, parte dessas coleções reserva momentos específicos para esse estudo.

Para finalizar, são apresentadas coleções que, ao trabalhar eixos voltados ao uso da língua, como leitura e oralidade, dão tratamento mais inovador aos conhecimentos linguísticos, deixando para as seções destinadas à gramática especificamente uma abordagem mais tradicional.

A seguir, vamos apresentar cada uma das coleções que fizeram parte do nosso estudo.

2.2.2 Coleções didáticas

A fim de facilitar a leitura e um melhor entendimento da organização das obras, seguiremos um roteiro de apresentação para as três coleções: 1. estrutura geral; 2. o manual do professor e 3. organização da parte destinada ao ensino de gramática. Depois da exposição, apresentaremos dois quadros-resumo com as informações mais relevantes para as reflexões que nos propusemos a fazer neste trabalho.

2.2.1.1 (CI) Português: contexto, interlocução e sentido

2.2.1.1.1 Estrutura Geral da Coleção

Composta por três volumes, divididos em três partes: “Literatura”, “Gramática” e “Produção de Texto”. Cada volume é organizado em 10 unidades temáticas. Cada uma das três partes mencionadas acima apresenta seções, subseções e, em alguns casos, boxes de informação. Há também, ao final de cada capítulo, na seção “Conexões”, indicações de livros, filmes e sites relacionados ao conteúdo estudado. O Guia do PNLD 2012 classificou essa coleção como compêndio, principalmente por organizar a matéria com longas explicações teóricas.

Abaixo, transpomos o quadro produzido pelo Guia sobre a avaliação dessa coleção:

QUADRO ESQUEMÁTICO	
Pontos fortes	Produção escrita, precedida de orientações quanto à linguagem adequada, ao gênero e à construção da textualidade, acompanhada de propostas de revisão e reescrita.
Pontos fracos	O trabalho com a oralidade.
Destaque	Além do projeto gráfico da coleção, são relevantes os boxes informativos que acompanham os textos e as explicações de cada capítulo.
Programação do ensino	Em média, está prevista uma unidade por mês.
Manual do Professor	Além da fundamentação teórico-metodológica da obra, traz comentários destinados a aprofundar a visão conceitual relativa a cada um dos eixos de ensino. Além disso, oferece indicações bibliográficas pertinentes à prática docente.

FIGURA 9 – Quadro esquemático coleção I PNLD 2012

Fonte: Guia do Livro Didático PNLD 2012, p.43

2.2.2.1.2 Manual do Professor

Intitulado de Guia de Recursos (Livro do professor, p.04-205), é organizado em:

- 1) Fundamentos teórico-metodológicos: seções de Literatura, Gramática e Produção de Textos.
- 2) O trabalho com competências e habilidades: A) Matriz de referência e objetos de conhecimento da área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias (Enem 2009); B) Dos documentos oficiais à sala de aula.

- 3) Propostas pedagógicas e reflexões sobre a prática docente
- 4) Respostas das atividades e referências.

No próprio título da seção “Gramática – a linguagem, as palavras e o mundo” (p.26-27), percebemos uma relação, já estabelecida entre linguagem e referência, que coloca, entre “linguagem” e “mundo”, “palavras” como elemento que estabelece a ponte entre as duas instâncias, aproximando-se de uma visão referencialista do sentido.

No texto em questão, os falantes são colocados como atores e espectadores da *performance* dos interlocutores, portanto, a justificativa dada pelas autoras para o estudo dos modos de organização e uso da língua é fazer com que sejamos capazes de compreender o “jogo de sentido produzido pelos atores que participam da construção do discurso”. (p.26)

No subitem “Um olhar sobre a gramática (metodologia)” (p.26 – 27), é exposto que todo o estudo sobre a gramática será realizado a partir da análise de textos “associados a um contexto”. As autoras explicam que essa abordagem tem como finalidade resgatar o “caráter discursivo da linguagem”, em que as “escolhas” linguísticas realizadas pelos interlocutores estão relacionadas às intenções específicas dos falantes. Linguagem – “uma atividade que modifica e constitui os interlocutores, e que é por eles constantemente modificada e manipulada.” (p. 26)

O conceito de “variação linguística” é considerado estruturador da concepção de língua trabalhada na obra. Com isso, a palavra “contexto” é constantemente empregada, principalmente para mostrar que a adequação ou não de uma construção linguística só é identificada a partir da análise do contexto em que foi produzida. As autoras apresentam também uma necessidade de, a partir do uso efetivo que os falantes fazem da língua, levar o aluno a fazer uma discussão sobre ela, utilizando a metalinguagem como atividade necessária à condução dessas discussões. Ao longo de todo o texto, percebemos que os aspectos textual e discursivo sempre são frisados como finalidade dos estudos gramaticais. A afirmação mais repetida durante a exposição para os professores é que o objetivo da obra é fazer com que o aluno aprenda a reconhecer o papel dos aspectos linguísticos na construção de sentido dos textos.

Para o professor, há ainda dois itens destinados à sua formação:

- Sugestão de leitura – Para começar a refletir (p. 31-38)

Apresentação de texto científico para que o professor possa refletir sobre o ensino de gramática numa proposta “sintático-semântica”. Esse texto busca motivar o professor a explorar categorias gramaticais sem perder de vista a função que essa categoria desempenha para o sentido do texto.

- Montando sua estante (p.38-41)

Com indicações de livros, revistas e sites para os professores.

2.2.2.1.3 A Organização do eixo Gramática

A parte destinada à Gramática está organizada em duas unidades, que trazem o tema que organiza os conteúdos que delas fazem parte, dentro das quais se distribuem 12 capítulos e um conjunto de sete anexos com informações adicionais sobre alguns conteúdos desenvolvidos nos capítulos (substantivos coletivos, casos de metáfora no plural, adjetivos pátrios, gêneros dos substantivos biformes, quadro de numerais, etc.)

Fechando cada unidade, há uma seção denominada “Prepare-se: Enem, outras avaliações oficiais e vestibulares.”

Seções que compõem cada capítulo:

- Introdução: texto de abertura

Textos de diferentes gêneros que mantêm uma relação direta com o aspecto gramatical a ser estudado. São propostas questões que têm por objetivo “fazer com que o aluno reconheça não só determinadas estruturas linguísticas, mas também reflita sobre como elas participam da construção do sentido no texto.” (p.28)

É sugerido que o professor desenvolva essa atividade oralmente para motivar uma participação mais ativa do aluno e ao mesmo tempo fazer uma sondagem em relação ao conhecimento deste a respeito do conteúdo abordado, uma vez que muitos tópicos gramaticais já foram estudados no Ensino fundamental.

- Apresentação da teoria

Inicialmente, são retomadas informações sobre a leitura e a análise do texto de abertura, para explicitar aos alunos “de que modo as questões iniciais encaminham seu olhar para a percepção do modo como determinadas estruturas linguísticas, que serão apresentadas no capítulo, participam da construção de sentido.” (p.29) Com isso, as autoras acreditam que os alunos perceberão a pertinência das atividades iniciais com os objetivos da obra: “reconhecer estruturas específicas, identificar funções que podem desempenhar na língua e o modo como atuam na produção de sentido dos textos.” (p.29)

- Atividades

São apresentadas em alguns momentos da teoria, a fim de que os alunos “por meio da leitura e da análise de diferentes gêneros, sejam levados a refletir sobre os conceitos apresentados e deles se apropriem, aprendendo na prática a reconhecer de que modo os aspectos discutidos contribuem para a construção dos sentidos dos textos.” (p.29)

As autoras dizem criar oportunidades para que os alunos desenvolvam diferentes habilidades, quais sejam: reconhecer informações, elaborar hipóteses, a inferir, a relacionar os diferentes aspectos observados, de tal maneira que aprendam a desenvolver uma reflexão mais abrangente e se tornem capazes de dar conta do texto estudado de modo mais completo, investigando diferentes possibilidades de interpretação.” (p.29)

Dessa forma, podemos dizer que o estudo dos aspectos linguísticos está relacionado sempre ao texto.

- Usos de...

Apresenta textos que proporcionam ao aluno analisar como aspectos linguísticos estudados naquele capítulo participam da estrutura e da construção de sentido de textos de diferentes gêneros.

- Pratique

Seção associada à anterior, em que as autoras propõem uma produção ou análise de textos, vinculadas aos aspectos linguísticos estudados no capítulo e analisados no “Uso de...”

São sugeridos dois tipos de atividades: “1) criação de textos em que o aluno demonstre dominar o aspecto linguístico estudado; 2) análise desse mesmo aspecto em outro texto (apresentado no livro ou a ser encontrado pelo aluno.”(p.29), “...permite que o estudo da gramática ganhe sentido.” e “faz com que o aluno compreenda como aquilo que está aprendendo pode ser útil no momento de produzir os seus próprios textos.” (p.29)

2.2.2.2 (CII) - Português – Linguagens: literatura, produção de texto, gramática

2.2.2.2.1 Estrutura Geral

Diferentemente das outras duas coleções utilizadas neste estudo, a CII não divide os três eixos literatura, gramática e produção de texto. Sua organização se dá em 4 unidades, que tem como fio condutor estilos de época. Cada unidade trata de um movimento literário, tópicos de produção de texto e de conhecimento linguístico. Fazem parte também das unidades os capítulos “Interpretação de textos, com foco nas habilidades previstas pelo Enem, e “Diálogos”, que estabelece relação entre literatura e outras manifestações culturais. Em todos os capítulos, há presença de boxes explicativos. Na abertura de cada capítulo são apresentados textos verbais e não verbais relacionados com o assunto da unidade, que visam motivar e estimular o aluno a estudá-la. Nessa parte, é apresentada a seção “*Fique ligado! Pesquise!*” que sugere livros, filmes, músicas, sites, etc. com os quais se possa fazer relações com a produção literária, o contexto cultural da época da produção literária e a produção contemporânea.

Ao final de cada unidade, há a seção “Em dia com o Enem e o vestibular”, em que são apresentadas questões do Enem e dos vestibulares e temas específicos que preparam o aluno para esses exames, como “As cinco competências avaliadas pelo Enem”, “Questões

de gramática descontextualizadas”, “Questões de gramática contextualizadas”, dentre outros. O aluno é levado a desenvolver um desses temas e, em seguida, resolver as questões a respeito do conteúdo estudado no capítulo. Os capítulos destinados ao estudo de tópicos gramaticais são chamados de “Língua: uso e reflexão”.

O resumo da avaliação dessa coleção, recebida pelo PNLD 2012, segue abaixo:

QUADRO ESQUEMÁTICO	
Pontos fortes	Exploração pertinente de textos de diferentes linguagens. Articulação da historiografia literária com propostas de leitura do texto literário.
Pontos fracos	Exercícios de análise linguística a partir de frases isoladas. Ênfase em atividades de classificação de termos da oração.
Destaque	Boa articulação entre os eixos de ensino. Indicação de projetos ao final de cada unidade.
Programação do ensino	Os volumes são organizados em quatro unidades, correspondentes aos quatro bimestres. A integração dos eixos de ensino favorece a distribuição do tempo pedagógico.
Manual do Professor	Respostas e comentários vêm junto das atividades na parte que reproduz o Livro do Aluno; outras orientações vêm no encarte destinado ao professor.

FIGURA 10 – Quadro esquemático coleção II PNLD 2012

Fonte: Guia do Livro Didático PNLD 2012, p.53.

2.2.2.2.2 Manual do Professor

Com o título “Manual do Professor” (Livro do Professor, p.03-32), organiza-se em:

- 1) Introdução
- 2) Metodologia (Literatura, Interpretação e Produção de Textos e Língua: uso e reflexão.)
- 3) A estrutura da obra (As unidades e os capítulos)
- 4) Sugestões de estratégias (Para a abertura das unidades e para os capítulos)

São apresentadas aos professores as bases em que é formulada a obra bem como as perspectivas de estudo adotadas para o ensino de literatura, produção de textos e língua.

Segundo os autores, essa sétima edição da coleção foi reformulada visando atender às propostas feitas por vários documentos oficiais, como LDB, Diretrizes curriculares, PCNEM e PCNEM+, discussões sobre leitura e desenvolvimento de competências e habilidades “motivadas em parte pelas avaliações do PISA (Programa Internacional de Avaliação de Estudante), do SAEB e do ENEM e, em parte, pelas discussões realizadas na esfera acadêmica sobre ensino de língua, produção de texto e literatura.” (p.03) Ressaltam que, desde a última edição, a ênfase dada pela coleção é “ao desenvolvimento da capacidade leitora dos alunos.” (p.03)

Quanto ao ensino de língua, os autores apontam as bases em que são apoiados os seus trabalhos: na Semântica, na Linguística textual, na Pragmática e na Teoria do discurso, que apresenta “novos conteúdos, indispensáveis à atual visão de língua e interação verbal, como a noção de discurso, de intencionalidade discursiva, de discurso citado, de intertextualidade, e interdiscursividade, de variedades linguísticas, de textualidade e seus componentes essenciais, como coerência e coesão, continuidade e progressão, etc.” (p.03)

Os autores afirmam que não abrem mão de alguns conceitos da gramática normativa que são essenciais para “exercer o mínimo de metalinguagem”, mas que “o estudo da língua vai além do horizonte da frase e se abre para o estudo do texto e do discurso. Busca-se fundamentalmente avaliar em que medida os elementos verbais (os recursos disponíveis na língua) e os elementos extraverbais (que estão na situação de produção do discurso) são responsáveis pela construção de sentido dos enunciados.” (p.03). Interessante observar que há ênfase no texto e na construção de sentido dos enunciados.

Sobre a metodologia adotada, os autores dão ênfase ao fato da linguagem estar presente a todas as atividades humanas e sociais, “na esfera escolar, a linguagem, seja oral ou escrita, é uma ferramenta indispensável para a construção de conhecimentos nas mais diferentes áreas e disciplinas.” (p.04)

Os autores afirmam que a obra é “voltada para professores e alunos que aspiram a um ensino renovado de língua.” (p.20) Dizem também que a obra não quer eliminar o conteúdo da gramática tradicional, mas “redimensioná-lo” e incluir outras atividades com a língua, que levem a noções como “enunciado, texto e discurso, intertexto, (...), semântica, variação de registros, graus de formalidade e pessoalidade), etc” (p.20)

Definem língua como “processo dinâmico de interação, isto é, como um meio de realizar ações, de agir e atuar sobre o outro.” (p.20) e apontam que a obra “concentra aspectos” que pertencem: à gramática normativa – em seus aspectos prescritivos (normatização a partir de parâmetros da variedade padrão: ortografia, flexões, concordâncias, etc.) e descritivos (a descrição das classes e categorias); à gramática de uso (que amplia a gramática internalizada do falante); à gramática reflexiva (que explora aspectos ligados à semântica e ao discurso). Deixam claro que objetivam não apenas descrever a língua, mas operar a língua. (p.20)

Os autores propõem estratégias didáticas para o trabalho dos tópicos gramaticais dos capítulos, como jogos, brincadeiras, pesquisas, entrevistas, etc. (exemplo 6 – texto cloze), numa seção chamada “Sugestões de estratégia”.

2.2.2.2.3 Organização do eixo Gramática

Apesar de não ser dividida por eixos, essa obra apresenta, em cada uma das suas unidades, um capítulo intitulado “Língua: uso e reflexão”, destinado ao estudo de tópicos gramaticais.

Esse capítulo é composto pelas seguintes seções:

- Construindo o conceito

Introduzido por um texto como elemento motivador para o início do estudo. As atividades propostas objetivam observar e analisar o emprego de aspectos da língua que serão tratados. Segundo os autores, o aluno é levado a construir ou a inferir o conceito em questão.

- Conceituando

Formula-se o conceito construído na seção anterior. São dados exemplos, explicações complementares, observações, etc.

- Exercícios

O aluno opera o conceito trabalhado a partir de textos e estratégias diversificados, como criação e emprego do fato linguístico observado, construções de orações, emprego de complementos nominais, de substantivos, de conjunções com valores semânticos específicos, etc. Aqui, fato linguístico é tratado pelos autores como tópicos da gramática ou elementos linguísticos.

- A categoria gramatical na construção de texto

Os autores afirmam que, nessa seção, o aluno deve observar as relações entre a categoria gramatical estudada e o texto, ou seja, como o uso da categoria gramatical estudada é “responsável” pela construção do sentido do texto. Para eles “se une a interpretação textual com a análise de valores semânticos e estilísticos da categoria gramatical enfocada.” (p.27)

O nome da seção varia de acordo com o assunto abordado, como exemplo, “As variedades linguísticas na construção do texto”.

- Semântica e discurso

Procura-se dar, nesta seção, um olhar discursivo para os conteúdos gramaticais estudados no capítulo, sendo discurso entendido como “circunstâncias em que se deu a produção dos enunciados e dos textos” (p.27). Segundo os autores, há um aprofundamento dos “valores *semânticos* da categoria gramatical em estudo” e, “normalmente”, visa a observar “os recursos da *estilística* responsáveis pela criação de sentido.” (p.27)

Para eles, a partir de situações que chamam de hipotéticas e concretas de comunicação, o aluno deve observar “como ocorre o processamento da linguagem, de acordo com os componentes que fazem parte da situação comunicacional.” (p.27)

O objetivo da seção é, ainda segundo seus autores, “por um lado, desenvolver a competência linguística do aluno e, por outro, explicitar-lhes os recursos e mecanismos disponíveis na língua para criar sentido, a fim de que se sirva deles com maior consciência e domínio.” (p.28)

Ao final dessa exposição, os autores deixam claro que essa “nova abordagem” se justifica por atender a professores, escolas, vestibulares e propostas curriculares que

apontam para uma “gramática reflexiva, voltada para o texto e para as relações sociais de interação verbal.” (p.28)

2.2.2.3 (CIII) Português: literatura, gramática, produção de texto

2.2.2.3.1 Estrutura geral

Considerada manual pelo Guia 2012, essa coleção divide-se em três partes “Literatura”, “Gramática” e “Produção textual”. Cada parte subdivide-se em seções de teoria e atividades, além de boxes com ampliação das temáticas discutidas.

Segue o quadro da avaliação da coleção no PNLD 2012.

QUADRO ESQUEMÁTICO	
Pontos fortes	O esforço em abordar a literatura de uma forma menos cristalizada.
Pontos fracos	Ausência de indicações sobre articulações possíveis entre as partes. Abordagem conservadora da gramática.
Destaque	A coletânea de textos.
Programação do ensino	Cabe ao professor selecionar e articular a matéria de cada parte, distribuindo-a pelo ano letivo.
Manual do Professor	O “Suplemento do Professor” traz respostas para as questões propostas e apoio teórico-metodológico.

FIGURA 11 – Quadro esquemático coleção III PNLD 2012
Fonte: Guia do Livro Didático PNLD 2012, p.48.

2.2.2.3.2 Manual do professor

Com o nome de Suplemento do Professor (Livro do professor, p. 03-96) é organizado em:

- 1) O Ensino Médio: desafios e perspectivas
- 2) Pressupostos teórico-metodológicos (O ensino de língua materna no EM, o ensino-aprendizado de literatura; produção de texto e “As atividades de gramática e análise linguística.)

3) Resposta das atividades

Os autores apresentam as novas diretrizes para o ensino médio a partir da reforma educacional dos anos 1990. Com isso, mostram que no Ensino Médio deve haver uma preocupação em participar da formação do jovem para a sociedade, relacionando os conteúdos às suas práticas sociais. O EM passa a ter o papel de ampliar e consolidar os conhecimentos do aluno. Para os autores, a literatura é “o campo mais privilegiado para o exercício de sua (da palavra) significação.” (p.05)

Esses autores afirmam que a obra quer proporcionar possibilidades de exploração da dimensão didático-pedagógica do protagonismo tanto do professor quanto do aluno e da exploração da dimensão cultural. (p.06)

Para os autores, o trabalho de análise linguística não exclui a gramática, mas não se restringe a ela, pois perpassa toda a obra. Tanto nos estudos dos gêneros textuais quanto na literatura são abordadas as análises linguísticas.

Para tanto, explicam que a coleção em questão traz o trabalho com análise linguística baseado em várias ciências, tais como linguística geral, sociolinguística, linguística textual, teoria literária, semiótica, filologia, semântica gramática normativa, etc. (p.38)

Esses autores apresentam duas razões para ensinar gramática. A primeira é política, uma vez que a norma culta e a língua padrão constituem o dialeto valorizado em situações formais. Dessa forma, consideram que todos devem ter o direito de dominar a norma culta. A segunda razão diz respeito ao fato de que “os conhecimentos gramaticais podem contribuir para que os alunos atribuam sentido ao texto e façam leituras mais críticas” (p.38), segundo os autores. Eles justificam um capítulo dedicado ao estudo gramatical para que o professor possa retomar os conteúdos ali trabalhados sempre que for conveniente.

Após as referências bibliográficas, é apresentado ao professor, na seção “Leitura complementar”, um fragmento de artigo de Travaglia (2008), que apresenta três concepções de gramática (normativa, descritiva e internalizada) e três formas por meio das quais ela pode ser ensinada (prescritivo, descritivo e produtivo). O autor termina o texto dizendo que os três tipos de abordagem de ensino da língua não são excludentes, porém, há consenso entre estudiosos de que os ensinamentos descritivo e produtivo são mais “úteis” ao aluno, sendo o segundo mais “hipervalorizado e mais praticado nas aulas de língua materna em detrimento dos outros dois tipos” (p.44).

2.2.2.3.3 Organização do eixo Gramática

As seções de gramática estão organizadas da seguinte forma:

- No texto

É apresentado um texto seguido por questões com o objetivo de “levar o aluno a construir, por conta própria, o conteúdo abordado.” (p.38)

- Lendo o contexto

É uma seção teórica em que o aluno deve fixar e sistematizar o conteúdo “construído” na seção anterior. Geralmente há boxes conceituais ao longo dela.

- Aplicação

Sequência de exercícios.

- [Tópico gramatical] no contexto

Ao final do capítulo, é trazido um texto também seguido de questões, que tem como objetivo “explorar os aspectos semânticos e estilísticos do conteúdo gramatical estudado.” (p.39) É intitulada com o nome do tópico estudado seguido de “no contexto”, como “Ortografia no contexto”.

2.2.3 Sobre a organização dos conteúdos nos livros didáticos de português do ensino médio

Observando os conteúdos abordados nos volumes das três coleções de livros didáticos, temos o quadro a seguir.

QUADRO-RESUMO 1 – CONTEÚDOS

Coleção	1ª série (V.1)	2ª série (V.2)	3ª série (V.3)
CI	Linguagem e variação linguística Oralidade e escrita Linguagem e sentido Introdução aos estudos gramaticais: <ul style="list-style-type: none"> • A gramática e suas partes • A estrutura das palavras • Formação de Palavras 	Classes de palavras Sintaxe: estudo das relações entre palavras <ul style="list-style-type: none"> • Introdução ao estudo da sintaxe • Sintaxe do período simples 	Sintaxe do período composto Concordância e regência Colocação pronominal A crase e seu uso Pontuação
CII	Linguagem, comunicação e interação Figuras de linguagem Introdução à semântica Sons e letras Ortografia / acentuação Estrutura das palavras Formação de palavras	Classes de palavras O modelo morfossintático – o sujeito e o predicado Termos ligados ao verbo: objeto direto, objeto indireto, adjunto adnominal O predicativo – tipos de predicado Tipos de sujeito Termos ligados ao nome: adjunto adnominal e complemento nominal Termos ligados ao nome: aposto e vocativo	Período composto Pontuação Concordância verbal e nominal Regência Verbal e nominal Colocação pronominal
CIII	Linguagem verbal e não verbal Variação linguística Linguagem, estilística e semântica Figuras de linguagem Fonologia Ortografia Estrutura e formação de palavras	Classes de palavras Morfossintaxe: seleção e combinação das palavras. Frase, oração e período. O sujeito e o predicado Termos relacionados ao verbo. Termos relacionados ao nome	Período composto Pontuação A Concordância A Regência. A Crase Colocação

FIGURA12 – Quadro –resumo conteúdos coleções didáticas

Fonte: Produzido pela autora.

Apesar de não haver, nos documentos oficiais, uma distribuição dos conteúdos ao longo das três séries do ensino médio, podemos perceber, pelo descrito no quadro acima, que há um consenso entre os autores de livros didáticos para organização dos conteúdos. Nota-se também que o ensino médio, tal como é tratado hoje, é uma revisão do que foi visto no ensino fundamental II. Como nosso foco é o ensino de sintaxe, não apresentamos

os demais objetos de ensino da área de língua materna, mas, numa observação dos volumes de forma global, podemos concordar com estudiosos, como Mendonça (2006), que afirmam que essa revisão ou mesmo repetição de conteúdos, neste nível de ensino, se restringe a uma “revisão de gramática e de técnicas de redação para dissertações escolares, com a novidade da introdução do estudo da literatura.” (p.203-204).

Essa mesma autora, considerando somente o ensino de gramática, afirma o que o quadro 1 nos descreve

No âmbito do ensino de gramática, aborda-se a análise fonética e morfossintática de palavras e expressões no 1º ano do EM, como revisão do 1º ciclo do EFII (5ª e 6ª séries); introduz-se a análise sintática de períodos, agora com orações reduzidas, no 2º ano do EM, revisando-se o 2º ciclo do EFII (7ª e 8ª séries) etc. O 3º ano do EM seria dedicado a uma revisão geral de todo o currículo escolar, com ênfase no treinamento para o vestibular, situação mais comum em escolas privadas. (MENDONÇA, 2006, p.203)²⁰

Há nessa seleção e organização de conteúdos uma lógica semelhante a da organização de tópicos numa gramática normativa: “da fonologia para a morfologia, daí para a sintaxe e daí para a semântica (da frase), onde parece acabar o universo dos fenômenos linguísticos.”(Ibidem). Poderíamos ainda, concordando com Mendonça, fazer considerações acerca do equívoco desta organização dos objetos de ensino, levando-se em conta questões relacionadas ao processo de aquisição da linguagem e o objetivo do ensino de língua portuguesa – formar usuários da língua e não analistas da língua, como orienta o PCN - mas consideramos esse um tema para outra discussão que não nos propusemos fazer no estudo que ora apresentamos.

Não vamos analisar a pertinência dessa organização, apenas a apresentamos porque julgamos importante termos esse conhecimento de como é tratado o ensino de sintaxe nas escolas de ensino médio. Mais uma vez, ressaltamos que os PCNEM não determinam nem o conteúdo e nem a sequência em que esse conteúdo deve ser apresentado aos alunos.

Dentro dessa organização dos conteúdos no decorrer dos três anos do ensino médio, optamos por trabalhar com dados coletados primordialmente com exemplos do volume 2 (2ª série) de cada coleção, uma vez que é neles que se introduz a sintaxe e o trabalho com o período simples e sua constituição. Isso nos permitiu estabelecer relações mais precisas entre as discussões propostas nesses manuais didáticos e as reflexões que abordamos no âmbito da enunciação relativos aos lugares sintáticos. Posto isso, apresentaremos a seguir

²⁰ EM: Ensino Médio e EF: Ensino Fundamental.

um segundo quadro-resumo que busca descrever como cada coleção procura organizar a parte que destina à gramática, que já expusemos de forma geral nos itens 2.2.2.1, 2.2.2.2 e 2.2.2.3 e no quadro-resumo 1.

QUADRO-RESUMO 2 – ORGANIZAÇÃO PARTE GRAMÁTICA

CI – Gramática	CII – Língua e Reflexão	CIII – Gramática
Introdução (texto motivador)	Construindo o conceito (texto motivador)	No texto (texto motivador)
Apresentação da teoria	Conceituando	Lendo o contexto (seção teórica)
Atividades	Exercícios	Aplicação
Usos de... (aspectos linguísticos na estrutura do texto)	A categoria gramatical na construção de textos	Tópico gramatical no contexto
Pratique (criação de texto e análise de textos com o aspecto linguístico estudado)	Semântica e discurso (recursos e mecanismos linguísticos para “criar” sentido)	

Figura 13- Quadro-resumo da organização da parte de gramática

Fonte: Produzido pela autora com base no v. 2 das coleções utilizadas na pesquisa

Ao observarmos o quadro 2, também nos parece um consenso entre os autores de livro didático a organização das seções que compõem a parte destinada ao ensino de gramática, numa sequência que se inicia em um texto seguido de questões que objetivam levar o aluno a observar o tópico gramatical que será estudado naquele capítulo. A seguir, há uma sistematização daquilo que foi motivado como reflexão na primeira seção. Como uma verificação do que foi aprendido, seguem-se exercícios sobre o tema. A última seção, desdobrada em duas nas coleções CI e CII, mostra uma preocupação em dar um sentido prático ao ensino de tópicos gramaticais, ou seja, relacionar sempre esses tópicos à produção de sentido dos textos. Essa é a sequência canônica nestes e noutros manuais didáticos do ensino médio, que nos parece tentar cumprir com o que os PCNs vêm orientando como objetivo do ensino de língua (algo como a gramática no texto).

2.3 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

Nosso procedimento teve como foco as unidades das coleções didáticas que tratam dos elementos sintáticos oração, sujeito e predicado. Procuramos, nas atividades propostas nessas unidades, identificar questões enunciativas que as permeiam. Por fim, apresentamos

perspectivas teóricas e práticas para o ensino numa abordagem em que sejam consideradas as dimensões orgânica e enunciativa da língua.

Com a finalidade de entendermos melhor a sistemática dessas obras quanto à metodologia de análise linguística que deveria ser utilizada pelo professor, observamos, no manual do professor, as orientações a respeito do trabalho com a sintaxe.

Quanto à análise linguística, nosso olhar direciona-se para o estudo das relações de articulação na língua entre a memória e a atualidade no acontecimento enunciativo, considerando, assim, os lugares sintáticos constituídos nas sentenças. Nosso objeto de estudo é o enunciado, considerando a sua consistência interna e sua relação com os demais enunciados de um texto (Guimarães, 2002).

CAPÍTULO 3 – MEMÓRIA, ACONTECIMENTO E ENSINO: O EXEMPLO-COLMEIA

Neste capítulo, temos por objetivo desenvolver nossa discussão a respeito do conceito de contexto presente nos LD. Para isso, consideramos necessária a observação dos conceitos de “completude de sentido” e de “enunciado” utilizados para definir frase no material que analisamos. Como resultado desse estudo, propomos uma metodologia de ensino da sintaxe com base no conceito de exemplo-colmeia (DIAS, 2006).

2.2 Do contexto para o intertexto

Nos LD do EM, é comum, ao introduzir o ensino de sintaxe, que o capítulo referente a esse conteúdo se inicie com a definição de *frase, oração e período*. Também é comum definir *frase* com base em critério semântico, como vemos nas seguintes definições retiradas das coleções que analisamos:

CI (p.507) - *Frase é um enunciado linguístico que, independentemente de sua estrutura ou extensão, traduz **um sentido completo em uma situação de comunicação**.*

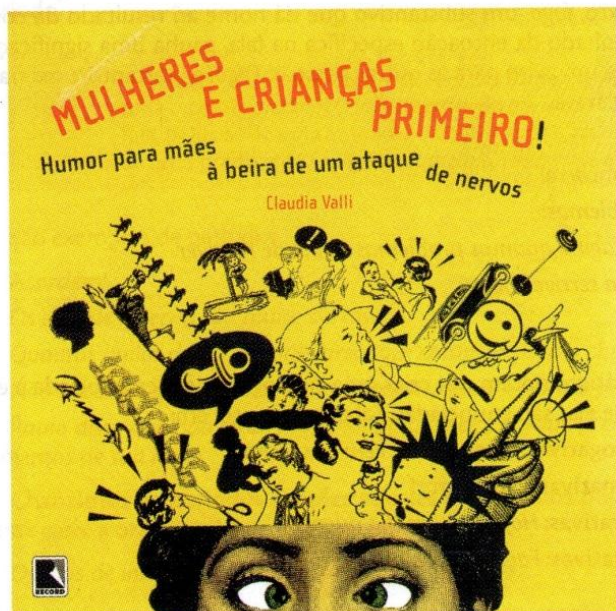
CII (263) - *Frase é a unidade de texto **que numa situação de comunicação é capaz de transmitir um pensamento completo**.*

CIII (389) - *Frase é o enunciado que estabelece **uma comunicação de sentido completo**.*

Passemos, então, à CI. Nessa obra, o item destinado ao estudo da frase inicia-se da seguinte maneira:

- **A frase**

Observe a seguinte capa de livro.



▲ VALLI, Claudia. *Mulheres e crianças primeiro!:* humor para mães à beira de um ataque de nervos. Rio de Janeiro: Record, 2005.

FIGURA 14 – Exemplo (6)

Fonte: CI, V.2, p.507

Logo após esse exemplo e antes de definirem *frase*, as autoras do LD afirmam que “O enunciado *Mulheres e crianças primeiro!* tem um sentido completo. É considerado, em termos sintáticos, uma **frase**.” (p.507).

Até aqui, nos interessam dois pontos: 1) a afirmação de que essa frase é um enunciado e 2) a afirmação de que *Mulheres e crianças primeiro!* tem sentido completo.

Examinemos cada uma dessas afirmações.

Enunciado é definido nesse livro como “tudo aquilo que é dito ou escrito. É uma sequência de palavras de uma língua que costuma ser delimitada por marcas formais: na fala, pela entoação; na escrita, pela pontuação. O enunciado está sempre relacionado ao contexto em que é produzido.” (p.505). Ainda nessa obra, a *sintaxe* “é o conjunto de regras que determinam as diferentes possibilidades de associação das palavras da língua para a formação de enunciados.” (ibidem).

Entende-se, nesse caso, que *enunciado* e *frase* podem ser tomados um pelo outro pelo critério do *fazer sentido num determinado contexto*. Isso é confirmado na observação

presente no livro do professor que informa que o conceito de frase da obra “estabelece uma ponte entre a noção discursiva de enunciado e as unidades que serão objetos de estudo da sintaxe: sintagmas, orações e períodos”, sendo, assim, “correto afirmar (...) que todas as frases são enunciados da língua.” (p.506)

No subitem “Os enunciados da língua”, ao qual pertence o exemplo da capa do livro, a *frase* é apontada como uma das três unidades dos enunciados da língua, sendo as outras duas a *oração* e o *período*. Assim, em CI, enunciado é toda e qualquer construção linguística. Sabendo disso, podemos verificar o segundo ponto a respeito do sentido de *Mulheres e crianças primeiro!*

Na sequência da exposição sobre *frase*, é dito que “O essencial para decidir se um enunciado é ou não frase é o fato de ele apresentar um sentido completo em um contexto específico.” (p.507) A pergunta que fazemos é como se determina o sentido desses enunciados? Nos interessa saber se, da forma como é exposto o assunto, fica claro para o aluno determinar o que “tem ou não sentido”. Também nos interessa saber se, uma vez “decidido” que um enunciado é realmente uma frase, o aluno consegue explicar o que dá sentido a ela.

Parece-nos que afirmar que *Mulheres e crianças primeiro!* tem sentido completo, sem demonstrar o que dá base a essa afirmação, é fazer uma reflexão superficial em relação à produção de sentido. Se o critério que determina o conceito de *frase* em questão é o sentido, julgamos fundamental um tratamento mais aprofundado e sistemático desse critério para que ele não seja tomado de forma intuitiva pelo aluno.

A partir do exemplo dado no livro, podemos partir da pergunta: por que consideramos *Mulheres e crianças primeiro!* um enunciado de sentido completo?

Em busca pela internet, encontramos outras ocorrências de *Mulheres e crianças primeiro*. Vejamos, então, alguns desses casos em que a expressão aparece:

(6a) *Por que mulheres e crianças têm prioridade em situações de emergência?*

“Em situações de emergência, crianças e mulheres são os mais propensos a sofrer abusos e explorações”, explica Halim Antônio Girade, coordenador da área de emergências da Unicef no Brasil. “Pessoas desse grupo são os primeiros a perder seus direitos em condições extremas, assim como os idosos, que também devem receber atendimento prioritário”. Um incidente que ilustra bem este problema é o furacão Katrina,

que alagou a cidade de Nova Orleans, EUA, em 2005. Nos abrigos, mesmo abarrotados de gente, muitas mulheres sofreram abuso sexual. Já em países com guerras civis, é comum treinar crianças para entrar na guerrilha. ²¹

(6b) *Mulheres e crianças primeiro é lenda náutica, afirma pesquisa*

*O lema "Mulheres e crianças primeiro" acaba de se revelar um mito da história da navegação. Mais correto seria "cada um por si e Deus por todos". Um estudo inédito com 18 desastres marítimos, envolvendo cerca de 15 mil pessoas entre 1852 e 2011, mostrou que, na verdade, morrem proporcionalmente mais mulheres e crianças, e mais passageiros do que tripulantes e capitães.*²²

(6c) *Mulheres e crianças primeiro, homens descartáveis*

*Apesar da evidente existência da ideologia de "mulheres e crianças primeiro", ao contrário do que a autora afirma, em nenhuma hipótese a vida de uma mulher tem mais valor que a de um homem. Na verdade, essa ideologia é bem semelhante ao cavalheirismo no sentido de que expõe as mulheres como meras incompetentes.*²³

O texto em (6a) mostra o surgimento desse princípio de que, em situações de risco, mulheres e crianças devem receber tratamento prioritário. Pela razão exposta, há uma repetição de ações em que essa lógica é respeitada, tornando o enunciado recorrente nas situações de perigo. Em (6b), é informada uma pesquisa que passa a considerar esse princípio um mito. E (6c) é um texto cuja autora questiona esse princípio, a partir de uma visão feminista que o considera como pretexto para subjugar a capacidade feminina. Por essas ocorrências, percebemos que essa construção *mulheres + crianças + primeiro* se cristalizou devido ao seu percurso de enunciações, tanto que em (6a) o autor do texto a chama de "lema". Quando nos é apresentado no LD a capa com esse título, reconhecemos

²¹ LINARDI, Fred. Por que mulheres e crianças têm prioridade em situações de emergência? <http://mundoestranho.abril.com.br/materia/por-que-mulheres-e-criancas-tem-prioridade-em-situacoes-de-emergencia>. Acesso em : 21/01/2015

²² BALUAME NETO, Ricardo. 'Mulheres e crianças primeiro' é lenda náutica, afirma pesquisa. <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saudeciencia/61641-mulheres-e-criancas-primeiro-e-lenda-nautica-afirma-pesquisa.shtml>. 19/ago/2012. (adaptado). Acesso em 21/01/2015

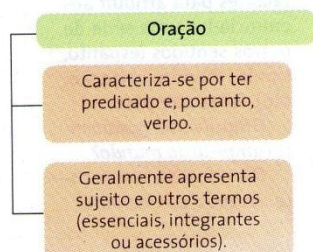
²³ VALLADARES, Maria Luiza. Mulheres e crianças primeiro, homens descartáveis. <http://blogueirasfeministas.com/2013/07/mulheres-e-criancas-primeiro-homens-descartaveis/>. (adaptado). Acesso em : 21/01/2015

o sentido, porque há uma entrada desse acontecimento enunciativo na memória de outros, que formam o corpus, como propõe Rastier (1998), de *Mulheres e crianças primeiro*. Daí o efeito de completude da expressão que leva à afirmação de que ela tem sentido completo. Mas, na verdade, o que acontece é um recuperar da memória da expressão que, pela recorrência em outras enunciações, provoca uma saturação no acontecimento enunciativo. Não existe na expressão *Mulheres e crianças primeiro* uma completude de sentido, pois, como o próprio livro aponta, é necessário se considerar algo que vai além do que está exposto, a que chamam de contexto. Portanto, ao ser anunciado na capa, *Mulheres e crianças primeiro!* entra na relação de outros dizeres, ao que Rastier (1998) chama de intertexto. Entendemos que o que o LD apresenta como o “contexto específico” no qual o enunciado apresenta sentido é o que chamamos de intertexto.

Apresentar ao aluno ocorrências que mantêm relação entre si é importante para que se possa perceber como o efeito de sentido da expressão que se está analisando foi construído. Com essa prática, podemos levar o aluno a entender que nenhum termo ou expressão possui um sentido completo em si mesmo, como o faz entender a forma como isso é muitas vezes dado nas salas de aula, mas esse efeito de completude se dá na relação dessa palavra ou expressão no presente da enunciação com as suas enunciações anteriores. *Mulheres e crianças primeiro!* parece ter “sentido completo”, como afirma o LD, porque ganhou, ao longo de seu histórico enunciativo, um recorte de significação determinado pelos acontecimentos dos quais participou. Há, assim, uma saturação da frase no acontecimento, como se, ao se realizar como título na capa do livro, trouxesse uma ligação do presente com o passado, que resultasse num efeito de completude. Mas não se trata de algo *completo*, fechado, acabado, e sim algo *saturado*, no sentido de conter o maior número de possibilidades que se condensam. Por isso, no campo da significação, não acreditamos na completude de sentido num determinado contexto, mas sim na saturação de determinado enunciado no seu acontecimento, como vimos em *Mulheres e crianças primeiro!*.

Na CI, dando sequência ao capítulo de introdução à sintaxe, notamos esse mesmo problema a respeito do que é tratado como sentido no subitem “Oração”. Após definir *oração*, são dados alguns exemplos.

oração



• A oração

Como se viu, o critério utilizado para identificar as frases é discursivo, ou seja, está relacionado ao contexto em que são apresentados os enunciados. A gramática normativa estuda também os enunciados a partir de considerações de natureza sintática, aquelas que explicam as relações entre as palavras de um enunciado e a função de cada uma delas. Uma importante unidade sintática é a **oração**.

Tome nota

Oração é um enunciado linguístico que apresenta uma estrutura caracterizada sintaticamente pela presença obrigatória de um predicado. O predicado é introduzido, na língua, por um verbo. Por esse motivo se diz que toda oração precisa ter um verbo. A oração apresenta, na maioria dos casos, um *sujeito* e vários outros termos (essenciais, integrantes ou acessórios).

Observe alguns exemplos de oração.

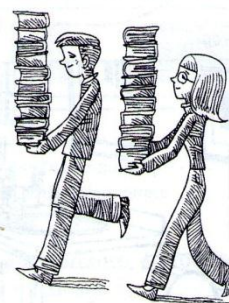
Corram!

Nós compramos livros muito interessantes na Bienal.

Esses exercícios parecem muito difíceis.

Chove muito em Manaus.

... que Eduardo venha amanhã.



Os exemplos apresentados acima, pode-se concluir que algumas orações, como *Corram!* e *Chove muito em Manaus*, são também frases. É importante observar, porém, que há orações, como ... *que Eduardo venha amanhã*, que, isoladas do contexto, não chegam a constituir frases, pois não têm sentido completo.

FIGURA 15 – Exemplo (7)
FONTE: CI, V2, p. 508

Selecionamos dois desses exemplos para empreender nossos comentários:

(7a) Chove muito em Manaus.

(7b) ...que Eduardo venha amanhã.

Esses exemplos são usados para estabelecer uma diferença entre *frase* e *oração*. Segundo as autoras da coleção, (7a) é, além de uma oração, uma frase. Já (7b) é somente uma oração, pois “isolado do contexto”, não tem “sentido completo”. A questão que levantamos aqui parte da afirmação do LD de que (7a) tem “sentido completo”. Em que circunstâncias podemos afirmar isso? Pensemos na situação em que alguém caminhando por uma calçada diga repentinamente “Chove muito em Manaus.” Ou, se durante uma aula de História, cujo tema fosse “A Revolução Francesa”, um aluno dissesse “Chove muito em Manaus”. Qual seria a pertinência desses dizeres nas situações descritas? Parece-nos que

nenhuma. O que marca a diferença entre (7a) e (7b) está na forma como estão apresentadas enquanto estruturas linguísticas e a relação dessa materialização com o acontecimento enunciativo do qual participam.

Em (7a), não há marcas explícitas de adesão ao texto, mas o enunciado reclama um intertexto do qual faça parte, senão teremos as situações que hipotetizamos acima. Para que funcione discursivamente, a afirmação de (7a) deve ser relacionada com outras, como (7a') ou (7a'')

(7a') - Vou conhecer Manaus. Dizem que lá é muito quente.

- Sim, já morei lá, é quente mesmo. Mas chove muito em Manaus.

(7a'') – **Chove sempre e muito!** Há o período chuvoso (Dezembro a Maio) e o período menos chuvoso (Junho a Novembro). A diferença é que no chuvoso vai chover **TODO** dia, muuuuita água. No menos chuvoso chove alguns dias, menor volume de água. Não há hora certa pra chover. Pode chover várias vezes no dia.

– Carregue **SEMPRE** um **guarda-chuva**. Você sai com um belo sol e céu azul, mas vai cair toró a qualquer momento. E é um toró de encharcar até sua roupa de baixo e o que tiver dentro da bolsa/mochila. Se não chover, pode ser usado como sombrinha para te proteger do sol.²⁴

O conjunto dessas enunciações de *Chove muito em Manaus* forma o intertexto que dá pertinência a esse enunciado e dá a ele esse efeito de completude de sentido a que se refere o LD. Mas para que o aluno perceba a relação de dizeres que forma o intertexto, se faz necessária a produção de ocorrências como fizemos em (7a') e (7a''). A partir dessa observação, fica mais claro para o aluno o percurso percorrido pela memória enunciativa que o leva a afirmar se a oração em questão é ou não uma frase, baseando-se no que propõe o LD.

Já a própria estrutura de (7b) apresenta marcas de adesão do enunciado a um texto, como o uso de reticências ou da conjunção subordinativa integrante *que*. Isso explicita que,

²⁴ Dicas sobre Manaus. <http://pequenograndemundo.com/2013/11/01/manaus-dicas-importantes-para-viajantes/>. Acesso: 21/01/2015

antes daquilo que foi apresentado ...*que Eduardo venha amanhã*, existe obrigatoriamente algo, como:

(7b') [*É conveniente*] *que Eduardo venha amanhã*.

Então, não é correto afirmar que (7b) pertence a um tipo de oração que, fora do contexto não constitui frase porque não tem sentido completo. Como foi apresentado no LD, (7b) não possui o mesmo efeito de completude que (7a) porque está literalmente incompleta em relação à sua estrutura; simplificando, falta um pedaço dessa estrutura.

Nesse mesmo item do LD, é dado o exemplo de *Corram!* como uma oração que também é frase. No entanto, é necessário refletir sobre o percurso enunciativo de *Corram!*, assim como fizemos em relação a *Chove muito em Manaus.*, para que possamos observar o grau de saturação no acontecimento enunciativo de tal enunciado.

Passando nossa observação para a CII, vemos que, ao definir *frase*, os autores do LD o fazem como unidades de texto. Aqui percebemos uma mudança de perspectiva em relação à CI, apesar de ambas trabalharem com a noção de completude do sentido em uma situação de comunicação. A diferença é marcada na forma como definem enunciado: *uma unidade menor de texto*. Os exemplos dados deixam evidente essa concepção.

3.1 DO CONTEXTO PARA O INTERTEXTO

Nos LD do EM, é comum, ao introduzir o ensino de sintaxe, que o capítulo referente a esse conteúdo se inicie com a definição de *frase, oração e período*. Também é comum definir *frase* com base em critério semântico, como vemos nas seguintes definições retiradas das coleções que analisamos:

CI (p.507) - *Frase é um enunciado linguístico que, independentemente de sua estrutura ou extensão, traduz **um sentido completo em uma situação de comunicação**.*

CII (263) - *Frase é a unidade de texto **que numa situação de comunicação é capaz de transmitir um pensamento completo**.*

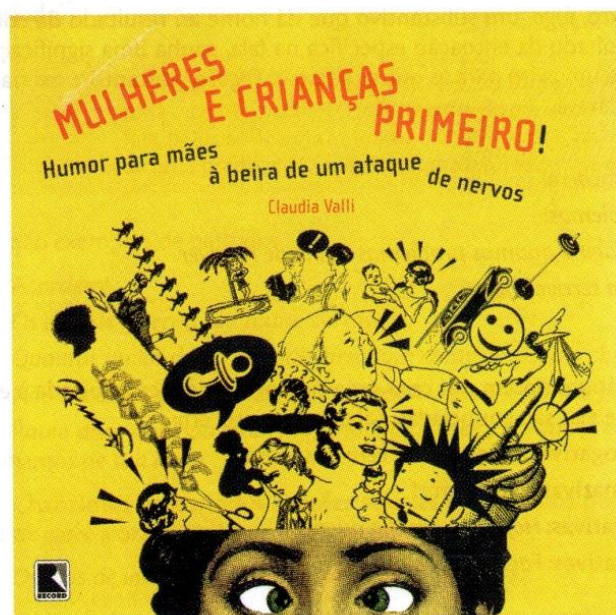
CIII (389) - Frase é o enunciado que estabelece *uma comunicação de sentido completo*.

Passemos, então, à CI. Nessa obra, o item destinado ao estudo da frase inicia-se da seguinte maneira:

(6)

• **A frase**

Observe a seguinte capa de livro.



▲ VALLI, Claudia. *Mulheres e crianças primeiro! humor para mães à beira de um ataque de nervos*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

FIGURA 14 – Exemplo (6)

Fonte: CI, V.2, p.507

Logo após esse exemplo e antes de definirem *frase*, as autoras do LD afirmam que “O enunciado *Mulheres e crianças primeiro!* tem um sentido completo. É considerado, em termos sintáticos, uma **frase**.” (p.507).

Até aqui, nos interessam dois pontos: 1) a afirmação de que essa frase é um enunciado e 2) a afirmação de que *Mulheres e crianças primeiro!* tem sentido completo.

Examinemos cada uma dessas afirmações.

Enunciado é definido nesse livro como “tudo aquilo que é dito ou escrito. É uma sequência de palavras de uma língua que costuma ser delimitada por marcas formais: na fala, pela entoação; na escrita, pela pontuação. O enunciado está sempre relacionado ao contexto em que é produzido.” (p.505). Ainda nessa obra, a *sintaxe* “é o conjunto de regras que determinam as diferentes possibilidades de associação das palavras da língua para a formação de enunciados.” (ibidem).

Entende-se, nesse caso, que *enunciado* e *frase* podem ser tomados um pelo outro pelo critério do *fazer sentido num determinado contexto*. Isso é confirmado na observação presente no livro do professor que informa que o conceito de frase da obra “estabelece uma ponte entre a noção discursiva de enunciado e as unidades que serão objetos de estudo da sintaxe: sintagmas, orações e períodos”, sendo, assim, “correto afirmar (...) que todas as frases são enunciados da língua.” (p.506)

No subitem “Os enunciados da língua”, ao qual pertence o exemplo da capa do livro, a *frase* é apontada como uma das três unidades dos enunciados da língua, sendo as outras duas a *oração* e o *período*. Assim, em CI, enunciado é toda e qualquer construção linguística. Sabendo disso, podemos verificar o segundo ponto a respeito do sentido de *Mulheres e crianças primeiro!*

Na sequência da exposição sobre *frase*, é dito que “O essencial para decidir se um enunciado é ou não frase é o fato de ele apresentar um sentido completo em um contexto específico.” (p.507) A pergunta que fazemos é como se determina o sentido desses enunciados? Nos interessa saber se, da forma como é exposto o assunto, fica claro para o aluno determinar o que “tem ou não sentido”. Também nos interessa saber se, uma vez “decidido” que um enunciado é realmente uma frase, o aluno consegue explicar o que dá sentido a ela.

Parece-nos que afirmar que *Mulheres e crianças primeiro!* tem sentido completo, sem demonstrar o que dá base a essa afirmação, é fazer uma reflexão superficial em relação à produção de sentido. Se o critério que determina o conceito de *frase* em questão é o sentido, julgamos fundamental um tratamento mais aprofundado e sistemático desse critério para que ele não seja tomado de forma intuitiva pelo aluno.

A partir do exemplo dado no livro, podemos partir da pergunta: por que consideramos *Mulheres e crianças primeiro!* um enunciado de sentido completo?

Em busca pela internet, encontramos outras ocorrências de *Mulheres e crianças primeiro*. Vejamos, então, alguns desses casos em que a expressão aparece:

(6a) *Por que mulheres e crianças têm prioridade em situações de emergência?*

*"Em situações de emergência, crianças e mulheres são os mais propensos a sofrer abusos e explorações", explica Halim Antônio Girade, coordenador da área de emergências da Unicef no Brasil. "Pessoas desse grupo são os primeiros a perder seus direitos em condições extremas, assim como os idosos, que também devem receber atendimento prioritário". Um incidente que ilustra bem este problema é o furacão Katrina, que alagou a cidade de Nova Orleans, EUA, em 2005. Nos abrigos, mesmo abarrotados de gente, muitas mulheres sofreram abuso sexual. Já em países com guerras civis, é comum treinar crianças para entrar na guerrilha.*²⁵

(6b) *Mulheres e crianças primeiro é lenda náutica, afirma pesquisa*

*O lema "Mulheres e crianças primeiro" acaba de se revelar um mito da história da navegação. Mais correto seria "cada um por si e Deus por todos". Um estudo inédito com 18 desastres marítimos, envolvendo cerca de 15 mil pessoas entre 1852 e 2011, mostrou que, na verdade, morrem proporcionalmente mais mulheres e crianças, e mais passageiros do que tripulantes e capitães.*²⁶

(6c) *Mulheres e crianças primeiro, homens descartáveis*

*Apesar da evidente existência da ideologia de "mulheres e crianças primeiro", ao contrário do que a autora afirma, em nenhuma hipótese a vida de uma mulher tem mais valor que a de um homem. Na verdade, essa ideologia é bem semelhante ao cavalheirismo no sentido de que expõe as mulheres como meras incompetentes.*²⁷

²⁵ LINARDI, Fred. Por que mulheres e crianças têm prioridade em situações de emergência? <http://mundoestranho.abril.com.br/materia/por-que-mulheres-e-criancas-tem-prioridade-em-situacoes-de-emergencia>. Acesso em : 21/01/2015

²⁶ BALUAME NETO, Ricardo. 'Mulheres e crianças primeiro' é lenda náutica, afirma pesquisa. <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saudeciencia/61641-mulheres-e-criancas-primeiro-e-lenda-nautica-afirma-pesquisa.shtml>. 19/ago/2012. (adaptado). Acesso em 21/01/2015

²⁷ VALLADARES, Maria Luiza. Mulheres e crianças primeiro, homens descartáveis. <http://blogueirasfeministas.com/2013/07/mulheres-e-criancas-primeiro-homens-descartaveis/>. (adaptado). Acesso em : 21/01/2015

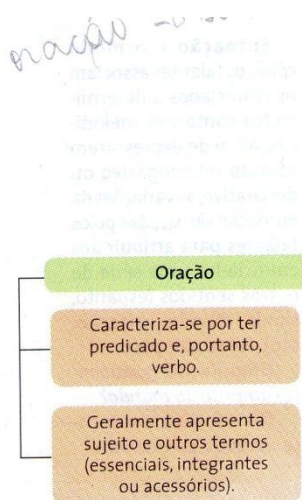
O texto em (6a) mostra o surgimento desse princípio de que, em situações de risco, mulheres e crianças devem receber tratamento prioritário. Pela razão exposta, há uma repetição de ações em que essa lógica é respeitada, tornando o enunciado recorrente nas situações de perigo. Em (6b), é informada uma pesquisa que passa a considerar esse princípio um mito. E (6c) é um texto cuja autora questiona esse princípio, a partir de uma visão feminista que o considera como pretexto para subjugar a capacidade feminina. Por essas ocorrências, percebemos que essa construção *mulheres + crianças + primeiro* se cristalizou devido ao seu percurso de enunciações, tanto que em (6a) o autor do texto a chama de “lema”. Quando nos é apresentado no LD a capa com esse título, reconhecemos o sentido, porque há uma entrada desse acontecimento enunciativo na memória de outros, que formam o corpus, como propõe Rastier (1998), de *Mulheres e crianças primeiro*. Daí o efeito de completude da expressão que leva à afirmação de que ela tem sentido completo. Mas, na verdade, o que acontece é um recuperar da memória da expressão que, pela recorrência em outras enunciações, provoca uma saturação no acontecimento enunciativo. Não existe na expressão *Mulheres e crianças primeiro* uma completude de sentido, pois, como o próprio livro aponta, é necessário se considerar algo que vai além do que está exposto, a que chamam de contexto. Portanto, ao ser anunciado na capa, *Mulheres e crianças primeiro!* entra na relação de outros dizeres, ao que Rastier (1998) chama de intertexto. Entendemos que o que o LD apresenta como o “contexto específico” no qual o enunciado apresenta sentido é o que chamamos de intertexto.

Apresentar ao aluno ocorrências que mantêm relação entre si é importante para que se possa perceber como o efeito de sentido da expressão que se está analisando foi construído. Com essa prática, podemos levar o aluno a entender que nenhum termo ou expressão possui um sentido completo em si mesmo, como o faz entender a forma como isso é muitas vezes dado nas salas de aula, mas esse efeito de completude se dá na relação dessa palavra ou expressão no presente da enunciação com as suas enunciações anteriores. *Mulheres e crianças primeiro!* parece ter “sentido completo”, como afirma o LD, porque ganhou, ao longo de seu histórico enunciativo, um recorte de significação determinado pelos acontecimentos dos quais participou. Há, assim, uma saturação da frase no acontecimento, como se, ao se realizar como título na capa do livro, trouxesse uma ligação do presente com o passado, que resultasse num efeito de completude. Mas não se trata de algo *completo*, fechado, acabado, e sim algo *saturado*, no sentido de conter o maior

número de possibilidades que se condensam. Por isso, no campo da significação, não acreditamos na completude de sentido num determinado contexto, mas sim na saturação de determinado enunciado no seu acontecimento, como vimos em *Mulheres e crianças primeiro!*.

Na CI, dando sequência ao capítulo de introdução à sintaxe, notamos esse mesmo problema a respeito do que é tratado como sentido no subitem “Oração”. Após definir *oração*, são dados alguns exemplos.

(7)



• A oração

Como se viu, o critério utilizado para identificar as frases é discursivo, ou seja, está relacionado ao contexto em que são apresentados os enunciados. A gramática normativa estuda também os enunciados a partir de considerações de natureza sintática, aquelas que explicam as relações entre as palavras de um enunciado e a função de cada uma delas. Uma importante unidade sintática é a **oração**.

Tome nota

Oração é um enunciado linguístico que apresenta uma estrutura caracterizada sintaticamente pela presença obrigatória de um predicado. O predicado é introduzido, na língua, por um verbo. Por esse motivo se diz que toda oração precisa ter um verbo. A oração apresenta, na maioria dos casos, um *sujeito* e vários outros termos (essenciais, integrantes ou acessórios).

Observe alguns exemplos de oração.

Corram!

Nós compramos livros muito interessantes na Bienal.

Esses exercícios parecem muito difíceis.

Chove muito em Manaus.

... que Eduardo venha amanhã.



Dos exemplos apresentados acima, pode-se concluir que algumas orações, como *Corram!* e *Chove muito em Manaus*, são também frases. É importante observar, porém, que há orações, como *... que Eduardo venha amanhã*, que, isoladas do contexto, não chegam a constituir frases, pois não têm sentido completo.

FIGURA 15 – Exemplo (7)
FONTE: CI, V2, p. 508

Selecionamos dois desses exemplos para empreender nossos comentários:

(7a) Chove muito em Manaus.

(7b) ...que Eduardo venha amanhã.

Esses exemplos são usados para estabelecer uma diferença entre *frase* e *oração*. Segundo as autoras da coleção, (7a) é, além de uma oração, uma frase. Já (7b) é somente uma oração, pois “isolado do contexto”, não tem “sentido completo”. A questão que levantamos aqui parte da afirmação do LD de que (7a) tem “sentido completo”. Em que circunstâncias podemos afirmar isso? Pensemos na situação em que alguém caminhando por uma calçada diga repentinamente “Chove muito em Manaus.” Ou, se durante uma aula de História, cujo tema fosse “A Revolução Francesa”, um aluno dissesse “Chove muito em Manaus”. Qual seria a pertinência desses dizeres nas situações descritas? Parece-nos que nenhuma. O que marca a diferença entre (7a) e (7b) está na forma como estão apresentadas enquanto estruturas linguísticas e a relação dessa materialização com o acontecimento enunciativo do qual participam.

Em (7a), não há marcas explícitas de adesão ao texto, mas o enunciado reclama um intertexto do qual faça parte, senão teremos as situações que hipotetizamos acima. Para que funcione discursivamente, a afirmação de (7a) deve ser relacionada com outras, como (7a') ou (7a'')

(7a'') - Vou conhecer Manaus. Dizem que lá é muito quente.

- Sim, já morei lá, é quente mesmo. Mas chove muito em Manaus.

(7a'') – **Chove sempre e muito!** Há o período chuvoso (Dezembro a Maio) e o período menos chuvoso (Junho a Novembro). A diferença é que no chuvoso vai chover *TODO* dia, *muuuu*ta água. No menos chuvoso chove alguns dias, menor volume de água. Não há hora certa pra chover. Pode chover várias vezes no dia.

– Carregue **SEMPRE** um **guarda-chuva**. Você sai com um belo sol e céu azul, mas vai cair toró a qualquer momento. E é um toró de encharcar até sua roupa de baixo e o que tiver dentro da bolsa/mochila. Se não chover, pode ser usado como sombrinha para te proteger do sol.²⁸

²⁸ Dicas sobre Manaus. <http://pequenograndemundo.com/2013/11/01/manaus-dicas-importantes-para-viajantes/>. Acesso: 21/01/2015

O conjunto dessas enunciações de *Chove muito em Manaus* forma o intertexto que dá pertinência a esse enunciado e dá a ele esse efeito de completude de sentido a que se refere o LD. Mas para que o aluno perceba a relação de dizeres que forma o intertexto, se faz necessária a produção de ocorrências como fizemos em (7a') e (7a''). A partir dessa observação, fica mais claro para o aluno o percurso percorrido pela memória enunciativa que o leva a afirmar se a oração em questão é ou não uma frase, baseando-se no que propõe o LD.

Já a própria estrutura de (7b) apresenta marcas de adesão do enunciado a um texto, como o uso de reticências ou da conjunção subordinativa integrante *que*. Isso explicita que, antes daquilo que foi apresentado *...que Eduardo venha amanhã*, existe obrigatoriamente algo, como:

(7b') [*É conveniente*] *que Eduardo venha amanhã*.

Então, não é correto afirmar que (7b) pertence a um tipo de oração que, fora do contexto não constitui frase porque não tem sentido completo. Como foi apresentado no LD, (7b) não possui o mesmo efeito de completude que (7a) porque está literalmente incompleta em relação à sua estrutura; simplificando, falta um pedaço dessa estrutura.

Nesse mesmo item do LD, é dado o exemplo de *Corram!* como uma oração que também é frase. No entanto, é necessário refletir sobre o percurso enunciativo de *Corram!*, assim como fizemos em relação a *Chove muito em Manaus.*, para que possamos observar o grau de saturação no acontecimento enunciativo de tal enunciado.

Passando nossa observação para a CII, vemos que, ao definir *frase*, os autores do LD o fazem como unidades de texto. Aqui percebemos uma mudança de perspectiva em relação à CI, apesar de ambas trabalharem com a noção de completude do sentido em uma situação de comunicação. A diferença é marcada na forma como definem enunciado: *uma unidade menor de texto*. Os exemplos dados deixam evidente essa concepção.

(8)

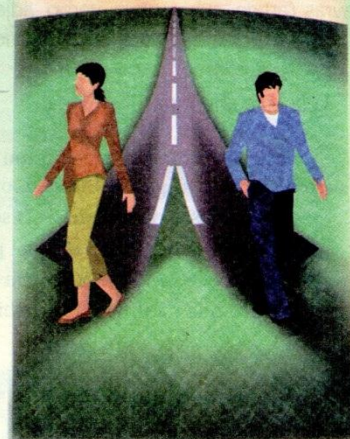
Frases — Orações — Períodos



Conceituando

Leia este diálogo entre namorados, de Luís Fernando Veríssimo:

- Eu...
- Queria me dizer uma coisa?
- É. Acho que...
- Esta nossa relação não vai dar certo?
- Isso. Eu simplesmente não...
- Aguenta mais?
- Exato. Esse seu hábito de...
- Terminar as frases dos outros?
- É. É! Eu tentei, mas...
- Não consegue?
- Não consigo. Não é nada...
- Contra mim? É só por que eu termino as suas frases?
- É. Porque você...
- Faço isso?
- É. Sempre termina a...
- Frase dos outros? Porque eu já sei o que vão dizer. Você é o quinto ou sexto namorado que me diz a mesma coisa.
- Quer dizer que nós nos tornamos...
- Previsíveis? Se tornaram.
- Todos reclamam...
- Da mesma coisa? Reclamam.
- Bom, então é...
- Tchau?
- É.



Carmen Thiago

("Namorados". *O Estado de S. Paulo*, 13/6/2004. © by Luís Fernando Veríssimo.)

FIGURA 16 – Exemplo (8)

FONTE: CII, V2, p. 262

Ao considerar frase cada fala do diálogo, o LD mostra mais claramente a qual *situação comunicativa* está se referindo. Mas o problema desse tratamento dado à frase está na falta de desenvolvimento dessa ideia. Logo após o texto, segue a explicação do que seja frase e sua relação com o diálogo usado como exemplo.

(8a)

Nesse texto, os namorados interagem por meio de enunciados — palavras ou conjuntos de palavras — que constituem unidades menores do texto e que têm sentido completo, ou seja, eles estabelecem comunicação por meio de frases.

O trecho “Todos reclamam da mesma coisa?” é uma unidade do texto e tem sentido completo; por isso é uma frase.

“Todos reclamam da mesma coisa?”, além de frase, é uma **oração**, porque apresenta um *verbo* — *reclamar*.

Normalmente, as frases apresentam pelo menos um verbo. Quando isso não ocorre, dizemos que são frases nominais, como “Que susto!”, “Droga”, “Fora!”.

Na escrita, a frase começa com letra maiúscula e termina com ponto, ponto de interrogação, ponto de exclamação ou reticências. Na fala, a frase é marcada pela entonação, isto é, um tom de voz que expressa a intenção de quem fala.

No início do texto, o namorado diz, hesitante, “Eu...”. Se quisermos expressar a intenção do namorado, devemos ler essa frase com um tom de voz que mostre insegurança, indecisão, embaraço.

Tipos de frase

Há quatro tipos de frase:

- **a interrogativa**, que usamos para fazer uma pergunta:
Quem chegou?
- **a declarativa**, que usamos para dar uma resposta, uma informação ou contar alguma coisa:
Choveu a noite toda.
- **a exclamativa**, que usamos para expressar espanto, surpresa, emoção, admiração, alegria, etc.:
Que bela canção você compôs!
- **a imperativa**, que usamos para expressar uma ordem, um desejo, um pedido:
Feche a janela, por favor.

O trecho utilizado na explicação é uma interrogativa que por sua configuração já motiva uma adesão a outros enunciados. Toda pergunta, mesmo retórica, pressupõe um tipo de resposta. Além disso, as palavras “todos” e “coisa” projetam um movimento de recuperação do seu referencial. Então, há marcas que remetem essa frase tanto para uma informação anterior, quanto para a resposta afirmativa ou negativa à pergunta. A afirmação dada pelo LD de que “O trecho *Todos reclamam da mesma coisa?* é uma unidade de texto e tem sentido completo, por isso é uma frase”, reclama um desenvolvimento que leve o

aluno a perceber o que é uma unidade de texto e o que é o sentido completo, já que, para entendê-la, precisamos relacioná-la a um antes e um depois na progressão textual.

Outro problema é que, no diálogo, essa frase é iniciada por um personagem (linha 20) e finalizada por outro (linha 21), ou seja, não há, no texto, o trecho da forma como foi citado no exemplo do LD. Isso também compromete o entendimento do que está sendo informado no 5º parágrafo da explicação, ao dizer que “Na escrita, a frase começa com letra maiúscula e termina com ponto, ponto de interrogação, ponto de exclamação ou reticências.” (p.263). Com base nisso, *Todos reclamam...* e *Da mesma coisa?* seriam frases diferentes. O que motivou os autores a unir as duas falas no exemplo de frase não é explicitado. Curioso é que o texto utilizado no início da seção é todo construído com essa fragmentação das falas em que um personagem sempre completa a fala do outro, o que leva a uma recorrência do movimento de ancoragem para a constituição da significação do texto. Mesmo assim, essa significativa característica desse texto, em momento algum, foi explorada.

Se o gênero do texto tivesse sido considerado, os autores poderiam ter mostrado aos alunos que as frases no diálogo, mesmo que escrito, podem reproduzir a fala, em que é comum haver uma fragmentação das frases, e sua recuperação se dá de forma diferente do que acontece na escrita. O exemplo dado (a tipologia textual e o gênero apresentados) não condiz com a definição de *frase* dada pelo LD. Analisando o que foi apresentado, nos parece que o que está implícito à explicação do LD é que, apesar de estarem em falas de personagens diferentes, formam a unidade de texto a que o LD se refere. Mas falta a explicação, então, de que as reticências mencionadas na explicação, nem sempre indicam o final de uma frase. Parece-nos um daqueles casos muito citados pelos estudiosos da “gramática no texto” em que o texto serve somente de “pretexto” no ensino de gramática.

No último parágrafo da explicação, o sentido do *Eu...*(linha1) é dado à intenção do personagem expressa através da entonação. Mas não é um texto escrito? Mais uma vez não há uma explicação que justifique as afirmações feitas no LD. Parece-nos que o papel do aluno é o de acreditar no que o livro diz, aceitando a lógica imposta (mas não demonstrada). Poderíamos perguntar:

- quais outros textos nos fazem reconhecer esse tipo de diálogo como uma conversa de namorados?
- o que nos permite afirmar que o *Eu...* deve ser interpretado de forma “hesitante”?

- a quais outros textos essa crônica se relaciona? Como se dá a relação intertextual aqui? Em que outras enunciações a conversa entre os namorados poderia ser inserida?

Na CIII, acontece algo semelhante ao que expusemos em CII. Mais uma vez, *frase* é definida como um enunciado, não um enunciado que tem sentido, como em CI e CII, mas que “estabelece uma comunicação de sentido completo”. Percebemos um deslocamento aqui entre *ser o enunciado o possuidor de sentido* e *ser o enunciado o que institui a comunicação*, essa sim, com sentido completo. Essa concepção fica mais clara quando vemos, no início do capítulo sobre morfossintaxe, *enunciado* sendo tratado como texto.

(9)

Morfossintaxe: seleção e combinação das palavras

NO TEXTO

Observe estes dois textos, que você já viu no estudo da “Coesão textual”, no volume 1 desta coleção, Capítulo 19.

Leitura

TEXTO 1

Dia incandescente de sol. Ruas expostas ao calor. Corpos largados, sangue escuro, zumbido de insetos. Desolação.

TEXTO 2

O motorista parou o ônibus, pois o passageiro desceu. Além disso, ela andou e casou.

- 1 Existe relação de sentido entre as frases do texto 1? O que você entende do enunciado?
- 2 E no texto 2, existe relação de sentido entre as orações e as frases? O que você entende dele?
- 3 De acordo com o que você já aprendeu, o que causa estranheza ao chamarmos o primeiro enunciado de texto 1 e o segundo de texto 2?



FIGURA 17 – Exemplo (9)
FONTE: CIII, V2, p.389.

Apesar de nenhuma definição anterior, vemos que, na questão 3, os textos 1 e 2 são tratados por enunciados. Dessa maneira, acreditamos que a afirmação de que o enunciado

estabelece a comunicação tenha sua base na concepção interacional da língua, princípio da linguística textual, que adota a noção de texto como unidade de sentido.²⁹

Para apresentar a definição de frase é dado o seguinte poema:

(10)

²⁹ COSTA VAL (2006) e KOCH (2004).

Frase, oração e período

NO TEXTO

Leia alguns versos de Cora Coralina.

Leitura

A escola da Mestra Silvina

Minha escola primária...
Escola antiga de antiga mestra.
Repartida em dois períodos
para a mesma meninada,
das 8 às 11, da 1 às 4.
Nem recreio, nem exames.
Nem notas, nem férias.
Sem cânticos, sem merenda...
Digo mal — sempre havia
distribuídos
alguns bolos de palmatória...
A granel?
Não, que a Mestra
era boa, velha, cansada, aposentada.
Tinha já ensinado a uma geração
antes da minha.

A gente chegava “— Bença, Mestra.”
Sentava em bancos compridos,
escorridos, sem encosto.
Lia alto lições de rotina:
o velho abecedário,
lição salteada.
Aprendia a soletrar.

[...] Banco dos meninos,
Banco das meninas.
Tudo muito sério.
Não se brincava.
Muito respeito.
Leitura alta.
Soletrava-se.
Cobria-se o debuxo.
Dava-se a lição.
Tinha dia certo de argumento
com a palmatória pedagógica
em cena.
Cantava-se em coro a velha tabuada.
Velhos colegas daquele tempo...
Onde andam vocês?

[...] E a Mestra?...
Está no Céu.
Tem nas mãos um grande livro de ouro
e ensina a soletrar
aos anjos.

Debuxo: esboço,
rascunho.

CORALINA, Cora. *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*.
São Paulo: Global, 1985. p. 75-76, 78. (Fragmento).

FIGURA 18 – Exemplo (10)
FONTE: CIII, V2, p.390.

A esse texto seguem seis questões referentes a ele, das quais selecionamos duas para nossa análise – a 2 e a 4.

2. *Antigamente os alunos eram punidos com a palmatória, peça de madeira circular usada como instrumento de castigo. Com base no enunciado, explique o que o eu lírico quis dizer com esta expressão: bolos de palmatória.*

Nosso foco aqui é no uso da palavra *enunciado*. Para responder a essa questão, não basta a leitura da frase em que está empregada *Digo mal – sempre havia / distribuídos / alguns bolos de palmatórias...*, mas de pelo menos os 11 últimos versos da primeira

estrofe. Isso ajuda a confirmar a noção de enunciado como texto da qual falamos anteriormente.

A segunda questão é a de número 4 que transcrevemos abaixo:

4. *Releia esta estrofe no final do poema:*

“E a Mestra?...Está no Céu. / Tem nas mãos um grande livro de ouro / e ensina a soletrar / aos anjos.”

- a) *As três frases apresentam um sentido completo? Por quê?*
- b) *Qual desses enunciados apresenta uma construção diferente dos outros dois? Por quê?*

Apesar de não haver uma explicação anterior a respeito da diferença entre verso e frase, podemos deduzir que as frases a que (4a) se referem são:

1. *E a Mestra?...*
2. *Está no Céu.*
3. *Tem nas mãos um grande livro de ouro e ensina a soletrar aos anjos.*

Incorre-se aqui no mesmo problema apresentado na CI em relação aos diálogos da crônica. A atividade é apresentada como se fosse certo o conhecimento do aluno da diferença entre texto em prosa e texto em verso. No entanto, ainda que o aluno saiba diferenciar frase de verso, entender cada uma dessas sequências como tendo *sentido completo* é minar sua capacidade de reflexão. A resposta sugerida pelas autoras a essa questão, no livro do professor, é a seguinte

4. a) *Sim, pois elas estabelecem uma comunicação ou nos transmitem pensamentos, ideias, completas. (Suplemento do Professor, p.82)*

A primeira frase, *E a Mestra?* traz a conjunção *E* como marca explícita de adesão ao texto, daí já poderíamos questionar a qual sentido completo o LD está se referindo.

As outras frases *Está no Céu e Tem nas mãos (...)* não apresentam o lugar de sujeito ocupado, o que nos leva, se as analisarmos isoladamente, às perguntas básicas: quem *está?*, quem *tem?*, cuja resposta se ancora em outra(s) frase(s) do poema. Dito isso, ratificamos a importância de se observar a língua considerando o seu estatuto relacional. Só podemos falar em produção de sentido se relacionamos os enunciados que constituem esse texto entre si e os inserimos em outras enunciações.

Voltando, agora, nosso olhar para (4b), percebemos uma mudança no uso da palavra *enunciado*. Antes tratado como *texto*, aqui, enunciado passa a ser *frase*, visto que se refere à questão anterior (o pronome *desses* marca isso), (4a), a respeito de três frases do poema.

Não podemos deixar de considerar que, nos LD analisados, houve um avanço em relação à discussão a respeito do *enunciado*, pois o termo ganha um papel de destaque no estudo a respeito da *frase* e, com isso, do *sentido*. Nas coleções, notadas as diferenças entre elas, percebemos um movimento em se relacionar produção de sentido a texto. Isso é visto com mais destaque nas coleções CII e CIII, que trazem o *enunciado* como *unidade menor de texto* e *o que estabelece uma comunicação*, respectivamente. Por sua vez, CI considera *enunciado* como *toda e qualquer produção linguística*, mas, ao mesmo tempo enfatiza a importância de se considerar o enunciado no *contexto* para se definir *frase*. No entanto, como demonstramos, falta ainda considerar a relação entre memória e atualidade dos dizeres para que o ensino, ao que tange o campo da significação, ganhe um deslocamento do “critério” que se vale da intuição do aluno/professor para se determinar o que tem ou não sentido, como é a prática ainda em voga nos LD, para o uso de uma sistematização desse estudo. Com esse objetivo é que propomos os conceitos de *intertexto* e *saturação no acontecimento enunciativo* em oposição aos conceitos usados pelos LD de *contexto* e *completude de sentido*, que se mostram pouco específicos. Ainda nesse sentido, defendemos uma mudança no tratamento dos exemplos utilizados no ensino da língua, que sairiam de uma prática que mostra ocorrências singulares, o exemplo-ilha, para uma prática de exemplos que criam um conjunto de ocorrência que estabelecem relação entre si, exemplos-colmeia.

3.2 EXEMPLO-COLMEIA: UMA METODOLOGIA DE ENSINO

Desenvolvemos o item anterior deste capítulo, mostrando como o trabalho com diferentes enunciações de uma forma linguística pode levar o aluno a perceber e entender a relação de significação. O sentido é produzido na enunciação como um acontecimento e se faz necessário elaborar uma metodologia que leve o aluno a sistematizar e analisar essa produção de sentido, tirando critérios apresentados como semânticos nos LD do campo da intuição do usuário da língua. Pensar esse procedimento de análise corrobora com a prática de análise linguística.

O uso que fizemos de um conjunto de exemplos que têm relação entre si recebe o nome de exemplo-colmeia. O conceito de exemplo-colmeia foi criado e desenvolvido por Dias (2006) em contraponto com o que ele denominou de exemplo-ilha.

Muito utilizado em LD e gramáticas normativas, o exemplo-ilha é aquele que, por ser utilizado de forma isolada, firma um paradoxo entre servir ao conceito gramatical que é apresentado e ser efetivo ao uso. Os exemplos retirados das coleções analisadas, transcritos na seção 3.1, demonstram o que estamos falando. São exemplos que, como diz Dias (2006), têm um bom resultado em termos de explanação didática, mas, como peça de discurso, demonstram uma baixa funcionalidade. Ou seja, cria-se um problema na relação entre conceito e exemplo.


Ao propor o exemplo-colmeia, esse autor visa extinguir tal paradoxo, uma vez que o exemplo é trazido para criar um *corpus* de enunciações de uma forma linguística. Dessa maneira, o exemplo dado é inserido em outras ocorrências daquele enunciado, como buscamos demonstrar em (6) e (7).

Na introdução da tese, tomamos o exemplo (1) para abrir questões a respeito da rede de memórias do enunciado tratado na atividade. No capítulo 1, tornamos a utilizar tal exemplo para colocar o problema do uso do termo *contexto* nas aulas de gramática. Agora, vamos retomar (1), para, através da metodologia do exemplo-colmeia, demonstrar como pode ser orientado o trabalho de ensino da língua que leva o aluno a perceber a relação entre a dimensão orgânica e a dimensão enunciativa dessa língua, isto é, perceber a língua como forma e discurso.

(1)

» O anúncio abaixo deve servir de base para as questões 5 e 6.

Pode ter inversão térmica. Pode ter trânsito louco. Pode ter seus problemas. Com tudo isso, a gente não pode deixar de amar essa cidade. Feliz aniversário, São Paulo.



▲ 27º aniversário. São Paulo: Clube de Criação de São Paulo, 2002. p. 174.

5. Observe o enunciado que aparece no canto superior direito do anúncio. Como é constituído sintaticamente?
 - ▶ Desconsiderando o contexto, é possível compreender o que é afirmado?
6. Esse anúncio foi veiculado por ocasião do aniversário da cidade de São Paulo. Que elementos do texto caracterizam esse contexto?
 - ▶ Considerados os elementos contextuais do anúncio, como pode ser entendida a afirmação “É. O amor é cego”?

FIGURA 2 – Exemplo (1)

Fonte: CI, v.2, p. 510.

Vimos que as autoras classificam *É. O amor é cego* como *frases*, e isso só é possível se considerarmos a rede de memória desses enunciados. Se levarmos em conta apenas a definição indicada no livro, não é possível aceitarmos *É* como frase. A resposta dada pelas autoras à questão 5³⁰ mostra que foram considerados elementos que vão além do que está materializado, *É*, isoladamente, pode nos indicar, no máximo, que se quer afirmar algo que já foi ou será dito. Ainda em 5, para responder à segunda questão, foi preciso remeter-se ao percurso enunciativo da expressão *O amor é cego*, que as autoras apontam como “afirmação genérica”. Mas o que dá a essa expressão esse estatuto genérico? Observemos essa expressão em diferentes enunciações em que ela aparece³¹.

(1a) O amor é cego, por isso os namorados nunca veem as tolices que praticam.

(1b) O amor é cego, a amizade fecha os olhos.

³⁰ “O enunciado é constituído de duas frases curtas: “É.” e “O amor é cego”. Em cada frase, há uma oração (um período simples). (Guia de Recursos, p.188)

³¹ Todas essas ocorrências encontradas em http://pensador.uol.com.br/o_amor_e_cego/. Acesso: 20/01'2015.

(1c) Nunca devemos julgar as pessoas que amamos. O amor que não é cego, não é amor.

Nas ocorrências em (1), percebemos a afirmação de que, ao se amar, todos os defeitos do ser amado devem ser relevados. Caso isso não aconteça, é sinal de que o sentimento não é verdadeiro. Ama-se sempre incondicionalmente, é a mensagem subliminar desse pensamento expresso pela metáfora *o amor é cego*. Esse pensamento do amor romântico medieval carrega a mensagem subliminar, expressa pela metáfora *o amor é cego*, de que esse sentimento é sempre incondicional. Daí, encontramos a ocorrência (1d) que leva essa afirmação às últimas consequências, ignorando qualquer racionalidade no *amor*.

(1d) Sabe o que é o amor? Ele é cego, surdo, mudo, sem preconceitos, não liga pra idade, qualidades, defeitos, apenas se sente, apenas se ama.³²

Também encontramos o provérbio, que, como característica dessa formulação, “sintetiza um pensamento que adquire um tom de verdade, ou de elevação.” (DIAS, 2006, p.48).

(1e) Quem ama o feio bonito lhe parece.³³

Apesar de não termos explicitamente a expressão *o amor é cego*, em (1e), a identificamos, porque feio e bonito são perceptíveis pelo sentido da visão, e essa distorção da imagem (de feio para bonito) se dá pela natureza de cegueira do amor, de não enxergar os defeitos da pessoa amada.

A história das suas enunciações mostra que a expressão se cristalizou em suas atualizações, daí seu estatuto genérico. Retomando a ideia de saturação no acontecimento enunciativo, dizemos que a expressão *o amor é cego* ganha o estatuto de mais saturada devido à recorrência das suas enunciações. O *contexto* a que as autoras se referem é a memória intertextual do *corpus* desse texto. Dessa forma, mesmo que seja pedido para se “desconsiderar o contexto”, é possível compreender o enunciado por causa do percurso das enunciações e também porque essa memória intertextual, que viabiliza a compreensão do texto, não pode ser desconsiderada, pois é parte constituinte desse enunciado no

³² <http://pensador.uol.com.br/frase/OTeZNDM4/>. Acesso em 24/01/2015

³³ <http://pensador.uol.com.br>. Acesso em 24/01/2015

acontecimento. A forma *É*, então, está (re)afirmando todas essas asserções anteriores, como mostramos de (1a) a (1e). E, ao mesmo tempo que afirma o passado, projeta uma nova afirmação, dando ênfase ao que irá ser afirmado.

Na questão 6, os elementos que caracterizam o “contexto” do aniversário da cidade de São Paulo estão presentes na imagem e no texto apresentado na publicidade. Portanto, esses elementos remetem, por um lado, à memória de enunciações de aniversário - “Feliz aniversário, São Paulo” - e, por outro, da cidade - “visão panorâmica de São Paulo, poluição, inversão térmica, trânsito louco”. O ponto de contato da memória e da atualidade desses fatores cria pertinência do enunciado *É. O amor é cego* nesse anúncio, o que leva à resposta da segunda questão de 6: “Considerados os elementos contextuais do anúncio, como pode ser entendida a afirmação ‘É. O amor é cego?’”.

Pelo exposto neste capítulo, acreditamos que o deslocamento do trabalho com o modelo de exemplo-ilha para o de exemplo-colmeia trará muito ganhos ao ensino de língua, uma vez que proporcionará ao aluno, através da observação de diferentes enunciações, a percepção da relação entre as dimensões orgânicas e enunciativas da língua. Nessa proposta, caberá ao professor buscar exemplos, em ocorrências reais da língua, que tenham relação no tema estudado. Com isso, segundo Dias (2006, p.52),

As aulas de português terão um ganho nas redes temáticas do dia-a-dia do aluno. Nesse sentido, o professor pode reunir exemplos que adquirem relação uns com os outros em determinado tema. Ele pode analisar as formas linguísticas tendo como pano de fundo as diferenças de enunciação dessas formas. Através dessas diferenças de enunciação, o aluno pode se ver motivado a perceber a interessante relação entre a língua e sua exterioridade.

Dadas a metodologia e suas bases teóricas que propomos para o ensino de português, vamos discutir, no próximo capítulo, como os lugares sintáticos podem ser abordados nessa perspectiva do campo da enunciação.

CAPÍTULO 4 - LUGARES SINTÁTICOS E ENSINO DE SINTAXE

Neste capítulo, buscaremos mostrar o quanto consideramos cara à sintaxe e ao ensino de gramática a noção de lugar sintático. No item 1.2.2, já discorremos sobre a teoria das posições de Milner e sobre o tratamento dado por Dias à sintaxe. Agora, buscaremos mostrar como essa reflexão poderia trazer grandes benefícios para o ensino de sintaxe, uma vez que a questão de seleção e combinação é abordada com bastante frequência nos manuais didáticos. O problema, como veremos adiante, é que pouco se discute sobre o que motiva e determina essa combinação e essa seleção nesses manuais, levando muitas vezes a perguntas sem respostas para o aluno, o que compromete a compreensão da sua própria língua e o objetivo da disciplina curricular.

A fim de apresentarmos os pontos que julgamos fundamentais nessa discussão sobre enunciação e ensino, vamos organizar esse capítulo da seguinte maneira: inicialmente, apresentaremos ainda alguns pressupostos teóricos sobre os lugares sintáticos, que complementarão os já dispostos no capítulo 1; em seguida, discorreremos a respeito dos lugares sintáticos de sujeito e de objeto, que receberam especial atenção do Grupo de Estudos da Enunciação/UFMG, coordenado pelo Prof. Dr. Luiz Francisco Dias. Trataremos dos dois por já possuímos, nesse nosso grupo de pesquisa sobre enunciação e sintaxe, trabalhos de expressão a respeito da projeção e ocupação desses lugares e também pelo tratamento de elementos fundamentais na constituição das orações, que tradicionalmente o sujeito e o predicado recebem na sintaxe.

4.1 LUGAR SINTÁTICO

Vimos que, para Milner (1989), são duas as possibilidades de se conceber as posições sintáticas e suas relações na sentença: *place* e *site*. O *place* marcaria a localização orgânica de um item lexical na sentença, e o *site* seria o lugar de pertinência dos termos em uma sentença. A relação entre pertinência categorial do termo ocupante, objeto da morfologia, e a etiqueta do lugar ocupado, objeto da sintaxe, é que determinaria a configuração sintática do *site*. Dessa maneira, interessa-nos a posição *site*, que é um lugar de pertinência não demarcado “geograficamente” (podendo muitas vezes nem mesmo estar ocupado).

Existe uma pertinência de ocupação dos lugares por fatos sintáticos motivada na relação entre a memória que constitui a regularidade e a atualidade da enunciação da qual essa ocupação participa. Dessa maneira, a ocupação do lugar sintático estará ligada às condições de produção de um enunciado, às quais chamamos de modo de enunciação, ou seja, a completude da sentença estará relacionada à configuração do seu modo de enunciação, que, segundo Dias (2005a), pode ser mais específico ou mais genérico. No modo de enunciação específico, há um recorte no acontecimento, focando numa referência pontual dos elementos que ocupam os lugares sintáticos. No modo de enunciação genérico, há uma abertura do campo referencial desses elementos, levando a um entrecruzamento da atualidade enunciativa e da memória para que haja a constituição da referência. Esse entrecruzamento se dá no acontecimento enunciativo. Vejamos um exemplo dado por Lacerda (2013) para demonstrar o grau de saturação do fato sintático no acontecimento. A demanda de saturação é produzida por uma discrepância constitutiva entre as duas dimensões: o plano da organicidade linguística e o plano do enunciável (DIAS, 2002a).

(C) Quem planta colhe.

(D) Pedro colheu.

Em (C), temos um modo de enunciação mais genérico, o que causa um efeito de completude semântica e sintática, mesmo não tendo os lugares de objeto dos verbos ocupados materialmente, organicamente. O termo que atua como sujeito gramatical constitui uma referência aberta a abrigar diferentes referentes que se enquadrem no perfil de referência amplo dessa sentença. Para que essa referência seja constituída faz-se necessária a busca pelas recorrências das enunciações de que “Quem (planta colhe)” participa. A sentença, nesse caso, é considerada saturada, pois, pelo modo de enunciação, a completude se configura, apesar do vazio.

Agora, ao observarmos (D), percebemos um grau menor de saturação, apesar do lugar de objeto também não ter sido ocupado. Isso se dá porque, diferentemente do primeiro caso, do provérbio, generalizador, o modo de enunciação é mais especificador, causando, assim, um efeito de insaturação na sentença. Consideramos o modo de enunciação em (D) mais especificador porque a sentença exposta possui no grupo nominal-sujeito “Pedro” uma referência específica, mais restrita, que se efetiva no presente do acontecimento enunciativo, e, desse modo, projeta uma particularização dessa referência.

A partir dessa análise, podemos dizer que o domínio de referência tanto do fato linguístico quanto da sentença é determinante na ocupação dos lugares sintáticos. Tomamos, aqui, domínio de referência de acordo com Lacerda (2014, p.32), que o define como “a delimitação de referentes passíveis de serem contemplados pela sentença”. Teremos então a relação entre o domínio de referência amplo ou restrito do fato gramatical e o domínio de referência amplo ou restrito da sentença, sendo o primeiro uma “repercussão” do segundo.

Resumindo, dizemos que os verbos projetam o lugar de objeto, estando esse ocupado ou não, mas a saturação ou insaturação da sentença não se dará em relação à condição do fato linguístico isoladamente, mas do modo de enunciação mais ou menos genérico da constituição da sentença.

uma sentença pode estar saturada mesmo tendo um lugar correspondente a uma função sintática essencial na oração não ocupado. Basta verificarmos fatores articulatórios, textuais e enunciativos, que configuram as chamadas condições operativas de ocupação do lugar sintático, condições essas que configuram o modo de enunciar da sentença. (LACERDA, 2013, p.15)

Dias (2007), analisando as gramáticas brasileiras, considera três condições que atuam na determinação de fatos gramaticais: as distributivas; as atributivas e as operativas.

As condições distributivas centram-se nas relações morfológicas dos termos constituintes da sentença por relações de interdependência, pois tratam da distribuição dos itens lexicais na sentença e da relação entre esses itens, “nesse quadro, o sujeito é um termo que atende a configurações formais específicas, como a concordância com o verbo e a posição em relação ao sintagma verbal.” (DIAS, 2002a, p.47). Uma análise do sujeito sintático em (C) e (D), com base nessas condições, temos os sujeitos “Quem” - ou o sujeito oracional “Quem planta” - e “Pedro” determinando a concordância com os verbos das sentenças e posicionados à esquerda do SN, como encontramos em Bechara (2001),

A característica fundamental do sujeito explícito é estar em consonância com o sujeito gramatical do verbo do predicado, isto é, se adapte (isto é, concorde) ao seu número, pessoa e gênero (neste caso quando há participação do predicado): *Eu nasci. Nós nascemos. Elas não eram nascidas.*

O reconhecimento seguinte do sujeito se faz pela posição normal à esquerda do predicado, bem como por responder às

perguntas quem (aplicado a seres animados), que? O quê? (aplicado a coisas), feitas antes do verbo. (p. 410)

As condições atributivas dizem respeito à sentença como “lugar-suporte” para os seus termos, dada a projeção de lugares pela estrutura argumental dos verbos, equivalente ao que na teoria gerativa é chamado de “posições”. Como exemplifica Dias (ibidem), “o sujeito é um lugar determinado pela configuração lexical do verbo.” Estruturas lexicais preenchem os argumentos projetados pelos verbos das sentenças.

E, por último, as condições operativas, da ordem da semântica ou da pragmática, que se referem à motivação do preenchimento dos lugares, direcionados por fatores que vão além da materialidade da sentença, “o sujeito é uma informação delineada como foco de atenção pelo falante e determinada pela necessidade de se apontar algo como relevante na interação, real ou virtual.” (idem, p. 48) Estão relacionados aos modos de enunciação genérico ou específico, como expusemos anteriormente, que determinam as condições de ocupação dos lugares sintáticos.

Dias (2002a, p.53) apresenta as duas primeiras condições como parte da linearidade da ordenação do arranjo sintático e a última como parte da sua verticalidade. Dito isso, na nossa perspectiva, consideramos mais as condições atributivas (projeção de ocupação dos fatos sintáticos) e operativas (motivação da ocupação dos fatos sintáticos). Porém, diante dessa afirmação, é importante dizermos que o suporte atributivo, para nós, é da ordem do enunciativo e não do argumental do verbo, como defendem os modelos sintáticos de base formal ou funcional.

Retomemos aqui, agora como exemplo (6), a atividade sugerida na CII, intitulada Textos-cloze, já comentada no capítulo 1 deste trabalho.

(6)

Sugestão 5 - Textos-cloze: “Qualquer que seja a unidade de conteúdo trabalhada, o professor pode fazer uso da técnica de texto-cloze, que consiste em escolher um texto em que haja uma incidência significativa do aspecto gramatical em estudo – por exemplo, substantivo, preposição, sujeito, orações coordenadas, figuras de linguagem, etc. e suprimir essas palavras ou termos, de modo que o aluno complete as lacunas de acordo com o sentido global do texto, com coerência e coesão. Naturalmente, nesse tipo de exercício não há respostas definitivas, mas respostas possíveis. Essa técnica pode ser utilizada tanto para introduzir o assunto – nesse caso, o aluno opera com o conceito antes

de formalizá-lo como para aprofundá-lo na forma de exercícios.” (Manual do Professor, p.30)

Nessa sugestão, cujo princípio é utilizado em outras atividades do livro, podemos explicar o preenchimento das lacunas pela ocupação dos lugares sintáticos. O trabalho deve ser feito com um texto, o que já indica que fatores articulatórios, textuais e enunciativos deverão ser considerados para o preenchimento dessas lacunas. A organização dos enunciados do texto levará o aluno a perceber a memória da regularidade dos termos da sentença, tornando-o capaz de ocupar os vazios deixados nas sequências. Para isso, basta nos lembrarmos da atividade 3, nosso exemplo (5):

(5)

Morfossintaxe: a seleção e a combinação de palavras

Construindo o conceito

Leia esta tira, de Fernando Gonsales:

(Tédio na chiqueiro. São Paulo: Devir, 2006. p. 23.)

- No 2º quadrinho da tira, foi empregado o advérbio *loucamente*.
 - Que tipo de circunstância esse advérbio expressa? *modo*
 - Identifique o sufixo desse advérbio e empregue-o na formação de outras palavras. *-mente / felizmente, facilmente, perfeitamente, legalmente, geralmente, etc.*
 - A partir do radical desse advérbio, forme uma família de palavras. *louco(a), louquinho(a), loucura, louquice, louquejar*
- A tira estabelece uma relação intertextual com outro texto. Qual é esse texto?
A parábola "Um elefante incomoda muita gente, dois elefantes incomodam muito mais" e assim por diante.
- Na anedota a seguir, foram propositalmente suprimidas duas palavras. Leia-a.

O prefeito foi visitar o manicômio da cidade. Chegando à biblioteca, vê um homem pendurado no teto, de cabeça para baixo. Preocupado, diz à bibliotecária do hospício:

 - O que é que esse está fazendo aí no teto?
 - Ele pensa que é um lustre.
 - Permitir isso é uma ! Ele pode cair e se machucar! Por que não o tiram daí?
 - Mas, à noite, como é que a gente vai fazer para ler no escuro?
 - Uma ou outra das palavras suprimidas na anedota poderia ser *loucamente*? *Não.*

FIGURA 7 – Exemplo (5)

FONTE: CII, V2, p.260

De acordo com as questões propostas e as respostas que orientam o professor, a escolha tem relação estritamente com a classe a que as palavras pertencem. Mas a reflexão não passa daí, o que gera um problema, uma vez que o aluno pode perceber que fez a atividade corretamente, mesmo sem saber ou se lembrar das classes de palavras, o que sabemos ser bem possível. Aqui, então, seria um bom momento para levar o aluno a pensar o que motivou esse preenchimento. Quais relações ele teve que realizar para identificar aquelas palavras? Por que, como lhe é questionado em (a), não poderia utilizar a palavra “loucamente”? A seleção e combinação das palavras num texto são motivadas por quais relações?

Essas questões que apontamos poderiam levar o aluno a perceber que não se trata apenas de um encaixe de certas classes de palavras em espaços pré-determinados para elas nas sentenças, mas de relações internas e externas à sentença que vão levar a essa ocupação, em outras palavras, começaríamos a levar o aluno a perceber os modos de enunciação (e, assim, as condições de produção das sentenças). Com isso, poderia entender que a língua possui uma memória e uma regularidade que faz com que ele, usuário da língua, consiga operá-la mesmo anteriormente a uma análise categorial dos seus componentes.

Como indicado na própria atividade, o texto em questão pertence ao gênero anedota, então a sua construção discursiva tem como objetivo o humor. Há no texto uma série de palavras e termos que nos remete a um domínio semântico de “loucura”, como “manicômio”, “um homem pendurado no teto” que “pensa que é um lustre” e “hospício”. Nas sentenças em que há a supressão das palavras, identificamos lexemas, morfemas e sequências próprios da morfologia e sintaxe da língua portuguesa do Brasil.

“O que é que esse [louco] está fazendo aí?

Permitir isso é uma [loucura].”

Dessa maneira, na cena em que se estabelece o acontecimento enunciativo juntamente com a sua materialidade sintática, é permitido ao leitor uma relação com a memória dos acontecimentos dos quais essas sentenças já participaram. A partir dessa “busca” pela memória de enunciações, há uma orientação do domínio de sentido a que pertencem as palavras que “caberão” nas lacunas, tanto pelo sentido quanto pela sua estrutura. Daí, numa determinada construção, termos “louco” e, em outra, “loucura”.

Com isso, nota-se que a ideia de “seleção”, em destaque no título do capítulo sobre morfossintaxe, é problemática ao se referir à língua. Nos exemplos que trazemos nesse trabalho, mostramos que as palavras estão discursivizadas, porque se constituem enquanto forma linguística na relação entre memória e atualidade, e não temos um controle total e individual desse processo. Apesar do livro trazer essa ideia da seleção, o exemplo que utiliza para expor esse tópico a derruba. No primeiro quadrinho da tirinha de abertura da seção, não há uma ocupação do lugar de sujeito:

(5a)



Os autores desse LD afirmam que a seleção e combinação de palavras são o “princípio fundamental da linguagem” (p.261), sendo assim, qual foi a seleção feita nessa sentença em relação ao sujeito de “descobrir”? Logo na sequência da exposição no LD, eles também afirmam que “Na fala ou na escrita, a seleção e a combinação de palavras são condicionadas pelo sentido que se quer dar ao enunciado.” (idem) Se estão condicionadas à produção de sentido, na formalização dos enunciados, as palavras estão discursivizadas, como já dissemos, num processo histórico dos dizeres. A concepção de que “todas as palavras (o léxico) e as várias possibilidades de combinação estão à sua [usuário da língua] disposição”, revela uma visão reducionista de língua como instrumento, e como tal, passível de manipulação pelo seu usuário. Nos termos de Dias (2009),

algo faz sentido não exatamente porque está associado aos eventos, às entidades, e ao tempo cronológico em que o dizer se manifesta materialmente, mas porque, antes de se associar a uma atualidade, ele está associado a uma dimensão pressuposta da realidade objetiva, a um campo de possíveis. Na perspectiva que estamos adotando neste estudo,

essa dimensão pressuposta da realidade guarda uma relação com a interdiscursividade³⁴. (p.12)

Na CI, no capítulo “Introdução ao ensino de sintaxe”, buscando abordar a seleção e a combinação das palavras no enunciado, as autoras apresentam dois quadros comparativos, que chamaremos de exemplo (11):

(11)

<i>Ontem</i>	<i>Cláudia</i>	<i>comprou</i>	<i>um</i>	<i>CD</i>	<i>dos</i>	<i>Titãs</i>	<i>no</i>	<i>shopping</i>
<i>Ontem</i>	<i>comprou</i>	<i>Cláudia</i>	<i>um</i>	<i>CD</i>	<i>dos</i>	<i>Titãs</i>	<i>no</i>	<i>shopping</i>
<i>Cláudia</i>	<i>comprou</i>	<i>ontem</i>	<i>um</i>	<i>CD</i>	<i>dos</i>	<i>Titãs</i>	<i>no</i>	<i>shopping</i>
<i>Cláudia</i>	<i>comprou</i>	<i>um</i>	<i>CD</i>	<i>dos</i>	<i>Titãs</i>	<i>ontem</i>	<i>no</i>	<i>shopping</i>
<i>Cláudia</i>	<i>comprou</i>	<i>um</i>	<i>CD</i>	<i>dos</i>	<i>Titãs</i>	<i>no</i>	<i>shopping</i>	<i>ontem</i>
<i>Cláudia</i>	<i>comprou</i>	<i>no</i>	<i>shopping</i>	<i>um</i>	<i>CD</i>	<i>dos</i>	<i>Titãs</i>	<i>ontem</i>
<i>Ontem</i>	<i>no</i>	<i>shopping</i>	<i>Cláudia</i>	<i>comprou</i>	<i>um</i>	<i>CD</i>	<i>dos</i>	<i>Titãs</i>

As combinações acima são algumas das possibilidades de organização sintática das palavras desse enunciado. Em todas elas, o sentido pretendido fica preservado e é perfeitamente compreensível. Há combinações, no entanto, que são meras seqüências de palavras e não chegam a formar um enunciado.

<i>shopping</i>	<i>Cláudia</i>	<i>Titãs</i>	<i>ontem</i>	<i>CD</i>	<i>no</i>	<i>dos</i>	<i>um</i>	<i>comprou</i>
<i>Titãs</i>	<i>um</i>	<i>comprou</i>	<i>no</i>	<i>Cláudia</i>	<i>CD</i>	<i>ontem</i>	<i>shopping</i>	<i>dos</i>

FIGURA 19 - Exemplo (11)

Fonte: CI, v.2, p.505.

Segundo suas autoras, a intenção, no primeiro quadro, é mostrar que toda língua tem uma “sintaxe própria” que nos permite organizar e combinar as palavras de várias formas. Apesar de haver mais de uma possibilidade, algumas combinações não formam um enunciado pelo fato de não manterem o sentido pretendido, como é apontado no segundo

³⁴ Entendemos interdiscursividade de acordo com Orlandi (1992) – o conjunto de diferentes enunciações que formam o domínio da memória das possíveis formulações do dizível.

quadro. Os enunciados produzidos no último quadro não seriam aceitos pela língua portuguesa.

Acreditamos que o aluno não teria dificuldade para perceber isso, observando as sequências dadas em cada quadro. Mas, uma outra questão, para nós, a mais instigante para esse usuário da língua que se vê como aluno de língua portuguesa, é saber o que faz com que as organizações do primeiro quadro sejam possíveis e as do segundo quadro não.

Primeiro, seria interessante levar o aluno a observar “como” essa combinação foi realizada. Percebemos que, no quadro 1, há uma modificação no posicionamento de blocos da sentença, por exemplo, “ontem Cláudia comprou”; “ontem comprou Cláudia”; “Cláudia comprou ontem”. Há sequências que não foram modificadas em nenhum dos exemplos, como: “um CD dos Titãs”. Em outras palavras, as possibilidades apresentadas nesse quadro operam com sequências de palavras que possuem uma relação de sentido entre elas e uma articulação sintática. No primeiro quadro, as possibilidades são criadas a partir do deslocamento da posição das formas nominais, e não das palavras, isoladamente, como acontece no segundo quadro. Ao olharmos para o quadro 2, notamos que o deslocamento ali se dá no nível das palavras, rompendo relações de sentido entre elas.

A questão que deveria ser respondida aqui, para termos uma reflexão a respeito da língua é: “O que faz com que as organizações do primeiro quadro sejam possíveis e as do segundo não?”. E para levar a essa resposta, as perguntas seriam:

Observe a sentença: *Ontem Cláudia comprou um CD dos Titãs no shopping.*

- a) Podemos considerar realmente essa sequência uma sentença? Por quê?
- b) Você conhece outras sequências semelhantes a essa? Explique e exemplifique.
- c) Em relação ao que é dito, que informações são dadas nela?
- d) Aponte, observando a sequência maior, as palavras que mantêm uma relação indissociável.
- e) Observe o verbo “comprar”.
 - e1) Qual o sentido desse verbo nessa sentença?
 - e2) Pensem em outros complementos para esse verbo, nessa mesma sentença, como “amizade” (*Ontem Cláudia comprou uma amizade no shopping.*) ou “briga” (*Ontem Cláudia comprou uma briga no shopping.*). A resposta dada em (e1) se mantém para esses outros casos? Explique. As duas sentenças são semelhantes à anterior? Em que medida?

f) Pense e exponha a sua conclusão: como essas relações de sentido são determinadas nas sentenças.

Poderíamos dividir essas questões em dois grupos. No primeiro, com as questões de (a) a (d), estaríamos pensando a respeito dos lugares sintáticos e da articulação das unidades materializadas, em que se poderá observar a relação entre o simbólico e o material na formação da sentença. Será o momento de pensar e perceber a historicização do simbólico, à medida que se responde a respeito das informações e da semelhança entre essa e outras sentenças e, ao mesmo tempo, analisa como partes dessa sequência se articulam, buscando constituir referência dentro e fora do extrato material ali exposto.

Ao responder (a), já se começa a pensar na relação de saturação que aponta para o contato entre o material e o enunciável. Isso porque a resposta dada se aproximará de “É uma sentença porque tem sentido e possui sujeito e predicado.” E, então, seria hora de questionar “Por que essa sentença tem sentido?”, o que estaria contemplado no item (b), pois reconhecemos uma sentença pela regularidade da língua, que aproxima sequências de diferentes acontecimentos enunciativos. Em outras palavras, dizer que, em algum momento, alguém comprou algo em algum lugar (as informações dadas nesta sentença, resposta do item c), participa de um já dito da língua. E a materialidade linguística dessa unidade já é identificada por sua regularidade.³⁵ E, dentro dessa sequência, podemos perceber unidades menores que formam uma relação semântica de dependência por determinarem campos de sentidos dentro da organização maior. O aluno poderá observar essa questão ao responder a (d). Estudando o quadro 1 apresentado pelo livro didático, ele poderá perceber que na sentença “*Ontem Cláudia comprou um CD dos Titãs no shopping*”, há pequenos blocos que devem se manter ligados de forma que a determinação de sentido de um termo sobre o outro não se quebre. Vemos isso, por exemplo, no bloco “um CD dos Titãs”, que permanece junto em todas as possibilidades de organização da sentença. Isso acontece porque entre “CD” e “Titãs” há uma relação de determinação de sentido que, ao se desfazer, compromete o efeito de sentido de toda a sentença. Por isso tratamos “um CD dos Titãs” como uma formação nominal. Não dizemos com isso que essa relação deva estar geograficamente ligada, ou seja, na mesma sequência, como acontece com esse exemplo, mas deve estar compreendida em relações de alcance dentro da sentença, como

³⁵ No item 3.2 Lugar sintático de sujeito, falaremos detalhadamente sobre nossa tese de que o sujeito é o responsável pela instalação da sentença. Ao enunciarmos, o sujeito aciona o verbo e o tira do estado de dicionário e, assim, se constitui a sentença. Essa é uma regularidade da língua.

acontece com “Cláudia comprou” (linha 1 do quadro 1) ou “comprou Cláudia” (linha 2 do quadro 1).

Com isso, abrimos a discussão para o segundo grupo de questões (e) e (f), que tratam mais especificamente do Domínio Semântico de Determinação, que, como vimos no capítulo 2, demonstra a relação de determinação entre as palavras, construída na e pela enunciação.

As questões que seguem levariam o aluno a perceber essa articulação observando o verbo “comprar”, que mesmo tendo o sentido de adquirir, pagando por algo, depende de outros constituintes da sentença para a constituição do seu sentido, de acordo com o modo de enunciação ao qual se vincula. “Comprar um CD dos Titãs no shopping”, “Comprar uma amizade no shopping” e “Comprar uma briga no shopping” dão a esse verbo efeitos de sentido muito diferentes.

Observar essa diferença levará o aluno à constatação de como essas combinações são feitas nas sentenças e porque elas não são de fato aleatórias ou estritamente individuais. E, levando essa reflexão mais adiante, o aluno perceberia que a estrutura da língua é feita de regularidades. Regularidades essas que se constituem no próprio uso dessa língua, que forma a rede de memória com a qual o falante opera ao enunciar.

A respeito da questão da “seleção” e “combinação” das palavras, nos chama a atenção é o tratamento dado a essa noção na coleção III. Sempre ao se referir a “seleção e combinação” das palavras, os autores colocam esses termos entre aspas. Apesar de não haver nenhum comentário, no LD, a respeito dessa marcação, a entendemos como uma possível crítica a essa ideia. Ao usar as aspas, os autores estão, mesmo que de forma implícita, relativizando os termos.

(12)

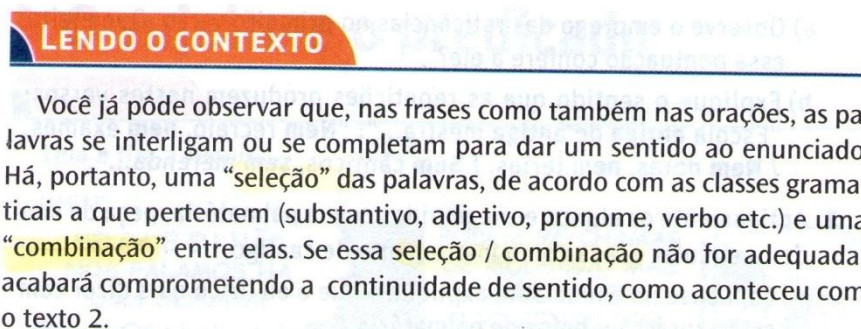


FIGURA 20 – Exemplo 12
FONTE: CIII, V2, p.389

Na sequência dessa exposição, encontramos também a palavra contexto sendo usada como definição de sintaxe, o que pode nos levar a sombrear uma relação com a noção de intertexto que adotamos, o que poderia explicar o fato do uso das aspas em “seleção e combinação” de palavras.

(12a)

A **morfologia** estuda as classes gramaticais enquanto a **sintaxe** ocupa-se da *combinação das palavras*.

*Mas não se pode separar morfologia de sintaxe, pois a produção de enunciados é feita com base na forma das palavras (morfologia) e na função que elas exercem no contexto (sintaxe). Portanto, a construção de frases constitui um processo relacionado à **morfossintaxe**.*

Até aqui, buscamos mostrar como a noção de lugares sintáticos poderia ser inserida no ensino de sintaxe no ensino médio. Nos itens seguintes, abordaremos reflexões a respeito dos lugares sintáticos de sujeito e objeto, especificamente.

4.2 LUGAR SINTÁTICO DE SUJEITO

Defendemos a tese de que o lugar sintático de sujeito é o responsável pela instauração da sentença. Isso se justifica pelo fato desse lugar ter uma condição de proeminência no eixo enunciativo da sentença, uma vez que, no evento do acontecimento, possibilita ao verbo o recebimento da coordenada de pessoalidade, principal coordenada para essa instauração. Explicando melhor, ao colocar a língua em funcionamento, coordenadas enunciativas incidem sobre a sua materialidade. A partir dessas coordenadas é que o verbo sai do seu estado de dicionário, ou seja, seu estado antes de constituir um acontecimento, quando passa para um estado de finitude em que essas coordenadas se materializam através das formas sufixais. Essa atualização do verbo só é viabilizada na sua relação com o lugar de sujeito. Assim, “a instalação do sujeito (...) rege a perspectivação da pessoalidade na predicação” (DIAS, 2009, p.20). A instalação do predicado é devida, então, à sua relação com o lugar de sujeito. De maneira sucinta, o lugar de sujeito aciona o verbo que sai do estado de dicionário e se constitui como base de uma predicação. Dessa

relação é que afirmamos que o lugar de sujeito tem como característica básica uma anterioridade de predicação.

Quando dizemos algo como

(13) Maria viajou.

Na enunciação, o lugar qualificado de sujeito estabelece uma relação com o verbo em estado de finitude. Em (13), o lugar sintático do sujeito retira o verbo do seu estado de dicionário, “viajar”, para instalar um predicado. Dessa forma, dizemos que o lugar de sujeito dá perspectiva ao verbo, pois, ao retirá-lo do estado de infinitivo, dá a ele marcações enunciativas, materializadas, no caso, por elementos morfológicos, pertinentes ao acontecimento enunciativo do qual participa.

Para ser sentença, a sequência precisa projetar referência, daí dizermos que o lugar de sujeito é lugar de constituição de referência.

Nesse quadro, a enunciação é o acontecimento da constituição do enunciado. No acontecimento enunciativo, o articulável adquire formações legíveis, tendo em vista que o enunciável se faz pertinente na relação entre traços de memória (DIAS, 2012), advindos de enunciados outros, em outros tempos e lugares, e uma demanda atual, com vistas a significar o presente. Assim, as formas da língua são constitutivas da relação que se estabelece entre a instância de presente do enunciar e uma instância de anterioridade (de memória). (DIAS, 2013, p.230)

O lugar do sujeito é constituído por uma anterioridade de predicação, que consiste na instalação de uma perspectiva de predicação tomada pelo verbo, na constituição da sentença, isto é, o lugar de sujeito é a base de sustentação do predicado na constituição da sentença.

É importante salientarmos que não é o termo classificado como sujeito da sentença o responsável pelo acionamento ao qual nos referimos e sim o lugar do sujeito, estando esse ocupado ou não materialmente na sentença.

Adotaremos neste estudo, três tipos de sujeito classificados por Dias (2002a), tendo em vista a demanda de saturação, ou seja, “a relação constitutiva entre a dimensão material e a dimensão simbólica” do fato linguístico. São eles: sujeito base, sujeito projeção e sujeito perfil. Falaremos um pouco sobre cada um deles a seguir.

Sujeito base

Caracteriza-se por ter como núcleo do sintagma nominal o substantivo que, por ser um designador, alimenta a estabilidade na demanda de saturação. A ocupação do lugar do sujeito base é feita pelo modo da difinitude³⁶, que pode apresentar três aspectos: a *definitude em núcleo*, a *definitude em ancoragem* e a *definitude em confluência*.

Na *definitude em núcleo*, o grupo-nominal sujeito (GN-sujeito)³⁷ apresenta um substantivo no núcleo, produzindo um efeito de unidade. Podemos dizer que se trata de um sujeito informativo, pois ocupa o lugar com um nome. Em (13) temos um exemplo dessa ocupação.

Na *definitude em ancoragem*, o GN-sujeito é marcado por uma “necessidade de aporte de um GN fora do lugar sujeito” (DIAS, 2009, p.16). Esse lugar pode ser ocupado por um termo indexador - pelo pronome “ele” (14), pelo pronome demonstrativo (15)-; pode ter o sufixo verbal de 1ª pessoa como indexador da nominalidade (16) ou a ancoragem que se dá pela integração da sentença no período ou no texto (17).

(14) Maria viajou. Ela foi para Fortaleza.

(15) Aquilo me chocou.

(16) [] Estudei a matéria com antecedência.

(17) Maria viajou com a família e [] fotografou muitos lugares interessantes.

Nesse modo de ocupação, observam-se diferentes graus de dependência do núcleo na definitude referencial:

(E) Paulo roubou a viola de Pedro.³⁸

³⁶ Segundo Dias, a ocupação do lugar de sujeito pode ocorrer de três modos: pela *definitude*, pela *identificação* e pela *prospecção*. Aqui, faremos uma exposição bastante simplificada desses modos. Em Dias (2009) há um amplo desenvolvimento a respeito desses tipos de ocupação, tocando em pontos relevantes para a teoria como a questão da nominalidade, da anáfora e da oração sem sujeito.

³⁷ Atualmente, abordamos o grupo nominal (GN) como formação nominal (FN), conforme apresentado no capítulo 2.

³⁸ Os exemplos de (E) a (Z) foram retirados de DIAS (2002a), por isso estão identificados por letras – para distingui-los dos exemplos específicos deste trabalho (identificados por números).

apresenta um determinado grau de dependência do núcleo na definitude referencial, sendo “Paulo” núcleo condensador das possibilidades de definitude. Esse grau de dependência pode variar de acordo com a instância de enunciação da sentença.

Nas sentenças abaixo, há uma gradação quanto à dependência do núcleo na definitude referencial.

- (E) Paulo roubou a viola de Pedro.
- (F) O irmão de Carlos roubou a viola de Pedro.
- (G) Um grande amigo meu roubou a viola de Pedro.
- (H) Um desconhecido roubou a viola de Pedro.

Na perspectiva da definitude na enunciação não há diferença entre (F) O irmão de Carlos e (G) Um grande amigo meu, mas entre (E) Paulo e (H) Um desconhecido. Essa análise não está relacionada à especificação do “ser” no mundo, nem ao termo específico que ocupa o lugar do sujeito, mas sua relação se dá com a constituição da memória desses núcleos na instância da enunciação.

a definitude está relacionada à pertinência que os objetos de memória contraem na instância de enunciação da sentença. As condições de definitude do núcleo são, na verdade, as condições de formulação desses objetos de memória. (DIAS, 2002a, p. 55)

Segundo Dias, quanto mais o núcleo condensa as possibilidades de definitude, menos ele depende da adesão orgânica da sentença. Isso explica o fato de encontrarmos sentenças como

(I) Roubando a viola, Paulo?

em que o núcleo, “Paulo”, tem um alto grau de definitude, e não tão facilmente, encontraríamos

(J) Roubando a viola, um desconhecido?

Com isso, temos sentenças em que há situações extremas de condensação no sintagma, como

(K) Choveu ontem.

(L) Ventou muito na semana passada.

Em ambos, encontramos o núcleo com altíssimo grau de definitude, por ser um núcleo repetitivo e cristalizado em outras instâncias de enunciação: “choveu = chuva”; “ventou = vento”. Devido a essa condensação, há uma alta previsibilidade quanto às condições de definitude, “nessas situações, diríamos que o sujeito está aglutinado na própria instância do verbo.” (p.55). Dessa forma, o lugar de sujeito não precisa ser materializado lexicalmente. Mesmo não tendo esse lugar ocupado materialmente, não consideramos, nessa perspectiva, (K) e (L) como orações sem sujeito, pois o sujeito é sim projetado no seu lugar qualificado de sujeito da sentença, só não é ocupado.

Quando essa previsibilidade do preenchimento do lugar do sujeito é quebrada, “chover = chuva”; “ventar = vento”, torna-se necessária uma especificação do núcleo, como é demonstrado em (M) e (N)

(M) Choveram cartas na redação do jornal.

(N) Ventou um vento forte na semana passada.

O último caso de sujeito base tratado por Dias (2002a) se refere aos “casos em que o acionador do verbo está aglutinado no sintagma objeto” (p.56), como acontece com os verbos *haver*, *ser* e *fazer*, também considerados pela gramática normativa como orações sem sujeito:

(O) Há muitos ladrões de carro neste bairro.

(P) São duas horas.

(Q) Faz muito calor aqui.

Consideramos que o lugar qualificado de sujeito é constitutivo dessas sentenças, mas pela natureza desses verbos, que indicam existência e tempo, o sujeito passa a ser uma especificação do verbo. Essa necessidade de especificação é que faz o verbo ser acionado,

ao que Dias denomina “projeção oblíqua” da constituição do lugar do sujeito gramatical. A definitude do sintagma é produzida internamente à sentença, daí o sujeito aciona o verbo. Por ter, o núcleo, um maior grau de condensação, faz-se uma menor necessidade de materialização, por isso temos, de (I) a (Q) exemplos da ocupação do lugar de sujeito pelo modo da *definitude por confluência*.

Assim, temos o sujeito base quando o lugar sintático é ocupado por um grupo nominal ao qual se pode atribuir diferentes graus de definitude.

Sujeito projeção

O sujeito é uma projeção de uma identidade a partir da instância enunciativa circunscrita pelo predicado. O sintagma base é formado por pronomes indefinidos ou pronomes interrogativos (classificação da gramática tradicional), como “quem”, “aquele que” etc., que se tornam portadores de uma identidade projetada da instância enunciativa da sentença, conforme Dias (2002a, p.58).

É o alvo da projeção da identidade do sujeito que adquire o status de lugar do sujeito, acionado pelo verbo. Nesse tipo de sujeito, podemos tomar a expressão “alguém que” como um paradigma dessa identidade projetada, havendo ou não a ocupação do lugar do sujeito.

(V) Alguém quebrou a viola. (*alguém que...*)

(W) Todos assistiram à cena. (*alguém que...*)

(X) Quebraram a viola de Pedro. (*alguém que...*)

(Y) Vende-se um lote.³⁹

Em todos esses casos, consideramos sentenças com sujeito de identidade projetada, constituída no predicado, quando do acionamento do verbo, podendo ser ou não lexicalmente realizado. “O caráter paradigmático de portador dessa identidade (‘alguém que’) fornece as condições para a não materialização lexical do lugar do sujeito.” (p.59)

Para a gramática tradicional, em (X), teríamos um sujeito indeterminado e, em (Y), sujeito determinado paciente. Para nós, em ambas as sentenças, há sujeito de identidade

³⁹ Exemplo similar ao dado por Dias (2002, p.59).

projetada e não lexicalmente realizado. Esse tipo de sujeito será discutido no exemplo 11 deste trabalho.

No sujeito projeção, o lugar sintático é ocupado pelo *modo da identificação*, em que, como demonstrado acima, a projeção da identidade é a condição necessária para que esse lugar acione o verbo na constituição da sentença.

Sujeito perfil

Esse tipo de sujeito advém de uma conclusão produzida internamente ao texto que dá suporte à sentença. O sujeito é, então, um perfil “constituído a partir da instância enunciativa circunscrita por uma base textual” (p.60), e para a constituição desse perfil é necessário que pelo menos duas sentenças entrem em relação. Os provérbios são exemplos dessa relação, pois possuem estruturas do tipo: “*quem X, Y*”.

(Z) Quem faz, merece o que constrói.

Como no sujeito projeção, o sujeito perfil também formula um paradigma do portador desse perfil, aqui sendo “quem” ou “aquele que”. O perfil se sobressai da textualização de um efeito de universalidade, de “verdade”, formulado a partir do próprio domínio de enunciação dos provérbios. Nesse caso, a ocupação do lugar sintático de sujeito se dá pelo *modo da prospectiva*.

no modo de ocupação pela *prospectiva* o grupo nominal não recebe as condições, nem em núcleo, nem em ancoragem, nem em confluência, para a constituição do campo de pertinência, na relação entre as duas instâncias da enunciação. A força de acionamento do verbo nesse modo está na configuração de um perfil em relação ao qual se possa reconhecer uma identidade para além do presente. (DIAS, 2009, p.23-24)

Esse olhar para o sujeito como lugar e não como termo responderia a questões levantadas em salas de aula que muitas vezes ficam sem respostas quando se considera apenas a materialidade da língua. Não é raro ouvirmos relatos de professores que, ao ensinar aos seus alunos que sentenças como (K) não possuem sujeito, recebem como indagação algo do tipo: “como não? Se sabemos que quem chove é a chuva?”. Ou de casos

em que os alunos, defronte a enunciados como (O), tratam o objeto como o sujeito do verbo.

Como estamos pontuando ao longo do trabalho, dimensão enunciativa é parte constitutiva da língua e, quando desconsiderada, pode gerar lacunas na percepção dessa própria língua. O ensino, como instância social de constituição do saber, objetiva, principalmente no ensino médio, uma reflexão sobre a língua. Sendo assim, essas lacunas na percepção da língua, pelos alunos, comprometem esse processo de ensino-aprendizado.

A seguir, fazemos uma reflexão a respeito do ensino do sujeito indeterminado, talvez um dos que causa mais questionamentos em sala de aula, principalmente pela abordagem muitas vezes dada, desconsiderando elementos que vão além da organicidade da sentença. Vejamos o exemplo retirado da CIII, que introduz o tema “sujeito e predicado” para os alunos.

(18)

O sujeito e o predicado

NO TEXTO

Leia a tira a seguir.

HAGAR

Chris Browne

HELGA E EU NÃO NOS FALAMOS HÁ UMA SEMANA!

PODEM ME CHAMAR DE MOLENGA, MAS DECIDI DIZER ALGO GENTIL PRA QUEBRAR O GELO!

OLÁ! QUANDO SAI O JANTAR?

© 2010 by King Features Syndicate, Inc. World rights reserved.

Chris Browne

2010 KING FEATURES SYNDICATE/IPRESS

- 1** Pode-se dizer que a intenção de Hagar foi boa; mas por que parece que não agradou a Helga?
- 2** A quem Hagar possivelmente se referia, ao dizer que o chamariam de molenga?
- 3** Nesta frase: "... mas decidi dizer algo gentil pra quebrar o gelo!", há uma expressão metafórica. Qual é ela? Reescreva-a em seu sentido literal ou objetivo.
- 4** Releia esta oração: "Helga e eu não nos falamos há uma semana!"
Divida a oração em dois termos, respondendo:
 - A quem se refere a ação verbal? Qual é a informação obtida? Por que o verbo está no plural?

FIGURA 21- Exemplo 18
Fonte: CIII, v.2, p.391-392.

Na atividade proposta, segue a sequência a respeito da qual já falamos no capítulo 2, comum às três coleções analisadas: um texto motivador: a tirinha; questões sobre o texto que abordem o tópico gramatical que será estudado e, por último, a sistematização, momento no qual se “constrói” o conceito. Nesse livro, após as questões, seguem as definições e exemplos de tipos de sujeito, mas, como já dissemos, nos focaremos no sujeito indeterminado para nossa discussão.

Vemos que as questões de 1 a 4 se referem a temas bem diferentes: intenção do personagem, inferência, metáfora, termos da oração. Talvez haja uma tentativa de inserção da gramática na construção do texto, mesmo que de forma estanque como é apresentado nas questões. Dizemos isso porque, na sequência, não há o estabelecimento da relação entre as quatro questões propostas e o assunto da seção: sujeito e predicado. O aluno poderá fazer essa relação diretamente apenas na questão 2, que diz respeito a um suposto sujeito da frase dita por Hagar (“A quem Hagar possivelmente se referia, ao dizer que o chamariam de molenga?”) e, na 4, que requer a identificação do sujeito e do predicado da oração “Helga e eu não nos falamos há uma semana” (“Divida a oração em dois termos, respondendo: A quem se refere a ação verbal? Qual a informação obtida?”) e a relação de concordância verbal (“Por que o verbo está no plural?”).

Começamos nossa análise pela questão 2 por se tratar de uma orientação para que o aluno já perceba a construção da sentença que, futuramente, lhe será apresentada como uma oração com sujeito indeterminado. Para essa “introdução” é feita a pergunta em 2, que, na leitura da tirinha e conhecendo outras histórias desse personagem (esse e

outros livros didáticos trazem muitas tirinhas do Hagar) e sua caracterização a partir de um pensamento machista, não fica difícil dizer que ele se referia aos “amigos, colegas”. Isso é trazido pelos próprios autores como sugestão de resposta à questão, no suplemento do professor: “Pessoal. Sugestão: A seus amigos, pois Hagar certamente se preocupava com a opinião deles.” (p.82). Mesmo dizendo ser pessoal a resposta, é pouco provável que os alunos cheguem a uma outra conclusão, talvez possam se afastar um pouco dela ao dizer “as pessoas”, de forma generalizada. Mas, ainda assim, seriam as pessoas conhecidas do casal, que sabiam o que estava acontecendo com os dois. As possibilidades “amigos”, “colegas” ou “pessoas conhecidas” trariam pertinência à cena enunciativa e a sustentação discursiva à sentença, pois a enunciação em questão guarda percursos de sentidos similares aos que são apontados pelos termos acima.

Dando sequência à exposição do livro didático, é trazida a seguinte explicação de sujeito indeterminado, utilizando-se como exemplo a fala do segundo quadrinho

(18a)

Sujeito indeterminado

Às vezes, não é possível dizer quem pratica a ação ou não se quer identificar claramente o sujeito da oração. Nesse caso, temos um **sujeito indeterminado**. Releia esta oração dita por Hagar.

“**Podem** me chamar de molenga.”

Observe o emprego do verbo *poder* na terceira pessoa do plural, o que caracteriza o sujeito indeterminado. O verbo não se refere a nenhum termo identificado anteriormente, nem em outra oração, como acontece com o sujeito oculto. Veja.

Eles soletravam e **liam** alto.

Neste exemplo, o sujeito está expresso na primeira oração e oculto na segunda (*eles*). Trata-se, portanto, de sujeito oculto, não de indeterminado.

Observem que os autores usam a fala do personagem Hagar: “Podem me chamar de molenga” para demonstrar que o verbo, na terceira pessoa do plural, “não se refere a nenhum termo identificado anteriormente, nem em outra oração”, fazendo uma comparação com o sujeito oculto. No entanto, na seção “No texto”, que abre o subtítulo “O sujeito e o Predicado”, em que aparece a tirinha seguida de questões, cujo objetivo é o de

“levar o aluno a construir, por conta própria o conteúdo abordado.” (p.38), a questão 2 questiona algo que demonstra uma incompatibilidade com essa definição dada ao “sujeito indeterminado”: os alunos responderam à questão 2 e agora veem a afirmação de que não é possível identificar o sujeito da oração.

Percebemos que a explicação do livro didático está presa à parte orgânica da sentença, ao dizer que o sujeito é indeterminado porque “o verbo não se refere a nenhum termo identificado anteriormente, nem em outra oração”. Já a questão 2 ancora na memória do enunciado.

Se levarmos em conta a restrição da definição ao funcionamento interno da oração “não se refere a nenhum **termo identificado anteriormente**, nem **em outra oração**”, podemos até perceber uma lógica no que é exposto, mas, de qualquer forma, foi sim possível identificar um sujeito para “Podem me chamar de molenga”. Em vez de deixar essa lacuna a respeito da identificação desse sujeito, não seria mais interessante motivar os alunos a pensar o que os levou à resposta da questão 2, fazendo uma ponte entre como a sentença foi construída e sua articulação com o texto do qual participa?

Um outro ponto relevante para a perspectiva que adotamos e que não foi tratado no livro didático parte da definição dada logo no início do item “sujeito indeterminado”: “Às vezes, não é possível dizer quem pratica a ação ou não se quer identificar claramente o sujeito da oração.” Essa situação discursiva de se omitir o sujeito, manifesta-se na forma como esse lugar sintático é ocupado (ou não) na sentença e na configuração do verbo que é acionado para a constituição da mesma. Qual o grau de indeterminação que o enunciador dá a sua enunciação e como isso se materializa na sentença? No caso específico do exemplo dado pelo livro didático, Hagar não achou necessário explicitar a quem ele estava se referindo, o que tem uma relevância tanto no campo do discurso quanto no campo da sintaxe, fazendo com que o verbo saia do seu estado de infinitivo e se apresente na terceira pessoa do plural. Dessa forma, poderia ser estabelecida uma relação entre a cena enunciativa e os lugares sintáticos, mostrando que o modo de enunciação motiva o modo de construção da sentença no presente do acontecimento enunciativo.

Portanto, outras questões poderiam fazer parte do item 2:

A) Percebemos que o sujeito não está expresso na oração “Podem me chamar de molenga”, mesmo assim, você conseguiu identificá-lo. Como você chegou à resposta a

quem Hagar se referia, ou seja onde você buscou informações para trazer um referente para o sujeito dessa oração?

B) Observando a fala do segundo quadrinho, que elementos presentes nela o levaram a chegar à resposta dada em 2? Explique de que maneira você estabeleceu a relação entre o(s) elemento(s) da sentença analisada e a sua resposta em 2.

C) Por qual motivo você acha que o Hagar não explicitou o sujeito em “podem me chamar de molenga”?

D) Se, em vez de “podem me chamar de molenga...”, Hagar tivesse dito “Eles podem me chamar de molenga”, a sua resposta em 2 mudaria?

E) Releia a tirinha, considerando a forma original e, depois, substituindo a fala do personagem no segundo quadrinho por cada uma das sentenças abaixo:

1. Eles podem me chamar de molenga...
2. Alguém pode me chamar de molenga...

e1) Ao fazer as substituições, há mudança de sentido, ou seja, a resposta dada em 2 mudaria com alguma das possibilidades? Por que isso acontece?

e2) Pensando ainda nas substituições, há mudança em relação à sintaxe dessas orações? Quais?

e3) Na questão 2, você teve que supor a quem Hagar se referia, pois o sujeito não estava explícito na fala do personagem. Observando as possibilidades (1) e (2) dadas em (E) nas quais os sujeitos estão materializados, i.e., expressos, você conseguiria determinar a quem ele se referia ou ainda seria somente uma suposição? Explique.

Para orientar a resposta às reflexões que acabamos de sugerir, buscaremos Ladeira (2010), que desenvolveu um trabalho visando redefinir o conceito de sujeito indeterminado, com base nessa perspectiva de estudos da enunciação que apresentamos. A

pesquisadora determina níveis de indeterminação que passariam pela capacidade de definitude de referências, demonstrando que há diferença entre definir e determinar, pontos cruciais quando se fala em sujeito indeterminado.

O preenchimento ou não do lugar do sujeito indeterminado estaria relacionado ao grau de indeterminação que o falante “pretende ou pode dar ao enunciado” (p.76), ou seja, estaria ligado aos modos de enunciação de categorias de indeterminação.

O estudo apresenta uma escala de indeterminação que vai da mais a menos abrangente em relação às possibilidades de referência de um sujeito indeterminado. A partir dos exemplos dados por Ladeira, observemos a escala que ela propõe.

- (a) Bateram à porta.
- (a1) Eles bateram à porta.
- (a2) Alguém bateu à porta.
- (a3) Um certo alguém bateu à porta.
- (a4) Um desconhecido bateu à porta.

Teríamos em (a) e suas variações um contínuo do maior ao menor grau de indeterminação. (a) é indeterminado e a ocupação do lugar do sujeito apresenta traços bastante abrangentes que vai do /+humano/ ao /- humano/. Já em (a1), o pronome “eles” delimita a possibilidade de recuperação do referente, como “os meninos” ou “os galhos”. Na sequência, em (a2) e (a3), descarta-se totalmente a possibilidade do traço /-humano/ como referente. E comparando-se (a2) a (a3) percebemos que “certo”, em (a3), fecha um pouco mais a possibilidade desse referente. Por fim, em (a4), o escopo de referência do sujeito é mais restrito ainda, pois já se determina ser um desconhecido.

Para nós, o fato de ter o lugar de sujeito ocupado lexicalmente não torna o referente desse sujeito definido, como demonstrado nos exemplos (a). Isso pode ser mais claramente observado no seguinte exemplo, também de Ladeira (2010)

- (b) Quando você bate à porta, você demonstra boa educação.
- (c) Comprei um carro novo. Eles fizeram um ótimo preço.

Apesar de ocupado materialmente o lugar de sujeito em (b), o “você”, que ocupa esse lugar, é um indeterminador, usado como generalizante, sem um referente específico.

No caso de (c), o pronome “eles” não pode ser recuperado na sentença em que aparece, nem na anterior, sua recuperação se dá na enunciação, na memória desse enunciado que nos permite buscar uma referência para esse sujeito.

As suas identidades estão projetadas e a representação material dessa identidade não garante uma ancoragem na sentença ou na cena enunciativa, a fim de que se possa resolver a demanda de saturação desses sujeitos. (LADEIRA, 2010, p.89)

Por isso, em (14), conseguimos responder à questão 2. Apesar do sujeito não estar materializado na fala da personagem, “Podem me chamar de molenga”, o leitor faz a ancoragem na cena enunciativa e não na sentença, o que não faz com que o sujeito deixe de apresentar um grau de indeterminação em relação ao seu referente. É bom lembrarmos que essa instância enunciativa à qual nos referimos é inscrita pelo predicado, que projeta uma identidade para o sujeito da sentença. Temos, então, um caso de sujeito projeção, cujo “caráter paradigmático de portador dessa identidade (‘alguém que’) fornece as condições para a não materialização lexical do lugar do sujeito.” (Dias, 2002, p. 59). O que é posto em questão é o tratamento dado ao que, tradicionalmente, se denomina por indeterminação no ensino de gramática, o que leva a problemas como os que apresentamos no exemplo (18), em que, primeiro, o aluno é levado a identificar o possível referente do sujeito da frase em questão, depois lhe é dito que o sujeito da mesma frase não pode ser identificado. Isso acontece porque a dimensão enunciativa é ignorada na exposição sobre os tipos de sujeito, em especial, do sujeito indeterminado.

Retomemos, agora, as questões de (A) a (E). A primeira questão procura fazer com que o aluno perceba que o referente pode ser buscado tanto no interior da sentença quanto fora dela. No caso em análise, o referente não foi materializado, mas pode ser identificado na cena enunciativa. Mesmo sem a ocupação de lugar do sujeito, o aluno pode perceber que os fatos gramaticais que constituem a sentença são projeções das marcas de enunciação da qual essa sentença participa. Esse é o objetivo da questão (B): fazer com que o aluno perceba que a desinência verbal indica a rede de memórias da qual participa aquela enunciação, e o uso do “mas” demonstra uma quebra de expectativa daqueles que poderão criticá-lo após a sua atitude “gentil” com a esposa. E demonstra também um movimento do enunciador para não determinar esse sujeito, que pode ser ‘recuperado’ apesar da não ocupação. Essa recuperação é feita através da ancoragem do referente que se concretiza a

partir da perspectiva do acionamento do verbo. Dessa forma, poderemos levar esse aluno ao entendimento e à percepção de que fatores da ordem do enunciativo se concretizam na organicidade da sentença.

Na questão (C), há uma proposta de fazer com que o aluno pense na cena enunciativa e nos papéis que esse locutor assume para sustentar o seu discurso. Possivelmente, a explicitação do sujeito não é necessária, uma vez que o discurso do personagem já possui um percurso enunciativo marcado pelo machismo e a ironia. Ser gentil quebra a expectativa da imagem do homem “macho”, “durão”. Quem sustenta essa imagem dele são os amigos que, certamente, se identificam com ela também. Como isso já vem “marcado” na memória discursiva, não há uma necessidade de ser lexicalmente materializado.

As duas últimas propostas formam um grupo que pretende focar nos modos de enunciação de categorias de indeterminação (Ladeira, 2010). Esse grupo seria um exercício de comparação entre sentenças em que há a ocupação do lugar de sujeito e a sentença “podem me chamar de molenga..”, onde essa ocupação não é materializada. Em (D) temos o objetivo de mostrar ao aluno que mesmo com um elemento explícito nesse lugar, “ele”, a indeterminação se mantém, e como não foi exposto anteriormente no interior do texto, o referente de “eles” é amplo e deve também ser buscado na memória. E assim, se seguiria a análise com “alguém” em comparação com o “ele” (E). Aqui, poderiam ser discutidos o maior ou menor grau de indeterminação desse sujeito e as consequências disso para o efeito de sentido da frase (e1) e a constituição da sentença (e2), visando aqui a classificação dos sujeitos pela gramática tradicional. A questão (e3) procura fazer uma conclusão ao que foi discutido anteriormente, acerca do grau e determinação do sujeito e a ocupação desse lugar sintático. Para que isso se realize de forma mais eficaz, sugerimos que, antes da resposta à (e3) fosse feita a leitura da definição de sujeito indeterminado dada pelo livro didático, para que os alunos possam comparar aquilo que experienciaram na análise que propusemos com o que ali está exposto.

Saindo um pouco da questão do sujeito, mas ainda a respeito da presença da exterioridade linguística nessa atividade, vamos fazer algumas considerações sobre a questão 1.

1. Pode-se dizer que a intenção de Hagar foi boa; mas porque parece que não agradou a Helga?

Baseado em que elementos presentes na tirinha o aluno irá responder a essa questão? Não há o que leve a essa resposta quando se é considerado apenas o apresentado. Nem mesmo podemos dizer que a imagem daria pistas disso, pois, no terceiro quadrinho, não vemos a reação da personagem Helga. Na resposta sugerida no Suplemento do professor, os autores dizem “Na verdade, Hagar não foi gentil; pelo contrário, aborreceu Helga ainda mais, ao cobrar-lhe o jantar.” (p.82). Certamente, essa foi a resposta dada pelos alunos, pois sabemos que esse tipo de cobrança não é algo adequado para a situação proposta pela história. Mas esse conhecimento nos é dado pela formação cultural da qual participamos, das marcas histórico-sociais desses dizeres e da rede de memória formada por elas. Apesar disso não ter sido nem mesmo superficialmente dito na atividade, essa passagem pela rede de memória do enunciado “quando sai o jantar”, na cena enunciativa constituída na tirinha, é que faz com que a questão seja respondida.

Em (18), trabalhamos com o caso da não ocupação do lugar do sujeito. Agora, vamos apresentar um exemplo em que serão discutidos diferentes modos de ocupação desse lugar.

(19)

O estudo do sujeito

O conceito sintático de **sujeito** deve ser entendido a partir de uma análise da estrutura formal da oração. Observe.



▲ SCHULZ, Charles. *Ser cachorro é um trabalho de tempo integral*. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2004. p. 13.

Na tira, há diferentes orações. Vamos analisar a estrutura de cada uma delas, considerando as relações estabelecidas entre os **verbos** e os **termos** aos quais eles se referem.

FIGURA 22 – Exemplo 19
FONTE: CI, V2, p.515.

O exemplo (19) faz parte do capítulo intitulado “Sintaxe do período simples”, da CI. Nele, há dois principais pontos que interessam a nossa reflexão. O primeiro, que logo aparece na introdução da seção, é a afirmação de que “o conceito sintático do sujeito deve ser entendido a partir de uma análise da estrutura da oração.” O segundo está relacionado diretamente com o primeiro, pois é a exposição feita das orações que participam da tirinha, principalmente no que se refere aos sujeitos dessas orações.

A afirmação de que apenas a *parte formal da oração* deve ser analisada para se chegar ao conceito de sujeito sintático não parece descartar uma outra “parte” dessa oração que, apesar de não ter sido explicitada ali, está presente de maneira implícita no uso do termo *formal* para especificar a que tipo de *estrutura estão se referindo*. Caso contrário, apenas a expressão *estrutura da oração* seria suficiente para se referir à organização das partes da sentença. A definição existe para demarcar ou diferenciar algo em um grupo. Dessa maneira, “formal” especifica “estrutura” e, ao mesmo tempo, a diferencia dos demais tipos de estruturas da oração existentes. Essa ação reafirma nossa percepção de que, no ensino da sintaxe, ainda que de forma assistemática, há um apontamento para algo que não cabe mais na observação restrita da materialidade dessa língua. Ainda assim, temos nessa afirmação a noção de que o sujeito é um conceito ligado apenas à dimensão orgânica da língua. Mais adiante, iremos tratar disso em um outro item dessa mesma coleção.

Partindo para a análise que as autoras se propõem a fazer das *diferentes orações* do texto, constata-se que é uma observação a respeito do aspecto de concordância entre o verbo e o sujeito de cada oração, o que acarreta na definição adotada pelo LD de que

Sujeito é o termo com o qual o verbo da oração concorda em número (singular ou plural) e pessoa (1ª, 2ª e 3ª). (p.516)

Em todos os casos, observamos que o **verbo** assume a flexão de número (singular ou plural) e pessoa (1ª, 2ª ou 3ª) correspondente à flexão do **termo** da oração ao qual se refere. Essa é uma relação de **concordância verbal** e está sempre presente na articulação entre o **sujeito** e o **verbo**.

No último exemplo, o verbo **dorme** refere-se ao pronome **ele** (Woodstock), que foi mencionado anteriormente, embora não esteja explícito na oração em estudo. É essa relação formal que determina a flexão de **dormir** na 3ª pessoa do singular.

"Woodstock e eu **gostamos** de fazer piqueniques."

(= nós)

"Às vezes **ele anda**..."

"Às vezes **ele voa**..."

"Mas sempre **dorme** na viagem de volta!"

ele (Woodstock)



EDUAR GUAZZELLI

A análise das relações formais estabelecidas nos exemplos leva à definição de **sujeito**.

Tome nota

Sujeito é o termo com o qual o verbo da oração concorda em número (singular ou plural) e pessoa (1ª, 2ª e 3ª).

É significativo o termo *formal(ais)* aparecer, mais uma vez, como especificador, agora de *relações*, para se referir ao conceito de sujeito sintático empreendido pelo LD.

As marcas visuais utilizadas na exposição acima, como as cores diferenciadas dos verbos e dos sujeitos das orações, as setas que ligam esses verbos aos sujeitos, assim como o texto explicativo no box lateral, deixam claro que o critério utilizado para a definição do sujeito é o da concordância, definida aqui como uma relação do campo formal da sentença.

Na nossa perspectiva, a concordância é uma das coordenadas enunciativas que incidem sobre o verbo, no acontecimento enunciativo, quando ele é retirado do seu estado infinitivo pelo acionamento do lugar de sujeito, para a constituição da sentença. Podem também participar dessa atualização outras coordenadas como as de tempo, modo, pessoa, número e aspecto, o que já deslocaria a discussão a respeito do sujeito sintático para além das relações internas dos termos da oração.

Um aspecto relevante para a discussão do sujeito é a diferença com que se dá a ocupação desses lugares nos exemplos oferecidos pelo LD.

(19a) *Woodstock e eu* gostamos de fazer piqueniques...

(19b) Às vezes, *ele* anda...

(19c) Às vezes, *ele* voa...

(19d) Mas [] sempre *dorme* na viagem de volta!

Os enunciados (19a) a (19c) constituem-se de sujeito base, sendo que em (19a), o lugar de sujeito é ocupado pela definitude em núcleo e em (19b) e (19c), essa ocupação de dá pela definitude por ancoragem. Com isso, o grau de definitude em (19a) é mais alto do que em (19b) e (19c). Em (19a) o sujeito serve como marca de inicialização do texto com um alto grau de definitude da referência, tendo um caráter informativo, que produz o efeito de unidade. Mesmo com esse efeito de unidade, não seria pertinente substituir, nessa ocorrência, *Woodstock e eu* pelo pronome pessoal *nós*, o que diminuiria a sua definitude como peça inicial da história. Discutir a diferença entre a ocupação desse lugar de sujeito por *Woodstock e eu* por *nós* seria uma boa reflexão em relação aos usos dos pronomes pessoais na progressão textual, tendo como base o modo de ocupação por definitude. “Ele”, que ocupa o lugar de sujeito em (19b) e (19c) ancora sua referência na formação nominal que ocupa o lugar de sujeito em (19a). O uso do pronome em (19b) e (19c) não é apenas uma substituição do sujeito anterior, mas um índice de ancoragem a um de seus elementos.

Em (19d) não há a ocupação por um elemento formal da língua, mas o lugar de sujeito encontra-se em ancoragem na progressão *textual*. É essa progressão, juntamente com o reconhecimento das coordenadas de enunciação recebidas pelo verbo, que projeta a ancoragem em *ele* (*Woodstock*), e não em *Woodstock e eu*.

Para finalizar, trazemos um exemplo retirado do mesmo capítulo que o anterior, que justificaria o uso do termo “formal” para definir estrutura da língua em (19).

(20)

Termos essenciais

» Leia o diálogo travado pelas personagens da tira abaixo para responder às questões de 1 a 3.

▲ QUINO. *O irmãozinho da Mafalda*. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 38.

1. Na tira, Miguelito revela sua dificuldade para compreender dois conceitos sintáticos. Quais são eles?
2. Mafalda procura ajudar seu amigo criando um exemplo no qual ele deveria identificar o sujeito da oração. A resposta dada por Miguelito surpreende a menina. Por quê?
 - ▶ Considerando a resposta de Miguelito, o que ele entende como *sujeito* de uma oração?

3. Ao pedir a Miguelito que identifique o sujeito de “Esse lixo enfeia a rua”, Mafalda espera que ele analise sintaticamente a oração, ou seja, que observe as relações estabelecidas pelos elementos presentes na oração. Explique qual critério é utilizado pelo menino para responder à pergunta.

- ▶ A explicação para o equívoco de Miguelito nos permite elaborar uma hipótese sobre sua dificuldade para compreender os conceitos de **sujeito** e de **predicado**, tal como deveriam ter sido explicados pela professora. O que ele precisaria entender para que os conceitos mencionados pudessem ser adequadamente compreendidos?

FIGURA 23 – Exemplo 20
Fonte: CI, v.2, p.514-515.

No decorrer da exposição iniciada pela tirinha da Mafalda, as autoras atribuem a dificuldade de falantes da língua portuguesa, quando lhes são apresentados conceitos como de sujeito e predicado, à confusão que fazem entre critérios de natureza semântica e de natureza sintática, o que poderia abrir uma discussão a respeito daquilo que é material e do que é enunciativo na fala dos personagens. O que consideramos um problema é que, na sequência dada, as autoras definem sintático ao que diz respeito “às relações estabelecidas a partir da maneira como os termos se articulam no interior das orações.” (p.515). Dessa forma, as relações se restringem à formalização da língua, apesar de em vários exercícios, como já demonstramos, seja necessária a relação enunciativa para se estabelecer o sentido da sentença - como o sujeito (18) ou o objeto (4). As autoras justificam a resposta do personagem como sendo uma confusão entre critérios de natureza semântica - “sujeito

como alguém que pratica uma ação, que é responsável por um acontecimento⁴⁰ – e critérios de natureza sintática – “funções desempenhadas pelos sintagmas no interior das orações”. Ou seja, na perspectiva da semântica, para elas, o sujeito é o ser no mundo, um sujeito empírico.

Mesmo assim, consideramos significativa a abordagem dada ao sujeito nesse item, pois pode sinalizar que, apesar de ainda preso à formalização da língua ao tratar a sintaxe, há uma percepção no LD de que existem outros níveis de análise da língua. Dessa forma, ao mesmo tempo em que percebemos formas tradicionais de trabalhar a sintaxe, percebemos “escapadas” para abordagens que apontam para o enunciativo, como percebemos no que é exposto no guia de respostas (p.189), referindo-se à questão 3:

3. *Miguelito usa um critério de natureza semântica, ou seja, ele considera o sentido do que é dito e faz uma interpretação para identificar um indivíduo que possa ser responsável pelo fato nomeado.*

- *O que Miguelito precisaria entender é que, **além das relações de sentido, os termos da oração também estabelecem entre si relações de natureza sintática que marcam as funções desempenhadas pelos sintagmas no interior das orações.** (grifo nosso)*

Essa observação a respeito das diferentes esferas para se observar a língua, que as autoras chamam de semântica e sintática, também aparece na sequência das atividades sobre a tirinha:

Essa tira ilustra uma confusão muito comum ao estudo dos termos da oração. Os falantes da língua portuguesa, quando apresentados a conceitos como os de **sujeito** e de **predicado**, às vezes continuam a orientar-se exclusivamente por critérios de natureza semântica. Não percebem, em um primeiro momento, as relações estabelecidas a partir da maneira como os termos se articulam no interior das orações. É a análise dessas relações que permite a identificação das diferentes **funções sintáticas** desempenhadas por tais termos.

A partir do que é dito acima, podemos retomar o exemplo anterior para compreender o motivo de se definir *estrutura da língua* como *formal*, na concepção de sujeito sintático que esse material traz. A *estrutura formal*, aqui, se contrapõe aos *critérios semânticos da língua*, conforme os definem as autoras desse LD.

Observando a resposta do personagem, temos que pensar no significado da palavra “sujeito”, pois temos duas palavras com o mesmo significante: sujeito como pessoa e

⁴⁰ *Acontecimento*, aqui, deve ser entendido como *ocorrência*.

sujeito como nome da categoria gramatical. O que acontece na tirinha é que a pergunta é feita pensando no segundo significado, e a resposta, no primeiro.

A discussão levantada aqui sobre a relação sintático/semântico do ponto de vista da gramática está em se considerar o sujeito como sintagma, “esse lixo”, ou como ser no mundo, “LIXO”. Na nossa concepção de uma semântica da enunciação, a questão é a pertinência de se ocupar o lugar de sujeito por este ou aquele termo. Então, a partir do exemplo da tirinha, podemos lançar mão de outras ocorrências em colmeia para demonstrar que não são as palavras, mas o lugar sintático que determina a constituição do sujeito.

Na tirinha, é feita uma crítica social em relação ao tratamento dado pelo poder público ao lixo nas ruas da cidade. Partindo de:

(20a) Esse lixo enfeia a rua.

Podemos trazer as ocorrências:

(20b) A prefeitura enfeia a rua com esse lixo.

(20c) O prefeito enfeia a rua não recolhendo esse lixo.

(20d) O cidadão enfeia a rua jogando esse lixo no chão.

Todos os enunciados acima são compostos pelo sujeito base com a ocupação do lugar de sujeito pela definitude em núcleo. Do ponto de vista da ocupação do GN-sujeito, todos apresentam alto grau de definitude no acontecimento, devido ao seu núcleo substantivo. No entanto, voltando à situação da tirinha, podemos observar que apenas (20a) daria a possibilidade da resposta de Manolito. No acontecimento enunciativo que se configura no texto, há uma crítica social em relação à responsabilidade do lixo. Ao mesmo tempo, no gênero tirinha, se propõe um efeito de humor, que se produz, em (20), a partir da relação entre traços de memória que são acionados na atualidade da enunciação, formalizada como *O lixo* e a crítica que se incide sobre ele. Isso porque *lixo* é um *resultado* de ações e não *quem* efetivamente produz essas ações. O lixo está nas ruas por ações (ou falta delas) de pessoas ou órgãos responsáveis pela limpeza da cidade. Dessa maneira, o personagem encontra brecha na enunciação para trazer o sujeito como referente no mundo para a sentença que lhe é posta como questão, nos demais exemplos, já inserimos esses

referentes como GN que ocupa o lugar de sujeito. Ao enunciar (20a), na cena enunciativa construída na tirinha, na relação entre memória e atualidade, a enunciação atualiza o enunciado que é formalizado. Também por essa relação memória/atualidade, o personagem produz essa referência na responsabilidade sobre aquela situação do lixo. Nas ocorrências de (20b) a (20d), essa responsabilidade está inserida na sentença como o GN-sujeito, o que impede a possibilidade de se obter o efeito de sentido pretendido em (20).

Passemos ao próximo item para discutirmos a ocupação do lugar sintático de objeto e o ensino.

4.3 LUGAR SINTÁTICO DE OBJETO

Vimos, no item anterior, que é o lugar de sujeito que aciona o verbo, tirando-o do seu estado de dicionário, e instaura a sentença. Já o lugar de objeto é projetado pelo verbo e está mais relacionado à progressão temática da sentença. Como o lugar de sujeito, o lugar sintático de objeto pode também estar ou não ocupado, dependendo da demanda de saturação da sentença.

São os verbos que projetam o lugar de objeto, por trazerem, nas enunciações das quais participaram, um histórico de elementos que ocupam esse lugar, o que cria uma memória de regularidades dessa ocupação. Dessa forma, além de apresentar esse potencial de projeção do lugar de objeto, o verbo participa da configuração da referência constituída desse lugar (Dias, 2005). Retomemos o nosso exemplo (4), a fim de ilustrarmos o que foi dito até aqui.

(4)

Leia a tira a seguir e responda às questões 1 e 2.



(Luis Fernando Veríssimo. *As cobras em: Se Deus existe que eu seja atingido por um raio*. Porto Alegre: L&PM, 1997. p. 98.)

1. O complemento dos verbos das frases do 1º, do 2º e do 3º quadrinhos não foi mencionado: ele está implícito. Pelo contexto, qual é ele? **a bola**
2. No 4º quadrinho:
 - a) De acordo com o contexto, que palavras provavelmente formariam o predicado da oração não concluída na fala da cobrinha da esquerda? **provavelmente: não atrasou a bola? ou lançou a bola?**
 - b) Identifique o sujeito e o predicado da oração correspondente à fala da cobrinha da direita. **sujeito: ninguém; predicado: pediu por favor**

FIGURA 6- Exemplo (4)

Fonte: CII, v.2, p.268-269.

Mostramos, no capítulo 2, como a memória dos verbos presentes na tirinha é acionada para se constituir uma referência dos objetos não lexicalizados. Isso é possível porque os verbos “passar”, “chutar”, “atrasar” e “lançar” já participaram de outras enunciações em que apareceram acompanhados de lugares de objeto ocupados, assim, mesmo esses lugares estando vazios, a significação está relacionada às possibilidades de ocupação constituídas pelo percurso enunciativo desses verbos. Acontece que alguns verbos são mais produtivos que outros, ampliando essas possibilidades de ocupação. O verbo “passar” não traria apenas uma memória no âmbito do futebol. Mas, a referência é constituída, nesse lugar sintático, também pela articulação sintática dos verbos na sentença e no acontecimento, dentro de um texto. A articulação entre os verbos “passar”, “chutar”, “atrasar” e “lançar” restringe as possibilidades temáticas das sentenças ao futebol e projetam um domínio de referência que dê suporte à ocupação do lugar de objeto. O discurso, no caso do jogo de futebol, opera sobre as bases da sintaxe, por isso, a articulação sintática dos verbos na sentença é tão determinante para a referência do lugar sintático quanto o percurso enunciativo do verbo que o projeta.

O verbo projeta um lugar, ou seja, um espaço no interior do qual se constitui um domínio de referência. O objeto, enquanto forma linguística, é um recorte de significação historicamente delimitado e ganha forma na língua através desse lugar projetado. Assim, o domínio de referência é

algo da relação entre um recorte determinado pelas condições históricas do acontecimento e uma injunção desse recorte ao lugar específico de configuração da forma linguística. (DIAS, 2006a, p.57)

Por isso consideramos problemático o tratamento dado tradicionalmente ao estudo dos objetos, por partirem de uma ideia de (in)completude do sentido do verbo (verbos transitivos ou intransitivos). Em (4), podemos ver a fragilidade dessa concepção em relação aos verbos, quando, por exemplo, o verbo “passar” é usado sem objeto, e, mesmo assim, é possível responder à questão 1 a respeito do seu “complemento”. Poderíamos, aqui, explicar essa possibilidade apenas no que se refere ao gênero textual, tirinha, relacionando o texto verbal e o texto não verbal (lançando-se mão do que nos parece que os autores chamam, na questão 1 de “contexto”), mas insistimos que, mesmo apresentando a seguinte sequência sem os outros elementos que compõem o texto:

(4a) Passa! Chuta! Atrasa! Lança!

ainda sim seria possível constituir referência para o lugar de objeto, através de injunções da memória enunciativa desses verbos e da articulação dos mesmos no enunciado. Isso se dá porque reconhecemos aí o discurso esportivo (futebol), no qual esses verbos são bastante presentes. E observemos que é comum a presença desses verbos, nesse domínio de referência, sem os complementos, uma vez que os jogadores se veem tomados pela emoção e a urgência de agir dentro do campo. A ocupação desses lugares é “controlada por fatores discursivos que atuam na enunciação.” (Dias, 2005, p.119). O humor do quadrinho reside justamente no fato de que um dos personagens quebra esse estatuto, esperando que o seu parceiro utilizasse o termo “por favor” ao lhe dar os comandos do jogo, quando a pertinência está exatamente em ser direto.

A ocupação ou não do lugar de objeto, observada pelas condições enunciativas dessa ocupação, nos leva a uma observação dos domínios de referência no plano do enunciável e nos afasta do viés de completude ou incompletude do sentido dos verbos, que geram questões, em sala de aula, que nem sempre podem ser respondidas se desconsideradas essas condições enunciativas.

O exemplo (21) demonstra o que acabamos de dizer. Esse quadro é encontrado, em uma das coleções de livro didático analisadas, no momento em que é apresentado o item

“Relações e funções sintáticas”, no qual as autoras afirmam que, para compreender a noção de estrutura sintática, é necessário entender “relação sintática” e “função sintática”.⁴¹ Para explicar “relações sintáticas”, elas dão o seguinte esquema:⁴²

(21)

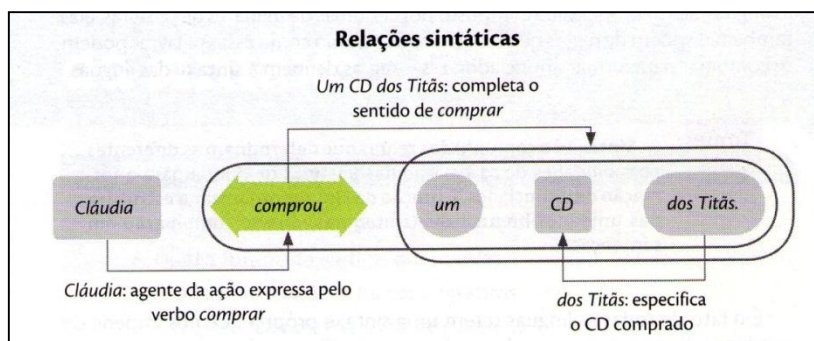


FIGURA 24 – Exemplo (21) Relações sintáticas
Fonte: CI, v.2, p.505.

A questão que levantamos aqui diz respeito a essa afirmação de que há uma relação sintática entre “comprou” e “um CD dos Titãs”, porque “um CD dos Titãs” *completa o sentido* de “comprou.” Se assim fosse, como analisaríamos estas outras possibilidades de uso desse verbo?

- (21a) Cláudia comprou uma briga.
- (21b) Cláudia comprou a amizade de Fernanda.
- (21c) Cláudia comprou demais.
- (21d) Cláudia comprou, comprou, comprou.
- (21e) Cláudia comprou.

Os efeitos de sentido em cada um dos exemplos é diferente, apesar de usarmos o mesmo verbo. Em (21a) e (21b), temos “complementos” desse verbo, mas de natureza diferente do dado em (21), “briga” e “amizade” remete a um campo de compra diferente de

⁴¹ Definições do livro em questão: a) Relações sintáticas: são as” relações estabelecidas entre as palavras que definem as estruturas possíveis na sintaxe das línguas. As noções de estrutura e de relação estão, portanto, intimamente relacionadas.” B) Função sintática: “Só é possível dizer que entre os elementos do enunciado (...) se estabelece alguma relação sintática porque esses elementos desempenham uma função sintática específica nas estruturas das quais faz parte, e no interior das quais entram em relação.” (p. 506)

⁴² Essas definições fazem parte do capítulo “Introdução ao estudo de sintaxe”, onde são definidos, além de relações e funções sintáticas, os termos sintaxe, frase, oração e período. (p.504-513).

“CD”. Em (21c) a palavra que acompanha o verbo não se configura como seu objeto por não ter como núcleo um nome. Já (21d) e (21e) trazem esse verbo sem complemento, mas, no primeiro caso, com um efeito enfático causado pela repetição do próprio verbo. Esses exemplos são construções possíveis na língua portuguesa e surgem como questionamentos pelos alunos em sala de aula quando se deparam com a abordagem dada à transitividade verbal.

Em cada item, temos um *sentido* diferente para esse verbo, já que seus complementos não são de mesma natureza? Podemos dizer que em (21d) “comprou” perdeu o seu sentido, pois não possui um complemento como nos demais itens? E a relação entre *comprou* e seus complementos é a mesma em (21), (21a), (21b) e (21c)? Essas são algumas perguntas que podemos fazer aos alunos para que reflitam a respeito da relação entre os verbos e seus complementos. Essas perguntas só poderão ser respondidas a partir da observação do conjunto de exemplos que se relacionam, (21) a (21e), demonstrando diferentes enunciações do verbo “comprar”. Isso demonstra a importância de se aplicar a noção de exemplo-colmeia ao tratar a sentença na reflexão sobre a língua.

Sob o viés da enunciação, não classificamos os verbos de acordo com sua transitividade, relacionada à completude ou incompletude de sua significação, pois percebemos falhas nessa abordagem, como verificamos em (21). Consideramos as condições enunciativas de ocupação do objeto e o domínio de referência para a constituição desse lugar. Para nós, a ocupação ou não ocupação lexical do lugar de objeto se dá não restritamente ao sentido do verbo, mas pelo grau de saturação da sentença. Nessa perspectiva, Dias (2006) apresenta dois tipos de predicação: a predicação dirigida e a predicação centrada.⁴³

A predicação dirigida “ocorre quando ela é orientada para um objeto” (p.61)

(21) Cláudia comprou um CD dos Titãs.

(21a) Cláudia comprou uma briga.

(21b) Cláudia comprou a amizade de Fernanda.

A predicação centrada “ocorre quando ela orienta para o verbo a direção da significação, não produzindo a necessidade do objeto.” (idem)

⁴³ Dalmaschio (2013) desenvolve um importante estudo a respeito do lugar de objeto não ocupado, criando um contínuo de predicação centrada.

(21c) Cláudia comprou demais.

(21d) Cláudia comprou, comprou, comprou.

(21e) Cláudia comprou.

Nas ocorrências de (21) a (21b) o lugar de objeto é ocupado por referentes diferentes, que se constituem na categoria de substantivo, uma regularidade da predicação dirigida. Esses referentes carregam no recorte de memória realizado nessa ocupação valores socialmente marcados como positivos e negativos. Explicando melhor, “comprar” traz enunciações em sua significação de algo que é adquirido pelo dinheiro, então, comprar um objeto à venda, como “um CD dos Titãs”, é esperado e faz parte das relações capitalistas e mercadológicas da sociedade em que vivemos. Em (21a) ainda podemos vislumbrar uma situação em que a “Cláudia” quer somente defender um ponto de vista em uma situação que vai de encontro com que ela pensa. Já em (21b) significa um padrão de comportamento inaceitável socialmente, pois a “amizade” é um valor que deve ser conquistado pela admiração, respeito, afinidade, não por questões materiais.

No exemplo (21c) a ocupação do lugar de objeto se deu pelo que chamamos de palavras-âncora, que não são da categoria de substantivos, as quais “nos remeteriam ao domínio de referência do objeto, que se situa na memória, no plano do enunciável.” (Dias, 2005, p.63). Apesar da não ocupação, no domínio de referência de (21c) estariam incluídos “cds, roupa, comida, jóias ou outros bens materiais” e não poderíamos pensar em “briga” ou “amizade”, por exemplo. Isso demonstra que a relação entre o lugar de objeto e o domínio de referência inclui e exclui as possibilidades de ocupação.

Nas ocorrências (21d) e (21e), não há uma orientação ao predicado, nem para um sintagma nominal nem para uma palavra-âncora. A diferença é que em (21d) há uma repetição do verbo para dar ênfase ao ato de “Cláudia”, portanto “comprou, comprou, comprou”, poderia ser, *num primeiro momento*, substituído por “demais” ou “muito”. Mas sabemos que o efeito de sentido não seria o mesmo, uma vez que a repetição do verbo confere um tom mais enfático ao enunciado. Agora, em (21e), a sentença indica uma informação do ato de Cláudia em si, e não do objeto dessa compra. Pensemos em uma situação em que Cláudia fosse uma compulsiva em compras que estivesse fazendo um tratamento e, numa recaída, alguém falasse “Cláudia comprou.” O domínio de referência estaria bem ampliado aqui, mas continuaria excluindo “briga” ou “amizade”, devido à sua trajetória enunciativa.

Não está no próprio verbo a possibilidade do tipo de predicação, ou seja, não há verbos, em si mesmos, próprios de uma ou outra predicação. As predicções estão relacionadas em ocorrências históricas dos verbos, dando a eles uma regularidade. O verbo “comprar” pode ser afetado tanto pela predicação dirigida (com ocupação do lugar de objeto) quanto pela centrada (sem ocupação, o predicado está centrado no verbo), pela sua alta produtividade no plano do enunciável, o que favorece a esse verbo um maior domínio de referência. Isso acontece porque “comprar” possui diferentes trajetos enunciativos de significações. Por outro lado, verbos com pouca produtividade (como verbos já em desuso ou pouco conhecidos), que recebem poucas ocorrências de enunciação, são favorecidos por apenas um tipo de predicação (p. 61).

Ao deslocarmos o olhar da tipologia dos verbos como transitivos ou intransitivos para uma tipologia da predicação (centrada ou dirigida), estamos incluindo nessa análise o plano do enunciável. Essa abordagem tiraria da transitividade pautada unicamente no verbo a explicação para o complemento que esse verbo receberá, o que, como vimos, nem sempre funciona se considerarmos as diferentes possibilidades enunciativas do verbo.

O exemplo (4) seria enriquecido como atividade se houvesse uma reflexão a respeito do que motivou a não ocupação dos verbos “passa!, chuta!, atrasa! e lança!”, seguida de orientações como as que fizemos com os exemplos (21) a (21e) a respeito da ocupação de lugar de objeto.

Para falarmos do lugar de objeto ocupado formalmente, selecionamos uma propaganda utilizada pela CI em uma de suas atividades do capítulo “Introdução ao estudo de sintaxe”. No LD, a atividade trabalha o enunciado dentro e fora do contexto e a diferença entre frase e oração. A nós, essa propaganda interessou pela ocupação que se dá do lugar do objeto pela palavra *remédio*.



FIGURA25-Exemplo 18
Fonte: CI, V2, p.511.

Conforme já demonstrado neste trabalho, enunciar é inserir um dizer em outras enunciações com as quais ele mantém uma relação, formando, assim, o intertexto desse dizer. Por que enunciar, então, *remédio* em uma propaganda de aspirador de pó? Para responder a essa pergunta, precisamos, a partir do exemplo-colmeia, estabelecer algumas relações com a memória de elementos que constituem esse enunciado na sua atualização.

O texto publicitário é um gênero que visa vender um produto ou uma ideia, nesse caso, um aspirador de pó. Uma das estratégias utilizadas para esse fim é enfatizar características positivas do produto e suas vantagens em relação a outros de outras marcas. Isso é feito ao se afirmar que esse aparelho faz algo que não é comum aos outros: limpar o piso do banheiro. Por outro lado, *queda de cabelo* ganha pertinência nesse enunciado, porque o fio de cabelo, além de ser algo difícil de limpar, é comum ser encontrado no chão do banheiro. Com essa finalidade, no texto publicitário, *remédio* também ganha pertinência porque remete à memória de aquilo que resolve/soluciona algo. Além disso, um remédio eficaz para queda de cabelo é desejado por muitas pessoas que tem calvície, o que pode trazer um efeito de humor para o anúncio. As relações contraídas por *remédio* nas suas enunciações ajudam a enfatizar a utilidade do produto.

(22a) Ainda não inventaram remédio melhor para queda de cabelo.

(22b) Ainda não inventaram aspirador de pó melhor para queda de cabelo.

(22c) Ainda não inventaram aparelho melhor para queda de cabelo.

(22d) Ainda não inventaram aspirador de pó melhor.

Todas as ocorrências acima seriam aceitáveis como enunciado da propaganda, mas o efeito de sentido não seria o mesmo, o que repercutiria na eficácia do texto enquanto peça publicitária. Apesar de em (22b) *aspirador de pó* ter um grau de informação maior que os demais GN-objetos, não constituiria uma base de referência que desse tanta ênfase ao poder de limpeza do produto, porque todos os outros de diferentes marcas são aspiradores de pó também, mas só esse é *o remédio*. Em (22c), aparelho abre mais esse campo de referência. E em (22d), falta a argumentação que sustenta a superioridade do produto.

Os lugares sintáticos são um lugar de contato entre uma memória dos dizeres e a atualidade desses dizeres. Assim, é lançando o olhar sobre esses lugares que podemos observar as dimensões orgânicas e enunciativas da língua. Além disso, vimos que a forma como se dá a ocupação desses lugares é a base para a produção de sentido. Por isso, defendemos a inserção da noção de lugares sintáticos no ensino de língua portuguesa. Como buscamos mostrar, com essa abordagem enunciativa da língua, o aluno poderá ser levado a perceber as relações de memória das formas linguísticas, o que traria importante ganho para o estudo da significação no ensino médio. Para a sistematização desse ensino, propomos a aplicação do conceito de exemplo-colmeia. O uso das palavras não é aleatório, mas discursivizado, dessa forma, os exemplos de diferentes enunciações de uma sentença que se relacionam pelo histórico de suas ocorrências formam um conjunto, uma unidade. Com o estudo dos lugares sintáticos pelo uso dos exemplos-colmeia, além de perceber a relação entre formas da língua e sua exterioridade, o aluno é levado a saber que o estudo da significação não passa por critérios intuitivos, em que se “decide” se um enunciado tem ou não sentido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tomamos como ponto de partida para nossa pesquisa duas orientações para o ensino de gramática: os PCNEM e a teoria da Semântica da Enunciação.

De acordo com os PCNEM (1999) e PCNEM+ (2002), podemos dizer que há três palavras que sintetizam os objetivos do ensino de gramática no ensino médio: aprofundamento, reflexão e sistematização. O aluno do ensino médio deve ter a oportunidade de aprofundar os conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, fazendo a passagem de uma percepção mais intuitiva para uma mais reflexiva e sistemática da língua. Essa é uma passagem importante para demarcar a diferença entre esses dois níveis e, ao mesmo tempo, dar continuidade à construção progressiva dos conhecimentos a respeito da língua. Isso está presente nesses documentos ao enfatizarem a importância de uma reflexão sobre a língua e seus sistemas no ensino médio e ao considerarem importante a compreensão dos padrões formais da organização do texto.

Na Semântica da Enunciação a que nos filiamos, Guimarães (2011) também ressalta a importância de se considerarem as sistematicidades do enunciado no ensino, ensinando o funcionamento gramatical relacionado ao funcionamento semântico da produção de sentido.

Para Guimaraes (2002), para fazer análise do sentido é necessário fazer uma análise da enunciação, do acontecimento do dizer, sendo a enunciação um espaço que considera a constituição histórica do sentido. Então, abordar a enunciação é observar o sujeito na linguagem. A enunciação é, pois, o acontecimento no qual se dá a relação do sujeito com a língua. A questão do sentido é, assim, uma questão simbólica, tomando o enunciar como uma prática política e não individual, por isso, vemos o sentido como uma construção histórico-social.

Nessa perspectiva, vimos que o acontecimento enunciativo não é marcado cronologicamente, mas na enunciação; é um presente no acontecimento que busca o passado e projeta um futuro de significações. Nessa relação passado/acontecimento/futuro, defendemos, a partir de Pêcheux (2002), a memória discursiva constituída a partir de dois espaços que atravessam o discurso: um de significações estabilizadas, normatizadas, e o outro de transformações de sentidos, lacunas a serem preenchidas. Nesse processo, são estabelecidas as filiações históricas organizadas em memórias e as relações sociais em redes de significados. Dessa maneira, a significação se dá a partir da relação de atualização

de elementos linguísticos com outros elementos de ordem enunciativa. Para nós, a enunciação é sempre transversal à língua e não linear, perpassando todos os níveis (fonológico, morfológico, sintático e semântico) de análise linguística considerados pela linguística clássica. Consideramos a língua nas dimensões orgânica e enunciativa, tendo a sintaxe como base para a observação da ordem material e a relação entre os elementos que compõem essa estrutura orgânica, numa relação com a memória social e histórica das enunciações dessas formas. A sentença é a face regular da unidade configurada como enunciado (DIAS, 2009). Nessa abordagem, defendemos que, de outras enunciações é que se cria a memória de ocupação e relação dos componentes na sentença. Para a sintaxe com bases enunciativas, as sentenças são formadas como resultado de coordenadas de enunciação na instalação do dizer, que projetam lugares sintáticos. Esses lugares são parte constituinte das sentenças, estando ou não ocupados organicamente.

Ainda nessa perspectiva, consideramos que a referência é constituída na relação entre o acontecimento enunciativo e o espaço histórico desse dizer, como nos apresenta Guimarães (2002).

Voltando especificamente à pesquisa desenvolvida nesta tese, foi a partir da identificação de uma consonância entre as orientações dos PCNEMs e das bases da Semântica da Enunciação é que nos debruçamos na análise dos LD, ainda o principal material didático utilizado nas aulas de português. Os LD não só servem como roteiro de ensino, mas também como suporte para formação do professor, devido ao manual destinado a esse profissional, presente nos livros.

Nas definições apresentadas pelo material didático, há um ponto de contato com a nossa perspectiva quando trata a língua como atividade humana e a relaciona a uma temporalidade e à produção de sentido. No entanto, entendemos a língua de forma mais abrangente em uma relação interdiscursiva, dentro de uma temporalidade construída no discurso. Com isso, o sentido é construído na relação entre memória e acontecimento. Nessa atualização é que elementos linguísticos ocupam formalmente os lugares sintáticos constituídos pela enunciação.

Percebemos que há nos LD apontamentos para as questões enunciativas da língua, mas ainda falta uma abordagem sistemática a respeito da relação entre a língua e sua exterioridade. Nesse sentido é que propomos alguns deslocamentos conceituais capazes de dar base para uma análise linguística a partir da observação das diferentes enunciações das formas da língua, sistematizada pela aplicação da noção de exemplo-colmeia. Com essa

abordagem, acreditamos que o processo de produção de sentido é estudado de forma a levar o aluno a conhecer as relações entre as formas da língua e, também, perceber o que motiva a sua constituição.

Reforçamos a necessidade do deslocamento que propomos dos conceitos de contexto para o de intertexto e o de completude de sentido para o de saturação no acontecimento, para que seja possível falar dos lugares sintáticos como formas linguísticas mas, também, das incidências enunciativas nesses lugares.

Acreditamos que, sob o prisma da Semântica da Enunciação, o aluno pode ir além do conhecimento da língua; ele pode passar a se reconhecer inserido nela.

Muito ainda há o que desenvolver a respeito de um ensino de língua portuguesa com base na Semântica da Enunciação, principalmente no que se refere à aplicação dessa proposta no ambiente real de sala de aula. Também há muito que investigar a respeito de uma sintaxe com bases enunciativas, e o Grupo de Estudos da Enunciação/UFMG tem se dedicado a isso. Com a nossa pesquisa, pretendíamos lançar essa abordagem para novas discussões, estabelecendo um diálogo inicial entre a teoria e a prática de ensino, na perspectiva que considera a transversalidade enunciativa na língua. Acreditamos que nossas discussões teóricas e nossos apontamentos para a prática do ensino possam servir de base para novos estudos nesse campo de investigação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABAURRE, M^a Luiza M.; ABAURRE, M^a Bernadete M.; PONTARA, Marcela. *Português: contexto, interlocução e sentido*. v.2. São Paulo: Editora Moderna, 2010.

ACHARD, Pierre. Memória e Produção de Sentido. In: _____. et alli. *Papel da memória*. Campinas: Pontes. 1999, p.11-21.

ADAM, Jean-Michel. *A Linguística Textual: introdução à análise textual dos discursos*. 2ed. São Paulo: Cortez, 2011.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2011.

BENVENISTE, Emile. O aparelho formal da enunciação. In: _____. *Problemas de linguística geral II*. 2ed. Campinas: Pontes, 2006, p. 81-90, 2006.

BERRENDONNER, Alain. Pour une macro-syntaxe. In: *Travaux de linguistique*, n.21, p. 25-36, 1990.

Brasil/SEMTEC. *PCN+ Ensino Médio: orientações educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais: Linguagens, códigos e suas tecnologias*. Brasília, DF:MEC/SENTEC, 2002.

Brasil/SEMTEC . *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio*. Brasília, DF:MEC/SENTEC, 1999.

COSTA-VAL, Maria da Graça. *Redação e Textualidade*. 6ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

CEREJA, Willian R.; MAGALHAES, Thereza C. *Português Linguagens: literatura, produção de texto, gramática*. 7ed. São Paulo: Saraiva, 2010.

DALMASCHIO, Luciani. *Predicação Centrada e Predicação Dirigida: a não ocupação do lugar sintático de objeto na perspectiva da semântica da enunciação*. Tese de Doutorado. Belo Horizonte: UFMG, 2013. 169p. Disponível em: (<http://www.lettras.ufmg.br/poslin/defesas/1445D.pdf>)

DIAS, Luiz Francisco. Enunciação e forma linguística. In: *Revista de Estudos da Linguagem*. Belo Horizonte, v.21, n.1, jan-jun 2013. p.223-238.

_____. Memória, enunciação e lugares sintáticos. In: PEREIRA, A.E.; LEFFA, V.J.(orgs.). *Linguagens: metodologia de ensino e pesquisa*. Pelotas: Educat, 2012.

_____. O ensino de sintaxe em livros didáticos. In: LIMA, A.F.M.; COSTA, C.S.M.; ALVES FILHO, F.(orgs.). *Reflexões Linguísticas e Literárias Aplicadas ao Ensino*. Teresina:EDUFPI, 2010, p. 191-208

_____. Enunciação e Regularidade Sintática. In: *Cadernos de Estudos Linguísticos*. Campinas. V. 51, 2009, p. 7-30.

_____. Énonciation et grammaire: le champ de production de grammaires dans le Brésil contemporain. In: Eni P. Orlandi; Eduardo Guimarães (Org).. *Um dialogue atlantique: production des sciences du langage au Brésil*. Lyons: ENS Éditions, 2007, p. 79-82.

_____. Novas Perspectivas no ensino de gramática na escola: o estatuto do exemplo em questão. In: OLIVEIRA, S.E. e SANTOS, J.F. (orgs). *Mosaico de linguagens*. Campinas: Pontes/CELLIP, 2006, p.43-53.

_____. Enunciação e Gramática: o papel das condições do emprego da língua. In: *Revista Letras*. Santa Maria. n. 33. jul-dez, 2006a.

_____. Problemas e desafios na constituição do campo de estudos da transitividade verbal. In: MARINHO, J.H.C.; SARARIVA, M.E.F. (orgs). *Estudos da língua em uso*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras/ UFMG, 2005, p. 101-122.

_____. O estudo de classes de palavras: problemas e alternativas de abordagem. In: DIONÍSIO, A.P.; BEZERRA, M.A.(orgs.). *O Livro Didático de Português: múltiplos olhares*. 2ed. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2003, p 126-138.

_____. Aspectos de uma gramática explicativa: a ocupação do lugar de objeto direto. In: *Textura*. Canoas, ULBRA, 2002.

_____. Fundamentos do sujeito gramatical: uma perspectiva da enunciação. In: ZANDWAIS, A. (org). *Relações entre pragmática e enunciação*. Porto Alegre: UFGS/ Sagra Luzzatto, 2002a.

DUCROT, Oswald. Esboço de uma teoria polifônica da enunciação. In: _____. *O Dizer e o Dito*. Campinas: Pontes, 1987, p.161-220.

FLORES, Valdir do N. O lugar metodológico da análise da enunciação em relação aos níveis de análise linguística. In: BATTISTI, E.; COLLISCHONN, G. *Língua e Linguagem: perspectivas de investigação*. Porto Alegre: EDUCAT, 2011, p. 47-57.

_____. et al. *Enunciação e Gramática*. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

FREITAS, Rodrigo. A transposição do descaso e do abandono no sertão. *Jornal O Tempo*. Caderno Especial. 06/10/13, p.09.

GUIA de livros didáticos: PNLD: Língua Portuguesa. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2011.

GUIMARÃES, Eduardo . *Análise de texto: procedimentos, análises, ensino*. Campinas: Editora RG, 2011.

_____. *Texto e Argumentação: um estudo de conjunções do português*. 4ed. Campinas: Pontes, 2007.

_____. *Semântica do Acontecimento*. Campinas: Pontes, 2002.

_____. *Os limites do sentido*. Campinas: Pontes, 1995.

_____. Enunciação e História. In: GUIMARÃES, E. *História e Sentido Na Linguagem*. Campinas: Pontes, 1989, p.71-79.

JURADO, Shirley. e ROJO, Roxane. A leitura no ensino médio: o que dizem os documentos oficiais e o que se faz?. In: MENDONÇA, Márcia; BUNZEM, Clécio (orgs.). *Português no ensino médio e formação do professor*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006, p. 37-55.

KOCH, Ingedre G.V. *Introdução à linguística textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

LACERDA, Priscila Brasil Gonçalves. Sobre a noção de regularidade linguística: considerando aspectos enunciativos na materialidade linguística. In: PENA, Elke B. F. (org.) *Enunciação e língua: uma introdução*. Florianópolis: Beconn, 2014, p. 29-36.

_____. *Bases sintáticas da enunciação em português: Uma proposta sobre o adjunto adverbial*. Tese de Doutorado. Belo Horizonte: UFMG, 2013, 93p. (<http://www.lettras.ufmg.br/poslin/defesas/1278M.pdf>)

LADEIRA, Emiliana da Consolação. O lugar do sujeito indeterminado sob uma abordagem enunciativa. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: UFMG, 2010, 95p. (<http://www.lettras.ufmg.br/poslin/defesas/1344M.pdf>)

MARCUSCHI, Beth. O que nos dizem o SAEB e o ENEM sobre o currículo de língua portuguesa para o ensino médio. In: MENDONÇA, Márcia; BUNZEM, Clécio (orgs.). *Português no ensino médio e formação do professor*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p.56-82.

MENDONÇA, Márcia. Análise linguística no ensino médio: um novo olhar, um outro objeto. In: _____ ; BUNZEM, Clécio (orgs.). *Português no ensino médio e formação do professor*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006, p. 199-226.

MILNER, Jean-Claude. Introduction à une Science du langage. Paris: Éditions du Seuil, 1989, p.357-408

ORLANDI, Eni P. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 3 ed. Campinas: Ed. UNICAMP, 1995.

PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento?*. 3ed. Campinas: Pontes, 2002.

RASTIER, François. Le problème épistémologique du contexte et le statut de l'interprétation dans les sciences du langage. *Langages*, Paris, n. 129, 1998, p. 97-111.

SARMENTO, Leila L.; TUFANO, Douglas. *Português: literatura, gramática, produção de texto*. São Paulo: Moderna, 2010.

ANEXOS

Maria Luiza M. Abaurre
Maria Bernadete M. Abaurre
Marcela Pontara

CÓDIGO DA COLEÇÃO

25142COL01

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
EDITORA MODERNA

**MANUAL DO
PROFESSOR**

PORTUGUÊS

CONTEXTO, INTERLOCUÇÃO E SENTIDO

VOLUME

2

Componente curricular: LÍNGUA PORTUGUESA

Moderna

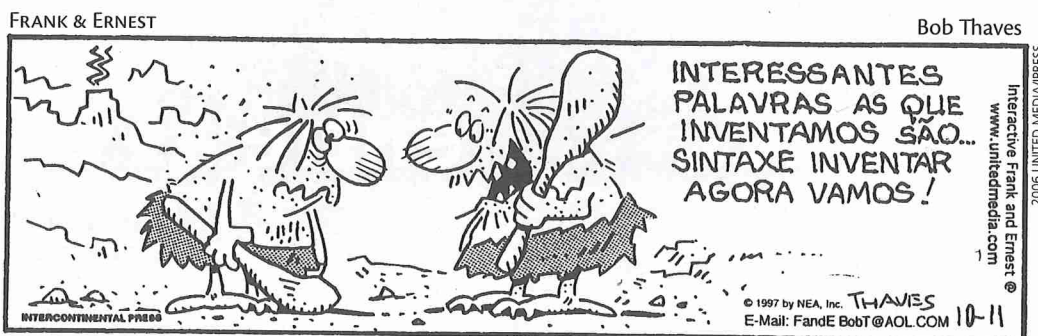
O trabalho realizado ao longo deste capítulo favorece o desenvolvimento da competência 8 e das habilidades H1, H18, H22 e H27. Para identificá-las, consultar, no *Guia de recursos*, a matriz do Enem 2009.

OBJETIVOS

- O que você deverá saber ao final deste estudo.
- ▶ Qual a função da sintaxe das línguas.
 - O que são relações e funções sintáticas.
 - O que diferencia frase, oração e período.

Estruturas, relações e funções

» Observe atentamente a tira para responder às questões de 1 a 4.



▲ THAVES, Bob. Frank & Ernest.

1. Em que momento da História humana você situaria a cena apresentada na tira? Justifique.
2. O que há de estranho na fala da personagem?
 - a) O que o leitor precisa fazer para atribuir sentido a essa fala? Explique.
 - b) Que sentido pode ser atribuído a ela?
3. Com que intenção o autor da tira teria apresentado as palavras de maneira desordenada?
 - ▶ Essa intenção pode ser confirmada pelo significado atribuído à fala após a reorganização das palavras? Por quê?
4. Uma vez reordenada, a fala da personagem explicita uma suposição sobre etapas na evolução da linguagem humana. Que etapas seriam essas?
 - ▶ A partir da fala da personagem, o que se pode concluir sobre o papel da sintaxe na língua?

Na tira, observamos o efeito desestruturador da combinação aleatória das palavras. Tomadas de modo isolado, cada uma delas pode ser associada a um significado conhecido. A sequência desordenada em que estão dispostas, porém, dificulta a compreensão do que a personagem pretende dizer.

Um exemplo como esse ajuda a compreender uma característica básica de todas as línguas: além de um léxico composto por centenas de milhares de palavras, elas também dispõem de regras que determinam o modo como essas palavras podem se combinar para formar enunciados. Essas regras definem a **sintaxe** das línguas.

Lembre-se

Enunciado é tudo aquilo que é dito ou escrito. É uma sequência de palavras de uma língua que costuma ser delimitada por marcas formais: na fala, pela entoação; na escrita, pela pontuação. O enunciado está sempre associado ao contexto em que é produzido.

Tome nota

Sintaxe é o conjunto das regras que determinam as diferentes possibilidades de associação das palavras da língua para a formação de **enunciados**. É função da sintaxe organizar a **estrutura** das unidades linguísticas (sintagmas) que se combinarão em sentenças.

É o fato de todas as línguas terem uma sintaxe própria que nos impede de combinar aleatoriamente as palavras. Isso não significa, porém, que exista apenas uma organização possível para as palavras nas sentenças.

Observe.

Ontem	Cláudia	comprou	um	CD	dos	Titãs	no	shopping
Ontem	comprou	Cláudia	um	CD	dos	Titãs	no	shopping
Cláudia	comprou	ontem	um	CD	dos	Titãs	no	shopping
Cláudia	comprou	um	CD	dos	Titãs	ontem	no	shopping
Cláudia	comprou	um	CD	dos	Titãs	no	shopping	ontem
Cláudia	comprou	no	shopping	um	CD	dos	Titãs	ontem
Ontem	no	shopping	Cláudia	comprou	um	CD	dos	Titãs

As combinações acima são algumas das possibilidades de organização sintática das palavras desse enunciado. Em todas elas, o sentido pretendido fica preservado e é perfeitamente compreensível. Há combinações, no entanto, que são meras sequências de palavras e não chegam a formar um enunciado.

shopping	Cláudia	Titãs	ontem	CD	no	dos	um	comprou
Titãs	um	comprou	no	Cláudia	CD	ontem	shopping	dos

Reconhecemos todas as palavras dessa combinação, mas concluímos que sua disposição, nessa ordem, não produz enunciados aceitos pela língua portuguesa.

Relações e funções sintáticas

Os enunciados da língua constituem unidades linguísticas que possuem uma **estrutura sintática**, ou seja, que refletem uma organização específica prevista pela língua. Não são, portanto, o resultado de combinações aleatórias de palavras. **As associações de palavras são sempre reguladas pela sintaxe, que define as sequências possíveis no interior dessas estruturas.** Para que fique claro o que é estrutura sintática, é importante compreender as noções de **relação sintática** e de **função sintática**.

Sintaxe

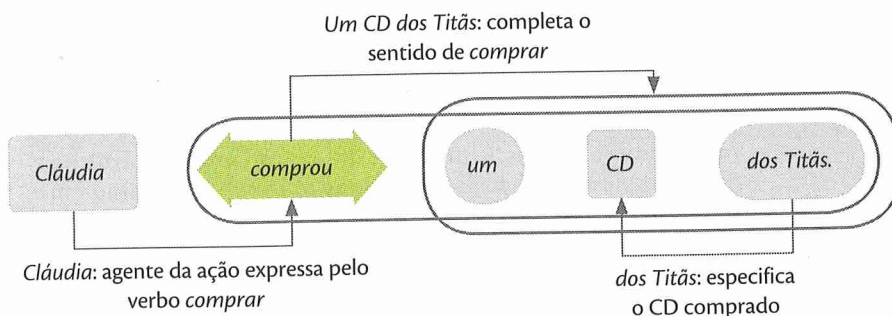
Determina as possibilidades de associação das palavras da língua para a formação de enunciados.

Organiza a estrutura dos sintagmas que se combinarão em sentenças.

Pedir aos alunos que consultem o Capítulo 13, se desejarem rever a definição de sintagma.

Observe.

Relações sintáticas



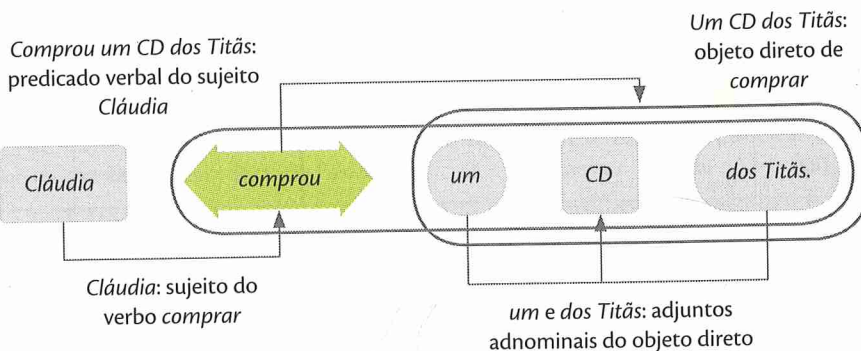
Quando dizemos algo como *Cláudia comprou um CD dos Titãs*, estamos relacionando sintaticamente *Cláudia* a *comprou um CD dos Titãs*, porque afirmamos, a respeito de *Cláudia*, que foi ela a agente da ação de comprar algo. Relacionamos, também, *comprou* a *um CD dos Titãs*, porque *um CD dos Titãs* completa o sentido de comprar. Da mesma forma, existe uma **relação sintática** entre *CD* e *dos Titãs*, porque *dos Titãs* especifica o CD que foi comprado. E assim por diante...

Tome nota

São as **relações sintáticas** estabelecidas entre as palavras que definem as estruturas possíveis na sintaxe das línguas. As noções de estrutura e de relação estão, portanto, intimamente relacionadas.

Só é possível dizer que entre os elementos do enunciado já comentados acima se estabelece alguma relação sintática porque esses elementos desempenham uma **função sintática** específica nas estruturas das quais fazem parte, e no interior das quais entram em relação. Veja.

Funções sintáticas



Fazer a análise sintática dos enunciados da língua, portanto, é explicitar as estruturas, as relações e as funções dos termos que os constituem.

Os enunciados da língua

No estudo dos enunciados da língua, identificam-se três unidades que apresentam características estruturais próprias: a **frase**, a **oração** e o **período**.

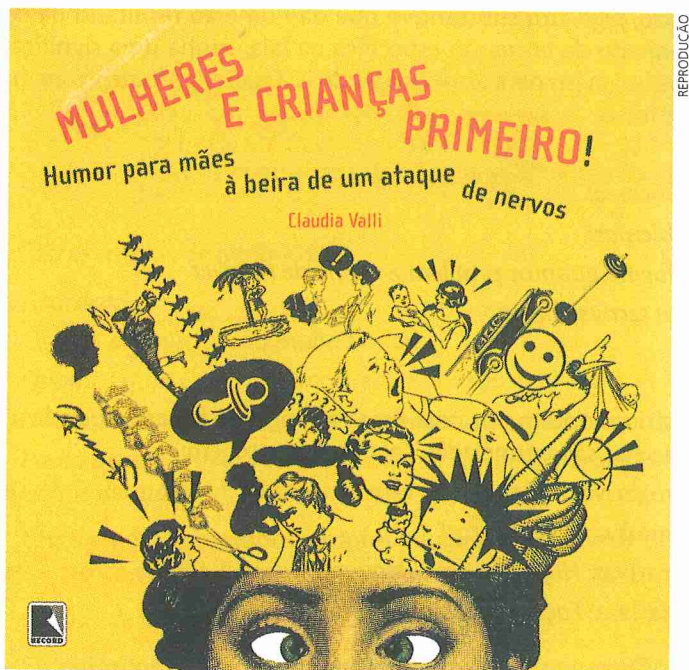
do
se entendemos como
completar o sentido,
sempre verbos de preterito
um: comprar - um CD
um: Titãs - um CD
Relação

Quê é o m m verbo
comprar uma frase
o comprar

O conceito de frase, tal como será apresentado, estabelece uma ponte entre a noção discursiva de enunciado e as unidades que serão objeto do estudo da sintaxe: sintagmas, orações e períodos, que são definidas a partir de uma abordagem mais formal. Nessa perspectiva, o termo é utilizado para fazer referências a estruturas linguísticas que, do ponto de vista da língua em uso, têm sentido completo. É correto afirmar, portanto, que todas as frases são enunciados da língua.

• A frase

Observe a seguinte capa de livro.



▲ VALLI, Claudia. *Mulheres e crianças primeiro!*: humor para mães à beira de um ataque de nervos. Rio de Janeiro: Record, 2005.

O enunciado *Mulheres e crianças primeiro!* tem um **sentido completo**. É considerado, em termos sintáticos, uma **frase**.

Tome nota

Frase é um enunciado linguístico que, independentemente de sua estrutura ou extensão, traduz um sentido completo em uma situação de comunicação. O início e o fim da frase são marcados, na fala, por uma entoação característica e, na escrita, por uma pontuação específica.

As frases podem ser constituídas por uma única palavra ou por várias palavras. Podem apresentar um verbo ou não. O essencial para decidir se um enunciado é ou não uma frase é o fato de ele apresentar um sentido completo em um contexto específico. Observe.

Frase

Enunciado de sentido completo em uma situação de comunicação.

Início e fim marcados pela entoação (na fala) ou pontuação (na escrita).

Lembre-se

Entoação é o modo como os falantes associam os enunciados a determinados contornos melódicos. Além de expressarem sentido interrogativo ou declarativo, as variações da entoação são usadas pelos falantes para atribuir aos enunciados uma série de outros sentidos (espanto, ironia, dúvida, irritação, etc.). Fale e compare:

O Brasil vai ser novamente campeão do mundo?

O Brasil vai ser novamente campeão do mundo.

CALVIN



Bill Watterson

◀ WATTERSON, Bill. O melhor de Calvin. O Estado de S. Paulo. São Paulo, 26 fev. 2003.

Na tira, quando a mãe de Calvin vê o boneco que ele colocou dentro da banheira para enganá-la, exclama: "Bela tentativa!". Essa fala é uma frase e tem um sentido perfeitamente compreensível nesse contexto.

descrição / natureza
frase = discurso
oração = sintático

frase =
discursivo = contexto
oração = sintático

Considere uma outra situação: Um homem caminha pela rua e, de repente, avista uma fumaça negra saindo da janela de um edifício. Imediatamente grita: **Fogo!**

Nesse contexto, *fogo*, um substantivo que dá nome ao resultado da combustão, acompanhado da entoação específica na fala, ganha uma significação especial, torna-se um aviso para as outras pessoas. *Fogo!* é, portanto, uma frase. São exemplos de frase.

Socorro!

Prestem-me socorro!

Quantos problemas!

Você nem imagina quantos problemas tenho de resolver.

Mas que coisa terrível, hein?!

Tipos de frase

Alguns gramáticos optam por criar uma tipologia de frases associada à entonação com que elas são enunciadas. Falam, portanto, em:

Frases interrogativas: Quando eles vêm nos visitar?

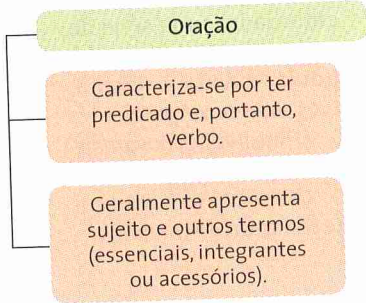
Frases exclamativas: Que horror!

Frases declarativas: Hoje está um dia quente.

Frases imperativas: Façam silêncio!

• A oração

Como se viu, o critério utilizado para identificar as frases é discursivo, ou seja, está relacionado ao contexto em que são apresentados os enunciados. A gramática normativa estuda também os enunciados a partir de considerações de natureza **sintática**, aquelas que explicam as relações entre as palavras de um enunciado e a função de cada uma delas. Uma importante unidade sintática é a **oração**.



Tome nota

Oração é um enunciado linguístico que apresenta uma estrutura caracterizada sintaticamente pela presença obrigatória de um predicado. O predicado é introduzido, na língua, por um verbo. Por esse motivo se diz que toda oração precisa ter um verbo. A oração apresenta, na maioria dos casos, um *sujeito* e vários outros termos (essenciais, integrantes ou acessórios).

Observe alguns exemplos de oração.

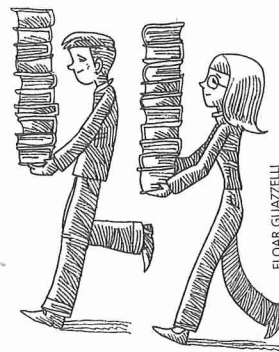
Corram!

Nós compramos livros muito interessantes na Bienal.

Esses exercícios parecem muito difíceis.

Chove muito em Manaus.

... que Eduardo venha amanhã.



Dos exemplos apresentados acima, pode-se concluir que algumas orações, como *Corram!* e *Chove muito em Manaus*, são também frases. É importante observar, porém, que há orações, como ... *que Eduardo venha amanhã*, que, isoladas do contexto, não chegam a constituir frases, pois não têm sentido completo.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

• O período

A gramática normativa prevê ainda um outro tipo de unidade sintática: o período.

Tome nota

Período é um enunciado de sentido completo constituído por uma ou mais orações. O início e o fim do período são marcados, na fala, pelo uso de uma entoação característica e, na escrita, pelo uso de uma pontuação específica, que delimitam sua extensão.

São exemplos de períodos.

Acordem!

Os dias de inverno são muito curtos.

Quantos quilos de carne vocês precisam comprar para o churrasco?

Não sabemos quantos exercícios devemos resolver para a prova.

Paulo disse que não viria, mas mudou de ideia, porque precisa pegar os documentos de sua irmã.

Chamamos de **períodos simples** aqueles constituídos por uma só oração. Nesse caso, a oração é denominada **absoluta**:

Os dias de inverno são muito curtos.

Os **períodos compostos** apresentam mais de uma oração.

Paulo disse que não viria, mas mudou de ideia, porque precisa pegar os documentos de sua irmã.

Período

Enunciado de sentido completo constituído por uma ou mais orações.

É delimitado por uma entoação (na fala) ou pontuação (na escrita) específicas.

Pode ser *simples* (oração absoluta) ou *composto* (mais de uma oração).

Lembrar aos alunos que a presença de um verbo identifica uma oração. Assim, no período composto, teremos tantas orações quantos forem os verbos que introduzirem predicados específicos.

Atividades

» A tira a seguir deve servir de base para as questões 1 e 2.

CALVIN



Bill Watterson

▲ WATTERSON, Bill. O melhor de Calvin. O Estado de S. Paulo. São Paulo, 19 out. 2000.

1. Na tira, Calvin afirma que criou algumas frases. A primeira delas ("Não pergunte o que seu país pode fazer por você. Ele já tem problemas demais") pode ser classificada como uma frase de acordo com a gramática normativa? Justifique sua resposta.
 - Considerando os termos destacados em "Compre hoje, suste o cheque amanhã", como pode ser classificado esse enunciado, em termos da presença de frases, orações e períodos? Explique.
2. Na tira, qual enunciado não constitui oração?
 - Por que não se trata de uma oração?

- » Leia atentamente o texto publicitário a seguir para responder às questões 3 e 4.

Mais de 10 milhões de “Cheguei, mãe.”, “Liguei só pra mandar um beijo.”, “E aí, como tá essa força?”, “Tô morrendo de saudade.”, “Daqui a pouco, eu passo aí.”, “Janta comigo hoje?”, “Fala, sumido.”, “Adorei as flores.”, “Tá gostando da viagem?”, “Parabéns pelo dia de hoje.”, “Tá frio aí, filho?”, “O João está?”, “Que bom que você ligou.”, “Você melhorou?”, “É da casa da Dona Maria?”, “Tava pensando em você agora.”, “Oi, pai.”, “Quer deixar um recado?” e “Não, desliga você.” **instalados.**

Telemar. Mais de 10 milhões de linhas telefônicas instaladas.



▲ *Vip Exame*. São Paulo: Abril, ed. 178, ano 19, n. 2, fev. 2000.

3. No texto, a expressão linhas telefônicas que aparece no slogan “Telemar. Mais de 10 milhões de linhas telefônicas instaladas” foi substituída por uma série de enunciados que aparecem entre aspas. É possível compreender esses enunciados? Explique.
- Embora a estrutura do enunciado em destaque seja incomum, é possível compreendê-lo. Por quê?
 - Todos os enunciados podem ser definidos como frases? Por quê?
 - Quais enunciados não constituem orações?
4. O texto foi construído para demonstrar a eficiência da empresa de telefonia e aproximá-la de seus usuários. De que maneira a estrutura textual utilizada contribui para atingir esse objetivo?
- » O anúncio abaixo deve servir de base para as questões 5 e 6.

Pode ter inversão térmica. Pode ter trânsito louco. Pode ter seus problemas. Com tudo isso, a gente não pode deixar de amar essa cidade. Feliz aniversário, São Paulo.



▲ *27º anuário*. São Paulo: Clube de Criação de São Paulo, 2002. p. 174.

5. Observe o enunciado que aparece no canto superior direito do anúncio. Como é constituído sintaticamente?
- Desconsiderando o contexto, é possível compreender o que é afirmado?
6. Esse anúncio foi veiculado por ocasião do aniversário da cidade de São Paulo. Que elementos do texto caracterizam esse contexto?
- Considerados os elementos contextuais do anúncio, como pode ser entendida a afirmação “É. O amor é cego”?

Uma questão que mostra a mudança da seguinte para o substantivo

» Leia os enunciados a seguir.

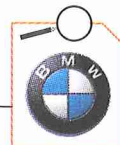
- 1: "Isto é um sinal: pegue a estrada."
- 2: "Ainda não inventaram remédio melhor para a queda de cabelos."
- 3: "Não. Não. Grampo no meu carro, não."

7. Que sentido você atribui a cada um dos enunciados acima? Explique.

» Agora, observe os mesmos enunciados nos anúncios a seguir para responder às questões de 8 a 10.



Isto é um sinal: pegue a estrada.



◀ 29º anuário. São Paulo: Clube de Criação de São Paulo, 2004. p. 95.



A Electrolux tem a mais moderna linha de aspiradores para limpar qualquer tipo de piso. Inclusive o do banheiro.

◀ 29º anuário. São Paulo: Clube de Criação de São Paulo, 2004. p. 104.



"Não, não. Grampo no meu carro, não."

Design espetacular, excelente espaço interno e um enorme prazer em dirigir. Quem tem, morre de ciúmes. Faça um test-drive.

◀ 30º anuário. São Paulo: Clube de Criação de São Paulo, 2005. p. 102.

8. Considerando o contexto em que os enunciados aparecem, como devem ser interpretados?

- ▶ Houve mudança nos sentidos atribuídos por você a esses enunciados no exercício anterior? Explique.

- ▶ 9. Você aprendeu que a frase é um enunciado que apresenta conteúdo completo quando utilizada em um determinado contexto e acompanhada de uma entoação específica. Comparando as estruturas dos enunciados 1 e 2, que diferença apresentam com relação ao tipo de informação necessária para sua interpretação?
10. Em termos sintáticos, como se diferenciam esses três enunciados?

Usos da frase em contextos persuasivos

Você já deve ter reparado que nos textos publicitários sempre são empregadas frases de apelo imediato, que traduzem, em poucas palavras, a “mensagem” a ser divulgada. Quanto mais bem escolhidas as frases, maior o efeito persuasivo da propaganda junto ao público-alvo. Observe.

AGE.COMUNICAÇÕES



2.823 mortos.
824 milhões de subnutridos no mundo.
O mundo se uniu contra o terrorismo.
Devia fazer o mesmo contra a fome.

AGE.COMUNICAÇÕES



2.823 mortos.
630 milhões de miseráveis no mundo.
O mundo se uniu contra o terrorismo.
Devia fazer o mesmo contra a pobreza.

AGE.COMUNICAÇÕES



2.823 mortos.
36 milhões de infectados no mundo.
O mundo se uniu contra o terrorismo.
Devia fazer o mesmo contra a Aids.

▲ 29º anuário. São Paulo: Clube de Criação de São Paulo, 2004. p. 107-108.

Na série de anúncios veiculados pela MTV, observamos que o texto foi construído a partir de uma ideia central: comparar o número de mortes causadas pelos ataques terroristas às Torres Gêmeas, no dia 11 de setembro de 2001, em Nova Iorque a números associados a outras grandes tragédias que afetam a humanidade.

Na primeira imagem, o leitor é levado a refletir sobre o horror da fome, que dá origem a cerca de 824 milhões de pessoas subnutridas em todo o mundo. As frases de impacto aparecem no canto direito inferior: *O mundo se uniu contra o terrorismo. Devia fazer o mesmo contra a fome.*

Nas outras duas imagens, o processo é o mesmo, só mudam os números referentes ao problema identificado (pobreza e pessoas contaminadas pelo HIV) que será confrontado com o número de vítimas dos ataques terroristas ao World Trade Center.

O efeito persuasivo das frases é claro: se o mundo foi capaz de se indignar pela morte de 2.823 pessoas e, como consequência, aderir à luta contra o terrorismo, por que não faz o mesmo para combater “inimigos” muito mais letais, como a fome, a pobreza e a Aids?

No contexto publicitário, uma boa frase equivale a um texto de muitas palavras, porque ela é suficiente para provocar algum tipo de reação no interlocutor. Nos exemplos apresentados, é impossível conter o espanto diante do número de famintos, pobres ou infectados pelo HIV. Esse espanto deve ser suficiente para levar o leitor a concordar com a premissa explicitada: é necessário fazer algo para mudar esses cenários, porque a quantidade de pessoas por eles afetadas é muito maior do que a das vítimas de ataques terroristas, por mais cruéis e chocantes que possam ser tais ataques.

Pratique

Depois de observar a importância do uso de frases de impacto para que um texto publicitário consiga persuadir o público-alvo, sua tarefa será criar um cartaz em que a associação entre imagem e texto desempenhe uma função claramente persuasiva. O tema do seu cartaz será a conscientização dos jovens sobre os malefícios do fumo.

Lembre-se de que a ideia, nesse caso, é construir um conjunto de frases de efeito que levem o interlocutor do texto a questionar um comportamento ou a agir de determinada maneira.

Os dados apresentados abaixo podem ser úteis na elaboração do seu cartaz. Eles foram obtidos no site de uma organização internacional responsável pela *Campanha pelas crianças livres do fumo*.

Números gerais associados ao fumo

- Aproximadamente 5 milhões de pessoas vão morrer de doenças relacionadas ao fumo este ano. Estima-se que, em 2030, o total de mortes anuais chegue a 10 milhões.
- Até 2030, 70% das mortes causadas pelo fumo irão acontecer em países em desenvolvimento. Hoje esse percentual é de 50%.
- Se o consumo de cigarro permanecer como está, cerca de 650 milhões de pessoas que hoje estão vivas morrerão em decorrência do fumo. Metade delas estará na meia-idade, em período produtivo, e perderá de 20 a 25 anos de sua expectativa de vida.
- Em todo o mundo, mais de 15 bilhões de cigarros são fumados diariamente.
- Há, hoje, cerca de 1,3 bilhão de fumantes no mundo.
- Nos Estados Unidos, que contam com menos de 5% dos fumantes do mundo, a indústria do tabaco gasta mais de US\$ 11,2 bilhões — mais de US\$ 31 milhões por dia — em propaganda e gastos promocionais para divulgar o cigarro.
- A cada dia, aproximadamente entre 80 mil e 100 mil jovens começam a fumar.
- Se os dados de consumo atuais permanecerem inalterados, cerca de 250 milhões de crianças que hoje estão vivas serão vitimadas por doenças associadas ao fumo.

Dados disponíveis em: <<http://tobaccofreekids.org/campaign/global/>>. Acesso em: 13 maio 2006. (Fragmento adaptado).

Após analisar os dados, selecione aquele(s) que você considera que pode(m) ter maior impacto em seu público-alvo: jovens. Em seguida, escolha uma imagem (desenho, cartum, fotografia) que ajude a transmitir a ideia central do seu texto: o fumo faz mal e deve ser evitado a qualquer custo. Por fim, crie as frases que deverão levar o leitor do cartaz a concluir que fumar é uma péssima opção.

O objetivo desta atividade é levar os alunos a refletirem sobre a importância persuasiva que as frases adquirem no contexto publicitário. Embora a orientação sugira que cada aluno elabore um cartaz, a atividade também pode ser desenvolvida em grupo. Ao fim do processo, os melhores cartazes podem ser escolhidos pela turma, em votação, e dispostos em áreas coletivas da escola, para que a campanha tenha mesmo um caráter prático.

No momento de avaliar a qualidade dos cartazes produzidos, é importante observar se o aluno (ou o grupo) foi capaz de selecionar informações contundentes (a exemplo do que foi feito pelas propagandas da MTV) e criar frases de impacto que provoquem a reflexão do público-alvo. Outro aspecto importante é o modo como o cartaz representa esse público-alvo. Já que se trata de uma campanha voltada para jovens, espera-se que as imagens e os dados utilizados tenham relação direta com o perfil desse público.

O trabalho realizado ao longo deste capítulo favorece o desenvolvimento da competência 8 e das habilidades H1, H18, H22 e H27. Para identificá-las, consultar, no *Guia de recursos*, a matriz do Enem 2009.

OBJETIVOS

O que você deverá saber ao final deste estudo.

1. O que são termos essenciais.
 - Como se definem sujeito e predicado.
 - Quais são os tipos de sujeito e de predicado.
 - Em que circunstâncias uma oração não tem sujeito.
 - O que significa transitividade verbal.
2. O que são termos integrantes.
 - Quais são os complementos verbais.
 - Qual é a diferença entre complemento verbal e complemento nominal.
 - Que função exerce o agente da passiva.
3. O que são termos acessórios e o que é vocativo.
 - Qual é a diferença entre adjunto adnominal e adjunto adverbial.
 - Qual é a função exercida pelo aposto e pelo vocativo.

Termos essenciais

» Leia o diálogo travado pelas personagens da tira abaixo para responder às questões de 1 a 3.

MAFALDA



Quino

JOAQUIN SALVADOR LAVADO (QUINO)
TODA MAFALDA - MARTINS FONTES, 1999

▲ QUINO. *O irmãozinho da Mafalda*. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 38.

1. Na tira, Miguelito revela sua dificuldade para compreender dois conceitos sintáticos. Quais são eles?
2. Mafalda procura ajudar seu amigo criando um exemplo no qual ele deveria identificar o sujeito da oração. A resposta dada por Miguelito surpreende a menina. Por quê?
 - ▶ Considerando a resposta de Miguelito, o que ele entende como *sujeito* de uma oração?

3. Ao pedir a Miguelito que identifique o sujeito de “Esse lixo enfeia a rua”, Mafalda espera que ele analise sintaticamente a oração, ou seja, que observe as relações estabelecidas pelos elementos presentes na oração. Explique qual critério é utilizado pelo menino para responder à pergunta.

► A explicação para o equívoco de Miguelito nos permite elaborar uma hipótese sobre sua dificuldade para compreender os conceitos de **sujeito** e de **predicado**, tal como deveriam ter sido explicados pela professora. O que ele precisaria entender para que os conceitos mencionados pudessem ser adequadamente compreendidos?

Essa tira ilustra uma confusão muito comum ao estudo dos termos da oração. Os falantes da língua portuguesa, quando apresentados a conceitos como os de **sujeito** e de **predicado**, às vezes continuam a orientar-se exclusivamente por critérios de natureza semântica. Não percebem, em um primeiro momento, as relações estabelecidas a partir da maneira como os **termos se articulam no interior das orações**. É a análise dessas relações que permite a identificação das diferentes **funções sintáticas** desempenhadas por tais termos.

Os períodos simples têm sua estrutura constituída por termos que desempenham algumas funções específicas. Esses termos são classificados de acordo com sua função e são denominados: **essenciais**, **integrantes** ou **acessórios**.

Tome nota

Os **termos essenciais** são o **sujeito** e o **predicado**, responsáveis pela estrutura básica da oração. A maioria das orações apresenta um sujeito e um predicado. Podem ocorrer orações sem sujeito, mas não sem predicado.

Os **termos integrantes** têm a função de complementar o sentido de determinados verbos e nomes. São eles: o **objeto direto** e o **objeto indireto** (complementos verbais), o **complemento nominal** e o **agente da passiva**.

Os **termos acessórios** modificam ou especificam outros termos, não sendo fundamentais para a estrutura sintática das orações. São eles: o **adjunto adnominal**, o **adjunto adverbial** e o **aposto**. Sua ocorrência nas orações se justifica por razões de ordem semântica e discursiva.

Lembre-se

Período é um enunciado de sentido completo constituído de uma ou mais orações. O início e o fim do período são marcados, na fala, pelo uso de uma entoação característica e, na escrita, pelo uso de uma pontuação específica, que delimita sua extensão.

O **período simples** é constituído de uma só oração, enquanto o **período composto** apresenta mais de uma oração.

Período simples

Termos essenciais: sujeito e predicado.

Termos integrantes: objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, agente da passiva.

Termos acessórios: adjunto adnominal, adjunto adverbial, aposto.

O estudo do sujeito

O conceito sintático de **sujeito** deve ser entendido a partir de uma análise da estrutura formal da oração. Observe.

MINDUIM



▲ SCHULZ, Charles. *Ser cachorro é um trabalho de tempo integral*. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2004. p. 13.

Na tira, há diferentes orações. Vamos analisar a estrutura de cada uma delas, considerando as relações estabelecidas entre os **verbos** e os **termos** aos quais eles se referem.

Em todos os casos, observamos que o **verbo** assume a flexão de número (singular ou plural) e pessoa (1ª, 2ª ou 3ª) correspondente à flexão do **termo** da oração ao qual se refere. Essa é uma relação de **concordância verbal** e está sempre presente na articulação entre o **sujeito** e o **verbo**.

No último exemplo, o verbo **dorme** refere-se ao pronome **ele** (Woodstock), que foi mencionado anteriormente, embora não esteja explícito na oração em estudo. É essa relação formal que determina a flexão de **dormir** na 3ª pessoa do singular.

"Woodstock e eu gostamos de fazer piqueniques."

(= nós)

"Às vezes ele anda..."

"Às vezes ele voa..."

"Mas sempre **dorme** na viagem de volta!"

ele (Woodstock)



ELOAF GUAZZELLI

A análise das relações formais estabelecidas nos exemplos leva à definição de **sujeito**.

Tome nota

Sujeito é o termo com o qual o verbo da oração concorda em número (singular ou plural) e pessoa (1ª, 2ª e 3ª).

Em grande número de casos, o sujeito da oração corresponde ao agente da ação expressa pelo verbo. Essa não deve ser a base, no entanto, para a definição dessa função sintática, porque há orações em que não se pode atribuir ao **sujeito** a função de **agente** da ação verbal. Veja.

O verbo **estar** não expressa uma ação. O sujeito (**Cláudia**), portanto, não pode ser identificado como um agente.

Cláudia está feliz com o resultado das provas.

A ação verbal (**cumprimentar**) é praticada pelo **jornalista**. O sujeito (**o palestrante**) sofre tal ação. Nesse caso, ele é paciente da ação verbal.

O palestrante foi cumprimentado pelo jornalista.

Os judocas brasileiros apanharam dos adversários coreanos.

O conteúdo semântico do verbo **apanhar**, nesse contexto, faz com que o sujeito (**os judocas brasileiros**) sofra a ação praticada pelos **adversários coreanos**.

Os três exemplos acima ilustram a razão para não adotarmos um critério semântico na definição da **função sintática de sujeito**. Observamos que a concordância verbal ocorre com os termos **Cláudia**, **o palestrante**, **os judocas brasileiros**. Em nenhum dos exemplos, porém, esses termos podem ser associados à noção de **agentes da ação verbal**. São, portanto, considerados sujeitos das orações a que pertencem, porque com eles concorda o verbo em número e pessoa.

Nos casos em que o sujeito não aparece antes do verbo (posição preferencial na estrutura sintática da língua), encontrar o termo que determina a concordância verbal é o modo mais seguro para identificar o sujeito da oração. Observe.

Os doces da festa **trago eu**.

A flexão do verbo na 1ª pessoa do singular (**trago**) identifica seu referente (sujeito da oração) como sendo o pronome **eu**. O fato de aparecer no fim da oração não afeta a função sintática que exerce.

• Tipos de sujeito

Os sujeitos das orações podem ser **simples** ou **compostos**, **determinados** ou **indeterminados**. Existem também **orações sem sujeito**, um caso que será analisado mais adiante.

Uma noção importante para a análise dos diferentes tipos de sujeito é a de **núcleo** de um sintagma.

Veja.



Tome nota

Núcleo é o termo central de um sintagma (nominal ou verbal). Outros termos podem ser a ele anexados e subordinados.

Sujeito simples ou composto

Com base na identificação da quantidade de núcleos apresentados por um sujeito, estabelece-se a diferença entre o **sujeito simples** e o **sujeito composto**. Observe.

Antônio foi ao cinema.

Os alunos do segundo ano foram ao cinema.

Eduardo e Mônica foram ao cinema.

Nos dois primeiros exemplos, cada sujeito apresenta um único núcleo: *Antônio*, *alunos*. No terceiro, há dois núcleos: *Eduardo* e *Mônica*.

Tome nota

O **sujeito simples** apresenta um único núcleo, enquanto o **sujeito composto** apresenta mais de um núcleo.

Com base na definição, dizemos, portanto, que as duas primeiras orações apresentam **sujeito simples** e a terceira, **sujeito composto**.

Sujeito oculto ou elíptico

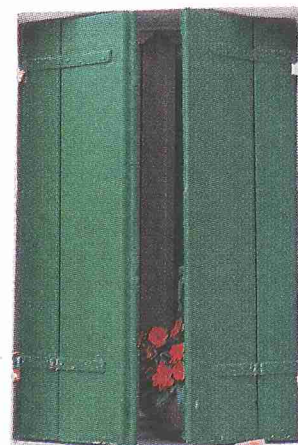
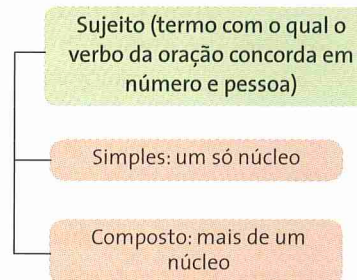
O sujeito, seja ele simples ou composto, pode ser omitido das orações, quando sua identificação é possível a partir do contexto ou da flexão de número-pessoa do verbo. Observe o texto.

Através das janelas

Janelas são molduras dos acontecimentos. *Testemunham* o tempo e a vida que corre por fora e por dentro. *Mostram* e *escondem*. Quando abertas, *fazem* a conexão da casa com a vida lá fora. Fechadas, *preservam* o lar do frio e dos olhares externos. Ainda assim, sempre *deixam escapar* detalhes, como um vaso de flor ou uma garrafa de café. [...]

SANTOS, Priscilla. Horizontes: destinos para sua viagem interior. *Vida simples*. São Paulo: Abril, ed. 42, p. 48, jun. 2006. (Fragmento).

No texto, o sujeito dos verbos destacados é *janelas*. Esse termo é explicitado apenas na primeira oração. Nas orações seguintes, o contexto e a flexão do verbo na 3ª pessoa do plural permitem identificar o termo *janelas* (ou o pronome pessoal equivalente, *elas*) como o sujeito com o qual esses verbos concordam. Nesse caso, diz-se que ocorreu um **sujeito oculto** ou **elíptico**.



▲ Foto de uma janela, 2003.

IARA VENANZKINO

Sujeito oculto ou elíptico

Não explicitado na oração.

Identificado pela flexão de número-pessoa do verbo ou pela presença do sujeito em outra oração do mesmo período ou do período antecedente.

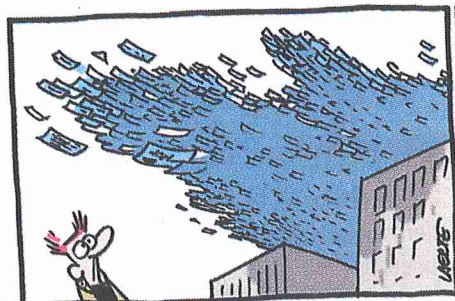
Tome nota

Sujeito oculto ou elíptico é aquele que, embora não explicitado na oração, pode ser identificado pela flexão de número-pessoa do verbo, ou pela sua presença em outra oração do mesmo período ou de um período antecedente.

Sujeito determinado ou indeterminado

Observe a tira.

Hugo



Laerte

▲ LAERTE. *Hugo para principiantes*. São Paulo: Devir, 2005. p. 7.

O humor da tira constrói-se por um fato absolutamente inusitado: ao receber uma chamada do banco comunicando que alguns cheques seus voltaram, Hugo, preocupado, vai à agência e, no caminho, encontra um bando incontável de cheques “voando” pelo céu.

Quando aplicamos o conceito de sujeito à segunda fala do primeiro quadrinho, percebemos a ocorrência de um fenômeno sintático interessante em relação ao verbo **disseram**: não há, na oração em que ele ocorre, algum termo explícito que determine a sua flexão. Veja.

“Disseram que alguns cheques meus voltaram.”

Nas orações acima, só conseguimos identificar o sujeito (**alguns cheques meus**) que determina a flexão do segundo verbo, **voltaram**. No primeiro caso, observamos que o verbo **disseram** está flexionado na 3ª pessoa do plural, mas não podemos atribuir tal flexão a nenhum termo presente nas orações.

Esse exemplo ilustra a diferença entre o **sujeito determinado** e o **sujeito indeterminado**.

Sujeito

Determinado: está expresso na oração ou pode ser identificado pelo contexto do enunciado ou pela flexão de número-pessoa do verbo.

Indeterminado: o referente para a flexão verbal não pode ser identificado na oração ou no contexto do enunciado.

Tome nota

Sujeito determinado é aquele que vem expresso na oração ou que pode ser identificado pela flexão de número-pessoa do verbo ou ainda pelo contexto do enunciado (sujeito presente em outra oração do mesmo período ou do período antecedente).

Sujeito indeterminado ocorre quando não é possível identificar um referente explícito na oração (ou no contexto do enunciado) para a flexão verbal.

Considerando o exemplo da tira, dizemos, portanto, que o sujeito do verbo **disseram** é **indeterminado**. E que o sujeito do verbo **voltaram** é **determinado** (**alguns cheques meus**).

Sujeitos constituídos por **pronomes indefinidos** apresentam uma indefinição semântica (não se consegue identificar o referente específico do pronome), mas sintaticamente estão explícitos na oração e devem ser considerados **determinados**.

Veja os exemplos.

Alguém quebrou o vidro da escola.

Ninguém sabe quando os resultados serão divulgados.

Somente os casos de indeterminação sintática (impossibilidade de identificar o termo a que se refere o verbo) é que definem **sujeitos indeterminados**.

A estrutura sintática dos sujeitos indeterminados

Os sujeitos indeterminados podem ser caracterizados, no português, por duas estruturas sintáticas.

- **Verbo transitivo direto** flexionado na 3ª pessoa do plural.
Incendiaram vários ônibus.
- **Verbo transitivo indireto**, **verbo intransitivo** ou **verbo de ligação** flexionado na 3ª pessoa do singular + pronome *se* (índice de indeterminação do sujeito).



Explicar aos alunos que o conceito de **transitividade verbal** relaciona-se à necessidade de um verbo contar com complementos (objeto direto ou indireto) para completar seu sentido. Abordaremos o conceito de **transitividade verbal** quando tratarmos do **predicado**, neste mesmo capítulo.

As orações sem sujeito

Há orações que apresentam verbos impessoais, ou seja, que não se referem a uma pessoa do discurso e que, portanto, não admitem sujeito.

Tome nota

Oração sem sujeito é aquela que apresenta um verbo impessoal. Também se diz, nesses casos, que o sujeito é **inexistente**.

Tipos de oração sem sujeito

Alguns contextos semânticos específicos criam condições para que determinados verbos sejam utilizados de modo impessoal. Observe.

.....

Não **há** um chamado dos céus. Não **há** trombetas.
Nem sombra de um anjo anunciador aparecendo
diante de um cenário azul-turquesa. [...]

SARMATZ, Leandro. *Você é artista. Vida simples*.
São Paulo: Abril, ed. 42, p. 33, jun. 2006.
(Fragmento).

.....

O sujeito indeterminado e as intenções de quem produz o texto

Considere os seguintes enunciados:

Querem acabar com este país!

Estão fazendo uma confusão terrível no centro da cidade.

Nos dois casos, estamos diante de sujeitos indeterminados. Os verbos na 3ª pessoa do plural não fazem referência a algum termo que possa ser precisamente identificado. No primeiro caso, o autor do texto pode intencionalmente ter deixado para o interlocutor a tarefa de fazer uma hipótese sobre qual poderia ser o sujeito do verbo *querer* (os políticos, os banqueiros, as forças econômicas internacionais, etc.). No segundo caso, pode ter simplesmente ignorado quem são os responsáveis pela confusão. Em termos discursivos, faz muita diferença explicitar um sujeito ou produzir intencionalmente um efeito de indeterminação desse sujeito.

Uso figurativo dos verbos que indicam fenômenos da natureza

A língua admite, em vários contextos, o uso figurativo dos verbos que indicam fenômenos da natureza. Quando isso ocorre, é possível atribuir-lhes um sujeito. Observe.

Choveram queixas depois que a prefeitura aumentou o IPTU.

No exemplo, *queixas* é o sujeito da oração, porque o verbo concorda com ele no plural.

No trecho, os verbos destacados em verde são **impessoais**, porque não têm sua flexão de número-pessoa determinada por um termo específico da oração. A forma gramatical utilizada para marcar a impessoalidade verbal é a 3ª pessoa do singular.

Os principais contextos para a inexistência de sujeito em orações são os seguintes:

- Verbos que indicam fenômenos da natureza. Exemplos: *chover*, *nevar*, *trovejar*, *anoitecer*, *amanhecer*, etc.

Chove muito na região Amazônica.
No inverno, *anoitece* mais cedo.

De olho na fala

Como aprendem que verbos indicadores de fenômenos da natureza são impessoais, é comum as pessoas cometerem um “deslize” na concordância quando utilizam esses verbos em sentido figurado. Esses enganos são mais frequentes na fala, mas podem ocorrer também na escrita. Veja a nota que foi publicada em um grande jornal de São Paulo.

Na real

E o caseiro mantém a estratégia de ficar na dele. Segundo o advogado [do caseiro], *chove convites* para programas de TV — de Hebe a Jô Soares, diz ele —, mas a ordem é recusar todos. [...]

BERGAMO, Mônica. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 5 abr. 2006. Ilustrada. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0504200609.htm>>. Acesso em: 18 maio 2006. (Fragmento)

A autora do texto “escorregou” na concordância do verbo *chover*, porque não percebeu que, nesse caso, há um sujeito (*convites*) a que o verbo se refere e com o qual deve concordar no plural (*chovem convites*). Para não cometer o mesmo equívoco (na fala ou na escrita), lembre-se de que, quando forem usados em sentido figurado, verbos indicadores de fenômenos da natureza são pessoais e devem sempre concordar com o sujeito a que se referem.

- Verbos *ser*, *estar*, *fazer*, *haver* relacionados a fenômenos da natureza ou a expressões temporais.

É ainda muito cedo.

Está muito tarde.

Faz dois anos que não vejo meus pais.

(A primeira oração não tem sujeito.)

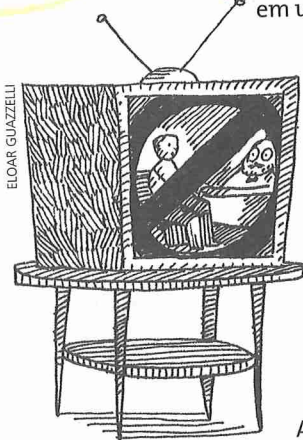
Há séculos que esperamos uma solução para o problema da falta d'água.

(A primeira oração não tem sujeito.)

Um caso particular de concordância verbal ocorre com o uso do verbo *ser* na indicação de uma hora precisa. Mesmo impessoal, ele deve concordar em número com a expressão temporal que o acompanha. Observe.

É uma hora da tarde.

São duas horas da madrugada.



Explicar aos alunos que o caseiro referido na nota do jornal é Francenildo Costa, jovem que figurou nos meios de comunicação ao denunciar, em 2006, atividades de lobistas em uma mansão de Brasília. Em função das denúncias, o então Ministro da Fazenda, Antonio Palocci, renunciou ao cargo.

Essas orações não têm sujeito, mas a concordância verbal precisa ser realizada.

- Verbo *haver* usado no sentido de “existir”.

Há muitos políticos que só pensam em enriquecer.

Houve sérios casos de dengue hemorrágica em alguns estados, recentemente.

Havia momentos em que o professor não sabia o que fazer para manter a atenção dos alunos.

É importante lembrar que o verbo *existir* é pessoal. Quando ele for utilizado, portanto, deve ser feita a **concordância com o sujeito** a que se refere. Observe a diferença entre o uso do verbo *haver* (impessoal) e o do verbo *existir* (pessoal) em um mesmo contexto sintático.

Há muitos alunos nessa escola.

(A oração não tem sujeito; *muitos alunos* é objeto direto do verbo *haver*.)

Existem muitos alunos nessa escola.

(A oração tem como sujeito *muitos alunos*.)

O estudo do predicado

Para compreender os conceitos de **predicado** e de **predicação**, vamos analisar um conjunto de orações.

OS PESCOÇUDOS

Caco Galhardo



▲ GALHARDO, Caco. Os pescoçudos. Folha de S.Paulo. São Paulo, 1ª mar. 1999.

Compare a diferença entre o tipo de informação apresentada pelos **sujeitos** e pelos **predicados** nos exemplos abaixo.

“No meu mundo ideal, **todo mundo** lê Nietzsche, Kant e Schopenhauer.”

↓
sujeito

“**Todo mundo** também entende de arte, desde Goya até Demian Hirst.”

↓
sujeito

“Mas **ninguém** é chato!”

↓
sujeito

Uma vez identificados os **sujeitos**, constatamos que o restante das orações apresenta informações sobre eles. Fazer uma **predicação** é afirmar algo sobre alguma coisa. Na estrutura sintática da oração, o que observamos é que tal função é desempenhada pelo **predicado**, sempre introduzido por um **verbo**.

O humor da tira é construído justamente pela predicação atribuída aos sujeitos “**todo mundo**” e “**ninguém**”. Nos dois primeiros quadrinhos, são feitas afirmações sobre o nível cultural das pessoas que habitam o “mundo ideal” criado por Caco Galhardo: leem filósofos e conhecem artistas famosos e pouco divulgados, ou seja, são intelectuais. A afirmação feita no último quadrinho, porém, deixa implícita uma opinião corrente sobre intelectuais no mundo real: eles seriam chatos. Por esse motivo, a última afirmação feita pelo cartunista informa ao leitor: em seu mundo ideal “ninguém é chato!”, apesar de ler filósofos e entender de arte.

Com base na função desempenhada pelos **predicados** na tira, podemos definir esse termo.

Tome nota

Predicado é o termo da oração que faz uma predicação, ou seja, uma afirmação sobre o sujeito. No caso das orações sem sujeito, a predicação é feita genericamente.

Para compreender bem os tipos de predicado que ocorrem nas orações da língua, é necessário saber como se classificam os verbos quanto à predicação. O primeiro passo para a análise do tipo de predicação estabelecida pelos verbos é aprender uma noção muito importante, a de **transitividade verbal**.

• **A transitividade verbal**

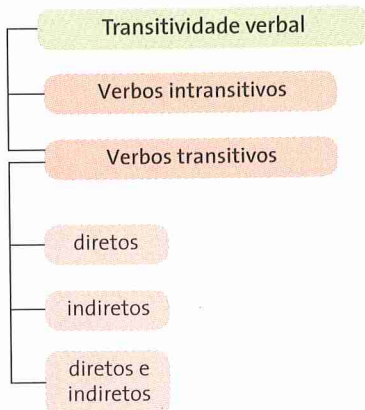
Compare os verbos destacados abaixo.

Nossos convidados **chegaram**.

Compramos as passagens aéreas para os Estados Unidos.

Se analisarmos o conteúdo semântico desses dois verbos (**chegar** e **comprar**), vamos observar uma diferença importante entre eles. O verbo **chegar** traduz uma ideia completa. Seu sentido não depende de qualquer tipo de complemento.

O verbo **comprar** tem um comportamento semântico diferente: seu sentido precisa ser complementado por outro termo (“as passagens aéreas”, no exemplo, é o termo que informa o que foi comprado). O que observamos, nesse caso, é que o processo verbal não está inteiramente contido no verbo **comprar**. Ele se transmite ao complemento “as passagens aéreas”. Esse fenômeno sintático-semântico é conhecido como **transitividade verbal**.



Tome nota

A **transitividade verbal** é o processo por meio do qual a ação verbal se transmite a outros termos da oração, que atuam como seus complementos. Os verbos que necessitam de complemento são denominados **transitivos**. Os verbos que não necessitam de complemento são ditos **intransitivos**.

Quando a relação entre o complemento e o verbo se dá de modo direto, sem o auxílio de preposições, o verbo é considerado **transitivo direto**. Quando a relação entre o verbo e o seu complemento ocorre por meio de uma preposição, tal verbo é considerado **transitivo indireto**. Alguns verbos necessitam de complementos diretos e indiretos. São chamados de **bitransitivos** ou **transitivos diretos e indiretos**.

Quando estudarmos os **termos integrantes**, voltaremos a analisar a relação entre os verbos transitivos e os seus complementos.

• Tipos de predicado

Tudo aquilo que constitui as orações, à exceção do **sujeito** e do **vocativo** (que é um termo de estatuto especial, como veremos mais adiante), faz parte do **predicado**.

Os predicados devem conter necessariamente um verbo, mas o núcleo do predicado pode ser um verbo, um nome, ou pode ser constituído de um verbo e de um nome. A classificação dos diferentes predicados é feita a partir do tipo de núcleo que apresentam.

Predicado verbal

Observe os verbos sublinhados no texto em que o alpinista Jon Krakauer começa a relatar a experiência de alcançar o cume do monte Everest.

CUME DO EVEREST

10 DE MAIO DE 1996
8848 M

Montado no topo do mundo, um pé na China, outro no Nepal, limpei o gelo de minha máscara de oxigênio, curvei o ombro para proteger do vento e fixei o olhar distraído na vastidão do Tibete. [...]

KRAKAUER, Jon. *No ar rarefeito*: um relato da tragédia no Everest em 1996. Tradução de Beth Vieira. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 18. (Fragmento).



ELOAR GUANZELLI

Os verbos *montar*, *limpar*, *curvar*, *proteger* e *fixar* atuam como núcleos dos **predicados** que introduzem.

Tome nota

Predicado verbal é aquele que apresenta um verbo como núcleo.

Se julgar necessário, explicar aos alunos que as orações introduzidas pelos verbos *montar* e *proteger* são reduzidas (de Participípio e de Infinitivo, respectivamente), mas isso não significa que não haja predicado nessas estruturas.

Predicado nominal

Observe a tira abaixo.



▲ LAERTE. *Deus 3: a missão*. São Paulo: Olho d'Água, 2003. p. 22.

Na tira, um mesmo **sujeito** (*guerra*) recebe diferentes **qualificações** (*absurdo*, *horror*, *guerra*). Todas essas predicções são feitas por substantivos. O **verbo** (*é*), no caso, atua somente como um elemento de ligação entre o sujeito e o que sobre ele é declarado. Observe.

Lembre-se

Verbos de ligação são aqueles que não possuem conteúdo referencial no sentido estrito do termo, servindo apenas como elo entre o sujeito da oração e alguma predicção (qualidade ou estado) feita pelo **predicativo do sujeito**.

Os verbos *ser*, *estar*, *permanecer*, *andar*, *ficar*, *continuar*, *parecer*, *virar*, *tornar-se* atuam frequentemente como verbos de ligação. Exemplos: *O menino ficou triste. João anda preocupado. Os alunos permaneceram calados.*



Os nomes *absurdo*, *horror* e *guerra* atuam como núcleos desses predicados.

Predicado nominal

Tem como núcleo uma forma nominal (substantivos, adjetivos, locuções adjetivas) ou pronominal denominada predicativo do sujeito.

É introduzido por um verbo de ligação.

Tome nota

Predicado nominal é aquele que tem como núcleo uma forma nominal (substantivos, adjetivos, locuções adjetivas) ou pronominal. Os verbos que ocorrem nos predicados nominais são sempre de ligação.

Os termos que constituem o núcleo dos predicados nominais denominam-se **predicativos do sujeito**.

Predicado verbo-nominal

Observe, na tira abaixo, a estrutura sintática da primeira pergunta feita por Hamlet a Hagar.

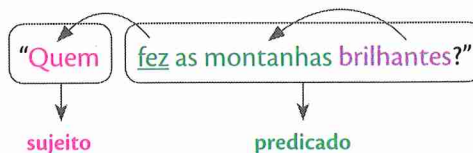
HAGAR



Dik Browne

▲ BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o horrível*. Porto Alegre: L&PM, 1996. p. 42.

Analisando as relações estabelecidas entre os termos dessa oração, constatamos que, nesse contexto, o menino não está perguntando algo sobre "montanhas brilhantes". O que ele deseja saber é quem fez com que essas montanhas fossem brilhantes. Veja.



Há dois núcleos no predicado. O primeiro deles — *fez* (verbo transitivo direto) — expressa a ação verbal que é o tema da pergunta de Hamlet. O segundo núcleo — *brilhantes* (adjetivo) — introduz uma predicação sobre aquilo que foi feito (*as montanhas*).

É importante observar que o núcleo nominal também está relacionado à ação expressa pelo verbo, o que fica evidente se invertermos a ordem dos termos: *Quem fez brilhantes as montanhas?*. Essa inversão deixa claro que o predicado tem mesmo dois núcleos: um verbal e um nominal (predicativo). Como o núcleo nominal refere-se ao objeto direto do verbo, é chamado de **predicativo do objeto**.

Predicado verbo-nominal

Núcleo verbal, que expressa ação (verbo transitivo ou intransitivo).

Núcleo nominal (substantivos, adjetivos, locuções adjetivas) ou pronominal (predicativo do sujeito ou predicativo do objeto).

Tome nota

Predicado verbo-nominal é aquele que apresenta dois núcleos: um núcleo verbal (verbo transitivo ou intransitivo, que expressa ação) e um núcleo nominal (substantivos, adjetivos, locuções adjetivas) ou pronominal, que atua como predicativo do sujeito ou do objeto a que se refere.

Atividades

» Leia o texto abaixo para responder às questões de 1 a 3.

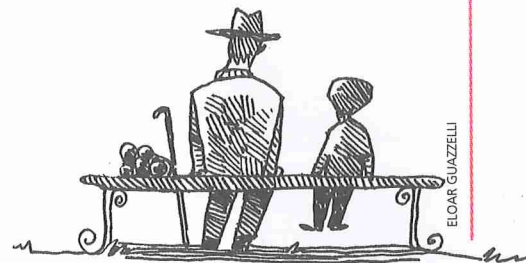
Meu avô foi um belo retrato do malandro carioca

Este texto é sobre ninguém. Meu avô não foi ninguém. No entanto, que grande homem ele foi pra mim. Meu pai era severo e triste, mal o via, chegava de aviões de guerra e nem me olhava. Meu avô, não. Me pegava pela mão e me levava para o Jockey, para ver os cavalinhos. Foi uma figura masculina carinhosa em minha vida. [...]

Meu avô adorava a vida e usava sempre o adjetivo “esplêndido”, tão lindo e estrelado. A laranja chupada na feira estava “esplêndida”, a jabuticaba, a manga-carlotinha, tudo era “esplêndido” para ele, pobrezinho, que nunca viu nada; sua única viagem foi de trem a Curitiba, de onde trouxe mudas de pinheiros. “Esplêndidas...” [...]

Meu avô não era ninguém. Mas nunca houve ninguém como ele.

JABOR, Arnaldo. *Amor é prosa, sexo é poesia*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004. p. 23-27. (Fragmento).



1. No texto, o narrador caracteriza seu avô por meio do pronome ninguém. Qual o sentido dessa palavra, nesse contexto?
 - a) O que, no texto, comprova sua resposta?
 - b) Explique por que a caracterização do avô é determinada pela função exercida pelo pronome indefinido nos enunciados “Meu avô não foi/era ninguém”.
2. Na frase “Mas nunca houve ninguém como ele”, que significado tem o pronome ninguém?
 - Como são classificados o sujeito e o predicado nessa oração? Justifique.
3. O texto a seguir afirma o seguinte:

É aquele que não está materialmente expresso na oração, mas pode ser identificado. A identificação faz-se:

- a) pela desinência verbal [...]
- b) pela presença do sujeito em outra oração do mesmo período ou de período contíguo [...]

CUNHA, Celso e LINDLEY CINTRA, Luís F. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008. p. 141. (Fragmento).

- a) Em “Me pegava pela mão e me levava para o Jockey [...] Foi uma figura masculina carinhosa em minha vida. [...]”, o sujeito das orações pode ser classificado como oculto? Justifique sua resposta com base nas informações apresentadas no trecho extraído da gramática de Celso Cunha.
- b) Há, no trecho transcrito do item anterior, três orações. Como se classificam seus predicados? Justifique.

▶ » Os enunciados a seguir devem servir de base para responder à questão 4.

- I. Chegado ao aeroporto, já o avião decolava.
- II. Olhando da janela do carro, o policial parecia alerta.
- III. Ao sair do apartamento, a criança estava chorando.

4. Qual o sujeito de cada uma das orações dos enunciados acima?

- a) Explique por que, do ponto de vista sintático, os enunciados podem ser considerados ambíguos.
- b) No caderno, reescreva os enunciados, utilizando uma outra organização sintática que elimine a ambiguidade.

▶ » Observe o verbo destacado nas duas orações abaixo para responder à questão 5.

Ando muito distraída ultimamente.

Nunca ande tanto para chegar a algum lugar.

5. O verbo destacado pode ser classificado da mesma forma nas duas orações? Justifique sua resposta.

▶ Considerando a classificação do verbo em destaque nas orações, escreva no caderno o tipo de predicado existente em cada uma delas.

▶ » A tira e o texto a seguir devem servir de base para as questões 6 e 7.

CALVIN



E OS HOMENS NÃO SÃO MELHORES. ELES SÃO IMBECIS CONFUSOS, BÊBADOS, GLUTÕES E PREGUIÇOSOS! TODO MUNDO É INCOMPETENTE, NÃO APRECIADO E FRACASSADO!



Bill Watterson

▶ WATTERSON, Bill.
Os dez anos de Calvin e Haroldo. v. 2. São Paulo: Best News, 1995. p. 108.

Tiras de quadrinhos, historicamente, têm estado cheias de estereótipos feios, a marca de escritores preguiçosos demais para observarem honestamente o mundo. Partes ofendidas, muitas vezes, sugerem tornar as tiras ainda mais antissépticas, mas uma das maiores forças dos quadrinhos é sua habilidade de criticar através da distorção. O truque é lembrar que o jeito que descrevemos as coisas revela o jeito que pensamos. O cartunista que recorre a estereótipos revela seus próprios preconceitos.

WATTERSON, Bill. Os dez anos de Calvin e Haroldo. v. 2. São Paulo: Best News, 1995. p. 108.

6. Na tira, Calvin critica os estereótipos utilizados para retratar as personagens de quadrinhos. Quais são eles?

- a) Calvin utiliza uma estrutura sintática recorrente para caracterizar as personagens. Classifique os predicados das orações empregadas nessa caracterização.
- b) Por que esse tipo de predicado é mais adequado para a caracterização das personagens?

7. Leia novamente a fala de Calvin no último quadrinho. De que modo essa fala pode ser relacionada à própria personagem?

Caso ache necessário, explique aos alunos que a personagem Calvin, criada por Bill Watterson, é um garoto extremamente inteligente, mas também muito levado. Em companhia de seu tigre de pelúcia, Haroldo, Calvin está sempre metido em alguma confusão, o que enlouquece os seus pais e a sua professora.

- a) A fala do pai de Calvin pode ser entendida como uma justificativa de Bill Watterson, autor da tira, para ter criado Calvin como um “moleque irritante”. Explique essa justificativa.
- b) Bill Watterson, no texto transcrito, questiona o modo estereotipado de autores de quadrinhos caracterizarem suas personagens. Explique de que maneira a criação de Calvin pode ser considerada um exemplo de crítica através da distorção.

Termos integrantes

» Observe a tira abaixo para responder às questões.



▲ VERISSIMO, Luis Fernando. *As cobras em: se Deus existe que eu seja atingido por um raio.* Porto Alegre: L&PM, 1997. p. 27.

1. Explique a relação de sentido que se estabelece entre a afirmação feita no primeiro quadrinho e a pergunta feita no último.
2. No primeiro quadrinho, há uma relação entre o verbo e um outro termo da oração, necessário para complementar o sentido desse verbo. Que termo é esse?
 - Explique por que ele ajuda a tornar mais claro o sentido do verbo.
3. Explique por que a presença do pronome indefinido *nada*, no primeiro quadrinho, faz com que a fala das cobras tenha sentido contrário ao pretendido por elas.

O sofisticado jogo de palavras criado na tira chama nossa atenção para um tipo de relação sintática muito importante: aquela que se estabelece entre os verbos e os seus complementos. Para construir o sentido da tira, foi selecionado um complemento (*em mais nada*) para o verbo *acreditar* que, na relação com os demais enunciados, produziu o humor. O **núcleo** desse complemento é representado pelo pronome indefinido *nada*.

Quando tratamos da questão da transitividade verbal, afirmamos que alguns verbos, ditos transitivos, necessitam de termos adicionais para completar seu sentido. *Acreditar* é um exemplo de verbo transitivo, pois o conteúdo da ação que expressa transfere-se, em parte, para um complemento que integra seu sentido.

Como vimos anteriormente, denominamos **termos integrantes** aqueles que têm a função de complementar o sentido de determinados verbos e nomes. São eles: o **objeto direto** e o **objeto indireto** (complementos verbais), o **complemento nominal** e o **agente da passiva**.

Complementos verbais

Os complementos verbais, como o nome indica, completam ou integram o sentido dos verbos transitivos. Tais complementos podem ou não vir expressos nos enunciados, mas é importante lembrar: com os verbos transitivos, os complementos estão sempre pressupostos.

Compare os exemplos abaixo.

Comi **maçãs deliciosas** nos Estados Unidos.

(O complemento do verbo transitivo direto **comer** — **maçãs deliciosas** — vem explicitado, no enunciado. O termo *nos Estados Unidos* é um adjunto adverbial de lugar.)

Comi muito nos Estados Unidos.

O complemento do verbo **co-****mer** não vem explicitado antes do adjunto adverbial de lugar. Pressupõe-se, no entanto, que o agente da ação verbal tenha comido algo.

No segundo exemplo, mesmo que o complemento não apareça, devemos imaginar que algo foi comido, porque disso depende o conteúdo semântico do verbo.

Veremos agora os diferentes tipos de complemento verbal.

• Objeto direto

Observe a tira.

NÍQUEL NÁUSEA



Fernando Gonsales



▲ GONSALES, Fernando. Níquel Náusea. Folha de S.Paulo. São Paulo, 15 out. 2002.

Os verbos **perder** e **querer** exigem um complemento que lhes integre o sentido. Na tira, esses complementos (“um braço” e “minha aposentadoria”) ligam-se diretamente ao verbo. São, portanto, **objetos diretos**.

Lembre-se

Pleonasmos: reiteração de uma ideia já apresentada. Quando realizado com a finalidade de enfatizar tal ideia, é considerado um recurso estilístico.

Tome nota

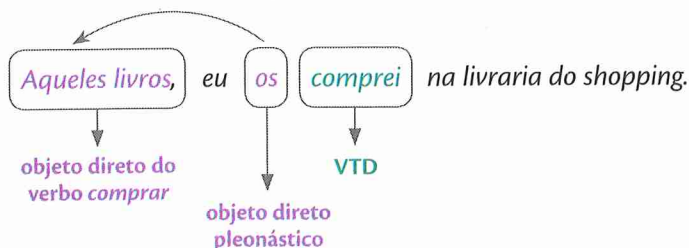
Objeto direto é o termo da oração que integra o sentido dos verbos transitivos diretos. Tais objetos vinculam-se diretamente aos verbos, sem a mediação de uma preposição.

Há dois tipos de objeto direto que merecem menção especial: os **objetos diretos pleonásticos** e os **objetos diretos preposicionados**.

Objeto direto pleonástico

Em alguns casos de complementação de verbos transitivos diretos, observamos que a ideia introduzida pelo objeto do verbo é retomada, na mesma oração, por um pronome oblíquo.

Veja.



Tome nota

Objeto direto pleonástico é o que aparece repetido, sob a forma de um pronome oblíquo, no interior de uma mesma oração.

Objeto direto preposicionado

Observe a tira abaixo.



▲ RECHIN, Bill & WILDER, Don. A Legião. *Jornal da Tarde*. São Paulo, 26 set. 2003.

O verbo **provar** é transitivo direto. Deve, portanto, receber um complemento que se ligue a ele sem o auxílio de preposição. Em algumas construções sintáticas, porém, observamos a presença de objetos diretos precedidos por uma **preposição**. É o caso da fala do comandante Crock no primeiro quadrinho.



Tome nota

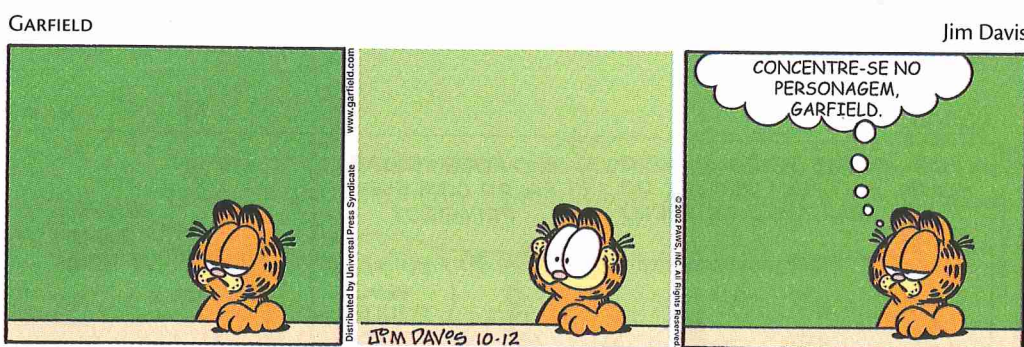
Objeto direto preposicionado é o objeto direto que se liga a um verbo transitivo direto por meio de uma preposição.

Alguns dos casos em que verbos transitivos diretos recebem objeto direto preposicionado são os seguintes:

- Quando o objeto de determinados verbos transitivos diretos vem expresso por um dos pronomes pessoais tônicos *mim, ti, si, ele(s), ela(s)*.
Se eu pagar a conta, corro o risco de ofender a ela.
- Quando o objeto de determinados verbos transitivos diretos é o nome próprio *Deus*.
Mandam os preceitos da igreja que todos amem a Deus.
- Quando o objeto direto é um pronome substantivo demonstrativo, indefinido ou interrogativo.
Apreciei mais a este.
O jornalista ofendeu a todos.
A quem amas?
- Quando é necessário desfazer uma ambiguidade.
Na Copa do Mundo de 2002, venceram aos turcos os brasileiros.

• Objeto indireto

Observe a tira.



▲ DAVIS, Jim. Garfield. Folha de S. Paulo. São Paulo, 15 out. 2002.

O verbo *concentrar-se* precisa de um complemento que lhe integre o sentido. No exemplo acima, observa-se que o complemento ("no personagem") liga-se a esse verbo por meio da preposição **em** (*no: em + o*). É, portanto, um **objeto indireto**.

Complementos verbais

Objeto direto: liga-se diretamente ao verbo.

Objeto indireto: liga-se ao verbo através de preposição.

Tome nota

Objeto indireto é o termo da oração que integra o sentido dos verbos transitivos indiretos. Tais objetos vinculam-se indiretamente aos verbos através de uma preposição.

Objeto indireto pleonástico

Assim como ocorre com alguns verbos transitivos diretos, também encontramos casos em que o objeto de verbos transitivos indiretos ou bitransitivos é retomado, na mesma oração, por um pronome oblíquo. Nesses casos, dizemos que ocorre um **objeto indireto pleonástico**. Veja.



(O pronome oblíquo *lhes* retoma o objeto indireto *aos meus apelos*.)

Complemento nominal

Alguns nomes e advérbios, da mesma forma que os verbos, podem exigir um complemento para integrar o seu sentido. Observe.



▲ SCHULZ, Charles. *Ser cachorro é um trabalho de tempo integral*. São Paulo: Conrad, 2004. p. 12.

Na tira, Lucy se espanta com a razão do medo de Snoopy e Woodstock. O substantivo *medo*, nesse caso, necessita de um complemento que lhe integre o sentido, especificando o tipo de medo que sentem Snoopy e Woodstock. A expressão *de vampiros* funciona, portanto, como **complemento nominal**.

Tome nota

Complemento nominal é o termo da oração que integra o sentido de certos nomes (substantivos e adjetivos) e advérbios, especificando-os. Sua relação com o termo cujo sentido complementa é feita por meio de uma preposição.

Complemento nominal

Termo da oração que integra o sentido de certos nomes (substantivos e adjetivos) e advérbios.

Ligado por preposição ao termo cujo sentido complementa.

Veja exemplos em que os adjetivos e os advérbios têm seu sentido integrado por complementos nominais.

As observações **referentes** **às redações** estão anotadas na margem.
 ↓ ↓
 adjetivo complemento nominal

Nossas previsões **relativamente** **ao resultado** das provas confirmaram-se.
 ↓ ↓
 advérbio complemento nominal

Esses exemplos demonstram que os complementos nominais mantêm com os nomes o mesmo tipo de relação que os complementos verbais mantêm com os verbos transitivos.

É importante não se esquecer de que os nomes derivados de verbos transitivos conservam o princípio de transitividade desses verbos, ou seja, também precisam de termos (complementos nominais) que lhes integrem o sentido. Compare.

Confio **nos meus amigos.**
 ↓ ↓
 VTI objeto indireto

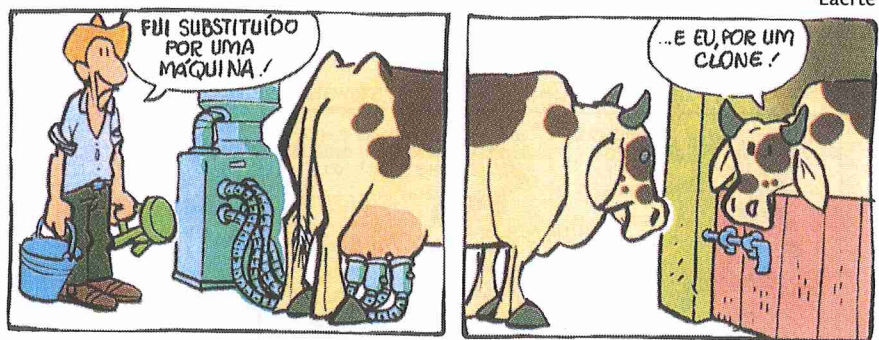
A **confiança** **nos amigos** é uma característica das pessoas sinceras.
 ↓ ↓
 substantivo complemento nominal

Lembre-se

Voz passiva é a estrutura sintática em que o sujeito é o paciente do processo expresso pelo verbo, ou seja, em que esse sujeito sintático sofre a ação verbal. A **voz passiva analítica** é expressa através de uma locução verbal formada pelo verbo *ser* + *particípio passado* do verbo principal.

Agente da passiva

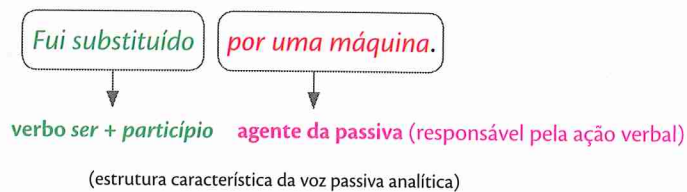
Observe o exemplo abaixo.



▲ LAERTE. *Classificados*. São Paulo: Devir, 2001. Livro 1, p. 5.

A personagem, quando constata que seus serviços não são mais necessários, utiliza a **voz passiva analítica**: "*Fui substituído por uma máquina!*". Essa estrutura sintática dá destaque para o **processo** que afeta alguém ou alguma coisa. Caso a mesma oração fosse apresentada na voz ativa, a ênfase recairia sobre o **agente**: *Uma máquina me substituiu*.

O emprego da voz passiva permite destacar a relação entre o processo nomeado e quem o sofre (o sujeito paciente da ação verbal). Essa estrutura pode apresentar, ainda, um termo que identifique o autor dessa ação verbal: o **agente da passiva**. Veja.



Tome nota

Agente da passiva é o termo que exprime, nas estruturas da voz passiva analítica, o agente da ação verbal, sofrida pelo sujeito da oração.

Atividades

» Leia a tira abaixo para responder às questões 1 e 2.



▲ QUINO. *Mafalda aprende a ler*. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 16.

1. Na tira, a personagem Mafalda reflete sobre um importante problema social. Que problema é esse?
- ▶ Explique como esse problema é explorado na tira.
2. A palavra indicador aparece em quase todos os quadrinhos da tira. No primeiro quadrinho, ela é empregada como uma palavra de que classe?
- a) No último quadrinho, Mafalda emprega *indicador* como uma palavra de que classe? Que função sintática o termo desempenha nesse contexto? Justifique.
- b) As duas classes de palavras representadas por *indicador* podem requerer complementos. Explique por que o complemento de *desemprego* é necessário no último quadrinho, mas não é no primeiro.
- » O texto publicitário a seguir deve servir de base para as questões 3 e 4.

folhaequilíbrio

**Você tem
qualidade de vida
ou só vida?**

Toda quinta na Folha.
Ligue **0800 15 8000** www.assinefolha.com.br

FOLHA
Não dá pra não ler.
www.folha.com.br

▲ Folha de S. Paulo. São Paulo, 20 maio 2005. Folha Equilíbrio.

3. O anúncio apresentado explora duas ocorrências do termo vida em diferentes contextos sintáticos, para persuadir o interlocutor a comprar o jornal. Que função esse termo desempenha em cada ocorrência? Justifique.
4. O termo vida é empregado com diferentes funções sintáticas para construir uma oposição a respeito da qual se espera que o leitor reflita. Que reflexão é proposta ao leitor pela pergunta apresentada no anúncio?
- a) Explique de que maneira o emprego do mesmo termo em diferentes funções sintáticas determina a oposição mencionada.
- b) Relacione o emprego do advérbio *só* à construção dessa oposição.
- c) O anúncio refere-se ao caderno Equilíbrio do jornal *Folha de S. Paulo*, que apresenta matérias a respeito de saúde, beleza, alimentação, etc. Qual a

relação sugerida, para o leitor, entre a leitura desse caderno e a questão proposta pelo anúncio?

- » Leia os enunciados abaixo para responder às questões 5 e 6.

I. Quem dá aos pobres empresta a Deus.

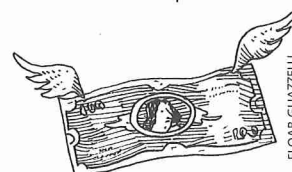
Provérbio

II. Quem dá os cobs ou empresta: — deu-os.

FRADIQUE, Mendes. *Grammatica Portugueza pelo methodo confuso*. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

III. Quem dá aos pobres ou empresta... adeus!

CASTRO, Ruy. *Uma pulga na camisola: o máximo de Max Nunes*. Seleção e organização de Ruy Castro. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 68.



5. Sabendo que o verbo dar é transitivo direto e indireto, transcreva no caderno seus complementos em cada um dos enunciados.
- ▶ Como se classifica o verbo *emprestar*? Que tipo de complemento ele exige?
6. Os dois últimos enunciados são variações do provérbio transcrito. Como cada um dos enunciados deve ser interpretado?
- ▶ Qual é o recurso utilizado para produzir outro efeito de sentido no segundo e no terceiro enunciados?
- » Leia o cartum abaixo para responder à questão 7.



▲ LAERTE. Folha de S. Paulo. São Paulo, 29 fev. 2004.

- ▶ 7. Para explicar a preferência das crianças por determinados programas de TV, a personagem usa os verbos *gostar* e *preferir*. Como se classificam esses verbos do ponto de vista da transitividade verbal?
- a) Transcreva no caderno os complementos verbais de cada verbo do cartum.
- b) Reescreva no caderno as frases do enunciado em um único período, empregando os verbos *gostar* ou *preferir*, utilizando os complementos adequados à transitividade da forma verbal utilizada por você.

» Leia com atenção o texto abaixo para responder à questão 8.

.....

Fui abandonado por Flora (e que a humildade dessa voz passiva pulverize os que sempre me pintaram como bastião do porco-chauvinismo, embora isso importe muito pouco agora) no meio de uma mononucleose.

RODRIGUES, Sérgio. *O homem que matou o escritor*.
Rio de Janeiro: Objetiva, 2000. p. 13.

.....

8. Explique por que o narrador se refere à “humildade dessa voz passiva” como comprovação para o fato de não poder ser considerado “chauvinista”.
- a) Qual é a função desempenhada, nessa frase, pela expressão “por Flora”?
- b) Se o narrador correspondesse à imagem de “bastião do porco-chauvinismo”, que estrutura sintática seria utilizada por ele? Justifique sua resposta.

Termos acessórios e vocativo

» Observe a tira abaixo para responder às questões de 1 a 3.

MAGO DE ID

Parker & Hart



▲ PARKER e HART. O mago de Id.
Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 5 nov. 1997.

1. Descreva resumidamente a situação ilustrada nos quadrinhos.
2. A pergunta feita pela personagem que aparece no segundo quadrinho produz um efeito irônico. Por quê?
3. Considerando o contexto criado na tira, o leitor teria dificuldade em interpretar a que fim refere-se o pregador? Por quê?

- a) A pergunta feita no segundo quadrinho, porém, sugere que o *fim* anunciado pode ter mais de um referente, dependendo do modo como for especificado. Que termos, na tira, explicitam esse fato?
- b) Explique como eles alteram o sentido do que está sendo anunciado.

Na tira, a observação feita pela personagem que assiste ao sermão nos ajuda a compreender uma característica interessante associada a alguns termos das orações: eles têm a função de especificar ou precisar o significado de uma palavra ou expressão previamente utilizada.

Os termos “do mundo” e “do sermão” desempenham exatamente essa função: tornar mais preciso o significado do substantivo *fim*. São considerados, por esse motivo, **termos acessórios**.

Como vimos no início deste capítulo, os **termos acessórios** modificam ou especificam outros termos. Embora eles não sejam fundamentais para a estrutura sintática das orações, participam da construção do sentido dos enunciados. São termos acessórios: o **adjunto adnominal**, o **adjunto adverbial** e o **aposto**.

Adjunto adnominal

Na tira analisada anteriormente, “do mundo” e “do sermão” especificam o sentido do substantivo *fim*. São considerados **adjuntos adnominais**. Veja um outro exemplo semelhante.

FRANK E ERNEST

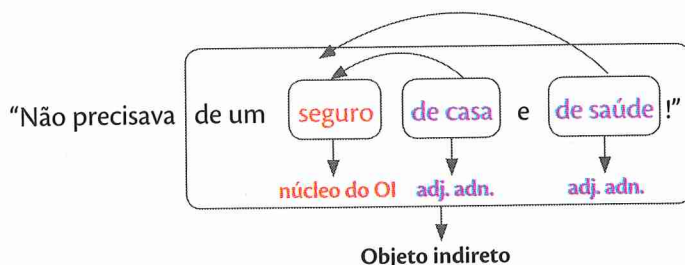
Bob Thaves



2006 UNITED MEDIA/PRESS

 E-mail: bobthaves@aol.com
 ©2002 Thaves / Dist. by NEA, Inc.
 www.comics.com

◀ THAVES. Frank e Ernest. *Jornal da Tarde*. São Paulo, 25 out. 2002.



No exemplo, *de casa* e *de saúde* são **adjuntos adnominais** que especificam o sentido do substantivo *seguro* (núcleo do objeto indireto).

Tome nota

Adjunto adnominal é o termo que vem associado a nomes substantivos que ocupam a posição de núcleo de uma função sintática qualquer, modificando, especificando ou precisando seu sentido no contexto.

Adjunto adnominal

Modifica, especifica ou precisa o sentido de um substantivo (núcleo).

Os adjuntos adnominais, associados a qualquer função sintática, costumam ser expressos por:

- **Adjetivos:** *crianças obedientes*, *políticos corruptos*.
- **Locuções adjetivas:** *anéis de ouro*, *livro de histórias*.

- Artigos definidos e indefinidos: o livro, uns livros.
- Pronomes adjetivos possessivos (meu livro), demonstrativos (esses livros), indefinidos (algum livro), interrogativos (qual livro?) e relativos (*biblioteca cujos livros estão em mal estado*).
- Numerais adjetivos: duzentos e cinquenta livros.

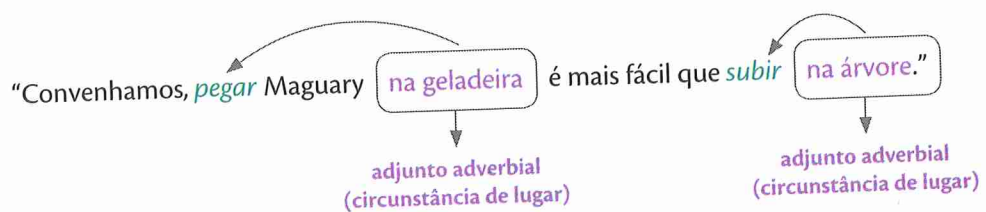
Adjunto adverbial

Observe o anúncio publicitário reproduzido a seguir.



▲ Época. São Paulo: Globo, n. 194, 4 fev. 2002.

No texto do anúncio, os verbos *pegar* e *subir* recebem especificações referentes ao lugar onde a ação que expressam pode ocorrer. Veja.



Tome nota

Adjunto adverbial é o termo (advérbio ou locução adverbial) que vem associado a verbos, adjetivos ou outros advérbios, intensificando seu sentido ou, no caso dos verbos, a eles acrescentando circunstâncias específicas.

Adjunto adverbial

Acrescenta circunstâncias específicas aos verbos.

Intensifica o sentido de verbos, adjetivos ou outros advérbios.

Veja a seguir algumas das circunstâncias mais comumente expressas, nas orações, pelos adjuntos adverbiais.

- **Afirmção:** *Sim, ele certamente virá à reunião.*
- **Dúvida:** *Antônio talvez passe por aqui no final da tarde.*
- **Meio:** *Prefiro viajar de avião porque os riscos de acidente são menores.*
- **Fim:** *Estudem bastante para a prova de amanhã!*
- **Condição:** *Não se consegue vencer sem esforço.*
- **Companhia:** *Gosto de viajar com meus pais.*
- **Assunto:** *Os alunos conversavam a respeito do show.*
- **Concessão:** *O ginásio ficou lotado, apesar da chuva.*
- **Causa:** *Não enfrentei o diretor por medo das consequências.*
- **Lugar:** *Moro em uma cidade pequena.*
- **Modo:** *As lesmas andam devagar.*
- **Instrumento:** *Cortei meu dedo com a faca de cozinha.*
- **Intensidade:** *Os candidatos discutiram bastante suas plataformas eleitorais. O exame foi extremamente complicado. As lesmas andam muito devagar.*
- **Tempo:** *Voltarei da universidade às seis da tarde.*
- **Negação:** *Não acho justo alguns alunos que nunca comparecem às aulas serem dispensados das provas.*
- **Conformidade:** *Devemos agir sempre segundo os ditames da nossa consciência.*
- **Interesse:** *Por você, sou capaz de fazer qualquer coisa!*
- **Frequência:** *Jogadores brasileiros são contratados com frequência por times europeus.*

Além das circunstâncias exemplificadas aqui, existem várias outras que podem ser expressas por adjuntos adverbiais. A especificação precisa da circunstância, em cada caso, é uma questão de natureza semântica e não sintática. Do ponto de vista da análise sintática, o importante é identificar, nas orações, os casos em que ocorrem adjuntos adverbiais.

Aposto

Observe o exemplo abaixo.



▲ LAERTE. *Classificados*: livro 3. São Paulo: Devir, 2004. p. 39.

No primeiro quadrinho, vemos uma personagem se apresentar como “Ângelo, o chefe bonzinho”, ao mesmo tempo que introduz a outra personagem como sendo “Peçanha, o chefe bravo”. Caso desejasse somente se identificar e informar com quem vai trabalhar, essa personagem poderia ter dito apenas: “Sou Ângelo. Vou trabalhar junto com Peçanha”.

A tira explora o efeito de humor criado por uma situação inesperada: é Peçanha (o suposto “chefe bravo”) quem se apresenta assim por meio da fala de um boneco (que representa o “chefe bonzinho”).

As informações adicionais (“o chefe bonzinho” e “o chefe bravo”) são introduzidas na oração para caracterizar, de modo mais detalhado, cada personagem. Embora essas informações não sejam essenciais à estrutura da oração, oferecem dados importantes para a identificação dessas personagens e para a construção do efeito de humor. Tais informações atuam, na oração, como **apostos**.

Aposto

Pode ser explicativo, enumerativo, recapitulativo ou comparativo.

É sempre antecedido por vírgula ou por dois-pontos, sendo que os explicativos e os comparativos são antecidos e seguidos de vírgula.

Tome nota

Aposto é o termo que, acrescentado a outro termo da oração, tem a função de ampliar, resumir, explicar ou desenvolver mais o conteúdo do termo ao qual se refere.

• Tipos de aposto

De acordo com o valor que tem em relação ao termo ao qual se relaciona na oração, o aposto pode ser:

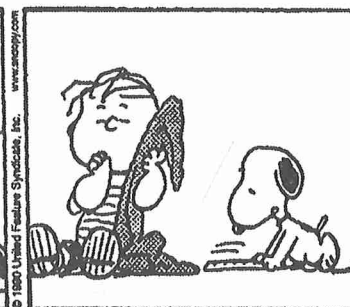
- **Explicativo:** *Assisti a um documentário sobre Chuck Jones, criador do Pernalonga, na TV a cabo.*
- **Enumerativo:** *Para vencer na vida, são necessárias três qualidades: coragem, determinação e paciência.*
- **Recapitulativo (resumidor):** *Lápis, cadernos, borrachas, canetas, todos esses objetos atraem a atenção das crianças nas papelarias.*
- **Comparativo:** *O rio caudaloso, serpente negra, traz o progresso para as populações ribeirinhas.*

Na escrita, o aposto é sempre antecedido por vírgula ou dois-pontos. O aposto explicativo e o comparativo são antecidos e seguidos de vírgula.

Vocativo

Observe a tira abaixo.

MINDUIM



Charles Schulz

▲ SCHULZ, Charles. Minduim. *Jornal da Tarde*. São Paulo, 12 out. 2002.

Linus, para se dirigir diretamente ao cachorro Snoopy, usa uma expressão que, na tira, funciona como um chamamento: “seu cachorro estúpido”.

A finalidade dessa expressão é informar a Snoopy que a ameaça feita diz respeito a ele (caso se aproxime do cobertor, irá se arrepender "pelo resto da vida"). Os termos que, na língua, atuam como forma de chamamento são denominados **vocativos**.

Tome nota

Vocativo é o termo que tem a função de interpelar diretamente o interlocutor.

Como sua função é estabelecer um vínculo explícito com o contexto discursivo, o vocativo é um termo que goza de independência sintática no interior das orações e dos períodos.

Atividades

» Leia a tira a seguir para responder à questão 1.

MINDUIM

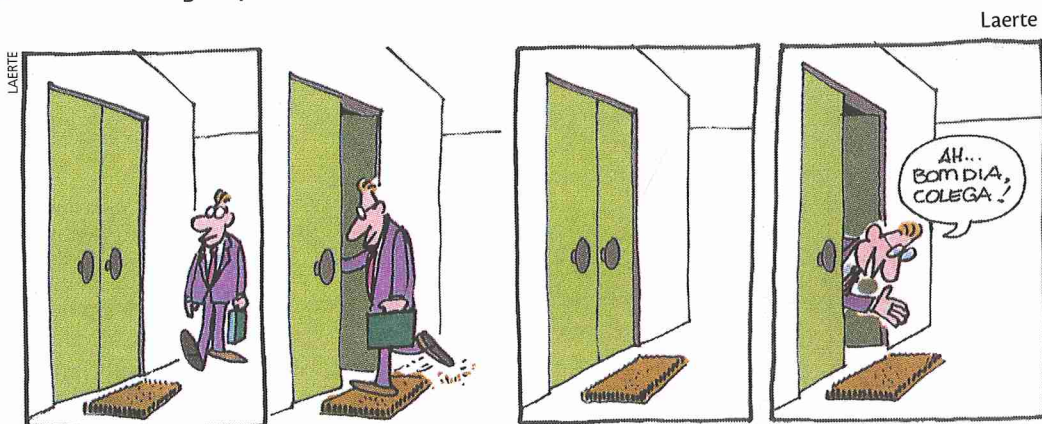


Charles Schulz

▲ SCHULZ, Charles. Minduim. *Jornal da Tarde*. São Paulo, 8 nov. 2003.

1. O humor da tira se constrói a partir da repetição, por Lucy, de termos acessórios de um mesmo tipo. Transcreva-os em seu caderno.
 - a) Que função sintática é desempenhada por esses termos?
 - b) Por que Lucy utiliza repetidamente termos desse tipo?
 - c) Esses termos especificam o núcleo de um termo integrante que ocorre nas orações da tira. Que termo integrante é esse?
 - d) Explique de que maneira o uso do termo acessório no último quadro contribui para criar o humor da tira.

» Leia a tira a seguir para responder às questões 2 e 3.



Laerte

▲ LAERTE. *Classificados*: livro 3. São Paulo: Devir, 2004. p. 11.

- ▶ **2.** No último quadrinho da tira, a personagem usa um vocativo de modo inesperado. Que vocativo é esse?
- ▶ O que há de inesperado em seu uso?
- 3.** Segundo o dicionário *Houaiss*, o substantivo *capacho* pode ter as seguintes acepções:

1 pequeno tapete de fibra, [...] palha ou outro material onde se limpam os pés

2 *Derivação: por metáfora. Uso: informal.*
 pessoa servil e bajuladora [...]

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. p. 606. (Fragmento).

- a) Para atribuir sentido ao vocativo utilizado pela personagem, qual das acepções do termo *capacho* precisa ser recuperada pelo leitor da tira? Por quê?
- b) Explique por que, ao recuperar essa acepção, o leitor é levado a identificar um pressuposto sobre o comportamento da personagem.
- » O texto a seguir integra uma antologia de trechos de notícias, publicadas em jornais franceses, que foram redigidos de forma inadequada. Leia-o.

Dois motoristas foram interpelados por patrulheiros em estado de embriaguez.

Var-Martin, 13 jul. 1994. GOULART, Antonio. *Antologia de mancadás*: livro reúne um festival de cochilos da imprensa francesa. In: DUAILIBI, Roberto. *Phrase Book Quatro*: um banco de dados para estimular sua criatividade. São Paulo: Mandarin, 1998.

- 4.** Da maneira como está redigido, o trecho é ambíguo. Como o leitor poderia interpretá-lo?
- a) O que, de fato, o redator pretendeu dizer?
- b) Explique o que, no trecho transcrito, produz a ambiguidade.
- c) Reescreva esse trecho no caderno, eliminando a possibilidade de dupla interpretação.
- » Leia o texto abaixo.

Prazer & Pesar

Leitor desta coluna, que prefere o sossego do anonimato, literalmente exumou este inesquecível anúncio fúnebre publicado no *Estadão* em 10/01/81: "É com prazer que a Diretoria e Funcionários da Terrafoto S/A comunicam o falecimento de seu colega ENG. SERGIO..." (segue-se o sobrenome, que omito por respeito ao falecido). [...]

JAPIASSU, Moacir. *Jornal da Imprensa*: a notícia levada açério. São Paulo: Jornal dos Jornais, 1997. p. 180. (Fragmento).

- 5.** O que, no anúncio fúnebre, causa espanto e faz com que este mereça a "exumação"?
- a) Qual seria o anúncio esperado?
- b) Como se classifica, do ponto de vista sintático, a expressão que causa a inadequação do texto?

» A tira a seguir deve servir de base para as questões 6 e 7.



▲ LAERTE. Gato e gata + um micoleão: tiras de Laerte. São Paulo: Ensaio/Circo, 1995. p. 64. (Fragmento).

6. No primeiro quadrinho, o Gato fala de um artigo que está lendo sobre os malefícios da cultura do *fast food*. Que termo é utilizado, na primeira fala do Gato, para indicar a maneira como essas refeições são feitas?
- Que função é exercida por esse termo? Justifique.
7. Em oposição a esse tipo de refeição, surgiu, segundo o artigo lido pelo Gato, o *slow food*. Transcreva no caderno as expressões que caracterizam essa nova forma de refeição.
- Essas expressões exercem a mesma função sintática do termo transcrito por você na questão anterior? Explique por quê.

» A tira a seguir deve servir de base para a questão 8.



▲ LAERTE. Gato e gata + um micoleão: tiras de Laerte. São Paulo: Ensaio/Circo, 1995. p. 66.

8. Nessa tira, Rônei se caracteriza como "o irresistível". Que função sintática é exercida por esse termo?
- De que maneira esse termo usado com essa função sintática contribui para a construção do efeito de humor da tira?

Usos do sujeito

Textos de natureza analítico-expositiva (como dissertações escolares, editoriais de jornal, ensaios científicos, etc.) costumam apresentar um ponto de vista mais impessoal. É evidente que todos esses textos são escritos por alguém e, portanto, refletem a visão de seu autor. Mas o desejo de configurar uma argumentação de caráter mais analítico faz com que, em textos dessa natureza, sejam utilizadas estruturas sintáticas que favoreçam a construção dessa perspectiva mais objetiva.

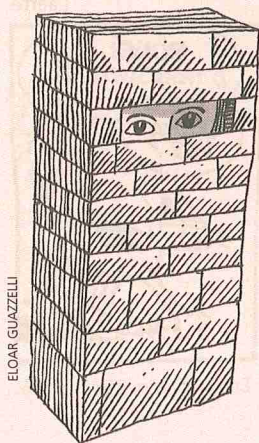
Observe o exemplo abaixo.

Origens

[...] Dia-noite, fêmea-macho, morto-vivo, esquerda-direita, rico-pobre, as polaridades estão por toda parte. É muito provável que o **nosso** próprio cérebro seja produto dessa realidade polarizada, bem adaptado ao mundo onde ele deve funcionar. Em outras palavras, **organizamos** o mundo à **nossa** volta em termos de opostos porque **nosso** cérebro, sendo produto de interações otimizadas com essa realidade externa, foi desenvolvido para funcionar dessa maneira. Essa seria, numa versão simplificada, a explicação oferecida pela teoria da evolução para o desenvolvimento de **nosso** cérebro a partir da seleção natural. Mas, se esse for de fato o mecanismo

através do qual **nosso** cérebro evoluiu, **somos** obrigados a enfrentar uma questão bastante desagradável. Se **nosso** cérebro, e, portanto, o modo como **pensamos**, é produto do ambiente em que ele funciona, será que **podemos construir** uma visão “pura” do mundo? Em outras palavras, será que **podemos transcender** a limitação de sermos “criaturas do mundo”, de modo a construir uma visão realmente completa, sobre-humana, da realidade? Ou será que **estamos** aprisionados dentro de **nostros** próprios mecanismos racionais? Parece que **temos** de aceitar o fato de que **nossa** percepção da realidade é realmente limitada.

GLEISER, Marcelo. *A dança do universo: dos mitos de criação ao Big Bang*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 359-360. (Fragmento).



No texto, o físico Marcelo Gleiser discute o modo como o cérebro humano percebe a realidade. O tom claramente analítico assumido pelo autor fica evidente desde o início: a partir da enumeração de uma série de opostos, ele apresenta sua “tese” (o cérebro humano é um “produto dessa realidade polarizada” em que vivemos). O texto prossegue expondo o raciocínio realizado e as hipóteses levantadas para encaminhar a conclusão: não há como mudar o fato de que “nossa percepção da realidade é realmente limitada”.

Quando analisamos a estrutura sintática presente na maior parte das orações, observamos que se constrói, no texto, uma “voz” que fala na 1ª pessoa do plural, como se representasse todos os seres humanos e expressasse a voz da razão, do bom-senso. Esse “nós” aparece marcado de duas formas diferentes: na recorrência de pronomes possessivos que identificam os termos referidos (“**nosso** cérebro”, “**nostros** próprios mecanismos racionais”, etc.) e na flexão dos **verbos** que se referem a ações e a atitudes humanas (“**organizamos**”, “**somos**”, “**pensamos**”, etc.).

A estrutura sintática é marcada, portanto, pela presença recorrente do sujeito oculto “nós”. Por meio dessa estrutura, o autor do texto promove uma generalização do que é dito, fazendo com que o alcance de suas afirmações, hipóteses e análises seja a humanidade inteira. Essa é uma estratégia típica de **textos analítico-expositivos**.

Seria interessante explorar com os alunos as características do editorial, apresentadas no Capítulo 29 deste volume. Nesse capítulo, além de tratar da estrutura desse gênero, também fazemos observações específicas sobre a linguagem que o caracteriza.

Pratique

Você observou, no texto de Marcelo Gleiser, que o uso de um tipo específico de sujeito é característico de gêneros analítico-expositivos. Sua tarefa, agora, será escrever um editorial para publicação no jornal da escola em que você estuda. Após analisar diferentes situações que, na vida urbana, provocam estresse nas pessoas, apresente sugestões sobre como lidar com esse problema. Você deverá utilizar, no texto, estruturas sintáticas que garantam a construção de um ponto de vista mais genérico.

Antes de escrever seu texto, procure identificar os contextos em que as pessoas se irritam, em que se cansam, em que passam por situações de risco, etc.

O objetivo desta atividade é permitir que os alunos utilizem, de modo consciente, estruturas sintáticas que produzam a generalização característica do discurso analítico-expositivo. Como se sugeriu que o texto de Marcelo Gleiser fosse tomado como referência, espera-se o uso do sujeito (oculto ou não) na 1ª pessoa do plural.

No momento de avaliar os textos, é importante observar se os alunos foram capazes de manter sob controle a generalização do sujeito, sem alternar, por exemplo, a 1ª pessoa do plural (**nós**) com a 1ª do singular (**eu**).



Gramática

Unidade 5

Sintaxe: estudo das relações entre as palavras

(Unifor-CE – adaptada) As questões 1 e 2 baseiam-se no texto apresentado abaixo:

Do ponto de vista de quem está abaixo da linha do Equador, a globalização é um fenômeno complexo. Dez anos depois de sua disparada como modelo quase único de organização das sociedades e da economia, a sensação é de que se frustraram as promessas de crescimento rápido e indolor dos países em desenvolvimento. Claramente, os vitoriosos da globalização foram os desenvolvidos, cuja poupança e cujo preparo tecnológico fizeram deles privilegiados destinatários da riqueza produzida no mundo. Para os demais países, a lição aprendida é que, sem muita briga, sua parte no bolo da prosperidade mundial não será conquistada. “Nossa credencial mais legítima no cenário mundial é a estabilidade econômica, mas ela não nos garante muito mais que uma boa acolhida”, diz Mario Marconini, diretor executivo do Centro Brasileiro de Relações Internacionais. Para conquistar essa credencial, a sociedade brasileira submeteu-se nos últimos anos a duro regime de austeridade. O resultado foi que em uma década a taxa de desemprego mais que dobrou. A riqueza nacional, medida pelo PIB, cresceu 8% numa década, um desempenho pífio. É ingênuo afirmar que resultados tão pobres devem ser imputados à submissão do Brasil aos ditames da globalização. Caso o país tivesse simplesmente virado as costas ou tivesse sido esquecido pelo mundo, os números poderiam ser ainda mais assustadores.

Dez anos depois, a experiência globalizada sinaliza aos países que não existe uma receita simples de sucesso na nova ordem. Graças à aceitação das regras da economia de mercado, ao menos na parte moderna de sua produção, a China cresceu 199% no decorrer da última década. A Argentina seguiu a mesma receita e encontrou o caos no fim da linha. Seu PIB quase dobrou no mesmo período, mas o desemprego triplicou, chegando a quase 30% da população só na capital. A Argentina se tornou um pária da comunidade financeira internacional, mesmo tendo seguido quase todo o receituário neoliberal.

Veja. São Paulo: Abril, p. 104-105, 29 maio 2002. (Adaptado).

1 O texto aponta para uma relação de causa e efeito entre:

- a) aceitação de um modelo único de organização econômica e estabilidade econômica nos países em desenvolvimento.
- b) estabilidade econômica nos países em desenvolvimento e os privilégios dos países mais desenvolvidos.
- c) promessas de crescimento em países mais pobres e poupança e tecnologia nos países mais ricos.
- d) crescimento extraordinário da economia chinesa e aceitação das regras do mercado.
- e) aumento em dobro do PIB e o triplo da taxa de desemprego na Argentina.

2 “... que não existe uma receita simples de sucesso na nova ordem.” (início do segundo parágrafo).

A frase retoma o que é dito no texto em:

- a) a globalização é um fenômeno complexo.
- b) os vitoriosos da globalização foram os desenvolvidos.
- c) sua parte no bolo da prosperidade mundial não será conquistada.
- d) nossa credencial mais legítima [...] é a estabilidade econômica.
- e) a riqueza nacional [...] cresceu 8% numa década.

3 (Ufscar-SP) Considere os textos a seguir:

I – “Conversam o carcereiro e o assassino de alta periculosidade. Carcereiro:

- E agora, o que vai fazer?
- Matar o tempo!”

II – “Na guerra, o general estimula seus soldados antes da grande batalha:

- Não esqueçam, ao avistar o inimigo, pensem logo no lema de nossa tropa: Ou mato ou morro. Dito e feito. Quando encontraram os inimigos, metade do batalhão correu para o mato, e o restante para o morro.”

III –

Não se deixe explorar pela concorrência!
 Compre na nossa loja.

ILARI, Rodolfo. *Introdução à semântica*: brincando com a gramática. São Paulo: Contexto, 2001. p. 81; 104; 89.

A(s) proposição(ões) CORRETA(S) é(são):

- 01. O elemento responsável pelo resultado humorístico no texto I é a quebra de expectativa do interlocutor em relação ao sentido do verbo “matar” usado pelo assassino; no texto II, a graça está na confusão provocada pela mudança de classe gramatical e de sentido das palavras “mato” e “morro”.
- 02. No texto II, a expressão “dito e feito” indica que os soldados corresponderam plenamente à expectativa do general quanto às atitudes da tropa sob seu comando.
- 04. Tanto o sujeito de “conversam”, no texto I, como o sujeito de “deixe”, no texto III, é indeterminado.
- 08. No texto I, “vai fazer” é uma forma alternativa de “fará” para indicar o tempo futuro do presente.
- 16. Os três textos apresentam verbo no modo imperativo.

4 (Unicamp-SP) Trechos que parecem estranhos quando são considerados isoladamente tornam-se compreensíveis num contexto apropriado. É o caso do penúltimo parágrafo do trecho a seguir:

O mais antigo caso de torcicolo do mundo foi diagnosticado numa múmia egípcia em Birmingham (Reino Unido).

Um curador do museu local descobriu que uma múmia doada no século 19 tinha o pescoço levemente torto.

Exames de raios X feitos no Hospital da Cidade de Birmingham revelaram que o crânio da múmia estava

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Prepare-se: Enem, outras avaliações oficiais e vestibulares

levemente torcido para a direita. As chapas também mostraram uma possível causa para a torção. Uma ponta de seta está alojada no lado direito do pescoço abaixo do crânio.

Segundo Ahmes Pahor, médico do hospital, o egípcio, com cerca de 30 anos, foi alvejado à queima-roupa. O ferimento causou uma infecção e provocou um espasmo nos músculos do pescoço — o chamado torcicolo.

O especialista afirma que o homem pode ter vivido dias antes de morrer.

Por causa do enrijecimento do corpo, o embalsamador foi incapaz de endireitar o pescoço ao mumificar o cadáver.

Folha de S.Paulo. "Raios X revelam o torcicolo mais antigo".

- a) Aponte uma leitura possível em que o penúltimo parágrafo, considerado fora de seu contexto, faz uma afirmação óbvia.
- b) Aponte outra leitura possível para o mesmo parágrafo, que contradiz a informação de que o egípcio viveu cerca de 30 anos.
- c) Reescreva o parágrafo em questão de modo a impedir as leituras indesejáveis, expressando a ideia que o especialista quis realmente transmitir.
- 5 (Unicamp-SP) Ao ler o texto abaixo, alguns leitores podem ter a impressão de que o verbo "achar" está flexionado equivocadamente.

Era do terror

Assessores de Itamar filosofam que governo justo é aquele que entra do lado do mais fraco. Como consideram a inflação resultado de conflito na distribuição de renda, apregoam cadeia para quem acham que "abusa nos preços".

Folha de S.Paulo. Painel.

- a) A quem o jornal atribui a opinião de que quem abusa nos preços deve ir para a cadeia?
- b) Do ponto de vista sintático, o que produz a sensação de que há um erro de concordância?
- c) Explique por que não há erro algum.
- 6 (PUC-PR) A alternativa que contém uma oração sem sujeito é:
- a) No momento, doem-me muito os dentes.
- b) Para alguns, ainda havia esperança.
- c) Lentamente chegava a noite.
- d) Na repartição, existiam muitos documentos secretos.
- e) Nada se fazia de proveitoso.

7 (Fuvest-SP)

Cidadezinha qualquer


Casas entre bananeiras
mulheres entre laranjeiras
pomar amor cantar

Um homem vai devagar
Um cachorro vai devagar
Um burro vai devagar
Devagar... as janelas olham.
Eta vida besta, meu Deus.

Carlos Drummond de Andrade.

- a) A mesma oração repete-se nos versos 4, 5 e 6, mudando apenas o sujeito. Exponha, com base no próprio poema, a intenção contida tanto na mudança quanto na repetição.
- b) Ainda nesses versos a oração mantém a mesma ordem de construção, invertendo-a no 7º verso. Explique a consequência da inversão na visão que se oferece da cidadezinha.
- 8 (Unicamp-SP) Dois adesivos foram colocados no vidro traseiro de um carro:
- em cima:
Deus é fiel
e bem embaixo:
Porque para Deus nada é impossível
É possível ler os dois adesivos em sequência, constituindo um único período. Neste caso:
- a) o que se está afirmando sobre a fidelidade?
- b) o que o dono do carro poderia estar querendo afirmar sobre si mesmo?
- 9 (Saresp-SP) Observe a propaganda e, em seguida, responda à questão.

É EXATAMENTE
QUE AS MUDANÇAS
ISSO CLIMÁTICAS
ESTÃO COM PLANETA
FAZENDO O.

PRESERVE O MEIO AMBIENTE.  ARC

PROPEG COMUNICAÇÃO. Disponível em:
<http://www.propeg.com.br/imagens/noticias/14_06_07_2.jpg>.
Acesso em: 27 jul. 2008.

Note que a organização do enunciado central não está clara, exigindo do leitor maior atenção para decifrar a mensagem. A estratégia foi utilizada pela empresa para destacar

a) a importância da preservação do meio ambiente.

b) a necessidade de combater o aquecimento global.

c) o que deve ser feito para preservar o meio ambiente.

d) o descompasso que as mudanças climáticas geram no planeta.

10 (Fatec-SP) Leia o texto seguinte e responda à questão.

O trapiche

Logo depois transferiu-se para o trapiche [local destinado à guarda de mercadorias para importação ou exportação] o depósito dos objetos que o trabalho do dia lhes proporcionava. Estranhas coisas entraram então para o trapiche.

Não mais estranhas, porém, que aqueles meninos, moleques de todas as cores e de idades, as mais variadas, desde os 9 aos 16 anos, que à noite se estendiam pelo assoalho e por debaixo da ponte e dormiam, indiferentes ao vento que circundava o casarão uivando, indiferentes à chuva que muitas vezes os lavava, mas com os olhos puxados para as luzes dos navios, com os ouvidos presos às canções que vinham das embarcações...

AMADO, Jorge. *Capitães da areia*. São Paulo: Martins, 1937. (Adaptado).

A alternativa em que o verbo destacado tem como sujeito aquele apresentado entre colchetes é:

- a) Logo depois **transferiu-se** para o trapiche o depósito dos objetos... [os objetos]
- b) [...] o depósito dos objetos que o trabalho do dia lhes **proporcionava**. [o depósito dos objetos]
- c) Estranhas coisas **entraram** então para o trapiche. [estranhas coisas]
- d) [...] indiferentes ao vento que **circundava** o casarão uivando [...] [o casarão]
- e) [...] com os ouvidos presos às canções que **vinham** das embarcações [...] [as embarcações]

11 (Ufop-MG) É possível associar a classificação tradicional do predicado ao efeito expressivo de cada tipo: destacar a ação, o processo verbal, indicar ação, prestar-se bem à narração (verbal), ressaltar característica, aparência, estado, prestar-se bem à descrição (nominal) ou resultar da fusão dos anteriores (verbo-nominal).

Entretanto **não** houve associação correta desse comentário em:

- a) "não consultaram nenhuma agenda" – Predicado verbo-nominal
- b) "vou estar vivo e ativo pelo menos durante mais um ano..." – Predicado nominal
- c) "são mais ou menos óbvias" – Predicado nominal
- d) "nos mandam agendas" – Predicado verbal

12 (FGV-SP) Em cada uma das alternativas abaixo está sublinhado um termo iniciado por preposição.

A alternativa em que esse termo **não** é objeto indireto é:

- a) O rapaz aludiu às histórias passadas, quando nossa bela Eugênia ainda era praticamente uma criança.
- b) Quando voltei da Romênia, o Brasil todo assistia à novela da Globo, todos os dias.
- c) Quem disse a Joaquina que as batatas deveriam cozer-se devagar?
- d) Com a aterrissagem, o avião logo transmitiu ao público a melhor das impressões.
- e) Foi fiel à lei durante todos os anos que passou nos Açores.

13 (UFMG-MG) Observe:

- 1. Queria muito aquele brinquedo.
Queria muito ao amigo.
- 2. Dormi muito esta noite.
Dormi um sono agradável.

A partir desses exemplos, explique a seguinte afirmativa: "A análise da transitividade verbal é feita de acordo com o texto e não isoladamente".

14 (FGV-SP – adaptada) Analise a tira.

CHICLETE COM BANANA



Folha de S. Paulo, 10 dez. 2008.

No primeiro quadrinho, a palavra *Deus* ocorre na fala das duas personagens. Explique a função sintática que ela assume em cada uma dessas ocorrências.

15 (PUC-SP) "A colossal produção agrícola e industrial dos americanos voa para os mercados com a velocidade média de 100 km por hora. Os trigos e carnes argentinas afluem para os portos em autos e locomotivas que uns 50 km por hora, na certa, desenvolvem."

As circunstâncias sublinhadas indicam, respectivamente, a ideia de:

- a) lugar, meio e finalidade.
- b) finalidade, meio e afirmação.
- c) finalidade, tempo e dúvida.
- d) lugar, meio e afirmação.
- e) lugar, instrumento e lugar.

16 (Unicamp-SP) A historinha transcrita abaixo foi publicada na seção Humor de uma revista:

.....
A professora passou a lição de casa: fazer uma redação com o tema "Mãe só tem uma".

No dia seguinte, cada aluno leu a sua redação. Todas mais ou menos dizendo as mesmas coisas: a mãe nos amamenta, é carinhosa conosco, é a rosa mais linda no nosso jardim etc. etc. Portanto, mãe só tem uma...

Aí chegou a vez de Juquinha ler a sua redação:

Domingo foi visita lá em casa. As visitas ficaram na sala. Elas ficaram com sede e minha mãe pediu para mim (*sic*) ir buscar coca-cola na cozinha. Eu abri a geladeira e só tinha uma coca-cola. Aí, eu gritei pra minha mãe: "Mãe, só tem uma!"

.....
Viaje Bem (Revista de bordo da VASP)

Essa piada baseia-se nas interpretações diferentes de (I) "Mãe só tem uma" e (II) "Mãe, só tem uma!"

Compare esses dois enunciados, e, com base na análise das relações sintáticas que se estabelecem entre as palavras, em cada um dos casos, identifique e explique a diferença de significado entre (I) e (II), responsável pelo efeito engraçado do texto.

17 (Saresp-SP) Leia o texto para responder à questão.

.....
Beleza em série

Helen Palmer (pseudônimo)

Existe uma triste tendência, agravada nos últimos anos, para estandarizar a beleza e os tipos femininos. Influenciada pelo

cinema a mocinha escolhe uma artista de bastante renome e passa a ser o seu carbono. Imita-lhe o penteado, a maquiagem, o riso, os gestos, as modas, às vezes até o tom de voz.

Os homens não gostam das mulheres em série. Se gostam daquelas estrelas é porque as acharam diferentes. Vocês, imitando-as, apenas serão consideradas ridículas.

Por favor, meninas, sejam vocês mesmas!

.....
Fonte: PALMER, Helen. Beleza em série. In: LISPECTOR, Clarice. *Só para mulheres: conselhos, receitas e segredos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2008. p. 48. (excerto com cortes).

Segundo as regras da gramática normativa, as vírgulas devem ser usadas para isolar o vocativo. É o que se verifica no trecho grifado da frase:

- a) Existe uma triste tendência, **agravada nos últimos anos**, para estandarizar a beleza e os tipos femininos.
- b) Por favor, **meninas**, sejam vocês mesmas!
- c) Vocês, **imitando-as**, apenas serão consideradas ridículas.
- d) Imita-lhe o **penteado, a maquiagem, o riso, os gestos, as modas**, às vezes até o tom de voz.

18 (Vunesp-SP – adaptada)

.....
O esporte é bom pra gente, fortalece o corpo e emburrece A MENTE. – Antes que o primeiro corredor indignado atire UM TÊNIS em minha direção [...] – Quando estamos correndo, não há previsão de pagamento.

.....
PRATA, Antonio. Pensar em nada. *Runner's World*, n. 7, São Paulo: Abril, maio 2009.

Os termos grafados com letras maiúsculas na passagem acima identificam-se pelo fato de exercerem a mesma função sintática nas orações de que fazem parte. Indique essa função:

- a) Sujeito.
- b) Predicativo do sujeito.
- c) Predicativo do objeto.
- d) Objeto direto.
- e) Complemento nominal.

19 (FGV-SP) Observe as frases abaixo. Entre elas há diferença na função sintática das palavras *Fabício* e *pedreiro*. Explique essa diferença.

.....
Quando Fabício, o pedreiro, voltou de um serviço...
Quando o pedreiro Fabício voltou de um serviço...
.....

William Roberto Cereja • Thereza Cochar Magalhães

PORTUGUÊS

LINGUAGENS 2

Literatura · Produção de texto · Gramática

COMPONENTE
CURRICULAR:

LÍNGUA
PORTUGUESA

MANUAL DO PROFESSOR

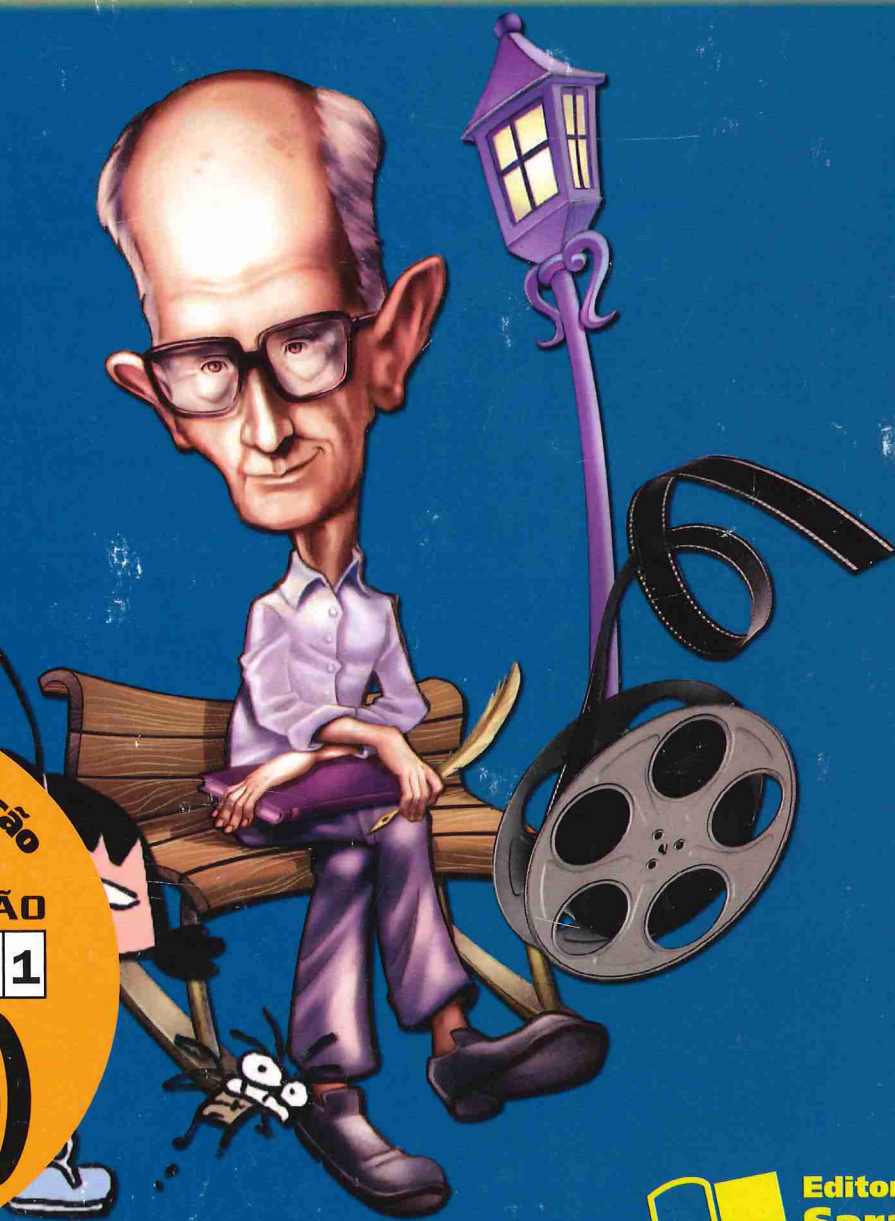
Material de divulgação

CÓDIGO DA COLEÇÃO

2 5 1 4 6 COL 0 1

Editora Saraiva

Editora
Saraiva



O modelo morfossintático — o sujeito e o predicado

Morfossintaxe: a seleção e a combinação de palavras

Construindo o conceito

Leia esta tira, de Fernando Gonsales:



(Tédio no chiqueiro. São Paulo: Devir, 2006. p. 23.)

1. No 2º quadrinho da tira, foi empregado o advérbio *loucamente*.

- Que tipo de circunstância esse advérbio expressa? *modo*
- Identifique o sufixo desse advérbio e empregue-o na formação de outras palavras. *–mente / felizmente, facilmente, perfeitamente, legalmente, geralmente, etc.*
- A partir do radical desse advérbio, forme uma família de palavras. *louco(a), louquinho(a), loucura, louquice, louquejar*

2. A tira estabelece uma relação intertextual com outro texto. Qual é esse texto?

A parlenda "Um elefante incomoda muita gente, dois elefantes incomodam muito mais" e assim por diante.

3. Na anedota a seguir, foram propositalmente suprimidas duas palavras. Leia-a.

O prefeito foi visitar o manicômio da cidade. Chegando à biblioteca, vê um homem pendurado no teto, de cabeça para baixo. Preocupado, diz à bibliotecária do hospício:

- O que é que esse □ está fazendo aí no teto?
- Ele pensa que é um lustre.
- Permitir isso é uma □! Ele pode cair e se machucar! Por que não o tiram daí?
- Mas, à noite, como é que a gente vai fazer para ler no escuro?

a) Uma ou outra das palavras suprimidas na anedota poderia ser *loucamente*? *Não.*

- b) De acordo com o contexto, que palavras da família do radical *louc-* podem completar adequadamente as lacunas da anedota? *louco e loucura, respectivamente*
- c) A que classe gramatical pertence cada uma dessas palavras: à dos substantivos, à dos adjetivos, à dos verbos ou à dos advérbios? *Ambas pertencem à classe dos substantivos.*



Conceituando

Você observou que, para combinar as palavras *loucamente*, *louco* e *loucura* com outras palavras das frases de modo que ficassem de acordo com o contexto, foi preciso selecioná-las. Você observou também que essas palavras têm o mesmo radical. Se acrescentarmos ao radical *louc-* o sufixo *-ura*, formaremos um substantivo — *loucura*. Se ao radical *louc-* acrescentarmos o sufixo *-mente*, formaremos um advérbio — *loucamente*.

Concluindo:

A combinação entre sufixos e radicais determina a classe gramatical das palavras. Esta, por sua vez, determina as possibilidades de combinação das palavras no contexto.

Na questão, para chegar à resposta sobre quais palavras completam adequadamente a anedota, você exercitou o princípio fundamental da linguagem: o da *seleção e combinação* de palavras.

Na fala ou na escrita, a seleção e a combinação de palavras são condicionadas pelo sentido que se quer dar ao enunciado. Nessas situações, as possibilidades de quem usa a língua são amplas, pois todas as palavras (o léxico) e as várias possibilidades de combinação estão à sua disposição.

É nesse princípio básico da língua — a seleção e a combinação de palavras — que residem os estudos essenciais da gramática: a *morfologia* e a *sintaxe*.

A *morfologia* estuda as classes gramaticais, isto é, o campo da *seleção*, enquanto a *sintaxe* estuda o campo da *combinação* de palavras.

Uma vez que *selecionar* e *combinar* são procedimentos que ocorrem simultaneamente nos atos da fala e da escrita, o estudo da língua requer um tratamento morfossintático, isto é, que sejam levadas em conta, ao mesmo tempo, as relações morfológicas e sintáticas entre as palavras.

Forma e função

Ao selecionar as palavras, o usuário da língua leva em conta não só o sentido, mas também a forma das palavras (artigo, substantivo, verbo, adjetivo, advérbio, etc.) e a função (sujeito, objeto direto, adjunto adnominal, adjunto adverbial, etc.) que elas assumem na frase.

Leia esta anedota:

O freguês sentou-se e pediu um chope. O garçom trouxe o chope e o freguês pediu para trocar por um suco de laranja. O garçom trocou, o freguês bebeu e saiu sem pagar.

- Ei! — disse o garçom. — O senhor não pagou o suco de laranja.
- Claro que não! Eu o troquei pelo chope!
- É... Mas o senhor não pagou o chope.
- Claro que não! Eu não o bebi!



Biry Sarquis

Por que? Sempre com base em que?

Como é feita a combinação e a seleção de palavras

Relação morfológica e sintática não diz a respeito que explica essa seleção

De onde vem isso?

Nesta frase dita pelo garçom "O senhor não pagou o suco de laranja", veja as combinações realizadas, isto é, a estrutura sintática da frase e as classes gramaticais que foram selecionadas para as combinações:

	O	senhor	não	pagou	o	suco	de	laranja.
seleção	artigo	substantivo	advérbio	verbo	artigo	substantivo	preposição	substantivo
combinação	adj. adn.	núcleo	adj. adv.	verbo transitivo	adj. adn.	núcleo	adj. adn.	
					objeto direto			
	sujeito		predicado					

Como você pode observar, o agrupamento das palavras de acordo com sua forma deve ser feito com base na função sintática que elas têm nas frases.

Isso significa que não se pode desvincular a morfologia (parte da gramática que estuda a forma das palavras) da sintaxe, e vice-versa, pois forma e função coexistem e seus papéis só se definem no contexto. As palavras constituem grupos morfológicos e, ao serem combinadas em frases, adquirem um papel sintático.

Fazer a análise morfosintática de uma palavra significa, portanto, reconhecer a classe gramatical a que ela pertence e, ao mesmo tempo, a função sintática que ela desempenha em determinada oração.

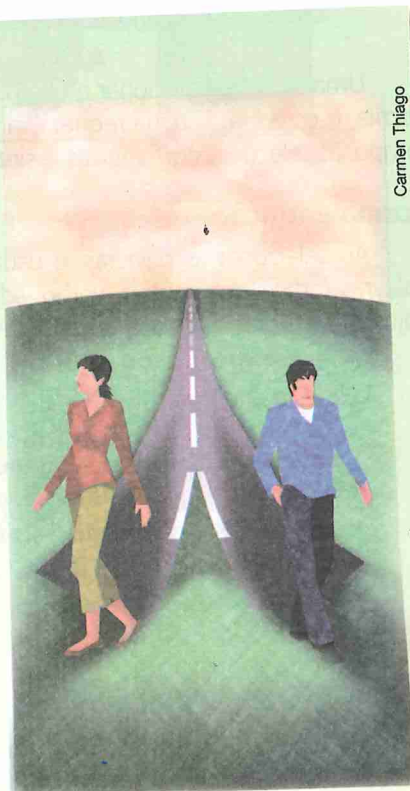
Frase — Oração — Período



Conceituando

Leia este diálogo entre namorados, de Luis Fernando Veríssimo:

- Eu...
- Queria me dizer uma coisa?
- É. Acho que...
- Esta nossa relação não vai dar certo?
- Isso. Eu simplesmente não...
- Aguenta mais?
- Exato. Esse seu hábito de...
- Terminar as frases dos outros?
- É. É! Eu tentei, mas...
- Não consegue?
- Não consigo. Não é nada...
- Contra mim? É só por que eu termino as suas frases?
- É. Porque você...
- Faça isso?
- É. Sempre termina a...
- Frase dos outros? Porque eu já sei o que vão dizer. Você é o quinto ou sexto namorado que me diz a mesma coisa.
- Quer dizer que nós nos tornamos...
- Previsíveis? Se tornaram.
- Todos reclamam...
- Da mesma coisa? Reclamam.
- Bom, então é...
- Tchau?
- É.



Carmen Thiago

("Namorados". O Estado de S. Paulo, 13/6/2004. © by Luis Fernando Veríssimo.)

Nesse texto, os namorados interagem por meio de enunciados — palavras ou conjuntos de palavras — que constituem unidades menores do texto e que têm sentido completo, ou seja, eles estabelecem comunicação por meio de frases.

O trecho “Todos reclamam da mesma coisa?” é uma unidade do texto e tem sentido completo; por isso é uma frase.

“Todos reclamam da mesma coisa?”, além de frase, é uma oração, porque apresenta um verbo — *reclamar*.

Normalmente, as frases apresentam pelo menos um verbo. Quando isso não ocorre, dizemos que são frases nominais, como “Que susto!”, “Droga”, “Fora!”.

Na escrita, a frase começa com letra maiúscula e termina com ponto, ponto de interrogação, ponto de exclamação ou reticências. Na fala, a frase é marcada pela entonação, isto é, um tom de voz que expressa a intenção de quem fala.

No início do texto, o namorado diz, hesitante, “Eu...”. Se quisermos expressar a intenção do namorado, devemos ler essa frase com um tom de voz que mostre insegurança, indecisão, embaraço.

Concluindo:

Frase é a unidade de texto que numa situação de comunicação é capaz de transmitir um pensamento completo.

Oração é o enunciado que se organiza em torno de um verbo.

Dá-se o nome de **período** à frase organizada em oração ou orações. O período pode ser:

- **simples**, quando constituído de uma só oração:

Eu não *aguento* mais esse seu hábito.

- **composto**, quando constituído de duas ou mais orações:

Acho | que esta nossa relação não *vai dar* certo.

O **período composto** pode ser:

- **período composto por coordenação**: as orações são autônomas, independentes sintaticamente e chamadas de coordenadas:

Eu *tentei*, | mas não *consegui*.

- **período composto por subordinação**: as orações funcionam como termos de outras orações, são dependentes sintaticamente e denominam-se subordinadas:

“Você é o quinto ou sexto namorado | que me diz a mesma coisa.”

- **período composto por coordenação e por subordinação**: apresenta orações coordenadas e subordinadas:

O rapaz *chegou* | e *disse* à namorada | que não a *suportava* mais.

Tipos de frase

Há quatro tipos de frase:

- **a interrogativa**, que usamos para fazer uma pergunta:

Quem chegou?

- **a declarativa**, que usamos para dar uma resposta, uma informação ou contar alguma coisa:

Choveu a noite toda.

- **a exclamativa**, que usamos para expressar espanto, surpresa, emoção, admiração, alegria, etc.:

Que bela canção você compôs!

- **a imperativa**, que usamos para expressar uma ordem, um desejo, um pedido:

Feche a janela, por favor.



Exercícios

Leia a tira a seguir para responder às questões de 1 a 3.



AQUI DIZ: "UM HOMEM EM DENVER FEZ VINTE CÓPIAS E FOI PROMOVIDO. UM HOMEM EM SEATTLE QUEBROU A CORRENTE E FICOU CARECA!"

WATTERSON



© 1986 Universal Press Syndicate



Bill Watterson/Dist. by Atlantic Syndication

(Bill Watterson. *Tem alguma coisa babando embaixo da cama*. São Paulo: Conrad do Brasil, 2008. p. 55.)

1. Qual dos enunciados a seguir é uma frase e também uma oração?

- a) Rá! x b) Você acredita nisso?



2. Leia este trecho da fala de Calvin, do 1º quadrinho:

A carta diz que se eu copiar e mandar para vinte pessoas, eu vou ter sorte.

- a) Quantas orações há nessa frase? Lembre-se de que cada verbo (ou locução verbal) indica a existência de uma oração. ^{quatro orações}
b) Trata-se de um período composto por coordenação, por subordinação ou por coordenação e subordinação? ^{Trata-se de um período composto por coordenação e por subordinação.}
c) Identifique, na tira, outro período com classificação semelhante.

Aqui diz (que) um homem em Denver fez vinte cópias e foi promovido. / ... E um menino tonto que nem você deu ouvidos ao amigo e foi atropelado por um caminhão de cimento.

3. Leia estes dois enunciados:

Um homem em Seattle quebrou a corrente e ficou careca.
Essas cartas são para os patetas supersticiosos.

- a) Qual dos enunciados acima é um período simples? *O segundo enunciado.*
b) Por que o outro enunciado é um período composto por coordenação?
Porque as orações que o compõem são autônomas, independentes sintaticamente.

Sujeito e predicado



Construindo o conceito

Leia este poeminha de Mário Quintana:

O poema

O poema é um objeto súbito.
Os outros objetos já existiam.

(In: *Caderno H*. São Paulo: Globo.
© by Elena Quintana.)





Exercícios

1. Leia a tira ao lado.



Laerte

(Laerte. *Classificados*. São Paulo: Devir, 2002. p. 21.)

- a) No 2º quadrinho da tira, identifique o sujeito destas orações: *a resistência, o encanamento, o botão do controle, respectivamente.*
 - queimou a resistência
 - entupiu o encanamento
 - espanou o botão do controle
- b) Na oração "está fora da garantia", no 2º quadrinho, o sujeito está implícito. Considerando apenas o contexto desse quadrinho, quem você imaginou que fosse o sujeito? *Resposta pessoal. Sugestão: Pelo contexto, imagina-se que seja um eletrodoméstico.*
- c) Entretanto, quando lemos o último quadrinho, descobrimos a quem se refere a oração "está fora da garantia". A quem essa oração se refere? *Ao marido da mulher que está ao telefone. Ou ao "homem de segunda mão".*

2. No seguinte poema, de Mário Quintana, o sujeito não inicia a oração. Identifique-o.

Anoitecer

Da chaminé da tua casa
Uma por uma
Vão brotando as estrelinhas...

As estrelinhas

3. Crie predicados para estes sujeitos:

- a) Os caminhos...
- b) Aquele fio de água...
- c) Quem...
- d) Todas as pessoas... *Respostas pessoais.*

4. Identifique o sujeito e o predicado dos períodos:

- a) "Na cama de casal jazia um homem maduro e grande." (Paulo Mendes Campos) *sujeito: um homem maduro e grande; predicado: na cama de casal jazia*
- b) "Lágrimas brotaram-lhe nos olhos, soluços rebentaram-lhe no peito." (Érico Veríssimo)
1ª oração: sujeito: lágrimas; predicado: brotaram-lhe nos olhos; 2ª oração: sujeito: soluços; predicado: rebentaram-lhe no peito

5. Identifique nos períodos a seguir apenas os sujeitos. Caso algum sujeito não apareça expresso, identifique-o por meio da terminação do verbo. *as pálpebras do delegado, os faróis, eu (assinei), o advogado, o ar*

"Desceram as pálpebras do delegado, os faróis se apagaram. Assinei o depoimento, o advogado pôs a mão no meu ombro, o ar cheirava a fumo." (Adonias Filho)

A predicação

Leia este poeminha de Mário Quintana:

Simultaneidade

— Eu amo o mundo! Eu detesto o mundo!
Eu creio em Deus! Deus é um absurdo!
Eu vou me matar! Eu quero viver!
— Você é louco?
— Não, sou poeta.

(In: *A corda invisível*. São Paulo: Globo. © by Elena Quintana.)



Filipe Rocha

Compare os predicados destas orações do poema:

Você *é* louco? Eu *amo* o mundo!

Observe que, na 1ª oração, o predicado indica o estado do sujeito *you* naquele momento: "é louco". Já na 2ª oração, o predicado informa a ação do sujeito *eu*: "amo o mundo". Os verbos que ligam o sujeito às suas características, ao seu estado ou às suas qualidades são chamados de **verbos de estado** ou de **ligação**. Os demais verbos, que indicam ação ou fenômenos meteorológicos, são chamados de **verbos significativos** ou **nacionais**. Assim:

Predicado é o tipo de relação que o verbo mantém com o sujeito da oração. De acordo com essa relação, há dois grupos: os **de estado** ou **de ligação** e os **significativos** ou **nacionais**.

Verbos de ligação

Veja estas orações do poema:

Você *é* louco? Eu *sou* poeta!

Observe que os verbos não expressam ações do sujeito, mas, sim, ligam o sujeito a seu atributo, isto é, a seu estado ou a suas características; daí serem denominados **verbos de ligação**.

Verbo de ligação é aquele que serve como elemento de ligação entre o sujeito e seu atributo.

Veja outros exemplos:

Minha namorada *está* atrasada.

Pedro e Paulo *pareciam* felizes em sua nova casa.

A novela *continua* enfadonha.

Os alunos *permaneceram* quietos durante a palestra de ciências.

Nós *ficamos* alegres por ela.

O rapaz *tornou-se* prefeito da cidadezinha num piscar de olhos.

O atributo do sujeito é chamado de **predicativo**.

Verbos significativos

Verbos transitivos e intransitivos

Agora, observe os verbos destes versos, de Mário Quintana:

Detrás do muro *surge* a lua.

Na praça a banda *toca* de repente

Um samba histérico...

No 1º verso, a forma verbal *surge* está na 3ª pessoa do singular, porque concorda com o sujeito *a lua*. Se invertermos a posição do sujeito, teremos: "Detrás do muro, *a lua surge*". Observe que a ação expressa pelo verbo *surgir* se refere apenas ao sujeito e não se estende a outros seres. Nesse caso, dizemos que o verbo é **intransitivo**.

Veja outros exemplos de verbos intransitivos:

A carta e o telegrama já *chegaram*.

O caminhão do gás já *passou*.

Amanheceu.

*não explica
detrás do
muro q/
tem relação
c/ o ver-
bo*

O 2º e o 3º versos de Mário Quintana formam a oração: "Na praça **a banda toca** de repente um samba histérico". Observe que, também nessa oração, a forma verbal *toca* indica a ação praticada pelo sujeito (*a banda*), mas a ação expressa pelo verbo *tocar* recai sobre outro ser: um samba histérico. O termo *um samba histérico* completa o sentido do verbo *tocar* (quem toca, toca alguma coisa), tornando precisa a informação da frase. Quando isso ocorre, isto é, quando o verbo necessita de um complemento, dizemos que ele é um verbo **transitivo**.

Assim, concluímos:

Transitividade verbal é a necessidade que alguns verbos apresentam de ter outras palavras como complemento. A esses verbos que exigem complemento chamamos de **transitivos** e aos que não exigem complemento chamamos de **intransitivos**.

Compare agora os complementos dos verbos transitivos nestas duas orações:

Eu amo o mundo. Eu creio em Deus.
 VT complemento VT complemento

Observe que, na 1ª oração, o complemento *o mundo* se liga diretamente ao verbo, sem preposição. Nesse caso, dizemos que o verbo é **transitivo direto**. Já na 2ª oração, o complemento *em Deus* se liga ao verbo por meio de uma preposição (*em*). Nesse caso, dizemos que o verbo é **transitivo indireto**.

Além dos verbos transitivos diretos e dos indiretos, há também os verbos **transitivos diretos e indiretos**, assim chamados por exigirem dois complementos, um sem preposição (objeto direto) e outro com preposição obrigatória (objeto indireto). Veja este exemplo:

A moça ensinava pintura à meia dúzia de garotos.
 VTDI OD OI

Como determinar a predicação de um verbo?

A predicação de um verbo somente pode ser determinada **no contexto da frase em que ele aparece**. Veja, por exemplo, que o verbo *virar*, em contextos diferentes, tem diferentes classificações:

Diante do ocorrido, papai *virou* uma fera.
 VL

A canoa *virou*.
 VI

Antes de servir, ela *virou* o assado na travessa.
 VTD



Exercícios

Leia a tira a seguir e responda às questões 1 e 2.



(Luis Fernando Verissimo. *As cobras em: Se Deus existe que eu seja atingido por um raio*. Porto Alegre: L&PM, 1997. p. 98.)

1. O complemento dos verbos das frases do 1º, do 2º e do 3º quadrinhos não foi mencionado: ele está implícito. Pelo contexto, qual é ele? **a bola**



O sujeito e o predicado na construção do texto

O fazendeiro do mar

mar de mineiro é
 mar de mineiro é inho
 mar de mineiro é ão
 mar de mineiro é vinho
 mar de mineiro é vão
 mar de mineiro é chão
 Mar de mineiro é pinho
 mar de mineiro é pão
 mar de mineiro é ninho
 mar de mineiro é não
 mar de mineiro é bão
 Mar de mineiro é garoa
 mar de mineiro é baião
 mar de mineiro é lagoa
 mar de mineiro é balão
 mar de mineiro é são
 Mar de mineiro é viagem
 mar de mineiro é arte
 [...]

 mar de mineiro é mina
 Mineiro tem mar de cio
 Mineiro tem mar de fonte
 mineiro tem mar de rio
 mineiro tem mar de monte
 mar de mineiro é horizonte
 Mar de mineiro é tudo
 mar de mineiro é fase
 mar de mineiro é mudo
 mar de mineiro é quase
 mar de mineiro é frase

Mar de mineiro é mar
 mar de mineiro é mago
 mar de mineiro é ar
 mar de mineiro é lago
 mar de mineiro é vago
 Mar de mineiro é janeiro
 mar de mineiro é profundo
 mar de mineiro é mineiro
 mar de mineiro é segundo
 mar de mineiro é mundo
 Mar de mineiro é tripa
 mar de mineiro é grave
 mar de mineiro é pipa
 mar de mineiro é ave
 mar de mineiro é nave
 Mineiro tem mar de campo
 mineiro tem mar de penha
 mineiro tem mar de trampo
 mineiro tem mar de brenha
 [...]

 Mineiro tem mar de prenda
 mar de mineiro é coreto
 mineiro tem mar de emenda
 mar de mineiro é soneto
 mar de mineiro é preto
 Mar de mineiro é centro

mar de mineiro é plasma
 mar de mineiro é dentro
 mar de mineiro é asma
 mar de mineiro é miasma
 Mar de mineiro é arroio
 mar de mineiro é zen
 mar de mineiro é aboio
 mar de mineiro é nem
 mar de mineiro é em
 Mar de mineiro é aquário
 mar de mineiro é silvério
 mar de mineiro é vário
 mar de mineiro é sério
 mar de mineiro é minério
 Mar de mineiro é gerais
 mar de mineiro é campinas
 mar de mineiro é Goiás
 Mar de mineiro é colinas
 mar de mineiro é minas

(Antônio Carlos de Brito (Cacaso). *Lero-lero*. Rio de Janeiro/São Paulo: 7 letras/Cosac & Naify, 2002. p. 38-43.)



Evandro Luiz

5. a) Como diz o último verso, "Mar de mineiro é minas", ou seja, é tudo o que Minas tem. Professor: Comente com os alunos que, de acordo com o ponto de vista do poeta, os mineiros não precisam de mar, pois têm Minas.

5. Leia os dois últimos versos do poema e o boxe "Fazendeiro do impalpável".

a) Com base na leitura de todo o poema e nos versos finais, responda: Afinal, o que é "mar de mineiro"?

b) Numa clara intertextualidade com o livro de seu conterrâneo, Cacaso dá ao seu poema o título de "O fazendeiro do mar". Como você justifica esse título?

Resposta pessoal. Professor: Abra o debate com a classe. Sugestão: Assim como Drummond, o eu lírico do poema de Cacaso também é um fazendeiro de coisas impalpáveis; no caso, fazendeiro de um mar que não é mar; fazendeiro das coisas boas e marcantes de Minas: seu passado histórico, sua cultura, sua paisagem, sua gente.

Fazendeiro do impalpável

O poeta Carlos Drummond de Andrade escreveu um livro de poemas chamado *Fazendeiro do ar*. O pai de Drummond tinha sido fazendeiro em Minas, mas, diferentemente dos irmãos, o poeta estudou farmácia, foi funcionário público e dedicou-se à literatura e ao jornalismo.

Para que servem o sujeito e o predicado?

Sujeito e predicado são as estruturas linguísticas fundamentais da linguagem verbal.

Para nos referirmos ao mundo que está à nossa volta — aos seres que existem, aos fatos que acontecem, aos sentimentos e ideias que temos, às ações que realizamos, etc. — e interagirmos com outras pessoas, quase inevitavelmente lançamos mão do sujeito e do predicado.

Sujeito e predicado estão diretamente relacionados à necessidade que o ser humano tem de verbalizar o que pensa e sente: sobre o mundo, sobre si mesmo e sobre suas relações.



Semântica e discurso

Leia o poema a seguir, da escritora angolana Ana Paula Ribeiro Tavares, e responda às questões 1 e 2.

Cerimônia de passagem

"a zebra feriu-se na pedra
a pedra produziu lume"

a rapariga provou o sangue
o sangue deu fruto

a mulher semeou o campo
o campo amadureceu o vinho

o homem bebeu o vinho
o vinho cresceu o canto

o velho começou o círculo
o círculo fechou o princípio

"a zebra feriu-se na pedra
a pedra produziu lume"

(*Ritos de Passagem*. Luanda: 1985.
Apud <http://www.secrel.com.br/JPOESIA/anap02.html>)



Andreas Ebert

1. O poema cita diferentes seres humanos: rapariga, mulher, homem, velho.

a) Troque ideias com os colegas: Com que sentido a palavra *rapariga* é utilizada em Portugal ou nos países africanos de língua portuguesa? *Com o sentido de moça jovem, adolescente.*

b) Que processo se observa na sequência *rapariga—mulher—homem—velho*?

Observa-se o processo de envelhecimento.

c) Levante hipóteses: Por que o poema tem o título “Cerimônia de passagem”? *Resposta pessoal. Sugestão: O poema retrata algumas fases da vida — a adolescência, a maturidade e a velhice — que são marcadas pelo amor, pelo trabalho, pela alegria e pela morte.*

d) Interprete: Por que o velho “começou o círculo” e “fechou o princípio”?

Resposta pessoal. Sugestão: Porque é do velho que nasce o novo; porque a vida é um ciclo e, depois do velho, vem o novo.

2. Os versos do poema apresentam sempre a mesma estrutura sintática.

a) Qual é essa estrutura? Indique os termos que fazem parte dela e dê exemplos. *A estrutura é composta por sujeito (a rapariga, o sangue, a mulher, etc.) seguido de verbo transitivo direto (provou, deu, semeou, etc.) e de objeto direto (o sangue, fruto, o campo).*

b) Que relação existe entre essa estrutura sintática e a ideia de circularidade expressa no poema?

O poema apresenta as fases da vida de todo ser humano como momentos de uma trajetória circular. A repetição de uma única estrutura sintática reforça essa ideia, a de que todos nós, seres humanos, passamos igualmente pelas mesmas fases.

3. Em português, a chamada *ordem direta* das orações apresenta a seguinte estrutura: sujeito + verbo + objetos + complementos.

Compare estas frases:

A mãe trouxe a criança à escola.

A criança, a mãe trouxe à escola.

Trouxe, a mãe, a criança à escola.

À escola, a mãe trouxe a criança.

a) Qual delas está na ordem direta? *A primeira.*

b) Compare a frase que está na ordem direta às demais frases e conclua: O que ocorre nas frases nas quais outro termo que não o sujeito precede o verbo?

O termo que precede o verbo (posição que geralmente cabe ao sujeito) ganha maior ênfase.

4. A frase “Trouxe a criança a mãe à escola” tem mais de um sentido, em virtude da inversão do sujeito. Empregando apenas vírgulas, dê duas redações diferentes à frase. Faça isso de modo que numa frase *a mãe* seja o sujeito da oração e na outra *a criança* seja o sujeito.

Trouxe a criança, a mãe, à escola. (a mãe desempenha a função de sujeito)

Trouxe, a criança, a mãe à escola. (a criança desempenha a função de sujeito)

Professor: Lembre aos alunos que o sujeito, ao ser deslocado de sua posição natural e introduzido no predicado, deve ficar entre vírgulas, necessárias para marcar a inversão.

Termos ligados ao verbo: objeto direto, objeto indireto, adjunto adverbial

Objeto direto e objeto indireto

Leia este cartum, de Santiago:



(Tinta fresca. Porto Alegre: L&PM, 2004. p. 47.)

1. O cartum faz uma crítica a um determinado grupo social. Com base na imagem e nos balões, responda:
- Que grupo é esse? *Um grupo de pessoas privilegiadas socialmente, um grupo de milionários.*
 - Como esse grupo leva a vida? *Leva a vida em festas e reuniões sociais, comendo e bebendo do melhor.*
 - Como tem sido a ação social e ambiental desse grupo? *Tem sido devastadora, pois, entre outros resultados, tem levado à destruição da classe média e à derrubada das florestas.*
 - Na sua opinião, esse cartum – publicado em 2004 – é uma crítica à realidade social de nosso país? Por quê?
Resposta pessoal.

2. Na busca de uma saída, as personagens do cartum referem-se ao que fizeram ao país. Observe as frases a seguir e seus respectivos verbos:

- “Chamem o exército!”
- “Nós privatizamos os quartéis!”
- “Então vamos pedir ajuda pra classe média!”
- “Mas nós liquidamos a classe média!”
- “Só nos resta fugir pro mato!”
- “Nós derrubamos todas as florestas!”

- a) O que explica o emprego de diferentes verbos nesse cartum?
Os verbos expressam as diferentes ações feitas pelas personagens.
- b) Em quais dessas frases os verbos são transitivos diretos, ou seja, as ações expressas pelos verbos se ligam a seu complemento sem a presença de preposição? Na 1ª, na 2ª, na 4ª e na 6ª orações.
- c) Em qual dessas frases o verbo possui dois complementos, um com e outro sem preposição? Na 3ª frase.
- d) Em uma dessas frases, há um termo, preposicionado e ligado ao verbo, que indica o lugar de ocorrência da ação verbal. Qual é esse termo? pro mato



Conceituando

Ao responder às questões anteriores, você observou que os verbos *chamar*, *privatizar*, *pedir*, *liquidar* e *derrubar* são transitivos, pois são empregados com complementos. Nas frases “Nós privatizamos os quartéis!”, “Mas nós liquidamos a classe média!” e “Nós derrubamos todas as florestas!”, os complementos se ligam ao verbo diretamente, sem preposição. Nesse caso o verbo é **transitivo direto**, e seu complemento se chama **objeto direto**. Já na frase “Então vamos pedir ajuda pra classe média!”, há dois complementos: *ajuda*, que se liga ao verbo diretamente e é, portanto, objeto direto, e *pra* (para + a) *classe média*, que se liga ao verbo por meio da preposição *para*. Nesse caso, o verbo é **transitivo direto e indireto** e o complemento que se liga a ele por meio de preposição se chama **objeto indireto**.



Objeto direto é o termo que se liga diretamente, isto é, sem preposição, a um verbo transitivo.

Objeto indireto é o termo que se liga indiretamente, isto é, por meio de uma preposição, a um verbo transitivo.

Há três tipos de verbos transitivos. O verbo **transitivo direto** é complementado pelo **objeto direto**; o verbo **transitivo indireto**, pelo **objeto indireto**; e o verbo **transitivo direto e indireto**, por um **objeto direto** e por um **objeto indireto**. Veja estes exemplos:

“Nós derrubamos todas as florestas!”
 VTD OD

A elite, indiferente, assiste ao desmatamento.”
 VTI OI

“Então vamos pedir ajuda pra classe média!”
 VTD OD OI

Exercícios

1. Leia este texto:

Por que todo mundo usava peruca na Europa dos séculos XVII e XVIII?

Não era todo mundo, apenas os aristocratas. A moda começou com Luís XIV (1638-1715), rei da França. Durante seu governo, o monarca adotou a peruca pelo mesmo motivo que muita gente usa o acessório ainda hoje: para esconder a calvície.

O resto da nobreza gostou da ideia e o costume pegou. A peruca passou a indicar, então, as diferenças sociais entre classes, tornando sinal de status e prestígio. Também era comum espalhar talco ou farinha de trigo sobre as cabeleiras falsas para imitar o cabelo branco dos idosos.

Mas, por mais elegante que parecesse ao pessoal da época, a moda das perucas também era nojenta: “proliferava todo tipo de bicho, de baratas, de camundongos, nesses cabelos postiços”, afirma o estilista João Braga, professor de História da Moda das Faculdades Senac, em São Paulo.

Em 1789, com a Revolução Francesa, veio a guilhotina, que extirpou a maioria das cabeças com perucas. Símbolo de uma nobreza que se desejava exterminar, elas logo caíram em desuso. [...]



Retrato de Luís XIV, de Rigaud, Hycinthe. Museu do Prado, Madrid

(Mundo Estranho, edição 3.)

- a) Destaque, no 1º parágrafo do texto, três objetos diretos. **a peruca; o acessório; a calvície**
b) Na oração do texto “O resto da nobreza gostou da ideia”, o termo *da ideia* é objeto direto ou indireto? **É objeto indireto.**

2. Reescreva os seguintes enunciados, substituindo os verbos destacados pelos verbos entre parênteses. Depois classifique os objetos dos novos enunciados. Veja o exemplo:

Os filhos *amam* os pais. (obedecer)

- Os filhos **obedecem** aos pais. • aos pais: OI

a) Os meninos *entretiveram-se com os brinquedos*. / **com os brinquedos**: OI
Os meninos **quebraram** os brinquedos. (entreteter-se)

b) A canção *comoveu* o público. (agradar)
A canção **agradou** ao público. / **ao público**: OI

c) Ela não *acredita em desculpas tolas*. / **em desculpas tolas**: OI
Ela não **admite** desculpas tolas. (acreditar)

d) Ela *adora* doces e refrigerantes. (gostar)
Ela **gosta de** doces e refrigerantes. / **de doces e refrigerantes**: OI

Objeto direto preposicionado

Leia esta frase:

O pai o filho ama.

Qual é o sujeito dessa frase: *o pai* ou *o filho*? Para desfazer a ambiguidade, é possível empregar o **objeto direto preposicionado**, adequando a frase à intenção do falante. Assim, se o sujeito for *o pai*, teremos: “*Ao filho* o pai ama”; se o sujeito for *o filho*, teremos: “*Ao pai* o filho ama”. Nessas frases, *ao filho* e *ao pai* são objetos diretos preposicionados.

O objeto direto preposicionado ocorre quando um verbo *transitivo direto* apresenta um *objeto direto preposicionado* de preposição. O emprego da preposição, nesse caso, não é exigido pelo verbo, uma vez que este é transitivo direto, mas se justifica por motivo de clareza, precisão ou estilo.

O objeto direto preposicionado aparece:

- com os verbos que exprimem sentimentos:

Ele só ama **a** você, Ana!

- para evitar ambiguidade:

A **Abel** matou Caim.

- para enfatizar o complemento verbal:

Cumpri **com** o prometido

- para realçar a ideia de parte, porção:

Tomava **do** vinho com prazer.

LEMBRE-SE

Os pronomes oblíquos *o, a, os, as* assumem as formas *lo, la, los, las* após formas verbais terminadas em *r, s, ou z*; e assumem as formas *no, na, nos, nas* após fonemas nasais (*am, em, ãe, etc.*). Observe:

Vou vender minha bicicleta. → Vou vendê-*la*.

Põe os pacotes sobre a mesa. → Põe-*nos* sobre a mesa.

Quando numa oração ocorrem dois pronomes átonos, um objeto direto e outro indireto, eles podem combinar-se. Essa combinação resulta em formas eruditas, encontradas em textos clássicos da literatura, em textos jurídicos e bíblicos. Veja um exemplo de Machado de Assis:

[...] Andrade abriu a carteira com grande afetação, tirou uma nota de vinte mil réis e deu-*lha*; e, com a mesma afetação, ordenou-*lhe* que se retirasse. O Leandro saiu.

Nessa frase, na forma *lha*, ocorre simultaneamente um objeto direto, *a*, e um objeto indireto, *lhe*, de modo que *deu-lha* corresponde a *deu-a* (a nota de vinte mil réis) a *Leandro*.

Exercícios

1. Compare as duas frases seguintes, nas quais os pronomes *nos/nós* e *os/eles* foram empregados como objeto direto e como objeto direto preposicionado:

Nem ele nos entende, nem nós os entendemos.

“Nem ele entende a nós, nem nós a eles.” (Camões)

Há diferença de sentido entre elas? Quanto ao sentido não há diferença; entretanto, o uso do objeto direto preposicionado na 2ª frase tornou-a mais expressiva e enfática.

2. Reescreva as frases a seguir, substituindo por pronomes oblíquos os objetos destacados. Veja o exemplo:

Eu fiz os *exercícios* mais de uma vez.

Eu os fiz mais de uma vez.

- a) Ver o *filme* hoje é impossível. *Vê-lo* hoje é impossível.
b) Colocaram os *livros* nas estantes? *Colocaram-nos* nas estantes?
c) Restitui o livro à *bibliotecária* dentro do prazo. *Restitui-lhe* o livro dentro do prazo.
d) Os visitantes olhavam admirados os *quadros impressionistas*. *Os visitantes olhavam-nos* admirados.
e) Na próxima semana, envio as *avaliações* pela minha irmã. *Na próxima semana, envio-as* pela minha irmã.

3. Leia a tira:



- a) Nos dois primeiros quadrinhos, o pronome *te* desempenha a mesma função sintática em todas as ocorrências. Que função é essa? *A de objeto direto.*
b) O verbo *dedar*, comum na linguagem informal, foi empregado como transitivo direto e indireto. Quais são seus objetos? *OD: me; OI: pra professora*
c) Qual é a predicação das locuções verbais *vai passar* e *vão cortar*? *Intransitivo e transitivo direto*
d) Como você interpreta o último quadrinho? *A personagem parece ter acreditado nas ameaças de seu interlocutor.*



Os termos ligados ao verbo na construção do texto

Leia este poema, de Vinícius de Moraes:

Poética (I)

De manhã escureço	Outros que contem
De dia tarde	Passo por passo:
De tarde anoiteço	Eu morro ontem.
De noite ardo.	Nasço amanhã
A oeste a morte	Ando onde há espaço:
Contra quem vivo	— Meu tempo é quando.
Do sul cativo	
O este é meu norte.	

cativo: preso, escravo.

(Nova antologia poética de Vinícius de Moraes. Sel. e org. Antonio Cícero e Eucanaã Ferráz. São Paulo: Cia. das Letras, Editora Schwarcz Ltda., 2008. p. 153. Autorizado por VM Empreendimentos Artísticos e Culturais Ltda. © VM e © Cia, das Letras — Editora Schwarcz.)

Para que servem os objetos?

Os objetos estão diretamente relacionados às ações do homem, sobre a natureza e sobre seu meio social e cultural. Toda vez que, na frase, mencionamos os seres que se modificam ou se transformam por ação do homem, empregamos os objetos: *plantar uma árvore, fazer um bolo, gostar de alguém, assistir a um filme*, etc. Assim, os objetos contribuem, no plano da linguagem, para exprimir a capacidade humana de agir e de transformar a realidade.

1. Como o próprio nome do poema sugere, o texto é metalinguístico. Dizemos que a *poética* de um autor, além do conjunto de suas obras, consiste também no conjunto de temas, procedimentos estéticos e visão de mundo que elas expressam. No caso do poema lido, o eu lírico empenha-se em descrever como é viver poeticamente. Para isso, faz uso de duas noções essenciais: o tempo e o espaço. Qual dessas noções predomina:

- a) na 1ª estrofe? tempo c) na 3ª estrofe? tempo
b) na 2ª estrofe? espaço d) na 4ª estrofe? tempo e espaço

2. Certos verbos, normalmente utilizados em 3ª pessoa para expressar fenômenos naturais, foram empregados na 1ª estrofe de forma incomum, em 1ª pessoa. Essas ações são acompanhadas por adjuntos adverbiais.

- a) Que formas verbais foram empregadas conotativamente, ao ter seu uso comum modificado? *escureço, tarde, anoiteço*
b) Que tipo de relação há entre o sentido dessas formas verbais e o de seus adjuntos adverbiais? Por quê?
Uma relação de oposição, pois nunca coincidem.

3. Na 1ª estrofe, situando-se temporalmente, o eu lírico quebra as expectativas.

- a) Na 2ª estrofe há também uma quebra de expectativa em relação ao espaço? *Sim, pois o eu lírico está preso ao sul, mas tem o este como norte.*
b) Explique a ambiguidade da palavra *norte* no contexto da 2ª estrofe.
No contexto, que trata dos pontos cardeais, norte parece ser um deles; contudo, a construção sugere que a palavra norte tenha sido empregada com o sentido de "rumo, meta".

4. Compare estes dois versos, observando os termos destacados:

"A oeste a morte"

"O este é meu norte."

Note que, embora os dois termos expressem a ideia de lugar, apenas um deles desempenha a função de adjunto adverbial de lugar.

- a) Qual é ele? *O primeiro.*
b) Que função sintática desempenha o outro termo? *De sujeito.*

5. Na 3ª estrofe, a expressão *passo por passo*, ligada ao verbo *contar*, pode assumir duplo sentido e dupla função sintática. Um dos sentidos seria o de "todos os passos"; nesse caso, a expressão teria a função sintática de objeto direto. Que outro sentido e que outra função sintática pode ter essa expressão? *Pode ter também o sentido de "com detalhes", situação em que teria a função sintática de adjunto adverbial de modo.*

6. As duas últimas estrofes retomam as estrofes anteriores e preparam a finalização do poema, que se dá nos dois últimos versos. Observe os tempos verbais e os adjuntos adverbiais empregados nos versos "Eu morro ontem" e "Nasço amanhã".
- Há coerência entre a noção temporal expressa pelos tempos verbais e a expressa pelos adjuntos adverbiais? Não.
 - Que alterações poderiam ser feitas nos verbos para que houvesse coerência?
"Eu morri ontem" ou "Eu morro hoje" e "Nascerei amanhã" ou "Nasço hoje".
7. Você observou que, tanto do ponto de vista temporal quanto do ponto de vista espacial, o eu lírico quebra as expectativas, provocando rupturas lógicas. Das afirmativas a seguir, indique as que são corretas.
- Ser poeta é ser contrário a toda ordem existente, é quebrar a lógica e as expectativas. A poesia nasce livre.
 - A poesia, como toda atividade humana, está sujeita às limitações de tempo e de espaço.
 - As contradições entre o eu lírico e as dimensões de tempo e espaço decorrem do fato de que, para o poeta, não se pode definir o que é indefinível: a poesia.
 - Tempo e espaço são os elementos que guiam e orientam a criação artística.
8. Releia os dois últimos versos. Qual é o espaço e qual é o tempo do poeta? São todos os espaços e todos os instantes. É como se a criação ou a inspiração poética pudessem surgir quando menos se espera, a qualquer instante e em qualquer lugar.



Semântica e discurso

1. b) Não, porque as frases seguintes definem o que são *algumas coisas* (o primeiro beijo, o escurinho, o pôr do sol, etc.) e delimitam quem pode ser *ninguém* (os namorados, os torcedores, os noivos, os turistas, os carnavalescos, os trabalhadores, os jogadores, os aposentados, etc.).

Leia o anúncio abaixo para responder às questões de 1 a 3.

Reprodução

Algumas coisas ninguém esquece.

O primeiro beijo na **Enseada de Botafogo**.
O escurinho do Cinema **Odeon**.
O pôr do sol no **Arpoador**.
O Reveillon em **Copacabana**.
O primeiro clássico no **Maracanã**.
O emocionante carnaval na **Marquês de Sapucaí**.
Aquele forró na Feira de **São Cristóvão**.
O bronzeado das garotas de **Ipanema**.
O sagrado chopinho depois do trabalho no **Baixo Gávea**.
O pedido de noivado no **Corcovado**.
A cerimônia de casamento na **Igreja da Candelária**.
A tão sonhada visita ao **Pão de Açúcar**.
O batizado do primeiro filho na **Igreja da Penha**.
Aquele peladinho de final de tarde no **Aterro do Flamengo**.
A comemoração pela tão esperada aposentadoria às margens da **Lagoa Rodrigo de Freitas**.

Realmente algumas coisas são **inesquecíveis**.
Já reparou que o **Rio de Janeiro** está em todas elas?

1º de março. Aniversário do Rio de Janeiro.
Ninguém esquece.

JOIA | **DAN.PRESSE** | **ENJOY**
MEGA | **Sweda** | **VIA KASA**

1. No texto da parte superior do anúncio, lê-se esta frase:

"Algumas coisas ninguém esquece."

- Que função exercem na frase os termos *algumas coisas* e *ninguém*? *algumas coisas*: objeto direto; *ninguém*: sujeito
- A palavra *ninguém* e a expressão *algumas coisas* apresentam uma ideia de indefinição. Isso se confirma quando lemos integralmente o anúncio? Justifique sua resposta, dando exemplos.

2. Nesse anúncio, os adjuntos adverbiais desempenham um papel importante na construção do texto e de seu sentido. Na parte do texto que vai de "O primeiro beijo" até "às margens da Lagoa Rodrigo de Freitas":

- Identifique as palavras e expressões que têm um valor adverbial. *na Enseada de Botafogo, no Arpoador, em Copacabana, no Maracanã, na Marquês de Sapucaí, na Feira de São Cristóvão, no Baixo Gávea, no Corcovado, na Igreja da Candelária, na Igreja da Penha, no Aterro do Flamengo, às margens da Lagoa Rodrigo de Freitas*
- Que valor semântico elas expressam? *lugar*

3. Geograficamente, os lugares citados no texto pertencem à cidade do Rio de Janeiro.

- Na frase "Já reparou que o Rio de Janeiro está em

todas elas?", qual é a função sintática do termo *em todas elas*? *adjunto adverbial de lugar*

- Considerando-se o contexto, a expressão *em todas elas* se refere aos lugares citados no texto — Enseada do Botafogo, Arpoador, Copacabana, Odeon, etc. — ou à expressão *algumas coisas*? Justifique sua resposta. *Refere-se à expressão algumas coisas, porque está próxima da frase "Realmente algumas coisas são inesquecíveis". Além disso está no feminino plural, concordando em gênero e número com algumas coisas.*

Leia os quadrinhos ao lado e responda às questões de 4 a 6.



Glauco

(Glauco. Capricho, fev. 1998.)

4. Nos quatro primeiros quadrinhos, Peteca fala dos lugares em que esteve durante as férias.
- Identifique-os e dê a função sintática deles nas frases. *Salvador, Porto Alegre, Floripa, Rio / adjuntos adverbiais de lugar*
 - Geograficamente, que lugares são esses? *São capitais de estados brasileiros: Bahia, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Rio de Janeiro, respectivamente.*
5. Dependendo do contexto, o verbo *ficar* apresenta sentido e predicação diferentes.
- Com que sentido esse verbo foi empregado nos quatro primeiros quadrinhos? *No sentido de "namorar por pouco tempo".*
 - Como se classificam sintaticamente os termos: *com o Rodolphinho, com o Fredinho, com o Paulinho e com o Rubinho?* *objeto indireto*
 - O que o emprego do diminutivo desses nomes próprios expressa? *Simpatia, afeição, intimidade.*
 - No último quadrinho, Peteca diz que seu namorado *ficou* em Sampa.
 - Qual o sentido de *ficar* nessa frase? *Estar situado, permanecer.*
 - Como se classifica sintaticamente o termo *em Sampa* e que circunstância ele expressa? *Adjunto adverbial; expressa circunstância de lugar.*
6. Nesses quadrinhos, o diminutivo cumpre um papel importante do ponto de vista semântico. Observe que, ao citar o nome dos garotos com quem ficou, Peteca emprega o diminutivo.
- Ela faz o mesmo em relação ao namorado? *Não*
 - A palavra *tadinho* é uma forma reduzida de *coitadinho*. O que esse diminutivo expressa? *Expressa principalmente dó, pena.*
 - Observe a figura do namorado e responda: Qual é, provavelmente, a intenção de Peteca ao empregar o adjetivo *coitado* na forma diminutiva e em uma variedade linguística familiar? *Ironizar a confiança, a lealdade do namorado.*

O predicativo — tipos de predicado

Predicativo do sujeito e do objeto

Leia estes anúncios:

AlmapBBDO



(27º Anuário do Clube de Criação de São Paulo.)

F/Nazca Saatchi-Saatchi



(Idem.)

1. O primeiro anúncio foi publicado em homenagem ao aniversário da cidade de São Paulo. Observe a imagem mostrada no anúncio e relacione-a ao enunciado "É. O amor é cego".
 - a) "O amor é cego" é um ditado popular. Que sentido resulta da junção entre esse ditado e a imagem da cidade? *A junção do enunciado e da imagem compõe uma declaração de amor à cidade, ou seja, tem o significado de que, apesar de a cidade ser poluída e árida, com muitos prédios e pouco verde, quem vive nela ama-a e se esquece dos defeitos que ela tem.*
 - b) Em relação à frase "O amor é cego":
 - Classifique a forma verbal e quanto à predicação. *verbo de ligação*
 - Responda: A que se refere a expressão *é cego*? *Refere-se ao sujeito O amor.*

2. O segundo anúncio promove a seção de classificados de um jornal. Observe o enunciado principal do anúncio.
 - a) Identifique o sujeito e o predicado desse enunciado. *sujeito desinencial (provavelmente o anúncio classificado); predicado: deixa secretária eletrônica rouca*
 - b) Qual é a predicação do verbo *deixar*? *transitivo direto*
 - c) A que termo a palavra *rouca* se refere? *Ao objeto direto, secretária eletrônica.*
 - d) Considerando a finalidade do anúncio, interprete a frase "Deixa secretária eletrônica rouca".
O anúncio classificado do jornal é tão eficiente que a secretária eletrônica terá de entrar em funcionamento inúmeras vezes por causa das inúmeras ligações que quem anuncia receberá.



Exercícios

- Complete as orações a seguir com um predicativo do sujeito:
 - Sabino caminhava no meio da noite.
 - O mendigo e seu companheiro tornaram-se .
 - , a garoa molhava homens e mulheres na rua.
 - Já lhe disse que só ficarão as lâmpadas da sala. *Respostas pessoais.*
- Complete as orações a seguir com um predicativo do objeto:
 - Os alunos encontraram os bancos e as mesas.
 - Comprei alguns acessórios para tornar meu escritório mais .
 - Os operários elegeram-no .
 - Os funcionários chamavam-lhe . *Respostas pessoais.*
- Leia esta tira, de Fernando Gonsales:



Fernando Gonsales

(Folha de S. Paulo, 14/11/2007.)

Na frase da fala do 1º quadrinho:

- Qual é a função sintática do termo *a joaninha*? *objeto direto*
- Portanto, o termo *um inseto simpático* é predicativo do sujeito ou do objeto? *É predicativo do objeto.*

Tipos de predicado

Você aprendeu que o **predicado** é o termo da oração que afirma alguma coisa sobre o sujeito e apresenta um verbo que normalmente concorda com o sujeito em número e pessoa. Observe o sujeito e o predicado destas frases dos textos que você leu anteriormente neste capítulo:

Você, já sorriu hoje? Eu, sou o único da minha aula, Todo mundo, acha a joaninha um inseto simpático!
 sujeito predicado sujeito predicado sujeito predicado

O predicado pode ser constituído por diferentes estruturas. Veja:

- Na oração "Você já sorriu hoje?", o verbo *sorrir* (*sorriu*), por ser um verbo significativo, é o *núcleo* do predicado, ou seja, é a palavra que corresponde à informação mais importante sobre o sujeito. Quando isso ocorre, temos o **predicado verbal**:

Você, já sorriu hoje?
 sujeito predicado verbal



1. Observe as orações do 1º quadrinho.

- a) Em qual delas o sujeito não está explícito? A que se refere esse predicado? Na oração "Não acredito em coelhinho da Páscoa". / eu
- b) Reconheça a predicação dos verbos dessas orações. Se tiver objeto(s), identifique-o(s) e classifique-o(s).
- c) Classifique o predicado dessas orações. Ambas apresentam predicado verbal.

acredito: VTI; Ol: em coelhinho da Páscoa. / botam: VTD; OD: OVOS

2. Na oração do último quadrinho, o sujeito está implícito (eu), e o predicado é *sou uma galinha da Páscoa*.

- a) Classifique os seguintes termos dessa oração: *sou* e *uma galinha da Páscoa*. verbo de ligação e predicativo do sujeito, respectivamente
- b) Logo, o predicado é verbal, nominal ou verbo-nominal? nominal

3. Leia as seguintes frases do humorista Jô Soares. Entre as orações destacadas há duas cujo predicado é nominal. Indique-as.

- a) O pessimista é aquele sujeito que *quando lhe dão bom-dia* pergunta por quê.
- b) Adorava andar de navio. *Só não gostava do oceano*.
- x c) *O banquete foi horrível*. Toda a comida veio gelada a não ser o sorvete.
- d) Seu apelido era Hood Robin: *roubava dos pobres* e dava aos ricos.
- x e) *O tratado do Atlântico é Pacífico*.

4. O predicado das orações a seguir é verbo-nominal. Desmembre-o em dois predicados, um verbal e outro nominal. Veja um exemplo:

Ana assistiu ao espetáculo teatral assustada.

Ana assistiu ao espetáculo teatral.

Ana estava assustada.

- a) Indicaram a professora. A professora será secretária da Associação de Pais e Mestres.
- b) A equipe feminina de voleibol voltou do Japão. A equipe feminina de voleibol é vitoriosa.
- c) Os atores leram as críticas sobre a estreia do novo espetáculo. Os atores estavam satisfeitos.
- d) Na assembleia, os alunos olhavam-nos. Os alunos estavam desconfiados.
- e) A garotada do meu bairro aguardava a chegada do circo internacional. A garotada estava ansiosa.

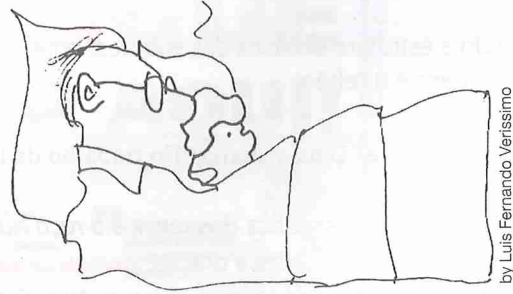
- a) Indicaram a professora como secretária da Associação de Pais e Mestres.
- b) A equipe feminina de voleibol voltou vitoriosa do Japão.
- c) Os atores leram satisfeitos as críticas sobre a estreia do novo espetáculo.
- d) Na assembleia, os alunos olhavam-nos desconfiados.
- e) A garotada do meu bairro aguardava ansiosa a chegada do circo internacional.

Leia a tira a seguir, de Luis Fernando Verissimo, e responda às questões de 5 a 7.

EU SOU O ÚNICO DA MINHA AULA
QUE NÃO TEM UM TELEFONE CELULAR.
ME CHAMAM DE OBSOLETO



PELO MENOS O VOCABULÁRIO
ESTÁ AUMENTANDO...



(O Estado de S. Paulo, 28/10/2007.)

5. Discriminado, o menino é chamado de *obsoleto* na escola. Qual é o sentido da palavra *obsoleto*? ultrapassado, antiquado

6. Nas frases da tira, encontramos verbos de diferentes predicções. Identifique um verbo ou locução verbal que seja:

- a) de ligação; *sou* b) transitivo direto; *tem, chamam* c) intransitivo. *está aumentando*

7. Identifique na tira um predicativo do sujeito e um predicativo do objeto. predicativo do sujeito: o único da minha aula; predicativo do objeto: de obsoleto

8. Nos textos a seguir, classifique o predicado das orações destacadas, indicando seus núcleos:

- a) "*Parou, hesitante, em frente à banca de jornais*. Examinou as capas de revistas uma por uma. *Tirou do bolso o recorte*, consultou-o." (Carlos Drummond de Andrade) *Parou, hesitante: PVN; Tirou: PV*
- b) "*Agora a vela estava apagada*. Era tarde. *A porta gemia*. O luar entrava pela janela. O nordeste espalhava folhas secas no chão. Eu já não ouvia os berros do Gondim." (Graciliano Ramos) *apagada: PN; gemia: PV*
- c) "*Uma gargalhada espantosa explodiu em torno de mim*. Deram-me uma corrida e, depois de me terem atirado confete à boca, *abandonaram-me ao meio da rua embriagado de éter*." (Ciro dos Anjos) *explodiu: PV; abandonaram, embriagado: PVN*



O predicado na construção do texto

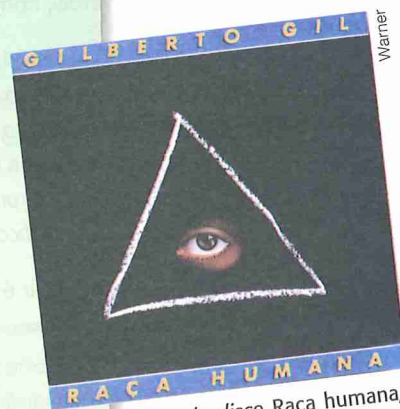
Leia a seguir a letra de uma canção de Gilberto Gil e responda às questões propostas.

A raça humana

A raça humana é
 Uma semana
 Do trabalho de Deus
 A raça humana é a ferida acesa
 Uma beleza, uma podridão
 O fogo eterno e a morte
 A morte e a ressurreição
 A raça humana é
 Uma semana
 Do trabalho de Deus
 A raça humana é o cristal de lágrima
 Da lavra da solidão
 Da mina, cujo mapa
 Traz na palma da mão
 A raça humana é
 Uma semana
 Do trabalho de Deus

A raça humana risca, rabisca, pinta
 A tinta, a lápis, carvão ou giz
 O rosto da saudade
 Que traz do Gênesis
 Dessa semana santa
 Entre parênteses
 Desse divino oásis
 Da grande apoteose
 Da perfeição divina
 Na Grande Síntese
 A raça humana é
 Uma semana
 Do trabalho de Deus

(Todas as letras. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 261. © Gege Edições Musicais – Brasil e América do Sul/Preta Music – Resto do mundo.)



Capa do disco Raça humana, de Gilberto Gil.

Professor: Se possível, ouça a canção com os alunos.

- A letra da canção se propõe a refletir sobre um dos temas mais inquietantes: a raça humana e suas origens.
 - Que palavras ou expressões do texto comprovam a busca das origens? Entre outras, "Uma semana/Do trabalho de Deus" e "Gênesis".
 - A abordagem do tema é, portanto, científica ou mítica? Mítica.
- Observando a estrutura sintática das estrofes, notamos que quase todas elas são semelhantes. Veja a 1ª estrofe, que também é o refrão:

"A raça humana é/ Uma semana/ Do trabalho de Deus"

- Identifique a função sintática dos termos *a raça humana* e *uma semana do trabalho de Deus*. A raça humana: sujeito; uma semana do trabalho de Deus: predicativo do sujeito
 - Classifique o predicado dessa oração. predicado nominal
 - Que outras estrofes apresentam uma estrutura sintática semelhante? 2ª, 3ª, 4ª, 5ª e 7ª
 - Qual é a única estrofe que apresenta uma estrutura sintática completamente diferente? 6ª estrofe
- Ao conceituar a raça humana, o eu lírico faz uso de uma linguagem figurada, metafórica, como neste verso: "A raça humana é a ferida acesa".
 - Qual é a função sintática do termo *a ferida acesa*? predicativo do sujeito
 - Que outras metáforas são empregadas na 2ª estrofe com a mesma função sintática? "Uma beleza, uma podridão", "O fogo eterno e a morte", "A morte e a ressurreição"
 - Sobre a metáfora *ferida acesa*, Gil comenta: "Eu adorava essa expressão do Caetano Veloso, 'ferida acesa' [da canção 'Luz do Sol': 'Marcha o homem sobre o chão/ Leva no coração uma ferida acesa'], e resolvi transpô-la, traduzi-la para o contexto de 'A raça humana', 'Ferida acesa': como se o pus fosse luz...". Explique as associações que Gil faz entre *ferida acesa*, *pus* e *luz*. Se é ferida, então tem pus, parte da podridão e da morte. Mas, se está acesa, então tem luz, vida.
 - Observe este trecho: "A raça humana risca, rabisca, pinta/ A tinta, a lápis, carvão ou giz/ O rosto da saudade".
 - Qual é a predicação dos verbos *risca*, *rabisca* e *pinta*? São verbos transitivos diretos.
 - Logo, que tipo de predicado essas orações possuem? Predicados verbais.

5. Como conclusão de estudo, compare estes dois trechos quanto ao sentido e ao tipo de predicado:

I. "A raça humana é/ Uma semana/ Do trabalho de Deus"

II. "A raça humana risca, rabisca, pinta/ A tinta, a lápis, carvão ou giz/ O rosto da saudade/ Que traz do Gênesis"

Em seguida, indique os itens que traduzem afirmações apropriadas sobre o texto:

- x a) São empregadas duas estruturas sintáticas distintas, com diferentes finalidades: o predicado nominal é empregado quando se quer conceituar a raça humana: "A raça humana é [...]"; o predicado verbal, com verbos transitivos, quando se quer dizer o que a raça humana *faz*.
- b) Os verbos de ligação facilitam a construção das metáforas, que desempenham a função sintática de predicativo do sujeito, o núcleo do predicado verbal.
- x c) Tanto nas estrofes em que predomina o predicado nominal (o que o homem é) quanto naquela em que predomina o predicado verbal (o que o homem faz), tudo lembra o Gênesis, o que comprova a abordagem mítica do tema.
- x d) A "Grande Síntese" a que faz referência o texto é a raça humana.
- x e) A "semana santa" a que faz referência o texto é a semana da criação do mundo.

Para que servem os predicativos?

O predicativo do sujeito serve para atribuir características ou uma informação nova ao sujeito. Serve também para indicar seu estado físico ou emocional, em determinada circunstância.

Já o predicativo do objeto serve para indicar atributos circunstanciais ou transitórios dos objetos. Por exemplo: "Encontrei meu irmão *abatido*"; "Gosto de você *bem-arrumada*".

Semântica e discurso

Leia o anúncio ao lado e responda às questões de 1 a 5.

EU NÃO DEIXO A DENGUE ENTRAR AQUI!



” Furo ou guardo os pneus em local coberto.



” Limpo sempre a piscina e elimino a água parada de meu jardim.



” Retiro a água acumulada em vasos de plantas.



” Guardo garrafas, vasos e baldes vazios com a boca para baixo.



” Mantenho a caixa-d'água sempre bem tampada e limpa.

Informações: www.prefeitura.sp.gov.br/covisa ou no telefone 156.   

Prefeitura da Cidade de São Paulo

1. O anúncio faz parte de uma campanha de combate à dengue. Com base nas imagens e nos enunciados verbais, responda:

- a) Quais são os órgãos que apoiam a campanha? *COVISA, SUS e Prefeitura de São Paulo.*
b) A quem se destina o anúncio: a crianças, a jovens, a adultos ou a idosos? Justifique sua resposta.
A população em geral; isso se deve ao fato de as imagens mostrarem criança, jovem, homem, mulher e idoso em ações colaborativas.

2. Observe estas frases do anúncio:

“Furo ou guardo os pneus”
“Limpo sempre a piscina”
“Elimino a água”
“Retiro a água”
“Guardo garrafas, vasos e baldes vazios com a boca para baixo.”
“Mantenho a caixa d’água sempre bem tampada”



- a) Qual é a predicação dos verbos empregados nessas frases? *Todos são transitivos diretos.*
b) O que justifica o emprego de vários verbos de ação e seus complementos no anúncio?
Os verbos de ação indicam o que deve ser feito; os objetos diretos indicam os objetos sobre os quais se deve agir.
c) Em uma das frases há um predicativo do objeto. Identifique-o. *tampada*

3. Troque ideias com os colegas: Na frase “Guardo garrafas, vasos e baldes vazios com a boca para baixo”, a expressão “com a boca para baixo” exerce a função de predicativo do objeto ou de adjunto adverbial de modo?
Do nosso ponto de vista, trata-se de predicativo do objeto, pois “com a boca para baixo” é o estado em que as garrafas, os vasos e os baldes vazios devem permanecer quando são guardados.

4. O enunciado principal — “Eu não deixo A DENGUE entrar aqui!” — apresenta mais de um sentido.
a) Aponte ao menos dois sentidos para essa frase. *A palavra aqui pode se referir aos objetos representados pelos desenhos e pode se referir ao lugar em que se vive: o bairro, a cidade, o Estado.*
b) Considerando o significado cultural da cor vermelha e o contexto da campanha, levante hipóteses: Por que a palavra *dengue* foi grafada em vermelho? *Para significar perigo, alerta.*

5. As frases empregadas no anúncio são curtas e as imagens são simples. O que justifica essas escolhas?
O anúncio tem a finalidade de ensinar à população como combater a dengue. Frases curtas e diretas e desenhos simples facilitam a comunicação.

6. Você já aprendeu que a predicação de um verbo somente pode ser determinada no contexto da frase em que ele aparece. Observe o sentido, indicado entre parênteses, e a predicação do verbo *continuar* nestas frases:

Eu *continuo* preocupado com meu filho. (permanecer)

VL

Mesmo cansada, ela *continuou* seus afazeres. (prosseguir)

VTD

A discussão *continuou* até a madrugada. (perdurar)

VI

Faça o mesmo em relação às frases a seguir: dê o sentido do verbo destacado e determine sua predicação.

- a) *Fique* em seu lugar. *permanecer – VI*
b) *Fique* calado! *permanecer – VL*
c) *Fiquei* tão pálido que me perguntaram se eu estava bem. *tornar-se – VL*
d) Minha casa *fica* logo ali. *estar situada – VI*
e) Na festa de 15 anos de minha amiga, *fiquei* com o primo dela.
namorar sem compromisso, por pouco tempo – VT

Tipos de sujeito



Construindo o conceito

Leia este texto:

O humor é virtual

Mas a risada é bem real em tempos de internet

A televisão matou a janela (como dizia Nelson Rodrigues)? Pouco provável. São raras as ocasiões em que a chegada de um novo meio aniquila o anterior. Certamente o advento do cinema falado fez mal aos atores de cinema mudo que não tinham “voz” para a telona (episódio que é recuperado, em tom de comédia, no clássico *Cantando na Chuva*). E o humor em tempos de internet, que é dele? Há duas formas de ver a questão. Por um lado, a internet — em sites estilo Youtube — está dispensando a narrativa, uma vez que basta se conectar para ver determinada situação hilária. Esse, pois, foi o resultado de uma pesquisa feita recentemente na Inglaterra. Assim: aquela conversa de segunda-feira na firma, quando alguém narrava longamente, e com detalhes, que viu na TV como um sujeito acima do peso tropeçava na neve e era quase abocanhado por um urso branco, sumiu do mapa. Para que contar, se é possível ver? Aqui jaz a anedota, concluiu a pesquisa. Por outro lado, nunca se conviveu com tanto humor. Ligue o computador e comprove: há cada vez mais sites e blogs experimentando um novo humor — muitas vezes absorvidos pelas mídias tradicionais, como a TV e o cinema. Esquetes, montagens capciosas de imagens de celebridades em momentos constrangedores e paródias de notícias representam esse novo humor, deboche correndo solto na rede. Pois o homem é o único animal que ri, dizia Aristóteles. Ri e se conecta.

(Adaptado de: Leandro Sarmatz. *Vida Simples*, nº 63. Editora Abril.)

*O Gordo e o Magro no filme
A bomba (1944).*



Hulton Archive/Getty Images

- De acordo com o texto, que mudança o humor tem sofrido em tempos de Internet? Explique como se dá essa mudança. *A principal mudança é que, na Internet, desaparece a narrativa e, em seu lugar, ganha destaque a imagem. Uma anedota, por exemplo, não é contada, mas vista.*
- Leia estas orações do texto:

Certamente o advento do cinema falado fez mal aos atores de cinema mudo

Esquetes, montagens capciosas de imagens de celebridades em momentos constrangedores e paródias de notícias representam esse novo humor.

- Qual é o sujeito de cada uma das orações? *Na 1ª oração: o advento do cinema falado; na 2ª oração: Esquetes, montagens capciosas de imagens de celebridades e paródias de notícias*
- Destaque o núcleo de cada um desses sujeitos. *No sujeito da 1ª oração, o núcleo é advento; no da 2ª: esquetes, montagens, paródias*

3. Leia as orações a seguir:

- a chegada de um novo meio aniquila o anterior
- Aqui jaz a anedota
- Por outro lado, nunca se conviveu com tanto humor
- Ligue o computador

- a) Em qual delas o sujeito não aparece explicitamente, mas pode ser facilmente identificado pela terminação do verbo? Na oração "Ligue o computador".
- b) Em qual delas não é possível saber ou determinar de quem se está falando? Na oração "Por outro lado, nunca se conviveu com tanto humor".



Conceituando

Quando uma oração tem sujeito, ele pode ser simples, composto, desinencial ou indeterminado. Há também orações sem sujeito.

Sujeito simples, composto e desinencial

Ao responder aos exercícios acima, você deve ter observado que:

- o sujeito pode ter um ou mais núcleos:

Certamente ^{sujeito} o advento do cinema falado fez mal aos atores de cinema mudo
núcleo

Esquetes, montagens, capciosas de imagens de celebridades [...] e paródias de notícias representam esse novo humor
sujeito
núcleo núcleo núcleo

Quando apresenta um só núcleo, o sujeito é chamado de **sujeito simples**; quando apresenta dois ou mais núcleos, é chamado de **sujeito composto**.

- o sujeito pode não aparecer na oração, mas ser facilmente identificado pela desinência (terminação) do verbo:

Ligue (você) o computador

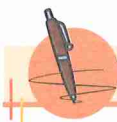
Quando está implícito na desinência do verbo, o sujeito é classificado como **sujeito desinencial**.

Professor: A NGB atualmente adota para o sujeito antes considerado oculto a nomenclatura *desinencial* ou *implícito*.

Morfossintaxe do sujeito

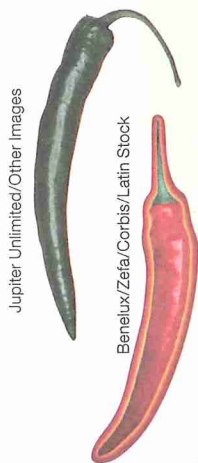
O núcleo de um sujeito pode ser representado por substantivo, pronome pessoal do caso reto, pronome demonstrativo, relativo, interrogativo ou indefinido, numeral, palavra ou expressão substantivada. Observe alguns exemplos:

Todas as tardes, *eu e ele* passeávamos juntos.
Apresento-lhe o rapaz *que* lhe trouxe a encomenda.
Viver é perigoso.



Exercícios

Leia o texto a seguir para responder às questões de 1 a 3.



Jupiter Unlimited/Other Images

Benelux/Zefa/Corbis/Latin Stock

Por que certos alimentos são ardidos ou refrescantes?

Por mais diferentes que sejam, as sensações provocadas por um prato apimentado e por uma bala de menta têm a mesma origem. Isso porque a mucosa da boca e a língua possuem milhares de nervos sensíveis à dor: os nocirreceptores. Quando se queima ou se espeta a língua, esses nervos são acionados e enviam para o cérebro a sensação de dor. Nesses dois casos, a origem da dor é física. Acontece que certos alimentos contêm substâncias que também estimulam os nocirreceptores — só que por uma reação química. As mais conhecidas dessas substâncias são justamente a capsaicina, presente nas pimentas, e o mentol, encontrado nas várias espécies de menta e hortelã. “Quando adicionado aos alimentos ou ao cigarro, o mentol entra em contato com os nocirreceptores da boca, promovendo uma sensação de frio que consideramos refrescante. Da mesma forma, a capsaicina da pimenta provoca um ardor apreciado por muitas pessoas”, diz a neurofisiologista Débora Fior Chadi, da Universidade de São Paulo (USP). Só não vá exagerar. Um prato muito apimentado pode causar lacrimejamento, salivação excessiva, e muita, muita dor.

(Mundo Estranho, nº 7. Editora Abril.)

1. Leia estas orações do texto e indique aquela (ou aquelas) cujo sujeito é simples.
 - a) as sensações provocadas por um prato apimentado ou por uma bala de menta têm a mesma origem.
 - b) a origem da dor é física
 - c) que consideramos refrescante
 - d) Um prato muito apimentado pode causar lacrimejamento, salivação excessiva, e muita, muita dor.

O sujeito é simples nas orações a, b e d.
2. Na oração “porque a mucosa da boca e a língua possuem milhares de nervos sensíveis à dor: os nocirreceptores”, o sujeito é composto. Indique os núcleos do sujeito. *Mucosa e língua.*
3. Que tipo de sujeito ocorre nestas orações?
 - a) e enviam para o cérebro a sensação de dor
 - b) que consideramos refrescante *Em ambas, o sujeito é desinencial.*

Sujeito indeterminado

Releia este trecho do texto que inicia o capítulo:

Por outro lado, nunca se conviveu com tanto humor.

Observe que o autor não quer determinar o sujeito que praticou a ação de conviver com tanto humor. Nesse caso, o sujeito do verbo *conviver* é **indeterminado**.

Sujeito **indeterminado** é aquele que não é nomeado na oração, ou por não se querer nomeá-lo ou por se desconhecer quem pratica a ação.

A indeterminação do sujeito se dá por meio de dois procedimentos:

- colocando-se o verbo (ou o auxiliar, se houver locução verbal) na 3ª pessoa do plural, sem referência a seres determinados:

Rasgaram meu livro de Matemática.

Telefonaram para você.

• Empregando-se a partícula *se* junto à 3ª pessoa do singular dos verbos:

- intransitivos: *Vive-se* bem aqui.
- transitivos indiretos: *Precisa-se* de motorista com prática.
- de ligação: *Era-se* jovem naquela época.

O pronome *se*, nesse caso, recebe o nome de **índice de indeterminação do sujeito**.

Exercícios

1. Indetermine o sujeito das orações seguintes, empregando o verbo na 3ª pessoa do singular + o pronome *se*. Veja um exemplo:

Estudo melhor depois de uma noite bem-dormida.
Estuda-se melhor depois de uma noite bem-dormida.

- Os universitários precisam de novas fontes de pesquisa. *Precisa-se de novas fontes de pesquisa.*
 - Os torcedores acreditavam na vitória. *Acreditava-se na vitória.*
 - Os funcionários protestavam contra o baixo índice do reajuste salarial. *Protestava-se contra o baixo índice do reajuste salarial.*
 - Os camponeses trabalhavam com a enxada de sol a sol. *Trabalhava-se com a enxada de sol a sol.*
 - Todos só falam sobre isso. *Só se fala sobre isso.*
2. O humor desta tira está nos diferentes significados que a frase "Bateram em mim o tempo todo!" assume. Explique qual é o significado da frase na fala de Mafalda e na fala de Manolito, considerando o sujeito da forma verbal *bateram*.

Na fala de Mafalda, o sujeito de *bateram* (com o sentido de "tocaram") é determinado (as ondas); na de Manolito, é indeterminado, embora a presença do pai no 3º quadrinho informe sobre quem é o sujeito. O verbo *bater* ganha o sentido de "surrar".



(Quino. *Toda Mafalda*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.)

Oração sem sujeito

Leia esta tira:



(Lucas Lima. *Nicolau – Primeiras histórias*. Araraquara, SP: Junqueira&Marin, 2007. p. 38.)

Observe que esta oração da tira apresenta um verbo impessoal — *haver* —, que é conjugado apenas na 3ª pessoa do singular e não apresenta sujeito:

Há água empoçada nos pneus.

Temos, nesse caso, uma oração sem sujeito.

Oração sem sujeito é aquela em que a declaração expressa pelo predicado não é atribuída a nenhum ser.

Verbos impessoais

Os verbos impessoais apresentam-se sempre na 3ª pessoa do singular. Eis os principais:

- os que indicam *fenômenos da natureza*: *chover, nevar, gear, ventar, trovejar, relampejar, anoitecer, fazer* (frio, calor), *entardecer* e outros:

Escureceu cedo hoje.

- o verbo *haver* com o sentido de "existir":

Havia pessoas descontentes na fila do banco. (*Havia* = Existiam)

- os verbos *fazer, haver* e *ir* quando indicam tempo decorrido:

Fazia semanas que ele viajara.

Vai para dois meses que não recebo carta de meu irmão.

Há dias que não assisto à televisão.

- o verbo *ser*, na indicação de tempo em geral:

Era noite fechada quando chegamos à cidadezinha.



Exercícios

Leia a tira abaixo, de Lucas Lima, para responder às questões 1 a 3.



(Tribuna Imprensa, 3/6/2008.)

- Nas interações verbais, sempre está em evidência o papel social de cada um dos interlocutores.
 - Ao lermos apenas o 1º quadrinho, que papel social a mulher parece ocupar? *Ela parece ser a mãe de alguma criança.*
 - No 2º quadrinho, percebemos o papel social da mulher e a intencionalidade de sua fala inicial. Qual é essa intencionalidade? *A de convencer o menino a comprar pipoca.*
- No 2º quadrinho, a personagem diz "Existem outras coisas na vida!".
 - Qual é o sujeito dessa oração? *outras coisas*
 - Como ficaria essa frase, se substituíssemos a forma verbal *existem* pela forma correspondente do verbo *haver*? *Há outras coisas na vida*
 - Nesse caso, o sujeito continuaria sendo simples? Justifique sua resposta. *Não; como o verbo *haver*, nesse caso, é impessoal, não apresenta sujeito.*

3. Classifique o sujeito da frase dita pelo sorveteiro. *sujeito desinencial (você)*

4. As orações a seguir não apresentam sujeito; no predicado, há uma locução verbal constituída de verbo auxiliar (*poder* ou *dever*) + verbo principal (*haver* ou *fazer*). Reescreva-as, transformando a locução verbal em um único verbo e mantendo a impessoalidade. Veja um exemplo:

Deve haver pregos e parafusos nessa gaveta.

Há pregos e parafusos nessa gaveta.

a) Ande logo, pode haver idosos e gestantes na fila. *Ande logo, há idosos e gestantes na fila.*

b) Deve fazer uns quatro anos que não tiro férias. *Faz uns quatro anos que não tiro férias.*

c) Pode haver outras formas de contribuir nesta campanha contra a fome. *Há outras formas de contribuir nesta campanha contra a fome.*

d) Que pena você ter se atrasado! Deve fazer dez minutos que eles saíam. *Que pena você ter se atrasado! Faz dez minutos que eles saíram.*

Professor: Trabalhando o verbo *haver* como impessoal, nesse exercício, os alunos estarão operando o conceito de oração sem sujeito. Se julgar conveniente, chame a atenção para esse fato.

Vozes do verbo

Entre os tipos de sujeito, destacam-se ainda os sujeitos *agente* e *paciente*, identificáveis pela *voz* do verbo. Leia esta tira, de Laerte:



(Deus 2 – A graça continua. São Paulo: Olho d'Água, 2002. p. 31.)

Compare estas orações da tira quanto ao sujeito:

Então manipula isto!

Fui possuído por um demônio!!!

Observe que, na 1ª oração, o sujeito (tu) *exerce a ação* expressa pela forma verbal *manipula*. O sujeito é, portanto, *agente*. Quando o sujeito da oração é *agente*, a voz do verbo é *ativa*.

Na 2ª oração, a ação não é praticada pelo sujeito (eu), *mas por um demônio*. O sujeito, nesse caso, *sofre a ação* expressa pela forma verbal *fui possuído*. O sujeito é, portanto, *paciente*. Quando o sujeito da ação é *paciente*, a voz do verbo é *passiva*.

O sujeito ainda pode ser *agente e paciente* da ação verbal. Na oração "Ele feriu-se com a faca", por exemplo, o sujeito (ele) *pratica e recebe a ação* expressa pela forma verbal *feriu-se*. A voz do verbo, nesse caso, é *reflexiva*.

Voz é a forma como se apresenta a ação expressa pelo verbo em relação ao sujeito. Essa relação pode ser de atividade, de passividade ou de atividade e passividade ao mesmo tempo.

Voz ativa

Ocorre quando a ação expressa pelo verbo é praticada pelo sujeito:

Aquele jovem, optou por Medicina.
sujeito agente voz ativa

Voz passiva

Ocorre quando a ação expressa pelo verbo é recebida pelo sujeito:

A carta de solicitação, foi digitada, pela secretária.
 sujeito paciente voz passiva

Como nessa oração o sujeito é paciente, o termo que indica quem exerce a ação verbal (aquele que age) — *pela secretária* — é o **agente da passiva**.

Morfossintaxe do agente da passiva

O agente da passiva pode ser representado por um substantivo ou uma palavra substantivada, pronome ou numeral.

Sua proposta foi aceita pela maioria dos condôminos.

Agente da passiva é o termo da oração que, na voz passiva, designa o ser que pratica a ação recebida pelo sujeito.

Esse termo é sempre introduzido pelas preposições *por* (ou *per*) e *de*. Veja outro exemplo:

Aquela faixa de terra, foi desapropriada, pelo governo federal.
 sujeito paciente voz passiva agente da passiva

A voz passiva pode ser:

- **analítica:** formada pelos verbos *ser* ou *estar* + particípio do verbo principal + agente da passiva:

Os edifícios arrojados, foram construídos, por uma empresa multinacional.
 sujeito paciente verbo auxiliar + particípio agente da passiva

- **sintética:** formada por verbo transitivo direto na 3ª pessoa + *se* (pronome apassivador ou partícula apassivadora) + sujeito paciente:

Construíram-se, edifícios arrojados.
 verbo + partícula sujeito paciente
 apassivadora



TRANSFORMAÇÕES NA MUDANÇA DA VOZ ATIVA PARA A VOZ PASSIVA

Voz ativa	<u>O sapateiro</u> , <u>conserta</u> , <u>sapatos femininos</u> . sujeito agente OD
Voz passiva analítica	<u>Sapatos femininos</u> , <u>são consertados</u> , <u>pelo sapateiro</u> . sujeito paciente agente da passiva
Voz passiva sintética	<u>Consertam-se</u> , <u>sapatos femininos</u> . pronome sujeito paciente apassivador

Você deve ter observado que:

- o objeto direto da voz ativa passa a sujeito da voz passiva analítica;
- o tempo do verbo principal (no caso, *conserta*, presente do indicativo) é transferido para o verbo auxiliar *ser* (*são*), ao passo que o principal vai para o particípio (*consertados*);
- o verbo no particípio concorda com o sujeito em gênero e número;
- a preposição *por* (ou *per*) se junta ao sujeito da voz ativa para formar o *agente da passiva*;
- o sujeito é paciente tanto na voz passiva analítica quanto na passiva sintética;
- o verbo, na voz passiva, concorda com o sujeito paciente;
- na voz passiva sintética nunca há agente da passiva.

Voz passiva analítica ou sintética: qual empregar?

Você pode empregar tanto uma quanto outra. Entretanto, convém observar qual das formas é mais adequada à situação.

A voz passiva sintética geralmente é empregada em situações em que se exige maior formalidade no discurso. Além disso, ela exige atenção redobrada na concordância verbal e na colocação pronominal.

Já a passiva analítica se aproxima mais da linguagem escrita coloquial e da linguagem oral; por isso pode ser a forma mais adequada quando se busca uma comunicação direta e espontânea com o interlocutor, como nos anúncios classificados, por exemplo. Compare estas duas frases e note a diferença:

Essa porta vai ser trocada no mês que vem.

Ainda não se conhecem os novos proprietários do imóvel.

Voz reflexiva

Ocorre quando a ação expressa pelo verbo é simultaneamente praticada e recebida pelo sujeito:

Mãe e filha, se abraçam.
sujeito agente voz reflexiva
e paciente

Que verbos admitem flexão de voz?

Para que o verbo admita flexão de voz, é necessário que ele seja transitivo direto ou transitivo direto e indireto.

Exprime-se a voz reflexiva juntando-se às formas da voz ativa os pronomes oblíquos (me, te, se, nos, vos) da mesma pessoa do sujeito: eu *me* penteio, tu *te* vestes, ele *se* machuca, nós *nos* ferimos, vós *vos* olhais, eles *se* veem.



Exercícios

1. Leia esta tira, de Laerte:



(Folha de S. Paulo, 17/4/2004.)

c) Caveiras são espalhadas. Caveiras são empilhadas. Cadeiras são empalhadas. Carneiros são encilhados. Torneiras são entulhadas. Morteiros são entupidos.

a) Identifique o sujeito das orações que aparecem no 1º, 2º, 4º, 6º, 7º e último quadradinhos da tira.
caveiras; caveiras; cadeiras; carneiros; torneiras; morteiros, respectivamente

b) Identifique a voz dos verbos dessas orações. voz passiva sintética

c) Reescreva as orações, colocando os verbos na voz passiva analítica e fazendo as adaptações necessárias.

d) Em que consiste o humor da tira? Embora o pintinho diga ao companheiro o que está escrito, este não se convence, pois continua "lendo" absurdos, sem se dar conta de que talvez esteja com catarata ou não enxergue bem.

2. Identifique quais das frases seguintes apresentam verbo transitivo direto e passe-as para a voz passiva analítica, destacando o agente da passiva.

a) Não pense mais nisso, Pedro.

b) Uma equipe especializada preparará o programa do concurso.
O programa do concurso será preparado por uma equipe especializada.

c) Ele já havia procurado os documentos perdidos no correio.
Os documentos perdidos no correio já haviam sido procurados por ele.

d) Será que elas teriam escrito aquela carta apenas para nos irritar?
Será que aquela carta teria sido escrita por elas apenas para nos irritar?

e) Um cliente furioso invadira o balcão da loja.
O balcão da loja fora invadido por um cliente furioso.

Para que servem as vozes verbais

As vozes estão relacionadas à intencionalidade discursiva. Se desejamos enfatizar o sujeito da ação, empregamos a voz ativa; se desejamos ressaltar a ideia de passividade, empregamos a voz passiva. Veja um exemplo:

Governo eleva preços dos combustíveis.
Preços dos combustíveis são elevados pelo governo.



O sujeito na construção do texto

Leia este texto de Luis Fernando Verissimo:

Inimigos

O apelido de Maria Teresa, para Norberto, era “Quequinha”. Depois do casamento, sempre que queria contar para os outros uma da sua mulher, o Norberto pegava sua mão, carinhosamente, e começava:

— Pois a Quequinha...

E a Quequinha, dengosa, protestava:

— Ora, Beto!

Com o passar do tempo, o Norberto deixou de chamar a Maria Teresa de Quequinha; se ela estivesse ao seu lado e ele quisesse se referir a ela, dizia:

— A mulher aqui...

Ou, às vezes:

— Esta mulherzinha...

Mas nunca mais de Quequinha.

(O tempo, o tempo. O amor tem mil inimigos, mas o pior deles é o tempo. O tempo ataca em silêncio. O tempo usa armas químicas.)

Com o tempo, Norberto passou a tratar a mulher por “Ela”.

— Ela odeia o Charles Bronson.

— Ah, não gosto mesmo.

Deve-se dizer que o Norberto, a esta altura, embora a chamasse de Ela, ainda usava um vago gesto da mão para indicá-la. Pior foi quando passou a dizer “essa aí” e apontar com o queixo.

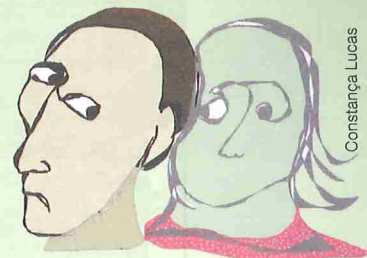
— Essa aí...

E apontava com o queixo, até curvando a boca com um certo desdém.

(O tempo, o tempo. O tempo captura o amor e não o mata na hora. Vai tirando uma asa, depois a outra...)

Hoje, quando quer contar alguma coisa da mulher, o Norberto nem olha na sua direção. Faz um meneio de lado com a cabeça e diz:

— Aquilo...



(Luis Fernando Verissimo. *Novas comédias da vida privada*. Porto Alegre: L&PM. © by Luis Fernando Verissimo.)

- No início do casamento, Norberto e Maria Teresa tratam-se carinhosamente por Beto e Quequinha. Com o passar do tempo, entretanto, Beto vai mudando o tratamento dado à mulher: “A mulher aqui...”, “Essa mulherzinha...”, “Ela”, “Essa aí...” e “Aquilo...”. Observando a sequência de palavras com as quais ele passa a tratá-la, responda:
 - Que função desempenham nas frases as palavras que ele usa para se referir à mulher? *A de sujeito.*
 - Grande parte dessas frases tem predicado explícito? *Não.*
- As palavras que o marido emprega para referir-se à mulher apresentam uma gradação.
 - O diminutivo em *Quequinha* tem o mesmo valor semântico que o empregado em *mulherzinha*? *2. a) Não; na primeira palavra, o diminutivo acrescenta ao substantivo o valor de afeição, carinho; na segunda, tem valor pejorativo.*
 - Na expressão *A mulher aqui*, o substantivo *mulher* foi empregado, de acordo com o contexto, no sentido de pessoa do sexo feminino, em oposição a homem, ou em oposição a marido? *Em oposição a homem.*
 - Se essa palavra fosse empregada em oposição ao outro termo, que determinante deveria acompanhá-la? *O pronome possessivo minha.*
 - Que atitude o marido demonstra ter em relação à esposa ao empregar o pronome pessoal *ela*? *Uma atitude de distanciamento.*
 - Como você sabe, os pronomes demonstrativos transmitem informações sobre a proximidade ou distanciamento de certo objeto demonstrado em relação ao locutor. *Que marido e mulher estão gradativamente se distanciando um do outro. Ao empregar essa aí, o marido ainda considera a esposa um pouco próxima de si, pois esse pronome indica algo próximo da pessoa com que se fala.*
 - Ao se referir à mulher, o locutor primeiramente utiliza o pronome *essa* e depois o pronome *aquilo*. O que essa alteração revela quanto ao relacionamento do casal? *Ao empregar aquilo, que indica algo distante da pessoa que fala, o locutor mostra o distanciamento dele em relação à esposa.*
 - Os demonstrativos neutros (*isto, isso, aquilo*) não são normalmente empregados em referência a pessoas. No entanto, o marido se refere à mulher empregando um deles — *aquilo*. O que esse fato revela? *Que a mulher se tornou para ele um objeto apenas. Nesse contexto, o pronome tem um valor semântico de desprezo, intolerância, etc.*

3. Ao longo dos anos, o marido vai dispensando à mulher formas de tratamento cada vez mais degradantes. Apesar disso, nas frases a mulher sempre ocupa a função de sujeito. Como se sabe, o sujeito é um dos termos essenciais da oração.

- a) Existe coerência entre o destaque dado à mulher nas frases e o destaque que o marido lhe dá no casamento? Não.
- b) O texto procura comprovar a tese de que o tempo corrói o amor. Considerando o relacionamento entre Maria Teresa e Norberto, levante hipóteses: Por que o casamento se mantém?

Resposta pessoal. Sugestão: Embora não exista amor, o casal pode estar mantendo o casamento por outras razões: por comodismo, pelos filhos, para dar satisfação à sociedade, etc.



Semântica e discurso

1. Leia esta tira, de Fernando Gonsales:



(Niquel Náusea – Minha mulher é uma galinha. São Paulo: Devir, 2008. p.11.)

Se explicitarmos o sujeito das frases dos três balões da tira, teremos:

Meus filhotes são especiais, (porque) *meus filhotes* não brincam de roda como os *seus filhotes* (brincam).

Meus filhotes brincam de icosaedro.

Na tira, entretanto, a personagem deixou o sujeito implícito nas frases do 2º e do 3º balão, para evitar a repetição e tornar a comunicação mais ágil e dinâmica.

Nas seguintes sequências de orações, elimine palavras ou expressões que exercem a função de sujeito e ligue as orações por meio das palavras ou expressões indicadas. Faça as adaptações necessárias.

- a) Há nomes / nomes andam / nomes / nomes rastejam / nomes / nomes voam. (Ramalho Ortigão) (que)
 Há nomes / que andam / nomes / que rastejam / nomes / que voam.
- b) A tempestade foi muito violenta. A tempestade devastou a ponte e as plantações ribeirinhas. (tão... que)
 A tempestade foi tão violenta que devastou a ponte e as plantações ribeirinhas.
- c) Antigamente, Mariano mandava fazer suas camisas e calças. Ultimamente, Mariano as compra feitas, em lojas de departamentos. (porém) Antigamente, Mariano mandava fazer suas camisas e calças; ultimamente, porém, ele as compra feitas, em lojas de departamentos.

2. Leia esta tira:



(Lucas Lima. Nicolau – Primeiras histórias. Araraquara-SP: Junqueira&Marin, 2007. p. 48.)

Na língua falada, é comum o emprego da expressão *a gente* em situações informais. Sim, pois trata-se de um diálogo entre mãe e filho, portanto informal.

- a) O uso dessa expressão no contexto da tira é adequado? Justifique sua resposta.
- b) Na variedade padrão formal, que pessoa do discurso substitui a expressão *a gente*? nós

Termos ligados ao nome: adjunto adnominal e complemento nominal

Entre os termos da oração, há aqueles que se ligam aos verbos — objeto direto, objeto indireto e adjunto adverbial — e aqueles que se ligam aos nomes — adjunto adnominal, complemento nominal e aposto. Neste capítulo, você vai estudar o adjunto adnominal e o complemento nominal.



Construindo o conceito

Leia esta tira, de Bill Watterson:



(Há monstros debaixo da cama?. Lisboa: Gradiva, 2002. p. 123.)

1. Leia estas frases da tira:

Tem um ar nojento.
É comida vegetariana.

- a) Nessas frases, o sujeito está implícito. Qual é ele? *isto* Ao núcleo do objeto direto *ar* e ao núcleo do predicativo do sujeito *comida*, respectivamente.
- b) A que termos se referem as palavras *nojento* e *vegetariana*? *comida*, respectivamente.
- c) A que classe gramatical essas palavras pertencem? *A classe dos adjetivos.*

2. Leia esta frase da tira:

(Comida vegetariana) faz bem à saúde.

Observe que o termo *bem* é um complemento da forma verbal *faz*; é um *objeto direto*.

- a) O termo *à saúde* é complemento de que palavra? *De bem.*
- b) Esse termo é regido de preposição? *Sim.*

3. Calvin manifesta, diante da comida que sua mãe lhe oferece, uma preferência comum entre as crianças. Qual é ela?
Não gostar de verduras e ter preferência por doces.

Adjunto adnominal

Ao destacar o núcleo do objeto direto da oração da tira estudada,

Tem um ar nojento



you observed that there are words that refer to the nucleus:

- **um** é artigo indefinido que indefine *ar*,
- **nojento** é adjetivo que caracteriza *ar*.

Quando modificam um núcleo (qualquer que seja sua função sintática: sujeito, objeto direto, objeto indireto, adjunto adverbial, etc.), os artigos e os adjetivos exercem a função de **adjunto adnominal**. Também podem exercer essa função as locuções adjetivas, os pronomes possessivos, demonstrativos e indefinidos e os numerais.

Concluindo:

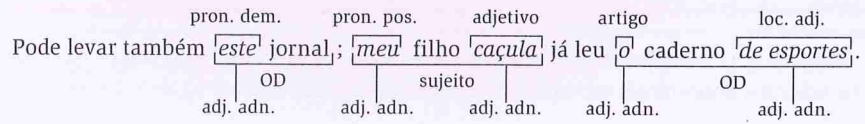
Adjunto adnominal é o termo da oração que modifica um substantivo, qualquer que seja sua função sintática, qualificando-o, especificando-o, determinando-o ou indeterminando-o.

In certain cases, the adnominal adjunct can be represented by an oblique personal pronoun equivalent to a possessive. Observe:

Roubaram-*lhe* as economias. → Roubaram as *suas* economias.
 Tomou-*me* as mãos. → Tomou as *minhas* mãos.

Morfossintaxe do adjunto adnominal

O adjunto adnominal pode ser expresso por adjetivo, locução adjetiva, artigo (definido e indefinido), pronome adjetivo (possessivo, demonstrativo, indefinido, interrogativo e relativo) e numeral. Veja alguns exemplos:



Exercícios

1. Nas frases a seguir, o adjunto adnominal está representado por uma locução adjetiva. Transforme-a em adjetivo, conforme o exemplo:

O espetáculo *de dança* foi suspenso até segunda ordem.
 O espetáculo *coreográfico* foi suspenso até segunda ordem.

- Hoje, à tarde, visitaremos uma exposição *de selos*. **filatélica**
- Desligue esse rádio. Essas músicas parecem cantos *de morte*. **fúnebres**
- Não se aborreça. O tempo logo melhorará: são apenas chuvas *de verão*. **estivais**
- Não se esqueça de catalogar os livros por faixa *de idade*, já que facilita a consulta. **etária**
- A decisão *do juiz* nos foi favorável. **judicial**

- f) A professora licenciou-se por um mês, pois estava com problemas nas cordas *da voz*. **vocais**
- g) Na assembleia legislativa, este é um partido *da minoria* ou *da maioria*? **minoritário – majoritário**
- h) Novamente você teve um comportamento *de criança*. **infantil/pueril**
- i) O médico prescreveu-lhe algumas sessões de fisioterapia para suas dores *nas costas*. **lombares**
- j) Tanto o corpo administrativo quanto o *dos professores* e o *dos alunos* participarão da campanha de arrecadação de brinquedos para crianças carentes. **docente – discente**
- k) O sindicato *dos patrões* está irredutível. **patronal**
- l) O espetáculo *de circo* foi um sucesso. **circense**
- m) As águas *da chuva* provocaram uma erosão. **pluviais**
- n) O brilho *das estrelas* iluminava o caminho. **estelar**

Leia esta tira para responder às questões 2 e 3:



(Fernando Gonsales. Folha de S. Paulo, 17/5/2004.)

2. No 1º e no 2º quadrinhos da tira, nestas orações ditas pelo porco:

Estou indo num médico chinês!

Primeiro ele espeta uma agulha bem grandona na barriga.

- a) Classifique os seguintes termos: *num médico chinês* e *na barriga*. Ambos são adjuntos adverbiais de lugar. **OD; núcleo: agulha**
- b) Na 2ª oração, o termo *uma agulha bem grandona* é objeto direto ou objeto indireto? Qual é o seu núcleo?
- c) Como se classificam sintaticamente os termos *um* e *chinês*, no termo *num médico chinês*, e *uma*, *bem* e *grandona*, no termo *uma agulha bem grandona*? Todos são adjuntos adnominais, com exceção de *bem*, que é adjunto adverbial de intensidade.

3. Na frase a seguir, identifique os adjuntos adnominais e o núcleo que eles modificam.

Esse papo de acupuntura me dá o maior arrepio!

núcleos: papo (sujeito) e arrepio (OD); adjuntos adnominais: esse, de acupuntura, o, maior

Complemento nominal

Conforme vimos no início do capítulo, há palavras que complementam verbos e há palavras que complementam nomes. Compare:

Tem um ar nojento.
VTD OD

Faz bem à saúde.
VTD OD

Na 1ª frase, o termo *um ar nojento* complementa o verbo *ter*; como *ter* é um verbo transitivo direto, o termo *um ar nojento* é objeto direto. Observe que, nesse caso, o sentido da oração está completo, não falta nenhuma informação.

Desse modo, se o termo introduzido por preposição estiver ligado a um adjetivo ou a um advérbio, ele será, sem dúvida, complemento nominal. Observe:

adjetivo
Ele é perito em cirurgia.
CN

advérbio
Ela está longe da verdade.
CN

No caso de o termo introduzido por preposição aparecer ligado a um substantivo, ele poderá ser complemento nominal ou adjunto adnominal. Se for transitivo e estiver funcionando como **alvo** para o qual tende um movimento, um sentimento ou uma disposição, será complemento nominal. Se isso não ocorrer, será adjunto adnominal. Veja os exemplos:

A resposta aos grevistas não os convenceu.
subst. transitivo alvo / CN
sujeito

A resposta do patrão não os convenceu.
subst./sujeito adj. adnominal

Na 1ª frase, a resposta tem como alvo *os grevistas*; na 2ª frase, *do patrão* não é o alvo, mas o agente, o emissor da resposta.

- o adjunto adnominal indica tipo, matéria, substância ou possuidor. Observe a diferença:

Ela tem amor de mãe.
adj. adn.

Ele tem amor à mãe.
CN

Na 1ª frase, *de mãe* indica o tipo de amor (materno); na 2ª frase, *à mãe* é o alvo do amor.

É muito comum também confundirmos, em razão da presença da preposição, complemento nominal com objeto indireto.

Para diferenciar uma função da outra, lembre-se de que o *objeto indireto* complementa um *verbo*, enquanto o *complemento nominal* complementa um *nome* (substantivo, adjetivo ou advérbio). Veja:

verbo prep.
Necessito de sua ajuda.
VTI OI

nome (subst.) prep.
Tenho necessidade de sua ajuda.
VTD OD CN

Exercícios

- Transforme em substantivos os verbos transitivos destacados. Veja o exemplo:

Gostar dos estudos O gosto pelos estudos

Observe que os termos que completam os verbos (os objetos) tornam-se, com a transformação, complementos nominais, porque passam a complementar substantivos.

- Combater contra a tirania O combate à tirania
- Confiar em Deus A confiança em Deus
- Desagradar aos pais O desagrado aos pais
- Responder pelos atos praticados A resposta aos atos praticados
- Investir em educação e saúde O investimento em educação e saúde

- Reescreva as frases a seguir, transformando o verbo destacado em substantivo. Depois identifique o complemento nominal. Veja um exemplo:

A instituição de caridade **necessita** de agasalhos para doação.

A instituição de caridade tem **necessidade** de agasalhos para doação. / CN: de agasalhos

- a) Ele *conhece* o assunto. Ele *tem conhecimento do assunto*. / CN: do assunto
 b) Ela *requereu* afastamento por motivo de doença. Ela *fez/redigiu um requerimento de afastamento por motivo de doença*. / CN: de afastamento
 c) Na reunião, o diretor *referiu-se* ao relatório anual da empresa. Na reunião, o diretor *fez referência ao relatório anual da empresa*. / CN: ao relatório anual da empresa
 d) O advogado *expôs* seus argumentos ao juiz. O *advogado fez a exposição de seus argumentos ao juiz*. / CN: de seus argumentos

Leia a tira a seguir para responder às questões 3 e 4.



(Folha de S. Paulo, 15/3/2003.)

3. Na placa do 1º quadrinho:
 a) Qual é o alvo sobre o qual recai o cuidado que se deve ter naquele local? *o cão feroz*
 b) Portanto, como se classifica o termo *com o cão feroz*? *complemento nominal*
4. Nas orações do 3º quadrinho:
 a) Indique quais são os adjuntos adnominais dos núcleos dos sujeitos e dos predicativos do sujeito.
 b) Identifique na 2ª oração um complemento nominal. *comigo*
5. Complete as frases a seguir, empregando palavras ou expressões na função de adjunto adnominal, complemento nominal ou objeto indireto:
 a) Demonstrava excessivo zelo . (complemento nominal) *Respostas pessoais.*
 b) Todos, motoristas e pedestres, devem obedecer . (objeto indireto)
 c) Conservo ainda aquela amizade . (adjunto adnominal)
 d) É desaconselhável a omissão no novo estatuto do clube. (complemento nominal)
 e) Aborrecia-se . (objeto indireto)

sujeitos: a placa: *a*; qualquer semelhança: *qualquer*; predicativos do sujeito: uma obra de ficção: *uma*, de ficção: *de ficção*; mera coincidência: *mera*

6. Leia o anúncio ao lado.

Na oração "Dê o seu apoio aos doutores da alegria", é possível analisar o termo *aos doutores da alegria* de duas formas: como objeto indireto ou como complemento nominal. Discuta com seu professor e seus colegas por que esse termo pode ser analisado dessas duas formas.

Professor: Como objeto indireto, se entendermos o verbo como VTDI; nesse caso, *seu apoio* é OD e *aos doutores da alegria*, OI. Na outra análise, fica claro entender o termo *aos doutores da alegria* como CN, quando passamos o verbo para a voz passiva: O apoio aos doutores da alegria é dado...

(Construir, ed. 65.)



O adjunto adnominal e o complemento nominal na construção do texto

Leia este poema de Carlos Drummond de Andrade e responda às questões propostas:

Balanço

A pobreza do eu
a opulência do mundo

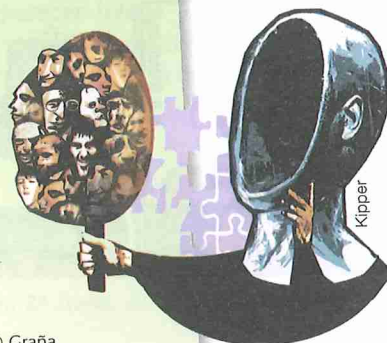
A opulência do eu
a pobreza do mundo

A pobreza de tudo
a opulência de tudo

A incerteza de tudo
na certeza de nada.

(Corpo. Rio de Janeiro: Record. © Graña Drummond — www.carlosdrummond.com.br.)

opulência: grande riqueza, luxo, esplendor.



Kipper

1. A construção do poema tem como base o contraste de palavras, que formam vários pares antitéticos. Identifique alguns desses pares. *pobreza/opulência, eu/mundo, incerteza/certeza, tudo/nada*
2. Observe que o poema é essencialmente nominal, isto é, não apresenta verbos. As imagens são construídas sempre a partir de um nome (substantivo) e de termos que o acompanham. Observe os versos das três primeiras estrofes.
 - a) Que substantivos desempenham o papel de núcleo dessas expressões? *pobreza e opulência*
 - b) Que palavras e expressões modificam esses núcleos? *a, do eu, do mundo*
 - c) Logo, que função sintática elas desempenham? *adjunto adnominal*
3. Podem ter também a função de complemento nominal. Nesse caso, o sentido das expressões ganha um enfoque inteiramente pessimista, significando que Releia os versos da 4ª estrofe. Note que eles apresentam duplo sentido e, de acordo com cada um dos sentidos, as expressões *de tudo* e *de nada* desempenham funções sintáticas diferentes. Uma delas é a de *adjunto adnominal*, situação em que *tudo* e *nada* são possuidores da função sintática dessas expressões podem ter? *há incerteza sobre tudo ou, ainda, apenas a certeza sobre nada (tudo e nada tornam-se "alvos" da certeza/incerteza).*
4. A palavra *balanço*, que dá título ao poema, apresenta vários sentidos. Veja alguns deles:

ba.lan.ço s.m. (o). 1. Ação ou efeito de balançar(-se); oscilação. 2. Brinquedo infantil de oscilar. 3. Verificação ou resumo de contas comerciais, receita e despesa. 4. Levantamento. [...]

(Minidicionário Sacconi da língua portuguesa. São Paulo: Atual, 1996.)

Considerando a troca de posição das palavras e a ambiguidade semântico-sintática de algumas delas, de qual desses sentidos a palavra *balanço* se aproxima mais? Por quê? *Do primeiro, da ideia de oscilação, pois as palavras trocam de posição (pobreza/opulência, eu/mundo) e apresentam oscilação semântica e sintática (dois últimos versos).*

5. Introduzindo pares antitéticos novos, a última estrofe pode ser considerada uma espécie de síntese ou conclusão do poema. Tomando esse dado como uma das possibilidades de leitura do texto, responda:
 - a) De quais dos sentidos apontados na questão anterior o título "Balanço" se aproxima? *Do 4 e do 3 (balanço comercial): qual é o saldo da relação entre riqueza e pobreza, por um lado, e entre o eu e o mundo, por outro?*
 - b) Nesse "balanço", a que conclusão se chega a respeito da opulência e da pobreza do eu e do mundo? *A uma conclusão pessimista: não há certeza sobre nada, tudo é incerto.*

Para que servem o adjunto adnominal e o complemento nominal?

O adjunto adnominal serve para indicar atributos permanentes dos seres, coisas e conceitos que fazem parte de nossa vida: céu *azul*, cidadão *participativo*, verdade *discutível*, etc.

O complemento nominal frequentemente é empregado quando lidamos com sentimentos, ideias e conceitos abstratos. Por exemplo, ter "esperança *de uma vida melhor*", sentir "confiança *no amigo*", empreender "uma luta *pela liberdade*", etc.



Leia este anúncio para responder às questões de 1 a 4:



Reprodução

1. Compare os termos destacados nestas duas situações:

[...] Hermes. Deus *do vento, da velocidade e da liberdade*.

A mitologia grega explica o seu *desejo de vento, liberdade e velocidade*.

- a) Qual é a função sintática dos termos destacados na primeira situação? Por quê? Justifique do ponto de vista semântico. *Adjunto adnominal, pois sua função é especificar, dar atributos ao substantivo Deus.*
- b) E qual é a função dos termos em destaque na segunda situação? Por quê? Justifique do ponto de vista semântico. *Complemento nominal, pois são o alvo do desejo.*

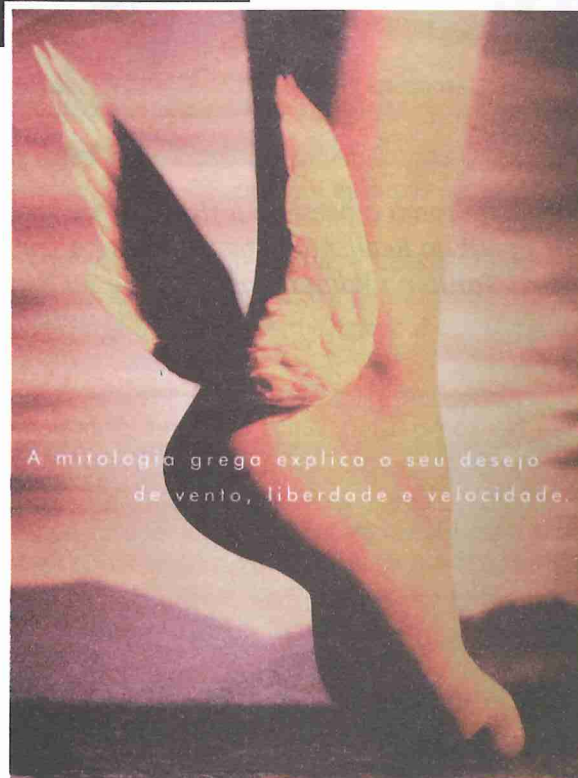
2. Ao fazer uso de elementos da mitologia grega (relativos a Hermes), o anunciante pretende explicar certo desejo que, segundo o anúncio, o homem sempre teve. Qual é esse desejo? *O desejo de voar.*

3. Sabemos que Honda é uma marca tanto de motocicletas quanto de automóveis.

- a) Levando em conta o perfil de Hermes que foi traçado, a que público, na sua opinião, o anúncio se destina: ao público consumidor de motos ou a consumidores de automóveis? Por quê?
A consumidores de motocicletas, que em geral apreciam a velocidade, a liberdade, o contato direto com o vento.
- b) Que palavra empregada no anúncio confirma sua resposta ao item anterior? *cilindradas*

4. Como ocorre com a maioria dos anúncios publicitários, o anúncio lido utiliza *valores* como estratégia para persuadir o interlocutor. Que valores são esses?

Liberdade, independência, autonomia, autossuficiência.



(Veja, 13/8/1997.)

Termos ligados ao nome: aposto e vocativo



Construindo o conceito

Leia esta tira, de de Angeli:



(Folha de S. Paulo, 24/9/2008.)

- Na tira, dois amigos, ex-hippies, estão conversando. No 1º balão, há uma palavra que resume todas as outras mencionadas anteriormente.
 - Qual é essa palavra? **Tudo**
 - Que outras palavras são retomadas por ela? **Guitarra, baixo, bateria.**
- No último quadrinho, uma das personagens emprega uma palavra para se dirigir ao interlocutor. Qual é essa palavra? **Wood.**
- Se fosse tomada isoladamente, a pergunta do 3º quadrinho certamente teria um sentido diferente da que apresenta no contexto da tira. Na verdade, com sua pergunta, o amigo de Wood pretende fazer um *comentário*. Qual é esse comentário? **Provavelmente, ele acha que o comentário do amigo não tem nexos, é uma espécie de delírio.**



Conceituando

Aposto

No 1º quadrinho, a personagem enumera uma série de instrumentos musicais e os retoma e resume com a palavra *tudo*. Quando isso ocorre, temos um **aposto**.

Aposto é o termo da oração que se refere a um substantivo, a um pronome ou a uma oração, para explicá-los, ampliá-los, resumi-los ou identificá-los.

Entre o aposto e o termo a que ele se refere quase sempre há uma pausa, marcada na escrita pela vírgula, ou, em casos especiais, por dois-pontos, travessão ou parênteses.

Quando o aposto especifica ou individualiza o termo a que se refere, geralmente não há pausa. Veja:

Àquela hora a avenida *Brasil* estava intransitável

O aposto pode vir precedido de expressões explicativas, como *isto é, a saber*, ou da preposição acidental *como*. Observe os exemplos:

O resto, *isto é, as louças, os cristais e os talheres*, irá nas caixas menores.

Este advogado, *como representante da comunidade*, é imprescindível.

Morfossintaxe do aposto

O aposto pode ser representado por substantivo, pronome e oração subordinada substantiva (apositiva):

Festas, passeios, viagens, nada, agrada a João, meu amigo.
pron. subst.

Vocativo

Na tira de Angeli, uma das personagens emprega a palavra *Wood* para se dirigir ao interlocutor. Esse termo recebe o nome de **vocativo**.

Vocativo é o termo da oração por meio do qual chamamos ou interpelamos nosso interlocutor, real ou imaginário.

O vocativo, na escrita, aparece isolado por vírgulas ou seguido de ponto de exclamação e pode vir precedido da interjeição de chamamento *ó*. Veja os exemplos:

Você viu, doutor, que notícia agradável?

Pessoal! Vamos embora!

Ó filho, me ajude a carregar as compras.

O vocativo pode ocorrer no início, no meio ou no final da frase. Quando se inclui numa oração, não se anexa à estrutura do sujeito ou do predicado.

Veja:

Wood, você tomou seu remédio hoje?
vocativo

Você, Wood, tomou seu remédio hoje?
vocativo

Você tomou seu remédio hoje, Wood?
vocativo



Exercícios

1. O aposto pode ser empregado para:

- A) enumerar ou recapitular; nesse caso, pode vir precedido pelas expressões *a saber, por exemplo, isto é*, ou ser representado por um pronome indefinido, como *tudo, nada, ninguém, qualquer*, etc.
- B) marcar uma distribuição, por meio de *um e outro, este e aquele*, etc.
- C) marcar uma especificação, uma individualização; nesse caso, pode vir ou não preposicionado.
- D) explicar, resumir ou identificar.

Indique com qual desses casos os apostos destacados a seguir se identificam.

- O poema "Vou-me embora pra Pasárgada" é do grande poeta Manuel Bandeira. C - C
- Só jantava comidas leves: uma salada, uma sopa de legumes, um caldo de carne. A
- "Nós tínhamos imaginado, mamãe e eu, fazer uma grande peregrinação." (Graça Aranha) B
- Greystoke, a lenda de Tarzã, o rei da selva. D - D
- Os rapazes eram dois bons profissionais, um em informática e o outro em engenharia. B

2. Pelos exercícios feitos até aqui, você deve ter observado que o aposto tem um caráter nominal, isto é, uma natureza substantiva. Considerando o contexto, compare os termos sublinhados nas frases seguintes e explique por que o da 1ª é aposto e o da 2ª é adjunto adnominal.

- O escritor Machado de Assis trabalhou a maior parte de sua vida como funcionário público, mas colaborava regularmente com a imprensa e escrevia romances, contos, poemas.
- Os romances de Machado de Assis, principalmente *Memórias póstumas de Brás Cubas* e *Dom Casmurro*, aprofundam a análise psicológica das personagens e são renovadores do ponto de vista da linguagem.

Na 1ª frase, o termo sublinhado é aposto porque especifica, individualiza o escritor. Na 2ª, o termo sublinhado equivale a um adjetivo - machadianos - e funciona, portanto, como adjunto adnominal.

3. Destaque, na tira a seguir, dois termos que desempenham a função sintática de vocativo. *seu fominha e perna de pau*



(Adão Iturrusgarai. Folha de S. Paulo, 22/10/2005.)



O aposto e o vocativo na construção do texto

Leia este poema de Arnaldo Antunes e responda às questões propostas:

vida,
minha dádiva,
venha de manhã e dure a vida
minha dádiva,
venha de manhã e dure a vida,
minha dádiva,
venha de manhã e dure hoje

Professor: Depois de uma leitura silenciosa, sugerimos que faça uma leitura em voz alta, explorando as nuances de entonação, principalmente na expressão "dure a vida", que faz o encadeamento das partes.

(2 ou + corpos no mesmo espaço. São Paulo: Perspectiva, 1997. p. 67.)

1. Embora presente uma única estrofe, o poema está visualmente organizado em três partes encadeadas, como se fossem três degraus. A palavra *vida*, ao mesmo tempo que abre cada uma das partes, também faz o encadeamento entre elas.

a) Qual é a função sintática da palavra *vida* no 1º verso? *vocativo*

b) A expressão *minha dádiva* apresenta ambiguidade sintática e semântica. Indique as funções sintáticas possíveis dessa expressão no contexto e o efeito de sentido que ela atribui ao texto, de acordo com cada uma dessas funções.

A expressão pode ser aposto de vida; o eu lírico consideraria, então, a vida como uma dádiva. Pode ser também outro vocativo e teria, então, valor equivalente a vida.

2. A palavra *vida*, no final do 3º verso, ao fazer o encadeamento da 1ª e da 2ª partes do poema, apresenta oscilação sintática e, conseqüentemente, oscilação semântica. Que função sintática ela desempenha, se considerada:

a) no contexto da 1ª parte? *núcleo do adjunto adverbial de tempo*

b) no contexto da 2ª parte? *vocativo*

3. Além de buscar produzir efeitos por meio da *disposição visual* das palavras no papel, o poema também busca produzir *efeitos sonoros*, aproximando, por exemplo, palavras com fonemas ou sílabas semelhantes. Identifique os grupos de palavras que fazem parte desse jogo sonoro. *vida, venha, dádiva; minha, manhã*

4. Observe que, ao término de cada uma das partes, há o verso “venha de manhã e dure a vida”. Na última parte, porém, a expressão *a vida* é substituída por *hoje*.

a) A palavra *hoje* possui o mesmo valor sintático de *a vida*? *Sim (adjunto adverbial de tempo).*

b) Considerando as ideias gerais do poema, que efeito provoca a substituição de um termo pelo outro?

Resposta pessoal. Sugestão: O eu lírico deseja viver o instante presente.

5. O poema se intitula “reza”. A oração é um gênero textual que apresenta algumas particularidades de linguagem e de construção, como:

- invocação de uma entidade religiosa (Deus, santos, etc.);
- verbos que expressam pedido;
- repetição de partes.

A presença de vocativos; verbos no imperativo; estrutura paralelística, com repetição de versos inteiros.

a) Considerando essas características, identifique as semelhanças do poema em estudo com a oração.

b) Conclua: nessa “reza”, qual é o desejo maior do eu lírico?

Considerando a vida como uma dádiva, o eu lírico deseja viver intensamente a vida no presente. É como se toda a força e a magia de uma vida inteira coubessem em cada manhã que nasce, coubessem no “hoje”.

Para que servem o aposto e o vocativo?

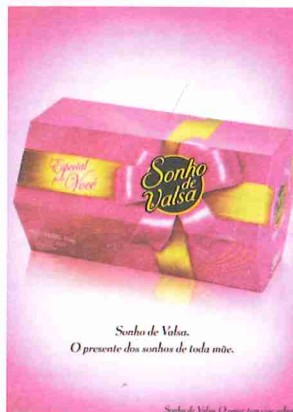
Enquanto o aposto serve para esclarecer ou ampliar o sentido de uma palavra do próprio texto, o vocativo remete à *situação comunicacional*, evidenciando o interlocutor e abrindo o canal da comunicação.

Assim, quando nos dirigimos ao interlocutor com um vocativo — por exemplo, *querida, filhinha, paiê, professora, vô*, etc. —, desejamos não apenas deixar claro que é com essa pessoa que estamos falando, mas também que ela preste atenção ao que vamos falar.



Semântica e discurso

1. O aposto é um termo sintático de bastante destaque nos anúncios publicitários. Observe os anúncios a seguir:



Reprodução

(Claudia, maio 2005).



Reprodução

Lofra: um dos melhores fogões do mundo

(Prazeres da Mesa, nº 28.)

b) O aposto normalmente associa a um nome anteriormente expresso uma característica ou um atributo que lhe são próprios. Por exemplo: Brasília, a capital do Brasil, foi projetada por Oscar Niemeyer. Na linguagem publicitária, o emprego de um aposto ao lado do nome do produto associa ao produto uma característica positiva, fazendo parecer que aquele atributo lhe é próprio, mesmo que, na vida real, isso não se verifique.

- a) Identifique o aposto utilizado em cada um dos anúncios. *O presente dos sonhos de toda mãe e um dos melhores fogões do mundo*
- b) Por que os apostos auxiliam, no discurso, o anunciante a alcançar o seu objetivo?
- c) Nos dois anúncios, a estrutura sintática dos enunciados principais é semelhante. Contudo, há entre os enunciados uma diferença quanto à pontuação. Compare os enunciados e responda: Que diferença de sentido a pontuação confere aos enunciados?

Resposta pessoal. Professor: Do ponto de vista gramatical, as duas construções são consideradas corretas. A diferença semântica, contudo, é sutil. Sugerimos abrir a discussão com a classe. Entre outros aspectos, os alunos poderão mencionar ênfase no caso do uso do ponto e suspense no caso do uso dos dois-pontos.

2. Leia esta frase:

Nosso mais novo funcionário, Fernando, demitiu-se ontem.

Dependendo da situação e da entonação dada à frase, ela pode apresentar dois sentidos.

- a) Quais são esses sentidos? *O locutor pode estar falando com Fernando sobre a demissão do novo funcionário e pode estar falando com outra pessoa, não identificada no texto, sobre a demissão de Fernando, o mais novo funcionário.*
- b) Que função sintática o termo *Fernando* desempenha em cada um dos sentidos?
- c) Dê à frase uma redação na qual *Fernando* só possa ser vocativo. *Se o interlocutor é Fernando, então esse termo é vocativo; se o interlocutor é outra pessoa, então Fernando é aposto de nosso mais novo funcionário.*
- d) Dê à frase uma redação na qual *Fernando* só possa ser aposto. *Nosso mais novo funcionário, o Fernando, demitiu-se ontem.*

Capítulo 16 Morfossintaxe: seleção e combinação das palavras. Frase, oração e período. O sujeito e o predicado

Morfossintaxe: seleção e combinação das palavras

NO TEXTO

Observe estes dois textos, que você já viu no estudo da “Coesão textual”, no volume 1 desta coleção, Capítulo 19.

Leitura

TEXTO 1

Dia incandescente de sol. Ruas expostas ao calor. Corpos largos, sangue escuro, zumbido de insetos. Desolação.

TEXTO 2

O motorista parou o ônibus, pois o passageiro desceu. Além disso, ela andou e casou.

- 1 Existe relação de sentido entre as frases do texto 1? O que você entende do enunciado?
- 2 E no texto 2, existe relação de sentido entre as orações e as frases? O que você entende dele?
- 3 De acordo com o que você já aprendeu, o que causa estranheza ao chamarmos o primeiro enunciado de texto 1 e o segundo de texto 2?



LENDO O CONTEXTO

Você já pôde observar que, nas frases como também nas orações, as palavras se interligam ou se completam para dar um sentido ao enunciado. Há, portanto, uma “seleção” das palavras, de acordo com as classes gramaticais a que pertencem (substantivo, adjetivo, pronome, verbo etc.) e uma “combinação” entre elas. Se essa seleção / combinação não for adequada, acabará comprometendo a continuidade de sentido, como aconteceu com o texto 2.

A **morfologia** estuda as classes gramaticais enquanto a **sintaxe** ocupa-se da combinação das palavras.

Mas não se pode separar morfologia de sintaxe, pois a produção de enunciados é feita com base na forma das palavras (morfologia) e na função que elas exercem no contexto (sintaxe). Portanto, a construção de frases constitui um processo relacionado à **morfossintaxe**.



Frase, oração e período

NO TEXTO

Leia alguns versos de Cora Coralina.

Leitura

A escola da Mestra Silvina

Minha escola primária...
Escola antiga de antiga mestra.
Repartida em dois períodos
para a mesma meninada,
das 8 às 11, da 1 às 4.
Nem recreio, nem exames.
Nem notas, nem férias.
Sem cânticos, sem merenda...
Digo mal — sempre havia
distribuídos
alguns bolos de palmatória...
A granel?
Não, que a Mestra
era boa, velha, cansada, aposentada.
Tinha já ensinado a uma geração
antes da minha.

A gente chegava “— Bença, Mestra.”
Sentava em bancos compridos,
escorridos, sem encosto.
Lia alto lições de rotina:
o velho abecedário,
lição salteada.
Aprendia a soletrar.

[...] Banco dos meninos,
Banco das meninas.
Tudo muito sério.
Não se brincava.
Muito respeito.
Leitura alta.
Soletrava-se.
Cobria-se o debuxo.
Dava-se a lição.
Tinha dia certo de argumento
com a palmatória pedagógica
em cena.
Cantava-se em coro a velha tabuada.

Velhos colegas daquele tempo...
Onde andam vocês?

[...] E a Mestra?...
Está no Céu.
Tem nas mãos um grande livro de ouro
e ensina a soletrar
aos anjos.

CORALINA, Cora. *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*.
São Paulo: Global, 1985. p. 75-76, 78. (Fragmento).

Debuxo: esboço,
rascunho.

- 1 Como ocorre no poema em estudo, grande parte da obra de Cora Coralina se baseia em lembranças pessoais e fatos de sua terra natal.
 - a) Observe o emprego das reticências no primeiro verso. Que efeito essa pontuação confere a ele?
 - b) Explique o sentido que as repetições produzem nestes versos: “Escola **antiga** de **antiga** mestra...”; “**Nem** recreio, **nem** exames. / **Nem** notas, **nem** férias. / **Sem** cânticos, **sem** merenda...”.
- 2 Antigamente os alunos eram punidos com a palmatória, peça de madeira circular usada como instrumento de castigo.
 - Com base no enunciado, explique o que o eu lírico quis dizer com esta expressão: **bolos de palmatória**.
- 3 Segundo o texto, a mestra era tratada com respeito pelos alunos que a ouviam sempre atentos.
 - a) Comprove essa afirmativa com base na segunda estrofe.
 - b) Explique o que significa este verso no contexto: “Tinha dia certo de argumento...”.

4 Releia esta estrofe no final do poema.

“E a Mestre?.../ Está no Céu. / Tem nas mãos um grande livro de ouro / e ensina a soletrar / aos anjos.”

- a) As três frases apresentam um sentido completo? Por quê?
b) Qual desses enunciados apresenta uma construção diferente dos outros dois? Por quê?

frase ≠ verso

5 As frases sem verbo são chamadas de **frases nominais**. Escreva no caderno exemplos de frases nominais no poema lido.

6 As frases que apresentam verbos ou locuções verbais são chamadas de **orações**. Quais são as orações na primeira estrofe?

LENDO O CONTEXTO

A frase organizada em oração ou orações constitui um **período**. Por isso, as orações identificadas na primeira estrofe do poema formam três períodos. O primeiro apresenta duas orações (primeira oração: *Digo mal – / segunda oração: sempre havia distribuídos alguns bolos de palmatória...*), e, no segundo e no terceiro períodos, há apenas uma oração em cada um.

Assim, o período pode ser **simples** ou **composto**, de acordo com o número de orações. No **período simples**, há apenas uma oração, constituída por um verbo ou uma locução verbal. Já o **período composto** apresenta duas ou mais orações. Observe.

“**Cantava-se** em coro a velha tabuada.” (período simples)

“**Aprendia** a soletrar.” (período simples)

“**Tem** nas mãos um grande livro de ouro / e **ensina** a soletrar aos anjos.” (período composto).

Frase é o enunciado que estabelece uma comunicação de sentido completo.

Oração é o enunciado que apresenta um verbo ou uma locução verbal.

Período é a frase formada por uma ou mais orações. O **período simples** apresenta uma só oração. O **período composto** é constituído de duas ou mais orações.

O sujeito e o predicado

NO TEXTO

Leia a tira a seguir.

HAGAR



Chris Browne

2010 KING FEATURES SYNDICATE/PRESS

- 1 Pode-se dizer que a intenção de Hagar foi boa; mas por que parece que não agradou a Helga?
- 2 A quem Hagar possivelmente se referia, ao dizer que o chamariam de molenga?
- 3 Nesta frase: "... mas decidi dizer algo gentil pra quebrar o gelo!", há uma expressão metafórica. Qual é ela? Reescreva-a em seu sentido literal ou objetivo.
- 4 Releia esta oração: "Helga e eu não nos falamos há uma semana!"
Divida a oração em dois termos, respondendo:
 - A quem se refere a ação verbal? Qual é a informação obtida? Por que o verbo está no plural?

LENDO O CONTEXTO

Esses dois termos essenciais da oração constituem, respectivamente, o **sujeito** e o **predicado**. Há dois constituintes mais importantes: uma informação e um elemento ao qual ela se refere. A informação é o **predicado**, e o elemento a que ela se refere é o **sujeito**.

Observe que o verbo *falar* flexiona-se no plural, concordando com o sujeito que é constituído por duas palavras (um substantivo e um pronome). Nem sempre a oração está organizada na ordem direta (sujeito + verbo + complementos + adjuntos). Veja: "Olá! Quando sai o jantar?" Na ordem direta teríamos: Olá! Quando o jantar sai? Desse modo fica mais fácil identificar o sujeito: o jantar, e o predicado: Olá! Quando sai?

Sujeito é o ser de quem se declara alguma coisa.

Predicado é tudo aquilo que se diz sobre o sujeito. Em geral, o verbo do predicado concorda em número e pessoa com o sujeito.

Sujeito

Como foi dito, sujeito é o ser de quem se declara alguma coisa. Ele apresenta um núcleo (sempre um nome), que é a palavra mais significativa desse termo essencial. Na oração do poema de Cora Coralina: "A gente chegava '— Bença, Mestra.'", o núcleo do sujeito é *gente*.

Existem quatro tipos de sujeito e também existem orações sem sujeito. Vejamos caso a caso.

Sujeito simples

Leia estes versos do mesmo poema de Cora Coralina.

"A casa da escola inda é a mesma."

"Quantos de vocês respondem esta chamada de saudades?..."

Agora, responda.

- 1 Quais são os sujeitos dessas orações?
- 2 Como dissemos, todo sujeito apresenta um núcleo, que equivale à palavra mais importante do termo. Qual é o núcleo dos sujeitos da primeira e segunda orações?

Como os sujeitos das orações que você analisou são constituídos por um só núcleo, são chamados de **sujeitos simples**.

Sujeito simples é aquele que apresenta um só núcleo.

Explicar aos alunos que o pronome relativo *que* também pode funcionar como sujeito: A casa *que* eu amava foi demolida.

Sujeito composto

Observe os sujeitos nestas orações.

“Helga e eu não nos falamos há uma semana.”

Minha escola primária e antiga mestra me dão saudades.

Há mais de um núcleo no sujeito de cada oração. Na primeira, os núcleos são *Helga* e *eu* e, na segunda, *escola* e *mestra*. Esses sujeitos são chamados de **sujeitos compostos**.

Sujeito composto é aquele que apresenta mais de um núcleo.

Sujeito oculto (implícito ou desinencial)

Há casos em que o sujeito não está expresso claramente na frase, mas é possível identificá-lo pela desinência verbal. Trata-se do **sujeito oculto (implícito ou desinencial)**. Observe.

“Mas decidi dizer algo gentil...” (sujeito oculto: **eu**).

“Tinha já ensinado a uma geração antes da minha.” (sujeito oculto: **ela** – a Mestra).

Sujeito oculto ou **desinencial** é aquele que está implícito na desinência ou terminação verbal.

Sujeito indeterminado

Às vezes, não é possível dizer quem pratica a ação ou não se quer identificar claramente o sujeito da oração. Nesse caso, temos um **sujeito indeterminado**. Releia esta oração dita por Hagar.

“Podem me chamar de molenga.”

Observe o emprego do verbo *poder* na terceira pessoa do plural, o que caracteriza o sujeito indeterminado. **O verbo não se refere a nenhum termo identificado anteriormente, nem em outra oração, como acontece com o sujeito oculto.** Veja.

Eles soletravam e **liam** alto.

Neste exemplo, o sujeito está expresso na primeira oração e oculto na segunda (*eles*). Trata-se, portanto, de sujeito oculto, não de indeterminado. O sujeito indeterminado pode ser expresso de dois modos.

- O verbo está na terceira pessoa do plural, como vimos, sem que se possa dizer qual é o sujeito.

Vinham cedo para a escola.

Faziam planos para o futuro.

- O verbo é flexionado na terceira pessoa do singular e seguido do pronome *se*, que funciona como **índice de indeterminação do sujeito**. Esse modo só se aplica se o verbo for transitivo indireto, intransitivo ou de ligação. Veja.

Acredita-se em sua recuperação. (verbo transitivo indireto)

Brinca-se durante o recreio. (verbo intransitivo)

Neste lugar **se fica** incomunicável. (verbo de ligação)



falar da projeção

Atenção

Se o verbo for transitivo direto ou transitivo direto e indireto, a palavra *se* funciona como **pronome apassivador**, e o sujeito é determinado. Veja.

“Não *se usava* quadro-negro.” (**Quadro-negro** não era usado.)

verbo transitivo direto

sujeito

verbo transitivo direto e indireto

Atribuíram-se as mudanças ao efeito estufa.

As mudanças foram atribuídas ao efeito estufa.

sujeito

Oração sem sujeito

Nas frases a seguir, o verbo *haver* é **impessoal**, não tem sujeito e conjuga-se na terceira pessoa do singular. Equivale a *existir*.

Não **houve** chamada, **havia** sim o ritual de entradas compassadas.
Sempre **havia** alguns bolos de palmatória distribuídos...

Ocorre oração sem sujeito nestes casos.

- Com o verbo *haver* no sentido de existir:
Há lugares interessantes nesta cidadezinha.
- Com os verbos *fazer*, *haver* e *ir* referindo-se a tempo decorrido:
Faz meses estive com ela.
O Cláudio **há** dias não liga para mim.
Ja o período da primeira safra de feijão.
- Com o verbo *ser* indicando tempo em geral:
Era uma época de verões intensos.
- Com os verbos que denotam fenômenos da natureza. Incluem-se nesse caso os verbos *chover*, *ventar*, *nevar*, *trovejar*, *relampejar* etc.:
Ventou muito no final da tarde.
Choveu pela manhã na praia.

Atenção

Isso não ocorre quando os verbos que exprimem fenômenos da natureza estão em sentido figurado: Os campos amanheceram cobertos de girassóis. Nessa frase, o sujeito *os campos* está determinado e é simples.

Oração sem sujeito é aquela que se forma apenas pelo predicado, cuja declaração não se refere a nenhum ser.

APLICAÇÃO

1 Leia o anúncio publicitário.

SAÚDE! reuniu dois grandes cardiologistas, Otávio C. E. Gebara e Raul Dias dos Santos, para lançar um livro que traz um programa de prevenção especial para mulheres de todas as idades. Nele você vai descobrir que a escolha do anticoncepcional é fundamental para não prejudicar o coração. Além disso, vai conhecer as vantagens e as desvantagens da reposição hormonal, os cuidados com as fórmulas para emagrecer e um teste que mostra qual é a probabilidade de enfrentar problemas cardíacos no futuro. Garanta já o seu exemplar.

Nas melhores bancas e livrarias!

Se preferir, compre pelo tel. (11) 4003.3222 ou pelo site www.lojaabril.com.br

SAÚDE! É vital

As mulheres são diferentes dos homens.
A começar pelo coração.

SAÚDE!
CORAÇÃO de MULHER

Reposições hormonais, testes, emagrecimento e outros problemas que não começam na cabeça. Conheça um programa de prevenção especial para as mulheres.

Otávio C. E. Gebara e Raul Dias dos Santos

SAÚDE! reúne dois grandes cardiologistas, Otávio C. E. Gebara e Raul Dias dos Santos, para lançar um livro que traz um programa de prevenção especial para mulheres de todas as idades. Nele você vai descobrir que a escolha do anticoncepcional é fundamental para não prejudicar o coração. Além disso, vai conhecer as vantagens e as desvantagens da reposição hormonal, os cuidados com as fórmulas para emagrecer e um teste que mostra qual é a probabilidade de enfrentar problemas cardíacos no futuro. Garanta já o seu exemplar.

Nas melhores bancas e livrarias!
Se preferir, compre pelo tel. (11) 4003.3222 ou pelo site www.lojaabril.com.br

SAÚDE!
011020

REPRODUÇÃO

- a) Em geral, os anúncios divulgam novos produtos lançados no mercado, novas marcas, além de campanhas realizadas por empresas. No anúncio em estudo, qual é o objetivo do anunciante?
- b) No texto verbal, na parte inferior do anúncio, que argumentos o anunciante destacou para influenciar o público-alvo?
- c) Explique a relação entre o título do anúncio, na parte superior, e a imagem ao centro.
- d) No título, os dois enunciados são frases ou orações? Esclareça sua resposta.
- e) Que frases nominais se pode observar nesse anúncio?
- f) Os períodos formados pelas orações que aparecem na capa do livro são simples ou compostos?
- g) Quantos são os períodos compostos encontrados no texto abaixo da imagem? Os dois primeiros apresentam quantas orações?
- h) Transcreva, do anúncio, e escreva no caderno uma oração em que o sujeito é:
- simples
 - composto
 - oculto

2 Leia esta nota jornalística.

A gripe... canina

Assim como os seres humanos, os animais domésticos têm mais chances de ficar gripados no inverno – e essa gripe pode se transformar numa pneumonia e pôr em risco a vida deles. Tosses, espirros, secreção nasal e febre são alguns dos sintomas das doenças respiratórias em cães e gatos. *Época* ouviu veterinários, que dão dicas para prevenir e identificar as infecções nos animais.

Época, São Paulo, p. 26, 10 ago. 2009.

- a) Essa nota resume o conteúdo da reportagem publicada no interior da revista. O que nos surpreende nessa abordagem? Por quê?
- b) O que o autor do texto quis sugerir com o uso das reticências após o substantivo *gripe* e não no final do título?
- c) No primeiro período do texto, como se classifica o sujeito do verbo *ter*? Qual é o seu núcleo?
- d) Como se chama o segundo período e como se classifica o sujeito?
- e) No último período, a qual sujeito se refere a informação “dão dicas”?
- 3 Mario Quintana, como você já sabe, nasceu no Rio Grande do Sul e é um dos poetas líricos da poesia contemporânea no Brasil. Leia os versos a seguir.

TEXTO 1

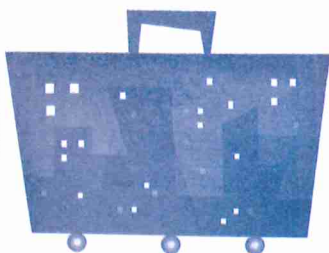
LXVI. Dos defeitos e das qualidades

Diz o Elefante às Rãs que em torno dele saltam:
 “Mais compostura! Ó Céus! Que piruetas incríveis!”
 Pois são sempre, nos outros, desprezíveis
 As qualidades que nos faltam...

QUINTANA, Mario. In: CARVALHAL, Tânia Franco (Org.).

Mario Quintana: poesia completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008. p. 223. © by Elena Quintana.

nenhuma
 reflexão
 - violenta gripe



- Qual é a crítica que se observa nesses versos?
- No poema, os animais são personificados e nos transmitem um ensinamento moral. Que gênero narrativo apresenta essas características?
- Observe a construção dos versos e a disposição das palavras no contexto. Por que há várias inversões na ordem dos termos? Como se chama essa figura de estilo?
- No caderno, copie dessa quadra o sujeito destas formas verbais:
 - diz • saltam • são • faltam
- Em que verso há somente frases? O que elas expressam?

TEXTO 2

XCVI. Dos hóspedes

Esta vida é uma estranha hospedaria,
De onde se parte quase sempre às tontas,
Pois nunca as nossas malas estão prontas,
E a nossa conta nunca está em dia...

QUINTANA, Mario. In: CARVALHAL, Tânia Franco (Org.).
Mario Quintana: poesia completa. Rio de Janeiro:
Nova Aguilar, 2008. p. 229. © by Elena Quintana.

- Que interpretação se pode dar à linguagem figurada empregada nesses versos?
 - Qual é a metáfora encontrada no primeiro verso? Interprete-a.
 - Como se chama o sujeito da forma verbal *parte*, no segundo verso? Justifique sua resposta.
 - Quais são os núcleos dos sujeitos nos outros versos, e como se classificam?
- 4 Lya Luft é autora de obras consagradas pela opinião pública, como *Perdas e ganhos*, publicada em 2003. Além de seu engajamento com o social, sua temática revela uma inquietação diante dos mistérios da existência humana. Leia este trecho de uma de suas crônicas.

Somos gente

Decretaram que pessoas com mais de sessenta anos merecem alguns benefícios.

Há mais tempo decretaram que negro era gente. Há menos tempo que isso decretaram que mulher também era gente, pois podia votar.

Mas voltando aos com mais de sessenta: decretaram coisas que deveriam ser naturais numa sociedade razoável. Não as vejo como benefícios mas como condições mínimas de dignidade e respeito. Benefício tem jeito de concessão, caridade. Coisas como não lhes cobrarem mais pelo seguro saúde porque estão mais velhos, na idade em que possivelmente vão de verdade começar a precisar de médico, remédio, hospital, não deveriam ser impostas por decreto.

Decretaram também que depois dos sessenta as pessoas podem andar de graça no ônibus e pagar meia entrada no cinema. Perceberam, pois, que após os sessenta as pessoas ainda se locomovem e se divertem. Pensei que achassem que nessa altura a gente ficasse inexoravelmente meio inválido e... invalidado.

Que sociedade esquisita esta nossa, em que é preciso decretar que em qualquer idade a gente é gente.

[...]

LUFT, Lya. *Pensar é transgredir*. Rio de Janeiro: Record, 2005. p. 137. (Fragmento).

- A crônica é um gênero do tipo narrativo e focaliza, quase sempre, fatos do cotidiano. Que fato da nossa realidade é narrado no texto?
- No texto, o narrador dá algumas opiniões sobre o fato narrado. O que o narrador acha da concessão de benefícios aos que têm mais de sessenta?
- Em que passagem da crônica se percebe certa ironia em relação a outras concessões aos idosos?
- Quando usamos um adjetivo, a característica atribuída ao ser parece ser natural, inerente. Quando usamos o particípio, que denota uma voz passiva, a característica parece ter sido dada, gerada ou causada por outrem. Considerando essa informação, explique o jogo de palavras em: “Pensei que achassem que nessa altura a gente ficasse inexoravelmente meio **inválido e... invalidado**”.
- Em que orações do texto os sujeitos estão indeterminados? Explique por que se empregou esse tipo de sujeito.
- Copie no caderno as orações sem sujeito encontradas no texto.
- No terceiro parágrafo, qual é o sujeito da locução verbal “deveriam ser impostas”?

Predicado

NO TEXTO

Vinicius de Moraes nasceu no Rio de Janeiro e ficou conhecido como “poetinha”. Participou da segunda geração modernista, como poeta e cronista, e seu temperamento vibrante o levou a exercer diferentes funções. Foi jornalista, crítico de cinema, cantor, compositor (participou do movimento da bossa nova) e diplomata. Leia o trecho de uma crônica do autor.

Leitura

Menino de ilha

Às vezes, no calor mais forte, eu pulava de noite a janela com pés de gato e ia deitar-me junto ao mar. Acomodava-me na areia como uma cama fofa e abria as pernas aos **alíseos** e ao luar; e em breve as frescas mãos da maré-cheia vinham coçar meus pés com seus dedos de água.

Alíseos: ventos que sopram durante todo o ano em diversas partes do globo.



Era indizivelmente bom. Com um simples olhar podia vigiar a casa, cuja janela deixava apenas encostada; mas por mero escrúpulo. Ninguém nos viria nunca fazer mal. Éramos gente querida na ilha, e a afeição daquela comunidade pobre manifestava-se constantemente em peixe fresco, cestas de caju, sacos de manga-espada. E em breve perdia-me naquela doce confusão de ruídos...

[...]

MORAES, Vinicius de. In: BUENO, Alexei (Org.). *Vinicius de Moraes: poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1998. p. 914. (Fragmento). Os direitos relativos ao uso da crônica de autoria de Vinicius de Moraes foram autorizados pela VM Empreendimentos artísticos e culturais Ltda., além de: © VM e © Cia. das Letras (Editora Schwarcz).

- 1 Com base no trecho lido, responda às questões a seguir.
 - a) Observe o lirismo e a subjetividade da linguagem. Copie do primeiro parágrafo, no caderno, um emprego de comparação, personificação e metáfora, e interprete-as.
 - b) De acordo com o segundo parágrafo, a ilha era um lugar acolhedor e tranquilo. Que comportamento dos personagens hoje seria incomum? Por quê?
- 2 Observe a separação das orações de um dos períodos do texto:

“Éramos gente querida na ilha,” (primeira oração)

“e a afeição daquela comunidade pobre manifestava-se constantemente em peixe fresco, cestas de caju, sacos de manga-espada.” (segunda oração)

 - Já vimos que, excluindo o sujeito, o restante da oração chama-se predicado. E, ainda, que o predicado contém informação sobre o sujeito. Portanto, quais são os predicados nessas duas orações?

Predicado é a parte da oração que encerra a declaração ou a informação sobre o sujeito. Nele se encontra a ação e/ou o estado referente ao sujeito.

LENDO O CONTEXTO

Predicação verbal

Leia estas orações da crônica de Vinicius de Moraes.

(Nós) “Éramos gente querida na ilha.”

“... eu pulava de noite a janela...”

Na primeira oração, o verbo *ser* exprime **características** do sujeito *nós*. E, na segunda oração, o verbo *pular* expressa uma **ação** do sujeito *eu*.

Os verbos que ligam o sujeito às suas características (*gente querida*) ou a seu estado (*feliz*, em *O menino estava feliz.*), são chamados verbos **de ligação** ou **de estado**.

Aqueles que expressam ação (*eu pulava*) ou fenômeno meteorológico (*Choveu.*), recebem o nome de verbos **significativos** ou **nocionais**.

Predicação é a forma como o verbo se relaciona com o seu sujeito. Há dois grupos de verbos: **de ligação** ou **de estado** e **significativos** ou **nacionais**.

• Verbos de ligação

Veja estes exemplos.

O banho de mar **era** indizivelmente bom.

Nessa idade, a gente não **fica** inválido ou invalidado.

Observe que o verbo *ser* apenas liga a qualidade (*bom*) ao sujeito da oração (*o banho de mar*), e o verbo *ficar* liga o sujeito (*a gente*) a seu estado (*inválido ou invalidado*).

Verbo de ligação é aquele que liga o sujeito às suas qualidades e características ou ao seu estado.

• Verbos significativos

Releia estas orações da crônica “Menino de ilha”.

“**Acomodava-me** na areia.”

“Com um simples olhar **podia vigiar** a casa.”

Na primeira e na segunda oração, os verbos *acomodar* e *vigiar* expressam ações relacionadas ao sujeito *eu*, nas duas orações; portanto, são verbos significativos.

Verbo significativo é aquele que expressa ações do sujeito ou fenômenos meteorológicos.

Transitividade verbal

NO TEXTO

Roseana Murray vive no Rio de Janeiro. Já recebeu diversos prêmios por sua obra poética. Leia este poema da autora.

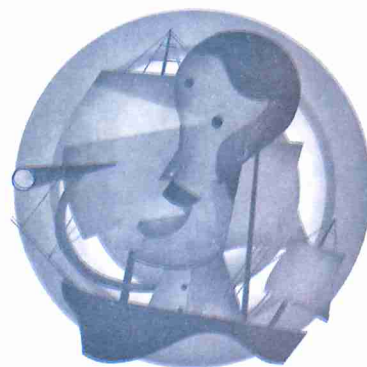
Leitura

Receita de olhar

nas primeiras horas da manhã
desamarre o olhar
deixe que se derrame
sobre todas as coisas belas
o mundo é sempre novo
e a terra dança e acorda
em acordes de sol

faça do seu olhar imensa caravela

MURRAY, Roseana. *Receita de olhar*.
São Paulo: FTD, 1997. p. 44.



DANIEL BUENO

- 1 Pode-se observar, no poema, características de uma receita culinária, como o emprego de verbos no imperativo e de frases que visam instruir o leitor.
 - a) Segundo o eu lírico, como deve ser o nosso olhar já cedo, quando iniciamos o dia?
 - b) Explique, a partir do poema, por que é sempre possível ver o mundo com alegria.
 - c) Interprete o último verso: “faça do seu olhar imensa caravela”.
- 2 Observe a construção do poema. Que efeito produz a ausência de pontuação nos versos, de acordo com o conteúdo do texto?
- 3 Releia estes versos.
 - “nas primeiras horas da manhã
desamarre o olhar...”
 - “e a terra **dança** e **acorda**
em acordes de sol...”
 - a) Na primeira oração, qual é o sujeito? Observe o sentido e a flexão do verbo.
 - b) Leia a primeira oração até o verbo, sem o termo **o olhar**. O que você observou quanto ao sentido da oração? Por quê?
 - c) No período seguinte, há duas orações: primeira oração: e a terra **dança**; segunda oração: e **acorda** em acordes de sol. Nessas duas orações, as informações dos verbos sobre o sujeito (**a terra**) estão completas ou não? Por quê?

LENDO O CONTEXTO

Pode-se concluir que, na primeira oração, o verbo *desamarrear* é **transitivo**, pois exige complemento. Mas os verbos *danc*ar e *acordar* não exigem complemento, portanto são **intransitivos**.

Transitividade verbal é a propriedade de os verbos terem ou não um termo como complemento.

Transitivos são os verbos que exigem complemento, e **intransitivos** são os que não exigem complemento.

Releia estes versos de Roseana Murray.

- “**desamarre** o olhar
deixe que se **derrame**
sobre todas as coisas belas...”
- “**faça** do seu olhar imensa caravela”

Como vimos, na primeira oração, o verbo *desamarrear* é transitivo e seu complemento é o termo *o olhar*. Observe que esse termo não vem ligado ao verbo por uma preposição, mas diretamente. Nesse caso, se diz que o verbo é **transitivo direto**. Responda.

- 1 Na segunda oração, o verbo *deixar* necessita de complemento? Por quê? Caso precise, qual seria o seu complemento?
- 2 Há preposição ligando o complemento ao verbo *deixar*?

- 3 Na terceira oração: “que se **derrame** sobre todas as coisas belas...”, qual é o sujeito?
- 4 Esse sujeito pratica e/ou sofre a ação expressa pelo verbo?
- 5 Portanto, o verbo está em que voz? E, nesse caso, qual é a transição do verbo? *Seria bom explicar ao aluno que, nesse caso, o pronome reflexivo se funciona como complemento do verbo **derramar**: quem derrama, derrama alguma coisa.*
- 6 No último verso, observe que o verbo *fazer* não apresenta sentido completo. E, ainda, que ele necessita de dois complementos. Qual dos dois complementos não está ligado ao verbo por preposição?

Quando o verbo necessita de dois complementos para completar o seu sentido, é chamado de **transitivo direto** e **indireto**. Mas, às vezes, o verbo precisa apenas de um complemento ligado ao verbo por preposição. Observe.

Eu **pensei** em coisas belas esta manhã.

A felicidade **depende** do olhar de cada pessoa.

Os verbos *pensar* e *depende* exigem somente um complemento regido de preposição (*em, de + o*). Por isso, recebem o nome de **transitivos indiretos**.

Transitivo direto é o verbo que necessita de complemento ligado a ele sem preposição.

Transitivo indireto é o verbo que precisa de complemento ligado a ele com preposição.

Transitivo direto e **indireto** é o verbo que exige dois complementos; um deles se liga ao verbo sem preposição; e o outro, com preposição.

Tipos de predicado

NO TEXTO

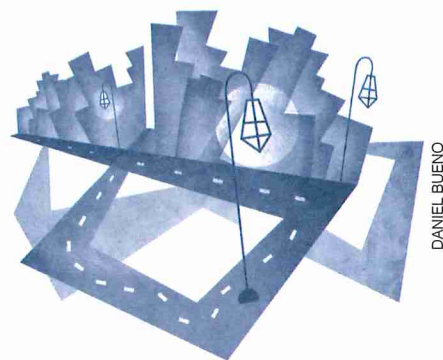
Ulisses Tavares considera-se um poeta, mas já escreveu várias obras em diferentes gêneros. Seu estilo conciso aborda, em geral, temas sociais em que critica a ação destrutiva do homem ou questões relacionadas à adolescência. Leia o seguinte poema.

Leitura

Saudade

releio seu bilhete
 beijo sua foto
 e ando assim sozinho
 um jeito meio perdido
 e meio tonto
 de quem vai encontrar
 você ali,
 naquela rua que nem percebi
 que já passei.

TAVARES, Ulisses. *Viva a poesia viva*.
 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1997. p. 32.



DANIEL BUENO

- 1 Observe que o poema quase não tem pontuação, a extensão dos versos é irregular e não há rima.
 - a) Tendo em vista o texto, de quem o eu lírico sente saudade e por quê?
 - b) Pode-se dizer que o eu lírico está inteiramente preso a esse sentimento? Esclareça sua resposta.
- 2 Releia estes versos. O primeiro é de Roseana Murray; os outros dois são de Ulisses Tavares:
 - “o mundo **é** sempre novo”;
 - “**releio** seu bilhete”;
 - “e **ando** assim sozinho”.
 - a) Em que verso o verbo liga uma característica ou qualidade a seu sujeito? Como se chama esse verbo?
 - b) Copie no caderno o predicado desse primeiro verso. Em que palavra do predicado se encontra a informação mais importante sobre o sujeito e que constitui o núcleo desse predicado?
 - c) Qual é a transitividade dos verbos *releio* e *ando*, no segundo e terceiro versos?
 - d) Os verbos *reler* e *andar* são, portanto, verbos significativos. Explique por quê.
 - e) Qual é o predicado no segundo e terceiro versos?
 - f) No segundo e terceiro versos, quais são os núcleos dos predicados, ou seja, as palavras que encerram as informações mais importantes referentes aos sujeitos?

De acordo com o núcleo do predicado, ele pode ser.

- **predicado nominal:** é formado por um **verbo de ligação** e um **núcleo nominal** que caracteriza o sujeito → “**é sempre novo**”.
- **predicado verbal:** é formado por um verbo significativo (transitivo ou intransitivo) que constitui o **núcleo verbal** → “**releio o bilhete**.”
- **predicado verbo-nominal:** é formado por um verbo significativo (**núcleo verbal**) e um nome (**núcleo nominal**) → “e **ando assim sozinho**.”

LENDO O CONTEXTO

• Predicado nominal

Leia estes versos de autoria de Jorge de Lima, poeta da segunda geração modernista. Observe que os versos curtos com rimas encadeadas dão ritmo e leveza à estrofe que celebra a chegada do descanso dominical.



DANIEL BUENO

Domingo

Amanhã é domingo pede cachimbo.
 O galo monteiro pisou na areia
 A areia é fina deu no sino.
 O sino é de prata deu na mata
 A mata é valente deu no tenente
 [...]

LIMA, Jorge de. In: BUENO, Alexei (Org.). *Jorge de Lima: poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. p. 268. (Fragmento).

Observe que nas orações em que se empregou o verbo *ser* como verbo de ligação, ele liga uma qualidade ou característica ao sujeito. Nesse caso, não é o verbo que transmite informações sobre o sujeito. A informação que temos sobre o sujeito advém somente do termo que o qualifica (predicativo do sujeito). Como o núcleo desse predicado é um **nome**, o predicado é chamado de **predicado nominal**. Observe.

“Amanhã é domingo.” “O sino é de prata.”

“A areia é fina.” “A mata é valente.”

Veja exemplos com outros verbos de ligação.

A viagem **continuava** tranquila.

A venda do imóvel **tornou-se** um problema judicial.

O expositor **pareceu-me** um pouco nervoso.

Um trecho da rodovia **ficou** interditado.

Atenção

Nem sempre os verbos de ligação funcionam como um elo entre a qualidade (ou estado) e o sujeito. Podem exprimir uma circunstância de tempo, lugar, modo etc. e, portanto, são verbos significativos, e o predicado é verbal. Observe.

O elevador **estava** no terceiro andar.

O meu avô **anda** com dificuldade.

A entrevista **continua** à tarde.

• Predicado verbal

Releia estas orações da crônica “Menino de ilha”, lida neste capítulo.

“E em breve **perdia-me** naquela doce confusão de ruídos...”
(predicado verbal)

“... as frescas mãos da maré-cheia **vinham coçar** meus pés com seus dedos de água.” (predicado verbal)

“... e **abria** as pernas aos alíseos e ao luar.” (predicado verbal)

Nessas orações, os verbos são significativos, pois expressam ações relacionadas ao sujeito. Na primeira, o núcleo do predicado é o verbo *perder* (transitivo direto), na segunda, há uma locução verbal como núcleo (*vinham coçar*). O verbo principal (*coçar*) é transitivo direto. E, na terceira oração, o núcleo do predicado é o verbo *abrir* (transitivo direto e indireto). Nesse caso, nas três orações, temos **predicado verbal**.

• Predicado verbo-nominal

Leia estes versos.

• “**A noite** aí **vem cheia** dos seus espantos.”
sujeito predicado verbo-nominal

• “**Chorei sozinha** minhas mágoas de criança.”
predicado verbo-nominal

• “...**encontrarás adormecidos** teus amigos...”
predicado verbo-nominal

Essas três orações apresentam como núcleos um **verbo significativo** e um **nome**. Na primeira oração, o verbo é intransitivo (*vem*) e o nome é *cheia*. Na segunda e terceira orações, os verbos são transitivos diretos (*chorei, encontrarás*) e os nomes são *sozinha* e *adormecidos*. Portanto, há sempre dois núcleos nesse tipo de predicado. O **núcleo nominal** é chamado de **predicativo**, como veremos adiante.

APLICAÇÃO

1 Leia estes versos de Mario Quintana.

Envelhecer

Antes, todos os caminhos iam.
Agora todos os caminhos vêm.
A casa é acolhedora, os livros poucos.
E eu mesmo preparo o chá para os fantasmas.

QUINTANA, Mario. In: CARVALHAL, Tânia Franco (Org.).
Mario Quintana: poesia completa. Rio de Janeiro:
Nova Aguilar, 2008. p. 174. © by Elena Quintana.

- Com base nos dois primeiros versos, explique o que significa *envelhecer* para o eu lírico.
- Há um certo pessimismo no modo como o eu lírico encara a velhice. O que comprova essa afirmativa no poema?
- Nos dois primeiros versos, qual é a predicação dos verbos e o predicado?
- No terceiro verso, o verbo *ser* não está repetido na segunda oração. Como se chama essa figura de estilo?
- Portanto, nesse verso, como se chama o predicado das duas orações? Qual é o núcleo do predicado?
- No quarto verso, qual é a transitividade do verbo? O predicado é verbal ou verbo-nominal? Por quê?

2 Leia esta charge de Frank & Ernest.



- A charge lida apresenta conteúdo humorístico. Como o chargista produziu humor no texto?
- Com que sentido os personagens empregaram o verbo **perder**?
- Em que oração do texto há um predicado verbo-nominal? Copie no caderno os núcleos.
- Nas demais orações como se chama o predicado? Transcreva-os.

- 3 Leia o trecho de uma crônica de Lya Luft, autora do texto “Somos gente”, que você já leu neste capítulo.

Aquelas ilusões

Achar que os pais eram todos perfeitos: eles fortes e infalíveis, as mães incondicionalmente amorosas.

Mas meu pai chorou quando sua mãe morreu, e certa vez me botou de castigo sem que eu tivesse culpa. Fiquei inquieta: se ele podia ser fraco ou errar, quem iria para sempre cuidar de mim?

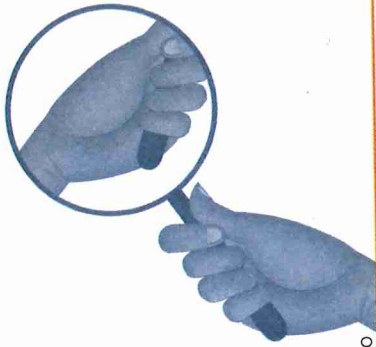
Escutei, mais de uma vez, minha mãe se queixar: “Essa menina me leva à loucura... por que não é parecida com o irmão, tão bonzinho?” (ela devia ter dito algo parecido com “ela é um saco”, só que naquele tempo a expressão não se usava).

Fiquei perturbada imaginando que ela jamais gostaria de mim tanto quanto visivelmente gostava dele.

[...]

LUFT, Lya. *Pensar é transgredir*. Rio de Janeiro: Record, 2005. p. 83. (Fragmento).

- a) De acordo com o texto, a que ilusões a narradora se refere?
- b) Como a narradora percebeu que os pais eram seres humanos, portanto não eram infalíveis?
- c) Nas orações a seguir, os predicados são verbais. Reescreva-os em seu caderno, transformando os predicados em verbo-nominais:
- “Escutei, mais de uma vez...”
 - “Mas meu pai chorou quando sua mãe morreu.”
- d) Copie no caderno os predicados nominais no texto e os respectivos núcleos chamados de predicativos.
- e) Construa uma oração com predicado verbo-nominal, empregando o verbo *achar*. Copie no caderno os núcleos.
- f) Neste período: “quem iria para sempre cuidar de mim?”,
- há duas orações;
 - há uma locução verbal;
 - o predicado é verbal;
 - o predicado é verbo-nominal;
 - o verbo principal é transitivo direto;
 - o verbo principal é transitivo indireto;
 - o sujeito *você* está oculto;
 - o sujeito simples é o pronome *quem*.
- Transcreva, no caderno, as respostas corretas.
- g) Reescreva, no caderno, a oração a seguir, substituindo a locução verbal por uma única forma verbal: “...ela devia ter dito algo parecido”. Compare a mudança de sentido entre as duas orações.
- 4 Há diferentes explicações para o fato de uma pessoa ser canhota. Leia o que já se respondeu sobre isso.



DANIEL BUENO

Por que existem canhotos?

A razão de algumas pessoas preferirem a mão direita e outros a esquerda é um dos mistérios da ciência. Sério, está ali, ali com “de onde viemos” e “para onde vamos”. Ninguém sabe ao certo por que não somos todos ambidestros (as vantagens seriam óbvias) ou, se era para escolher um lado, todos destros de uma vez. O fato é que 10% da humanidade teima em ser canhota, intrigando geneticistas, neurologistas e antropólogos.

Em 2004, um estudo dos franceses Charlotte Faurie e Michel Raymond defendeu que os canhotos conquistaram a sua cota na marra: por surpreender no combate corpo a corpo, o uso da mão esquerda era favorecido pela seleção natural.

Já na seleção artificial, só desvantagem – até a metade do século 20, por exemplo, só se ensinava a escrever com a mão direita. Volta e meia ainda saem pesquisas dizendo que os canhotos morrem antes, porque a porcentagem deles diminui conforme aumenta a faixa etária. Na verdade, isso é reflexo do antigo preconceito: há menos canhotos entre os idosos porque muitos foram obrigados a ser destros.

[...]

URBIM, Emiliano. *Superinteressante*, São Paulo, n. 268, p. 42, ago. 2009. (Fragmento).

- a) Segundo o texto, nem a ciência conseguiu explicar ainda a existência de pessoas canhotas. Qual é a sua opinião quanto a forçar um canhoto a ser destro?
- b) Nas lendas ocidentais há o relato de que tudo que se relacionava com o lado esquerdo tinha conotação negativa. Isso explica o emprego da palavra latina *sinistro* como sinônimo de canhoto. Que fato no texto comprova esse negativismo, ainda hoje?
- c) Qual é a explicação para o fato de que existem menos idosos canhotos?
- d) Em qual oração o verbo *ser* ou *estar* forma predicado verbal e não, predicado nominal? Justifique sua resposta no caderno.
 - “...porque não somos todos ambidestros.”
 - “...as vantagens seriam óbvias.”
 - “Sério, está ali...”
 - “Na verdade, isso é reflexo do antigo preconceito.”
- e) Qual o sujeito do verbo *ser* cujo predicado está no primeiro período do texto: “é um dos mistérios da ciência”? Observe a concordância do verbo com o sujeito.
- f) Esse também é o sujeito de que outro predicado no texto?
- g) Qual é o núcleo do sujeito do verbo *defender*, no início do segundo parágrafo? Esclareça sua resposta.
- h) Nesta oração: “Volta e meia ainda saem pesquisas...”, qual é o predicado? Copie no caderno a transitividade do verbo.
- i) Reescreva a oração do item **h**, transformando o predicado em verbo-nominal.

5 Leia a seguinte tira.

CALVIN



Bill Watterson

1989 WATTERSON / DIST. BY ATLANTIC SYNDICATION/UNIVERSAL UCLICK

- No início do texto, Calvin faz um pedido ao pai que se recusa a atendê-lo. O que dá conotação humorística à tira?
- Observe o emprego do verbo **esquecer**, no primeiro e terceiro quadrinhos. O que você percebeu quanto à transitividade desse verbo?
- Em que oração o núcleo do predicado nominal é um pronome?
- Escreva no caderno a oração em que o verbo destacado não é intransitivo.
 - “Não dá para **voltar**, Calvin.”
 - “...pra **sair** de casa.”
 - “...como **chegar** nesse lugar...”
 - “Você podia ter se **aprontado** mais cedo.”

O SUJEITO E O PREDICADO NO CONTEXTO

O poeta alagoano Jorge de Lima (1893-1953) fez parte da segunda geração modernista, como já foi dito, apesar da influência parnasiana em suas primeiras obras. No poema a seguir, ele trabalha a técnica da versificação moderna, ao usar versos livres e estrofes irregulares.

Leitura

Volta à casa paterna

É tarde e eu quero entrar em casa,
que a noite vem aí, cheia dos seus espantos.
A luz foi intensa, o dia foi **cálido**,
o ritmo das horas é monótono e irreal.
As danças do pátio, as paisagens de fora,
os caminhantes são falsos.
Os caminhos são errados.
Os ritmos são errados.
Os poemas são outros.
A noite aí vem cheia dos seus espantos.
Há uma rede aqui dentro que me embalou.
Há na parede da sala uma estampa sagrada
que por mim chorou.
Há um raio de lua no corredor.
Será a alma de meu pai que Deus mandou?

Casa, doce casa sem elevador,
cadê o *Ford* que me levou?

Há sombras que passam, fantasmas que vão,
que vêm, que choram, que riem, que me beijam...
Há um livro aberto
na minha mesa:

Padre Nosso que estás no céu, santificado,
vem a nós... assim na terra...

LIMA, Jorge de. In: BUENO, Alexei (Org.).
Jorge de Lima: poesia completa.
Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.
p. 291. (Fragmento).

【 **Cálido**: quente, ardente. 】

- 1** A temática abordada nesse poema foi trabalhada por outros autores, como o poeta parnasiano Luís Guimarães Júnior, no soneto “Visita à casa paterna”.
- Releia os dois primeiros versos do texto e explique por que o eu lírico deseja voltar à casa paterna.
 - Como foram as experiências do eu lírico durante o tempo em que viveu distante da casa paterna?
- 2** No poema há um verso que se repete, com pequenas alterações, e que praticamente divide o texto em dois momentos: o da ida e o da volta.
- Qual é esse verso? Explique, no caderno, o sentido que ele expressa, comparando-o ao verso que lhe é similar.
 - Na segunda parte do poema, o eu lírico parece buscar um refúgio, para reencontrar-se. Como acontece, então, essa volta?
- 3** Observe, no poema, o emprego de advérbios e locuções adverbiais cujos sentidos se opõem. Por exemplo, quando o eu lírico situa sua vida longe de casa e, agora, vivendo nela.
- Copie no caderno os versos a que se relacionam esses advérbios e as locuções adverbiais. Explique a diferença de emprego no contexto.
 - Na segunda estrofe formada apenas por dois versos, chamada dístico, que ideia parece sugerir o primeiro verso?
 - Ainda na segunda estrofe, que figura de estilo foi empregada?
- 4** Na casa, o eu lírico já não se sente mais sozinho, pois retornam as lembranças e as visões da infância.
- Na terceira estrofe, que efeito produz a repetição do pronome relativo *que*?
 - O que poderia simbolizar o livro aberto sobre a mesa e, em seguida, na quarta estrofe, a oração que se inicia?
- 5** Releia estes versos.
- “É tarde e eu quero entrar em casa,
que a noite vem aí, cheia dos seus espantos.
A luz foi intensa, o dia foi cálido,
o ritmo das horas é monótono e irreal.”
- Qual é a oração sem sujeito e o predicado verbo-nominal encontrados nesses versos?
 - Transcreva no caderno os núcleos dos predicados nominais em cada oração.
 - Qual é o sujeito e o seu núcleo no quarto verso?
 - Há predicado verbal apenas em que verso?
- 6** Observe os verbos destacados nas orações a seguir:
- “Padre nosso que **estás** no céu, santificado,”
 - Padre nosso que **estás** no céu santificado.
- Responda.
- Que alteração de sentido ocorre, em relação à primeira oração, ao se retirar a vírgula da segunda?
 - Portanto, qual é a diferença na predicação dos verbos, e em relação aos predicados?
- 7** No poema, observa-se o emprego repetido do verbo *haver*.
- Que sentido ele apresenta e por que houve essa repetição?
 - Como são chamadas essas orações com o verbo *haver*?

Termos relacionados ao verbo

NO TEXTO

Bartolomeu Campos Queirós é mineiro e reside em Belo Horizonte. Escreve desde 1974 para o público infantojuvenil, tendo recebido os mais importantes prêmios concedidos a autores cuja produção literária se destina a jovens. Sua poesia parece música pelo ritmo das palavras. Sintonizado com seu tempo, o poeta celebra em sua obra a natureza, o homem e seus anseios diante da vida.

Leia este texto em prosa poética.

Leitura

[...]

Para bem criar passarinho é proveitoso ignorar as grades, as prisões, as teias. É bom se desfazer das paredes, cercas, muros e soltar-se, deixar-se vagar entre perfume e brisa. É melhor ainda não dispor de trilhas ou veredas e ter o ar inteiro como um espaço pequeno para a ligeireza das asas.

Para bem criar passarinho é bom construir uma gaiola, mais ampla que a terra, de janelas abertas para o universo com seus planetas e constelações. E, depois, há que vigiar o sabor das frutas maduras nas árvores e provar do conteúdo das sementes.

[...]

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos. *Para criar passarinho*. Belo Horizonte: Miguilim, 2000. p. 11. (Fragmento).

- 1 O texto em prosa poética é escrito em linhas contínuas quanto à forma, apresenta uma linguagem subjetiva em relação ao conteúdo, expressando sentimentos ou emoções por meio dos chamados recursos estilísticos (figuras de linguagem).
 - a) Explique por que esse texto desenvolve um conteúdo poético.
 - b) Segundo o texto, como se deve criar passarinhos? Por quê?
 - c) Pode-se dizer que há uma crítica em relação à convivência do homem com os animais? Esclareça sua resposta.
 - d) No segundo parágrafo, o que simboliza a “gaiola, mais ampla que a terra, de janelas abertas para o universo com seus planetas e constelações”?
- 2 No texto, há palavras ou expressões que se ligam a verbos. Algumas completam o verbo, outras apenas acrescentam uma circunstância.
 - a) No primeiro parágrafo, que palavras ou expressões completam o sentido dos verbos *criar* e *ignorar*? Como elas estão ligadas a esses verbos?



ANDRÉA VILELA

b) Ainda no primeiro parágrafo, os verbos *desfazer-se* e *dispor* não têm sentido completo. Que expressões os completam?

- De que modo essas expressões estão ligadas a seus verbos?

c) Escreva no caderno as palavras e expressões que se ligam a verbos, que aparecem nos primeiro e segundo parágrafos, que exprimem as circunstâncias relacionadas abaixo.

- lugar
- modo
- finalidade
- tempo

LENDO O CONTEXTO

Como já vimos, as palavras são organizadas em orações e relacionam-se entre si, de acordo com a sintaxe da língua portuguesa. Os termos podem ligar-se a **verbos** ou a **nomes**. Relacionam-se ao verbo: o **objeto direto** e o **objeto indireto**, bem como o **adjunto adverbial** e o **agente da passiva**. Veja-mos cada um desses termos.

Objeto direto

NO TEXTO

Você já leu, no capítulo anterior, um poema de Roseana Murray, “Receita de olhar”. No poema a seguir, a autora revela a mesma sensibilidade e harmonia na escolha das palavras ao compor os versos. Veja como isso acontece neste poema.

Leitura

Peixes azuis

Varrer a casa,
varrer o pátio,
a calçada,
arrancar do jardim
as ervas daninhas,
abrir espaço,
limpar as águas
por onde irão passar
os peixes azuis da vida.

MURRAY, Roseana. *Rios de alegria*.
São Paulo: Moderna, 2005. p. 9.

- 1 Observe o emprego da maioria dos verbos no infinitivo. Que sentido eles apresentam, já que podem ser substituídos pelo imperativo?
- 2 No poema, onde aparece a linguagem figurada? O que o eu lírico nos sugere, ao nos aconselhar uma boa organização e limpeza de cada lugar em que vivemos?
- 3 Escreva no caderno os verbos e os complementos que se ligam a eles sem preposição, ou seja, diretamente.
- 4 Qual é a transitividade desses verbos que exigem complemento sem preposição?

ANDRÉA VILELA



Os termos que integram ou completam o sentido de verbos transitivos diretos são chamados de **objeto direto**.

Atenção

- Há casos em que o objeto direto pode vir com uma preposição: é o chamado **objeto direto preposicionado**. Nesses casos, a preposição é usada por necessidades expressivas ou por outras razões, e não porque o verbo a exija. Leia os exemplos a seguir.

Eu considerava **a ti** meu melhor amigo. (objeto direto preposicionado, com o pronome oblíquo tônico)

O guia **a quem** contratou é experiente. (objeto direto preposicionado, com o pronome relativo *quem*)

A aluna pegou **da caneta** e redigiu o texto. (objeto direto preposicionado, valor partitivo).

Recebeu a família **a você**. (objeto direto preposicionado, para evitar ambiguidade. No caso, para que fique claro que o sujeito da oração é *a família* e que *a você* é o complemento do verbo)

- O objeto direto pode vir repetido numa oração por um pronome pessoal átono, para realçar uma ideia já expressa, recebendo o nome de **objeto direto pleonástico**. Observe estes exemplos.

Os moradores ajudavam-se **uns aos outros**, após a enchente. (*se*: objeto direto pleonástico; *uns aos outros*: objeto direto, em expressões com sentido recíproco)

Meus pais, amo-**os** de uma forma especial. **A canção**, a dupla apresentou-**a** no festival.
 objeto direto objeto direto pleonástico objeto direto objeto direto pleonástico

- Os pronomes pessoais oblíquos *o*, *a*, *os* e *as* funcionam sempre como objeto direto. Veja.

Nossa resposta deixou-**o** constrangido. Vou recebê-**lo** amanhã.

Objeto direto é o complemento que se liga ao verbo transitivo direto, ou transitivo direto e indireto, sem preposição.

Objeto indireto

NO TEXTO

Você já leu, no capítulo anterior, o poema “Saudade”, de Ulisses Tavares, que trata o tema da separação de um casal de namorados. No poema a seguir, o autor aborda uma questão social. Leia o texto.

Leitura

Menor abandonado

são tantos menores
 abandonados pelas calçadas
 que um dia os maiores
 acabam tropeçando neles
 e param de fingir
 que ainda não notaram.

TAVARES, Ulisses. *Viva a poesia viva*. São Paulo: Saraiva, 1997. p. 59.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

- 1 Apesar da pequena extensão do texto, nele se encontram críticas a problemas sociais bem presentes.
 - a) O que você saberia dizer sobre o problema exposto no primeiro e segundo versos?
 - b) Segundo o texto, os menores abandonados vivem à margem da sociedade, e os adultos não se preocupam com eles. Você concorda com isso?
- 2 Releia estes versos.

“que um dia os maiores acabam tropeçando neles e param de fingir”

 - a) Quais são os complementos dos verbos *tropear* e *parar*?
 - b) Como esses complementos estão ligados aos verbos, e que nome esses verbos recebem?

LENDO O CONTEXTO

O complemento de um verbo transitivo indireto é chamado de **objeto indireto**. Portanto, os complementos *neles* e *de fingir* funcionam como objeto indireto.

Atenção

O objeto indireto pode ser repetido em uma oração por um pronome oblíquo átono, para realçar uma ideia expressa antes. Nesse caso, chama-se **objeto indireto pleonástico**. Observe.

A ti confiei-te meus segredos. Aos amigos, enviei-lhes um convite.
 objeto indireto objeto indireto pleonástico objeto indireto objeto indireto pleonástico

Os pronomes *lhe/lhes* são os indicados para substituir um objeto indireto em terceira pessoa.

Objeto indireto é o complemento que se liga ao verbo transitivo indireto ou transitivo direto e indireto por meio de uma preposição.

Adjunto adverbial

NO TEXTO

Bill Watterson é o criador de Calvin e Haroldo, personagens de uma crônica em quadrinhos que retrata o cotidiano de um garoto de seis anos, seu tigre de pelúcia e de sua família. Seu primeiro livro foi publicado em 1985 e conquistou o público mundial. Em 1996, o quadrinista decidiu encerrar a publicação dessa obra e dedicar-se a outros projetos, após escrever quatorze livros da coleção e ganhar prêmios importantes. Leia uma de suas tiras.



O advérbio *tão* funciona como **adjunto adverbial de intensidade**, a locução adverbial *às vezes* como **adjunto adverbial de tempo** e *meticulosamente* como **adjunto adverbial de modo**.

Adjunto adverbial é um termo que se relaciona a um verbo, adjetivo ou advérbio, exprimindo circunstância ou intensidade.

Agente da passiva

NO TEXTO

Manoel de Barros nasceu em Cuiabá, em 1916, e vive hoje em Campo Grande. Publicou seu primeiro poema aos 19 anos. Hoje, além de escritor, é advogado e fazendeiro. Alguns o comparam a Guimarães Rosa pelo trabalho que realiza com as palavras. É dele esta frase: “Noventa por cento do que escrevo é invenção. Só dez por cento é mentira”. Leia esta estrofe do autor.

Leitura

XIII

As coisas não querem mais ser vistas por pessoas razoáveis:

Elas desejam ser olhadas de azul —

Que nem uma criança que você olha de ave.

BARROS, Manuel de. *O livro das ignorâncias*. Rio de Janeiro: Record, 2000. p. 21.

- 1 Como você percebeu, a linguagem de Manoel de Barros apresenta lirismo, e as palavras ganham novas construções e sentidos.
 - a) Que interpretação se pode dar ao primeiro e ao segundo versos?
 - b) Observe a construção final do terceiro verso: “olhadas *de azul*”. Explique como seria olhar as coisas de azul.
 - c) No último verso, há uma comparação entre o modo de olhar as coisas e o modo de olhar uma criança (“que você olha *de ave*”). O que há em comum nesse olhar?
- 2 Releia estes versos: “As coisas não querem mais **ser vistas por pessoas razoáveis**”.

A segunda oração, destacada, se fosse desenvolvida, ficaria desta forma: que elas sejam vistas por pessoas razoáveis.

 - a) Qual seria então o sujeito dessa oração? Ele pratica ou sofre a ação expressa pelo verbo?
 - b) Portanto, em que voz está flexionado o verbo *ver*?
 - c) Nessa oração, que termo indica quem pratica ou exerce a ação expressa pelo verbo passivo?
 - d) Como fica essa oração quando colocada na voz ativa?

LENDO O CONTEXTO

O termo que pratica a ação verbal na voz passiva analítica chama-se **agente da passiva**. Como já vimos, a voz passiva analítica é formada por um verbo auxiliar (*ser* ou *estar*) e o verbo principal (transitivo direto ou

transitivo direto e indireto). Os verbos transitivos indiretos, intransitivos e de ligação não admitem a voz passiva, somente a voz ativa.

Atenção

A única exceção a essa regra é o verbo obedecer, que é transitivo indireto e admite a voz passiva: As regras serão obedecidas **por todos**.

Agente da passiva é o termo da oração que pratica a ação expressa pelo verbo na voz passiva.

APLICAÇÃO

1 Leia o anúncio publicitário.

REPRODUÇÃO

O vento também deixa uma sensação de frescor. Mas não tira a oleosidade da pele.

Para limpar a pele profundamente, conheça a inovadora Espuma de Limpeza Deep Clean Energizing. A solução líquida que se transforma em espuma e penetra com muito mais facilidade nos poros. Remove a oleosidade e as impurezas da pele, deixando uma incrível sensação de frescor energizante. Espuma de Limpeza Deep Clean Energizing. Sua pele energizada e você mais bonita.

Neutrogena

TESTADO POR DERMATOLOGISTAS
www.neutrogena.com.br

O vento também deixa uma sensação de frescor. Mas não tira a oleosidade da pele.

Para limpar a pele profundamente, conheça a inovadora Espuma de Limpeza Deep Clean Energizing. A solução líquida que se transforma em espuma e penetra com muito mais facilidade nos poros. Remove a oleosidade e as impurezas da pele, deixando uma incrível sensação de frescor energizante. Espuma de Limpeza Deep Clean Energizing. Sua pele energizada e você mais bonita. TESTADO POR DERMATOLOGISTAS
www.neutrogena.com.br

- O anunciante utilizou as linguagens verbal e visual (não verbal) para a divulgação de um novo produto no mercado. Que qualidade desse produto ele destaca no primeiro texto, ao lado da imagem?
- Leia estas duas frases.

“O vento também deixa uma sensação de frescor.”
O vento deixa uma sensação de frescor.

 - Qual é a diferença de sentido entre elas, de acordo com o contexto?
 - Portanto, que palavra o anunciante empregou para dizer que o seu produto tem frescor?
- Ainda nesse texto, explique o sentido da conjunção coordenativa *mas* e sua função em relação à oração anterior.



ANDRÉA VILELA

Maçarocas: rolos.]

- d) Quase todos os verbos do texto são transitivos diretos. Escreva no caderno os dois verbos que apresentam transitividade diferente. Justifique.
- e) Quais são os termos (objetos diretos) que completam o sentido dos verbos transitivos diretos no texto do anúncio?
- f) Nesta frase: “Sua pele energizada e você **mais** bonita”, qual é a classe gramatical da palavra destacada e que sentido ela acrescenta ao adjetivo?
- g) Que advérbio e locução adverbial nos informam sobre o modo como a espuma de limpeza facial age na pele?
- h) Releia esta frase: “e penetra com **muito** mais facilidade nos poros”.
 - Por que a palavra *muito* permanece invariável e não concorda com o substantivo *facilidade*?

- 2 Milton Hatoum, escritor contemporâneo nascido em Manaus, é o autor do conto “O adeus do comandante”. Você já leu trechos de outros contos desse autor neste livro, como “A casa ilhada” e “Varandas da Eva”. Leia, agora, o trecho a seguir.

O adeus do comandante

Posso entrar?

A voz conhecida veio da porta da sala: o rosto vermelho, em brasa, o cabelo branco molhado de suor, a rede enrolada debaixo do braço.

Na tarde daquele domingo de junho, muita gente na cidade esperava a primeira imagem na TV. Os papagaios e as **maçarocas** de linha com cerol tinham sido abandonados no quintal, mas o céu ainda estava salpicado de papel colorido. Um grupo de jovens formava um meio círculo na sala; outros, ansiosos, espreitavam a tela através de tijolos vazados.

O velho largou a rede no chão:

Vão ficar olhando essa tela piscar ou querem ouvir uma história?

Os netos e seus amigos pediram a bênção, ele estendeu a mão amorenada e sentou num banco. O corpo do velho cobriu a tela. Ele acabara de chegar do Médio Amazonas e trazia o cheiro do barco, da viagem e da caçada.

[...]

HATOUM, Milton. *A cidade ilhada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 45. (Fragmento).

- a) O conto é um gênero do tipo narrativo, apresentando enredo, narrador e um único conflito, do qual participam poucos personagens. Que tipo de narrador se pode identificar nesse trecho?
- b) De acordo com a descrição no primeiro parágrafo, quem seria o velho contador de histórias?
- c) O que se pode concluir quanto ao interesse das pessoas pelas narrativas do velho? Por quê?
- d) Releia esta oração: “Os papagaios e as maçarocas de linha com cerol **tinham sido abandonados** no quintal...”.

- Qual é o sujeito dessa oração e como é classificado? Ele exerce a ação expressa pelo verbo ou a sofre? Em que voz está o verbo?
 - Nesse caso, poderia haver um agente da passiva. Reescreva essa oração com esse termo, com base no texto.
- e) Muitos dos adjuntos adverbiais do texto apresentam circunstância de lugar. Dê dois exemplos.
- f) Explique por que se empregou o adjunto adverbial no início do segundo parágrafo, escreva-o no caderno e diga que circunstância ele expressa.
- g) Que adjunto adverbial, expresso por locução adverbial, mostra o modo como alguns personagens tentam ver a imagem na televisão?
- h) Esta oração, “O corpo do velho cobriu a tela”, sugere que interpretação, tendo em vista o contexto?
- i) O verbo *cobrir* apresenta sentido completo? Explique por quê.
- j) Releia esta oração: “mas o céu ainda estava salpicado **de papel colorido**”.
- Que função sintática exerce o termo destacado? Esclareça sua resposta.
 - Reescreva essa oração colocando esse termo (*papel colorido*) como sujeito.
- k) Escreva no caderno o exemplo de enumeração que aparece no último parágrafo do texto.
- Que função sintática essa figura de linguagem exerce no contexto?

- 3** Olavo Bilac (1865-1918) ficou conhecido como o Poeta das Estrelas, por sua obra “Via Láctea”, da qual faz parte o poema a seguir. Considerado o mais talentoso poeta do Parnasianismo, seguiu o rigor formal da escola; também produziu sonetos em que uniu a perfeição da forma ao lirismo romântico. Leia um de seus sonetos.

Via Láctea

“Ora (dizeis) ouvir estrelas! Certo
Perdeste o senso!” Eu vos direi, no entanto,
Que, para ouvi-las, muita vez desperto
E abro as janelas, pálido de espanto...

E conversamos toda a noite, enquanto
A Via Láctea, como um pálio aberto,
Cintila. E, ao vir do sol, saudoso e em pranto,
Inda as procuro pelo céu deserto.

Dizeis agora; “Tresloucado amigo!
Que conversas com elas? Que sentido
Tem o que dizem, quando estão contigo?”

E eu vos direi: “Amai para entendê-las!
Pois só quem ama pode ter ouvido
Capaz de ouvir e de entender estrelas.”

BILAC, Olavo. In: BUENO, Alexei (Org.). *Olavo Bilac: obra reunida*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996. p. 117.

- a) O soneto é um poema de forma fixa que apresenta duas estrofes de quatro versos cada (quartetos), e duas de três versos (terceiros). Observe o tipo de rimas no final dos versos e classifique-as.
- b) Nos versos parece haver um diálogo entre o eu lírico e um amigo. Que características e passagens do soneto confirmam o subjetivismo?

- c) A personificação das estrelas, que conversam com o eu lírico, também caracteriza a linguagem subjetiva que predomina no poema. Na última estrofe, encontra-se a *chave de ouro* do soneto, isto é, as ideias essenciais. Interprete essa estrofe.
- d) No primeiro verso, que palavra equivale a *certo*? Que função sintática ela apresenta?
- e) Que valor coesivo apresenta a conjunção coordenativa aditiva e, no início de alguns versos?
- f) Que palavras no poema retomam o substantivo *estrelas*, substituindo-o e, dessa forma, evitando a repetição?
- g) Que função sintática exercem esses pronomes no contexto?
- h) Releia o verso: “Tem o que dizem, quando estão **contigo**?”
- Qual é a função sintática do pronome destacado?
- 4 Leia a tira produzida por Jim Davis, cartunista criador do gato Garfield, personagem que encarna alguns defeitos da sociedade contemporânea.



- a) Como se explica a atitude de Garfield, que reage com agressividade, no segundo quadrinho?
- b) Qual é o nome da figura de linguagem que expressa som ou ruído, no segundo quadrinho? O que significa este som?
- c) Que efeito produz a repetição da letra e, no último quadrinho?
- d) Em que voz está o verbo da oração do primeiro quadrinho? Observe o sujeito.
- e) Portanto, qual é a função sintática do complemento da forma verbal *sou considerado*?
- 5 A estrofe a seguir faz parte do livro *O espelho mágico*, de Mario Quintana, de quem já vimos alguns textos.

XXIII. Dos nossos males

A nós nos bastem nossos próprios ais,
Que a ninguém sua cruz é pequenina.
Por pior que seja a situação da China,
Os nossos calos doem muito mais...

QUINTANA, Mario. In: CARVALHAL, Tania Franco (Org.).
Mario Quintana: poesia completa. São Paulo:
Nova Aguilar, 2005. p. 215. © by Elena Quintana.

- a) Observe que os versos da quadra apresentam rima. Como se chama esse tipo de rima quanto à disposição na estrofe e ao valor?

- b) Os termos estão em ordem inversa nos versos, com exceção do último. Essa figura de linguagem chama-se hipérbato. Reescreva os versos na ordem direta, fazendo pequenas alterações, tendo em vista o sentido.
- O que você observou depois de colocar os termos, em cada verso, na ordem direta?
- c) No poema, há palavras empregadas em sentido metafórico ou figurado. O que simbolizam: “nossos próprios **ais**”, a “**cruz**” e “nossos **calos**”?
- d) Releia o poema na ordem direta. No primeiro verso, que termos completam o sentido do verbo *bastar*?
- e) Neste verso: “Por **pio**r que seja a situação da China”, a palavra destacada é comparativo de *mau* ou de *mal*? Por quê?
- f) Em “Os nossos calos doem muito mais...”, há dois adjuntos adverbiais.
- Escreva-os no caderno, diga que circunstâncias eles expressam e que termos modificam.

OS TERMOS RELACIONADOS AO VERBO NO CONTEXTO

Leia este anúncio.

REPRODUÇÃO

Você torce tanto pela gente, que só existe uma forma de agradecer: torcer por você.

Promoção Ourocard BB 200 Anos. Use seu Ourocard e concorra todo mês a R\$ 200 mil.

Cada R\$ 100 em compras vale um número da sorte para você concorrer a um superprêmio mensal de R\$ 200 mil e a mais 1.000 prêmios, todo mês, de R\$ 200 em crédito no cartão. Para participar, basta usar o seu Ourocard no débito ou no crédito e você já estará concorrendo. São mais de R\$ 3 milhões para 8 mil ganhadores até o final do ano. Confira quem já foi premiado no bb.com.br/promocoessourocard.

Banco do Brasil. 200 anos fazendo o futuro.

OUROCARD DO FALCÃO

Central de Atendimento BB Capitais e Regiões Metropolitanas - 4004 0001 Demais Localidades - 0800 729 0001 Ouvidoria BB - 0800 729 5678

Você torce tanto pela gente, que só existe uma forma de agradecer: torcer por você.

Promoção Ourocard BB 200 Anos. Use seu Ourocard e concorra todo mês a R\$ 200 mil.

Cada R\$ 100 em compras vale um número da sorte para você concorrer a um superprêmio mensal de R\$ 200 mil e a mais 1.000 prêmios, todo mês, de R\$ 200 em crédito no cartão. Para participar, basta usar o seu Ourocard no débito ou no crédito e você já estará concorrendo. São mais de R\$ 3 milhões para 8 mil ganhadores até o final do ano. Confira quem já foi premiado no bb.com.br/promocoessourocard.

Banco do Brasil. 200 anos fazendo o futuro.

Se você ainda não tem um Ourocard, peça já o seu pelo bb.com.br. Disponível também para não-correntistas.

Ourocard do Falcão

Central de Atendimento BB Capitais e Regiões Metropolitanas_ 4004 0001 Demais Localidades – 0800 729 0001 Ouvidoria BB – 0800 729 5678

- 1 Que recursos o anunciante empregou no trecho em letras maiores, na parte superior, para se tornar mais próximo do público-alvo?
- 2 Com a leitura do texto que aparece logo abaixo do trecho em letras maiores, fica claro o motivo da torcida. Qual é o objetivo do anunciante?

- 3 O anúncio publicitário é um texto persuasivo que visa influenciar o consumidor, por isso há o emprego do imperativo. Escreva no caderno algumas frases em que se usou esse modo verbal.
- 4 Observe o emprego da palavra **só**, no trecho em letras maiores, e em outra frase, e explique como funciona o termo em cada uma.
- “Você torce tanto pela gente que **só** existe uma forma de agradecer”
 - Você não está **só** ao participar.
- 5 No trecho em letras maiores, qual é o verbo transitivo, ou seja, o verbo que pede um complemento? Qual é o complemento?
- 6 No texto logo abaixo do trecho em letras maiores, que termos se relacionam a verbos? Que função sintática eles exercem?
- 7 Explique a diferença de transitividade do verbo destacado nestas frases.
- “para você **concorrer** a um superprêmio mensal”
 - “e você já estará **concorrendo**.”
- 8 Releia este período: “Confira quem já **foi premiado** no bb.com.br”.
- a) Qual é o sujeito? Esse sujeito exerce ou sofre a ação de premiar?
- b) Em que voz está o verbo *premiar*? Observe que não há um complemento após o verbo.
- Reescreva o período acrescentando o complemento. Como se chama esse complemento?
- 9 Releia este período: “Se você **ainda** não tem um Ourocard, peça **já** o seu pelo bb.com.br.”
- Reescreva-o sem os adjuntos adverbiais de tempo, e, depois, compare-o com a forma original, explicando a mudança de sentido.

Termos relacionados ao nome

NO TEXTO

Quino, cartunista argentino, criou o personagem Mafalda, que simboliza o humor reflexivo e instigante. Iniciou esse trabalho em 1964, e após anos de sucesso passou a ser desenhista na revista semanal do jornal *Clarín*. Jornais e revistas do mundo todo continuam a publicar sua obra-prima. Leia a tira a seguir.

MAFALDA



- 1 No texto, o pai de Mafalda diz à sua mulher que não vai ao trabalho por estar sem vontade. Qual foi a reação dela?
- 2 No último quadrinho, o marido se arruma, certamente para ir ao trabalho. O que justifica seu pensamento e confere humor à tira?
- 3 No primeiro e terceiro quadrinhos, que palavras ou expressões completam nomes? Qual é a classe gramatical desses nomes?
- 4 No segundo quadrinho, a que palavra o termo *atrasado* se refere? Qual é a classe gramatical dessa palavra?

Como há termos que se ligam a verbos, existem também termos que se ligam a nomes, completando-os. Por exemplo, o termo *o*, na tira vista, liga-se ao substantivo *casamento*, assim como o adjetivo *pequenos* liga-se ao substantivo *subentendidos*.

LENDO O CONTEXTO

Os termos relacionados ao nome são chamados de **adjunto adnominal** (*o, pequenos*), **complemento nominal** (*de trabalhar, de pequenos subentendidos*), **predicativo do sujeito** (*atrasado, cheio*), **predicativo do objeto**, **aposto** e **vocativo**. Vejamos cada um desses termos.

Adjunto adnominal

NO TEXTO

Cruz e Sousa, o maior poeta do Simbolismo brasileiro, era filho de negros escravos, mas recebeu uma instrução elevada, ao ser amparado por uma família de recursos. Sofreu preconceitos, apesar de sua cultura e talento poético. No capítulo em que vimos Interjeição, você leu um poema desse autor. Conheça agora um de seus belos sonetos.

Leitura

Sorriso interior

O ser que é ser e que jamais vacila
Nas guerras imortais entra sem susto,
Leva consigo este brasão augusto
Do grande amor, da grande fé tranquila.

Os abismos carnavais da triste argila
Ele os vence sem ânsias e sem custo...
Fica sereno, num sorriso justo,
Enquanto tudo em derredor oscila.

Ondas interiores de grandeza
Dão-lhe esta glória em frente à Natureza,
Esse esplendor, todo esse largo eflúvio.

O ser que é ser transforma tudo em flores...
E para ironizar as próprias dores
Canta por entre as águas do Dilúvio!

SOUSA, João da Cruz e. *Poesias completas de Cruz e Sousa*. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d. p. 110.

- 1 Cruz e Sousa buscou os recônditos da alma humana, tentando expressá-la, e sua poesia tem um grande apelo espiritual e místico.
 - a) Na primeira estrofe, o que representa o “brasão augusto” que o ser carrega como se fosse uma proteção ou um escudo?
 - b) Interprete a linguagem figurada da segunda estrofe e explique que outros empecilhos esse ser precisa enfrentar e de que modo.
 - c) Com base nos dois tercetos, descreva como é esse ser que mantém um sorriso justo diante das dores.

Eflúvio: perfume, aroma.

2 Nesse soneto há várias palavras que modificam os substantivos, atribuindo-lhes características ou determinando-os.

a) Escreva no caderno as palavras da primeira estrofe que se referem aos substantivos: *ser, guerras, brasão, amor e fé*.

• A que classe gramatical pertencem essas palavras que se referem aos substantivos que você identificou?

b) Escreva no caderno os substantivos que aparecem na terceira estrofe e classifique as palavras que os modificam.

LENDO O CONTEXTO

As palavras que modificam um substantivo, caracterizando-o ou determinando-o, são chamadas **adjuntos adnominais**. Podem exercer essa função sintática não só os artigos e adjetivos, mas ainda os pronomes adjetivos, os numerais e as locuções adjetivas. Veja ainda.

“E para ironizar as próprias dores,

artigo pronome substantivo

Canta por entre as águas do Dilúvio!”

artigo substantivo locução adjetiva

Atenção

Há casos em que o adjunto adnominal pode ser expresso por um pronome pessoal oblíquo com valor de um possessivo. Observe.

Afagou-lhe o rosto.

verbo transitivo direto (seu)

As pedras machucaram-me os pés.

verbo transitivo direto (meus)

Adjunto adnominal é o termo da oração que modifica um substantivo, caracterizando-o ou determinando-o.

Complemento nominal

NO TEXTO

Dik Browne (1917-1989) começou como repórter em Nova York. Tornou-se desenhista de mapas na Segunda Guerra Mundial e, em 1973, como cartunista americano, criou a série com o personagem *viking* Hagar, o Horrível. Por esse trabalho, ganhou, durante três anos, o prêmio Melhor do Humor. Em 1988, aposentou-se e passou a residir na Flórida. Seu filho, Chris Browne, desenha hoje as tiras de Hagar, que completaram 30 anos. Leia.



- 1 Ao ser atacado por uma “saraivada” de flechas, Hagar se lembra de seu amigo Eddie Sortudo. O que explica, de fato, a ausência de Eddie?
- 2 Releia esta frase: “Ele é alérgico a quê?”.
 - a) Você observou que, no primeiro quadrinho, o personagem não diz a Hagar que tipo de alergia Eddie Sortudo tinha. Por isso, Hagar faz essa pergunta a ele. O que faltava à frase?
 - b) Com a frase completa, temos: Ele tem alergia a flechas.
 - Como o complemento da palavra *alergia* se liga a ela? Direta ou indiretamente? Por quê?
 - Qual é a classe gramatical da palavra *alergia*?
- 3 Que outro termo também completa um nome e se liga a ele por uma preposição? Justifique sua resposta.
 - Que outra oração tem essas mesmas características, ou seja, está preposicionada e completa um substantivo?

O termo que completa o sentido de um nome, seja este substantivo, adjetivo ou advérbio, ligando-se a ele por uma preposição, chama-se **complemento nominal**. Portanto, os termos *a flechas*, *da alergia* e *de invadir o castelo* são complementos nominais.

LENDO O CONTEXTO

Veja os exemplos encontrados nestes versos do poema indianista “I-Juca-Pirama”, do poeta romântico da primeira geração Gonçalves Dias. Nesse poema, como você já leu, o velho pai e chefe da tribo tupi amaldiçoa o filho, ao saber que ele agiu como covarde, quando se tornou prisioneiro da tribo Timbira e, por isso, foi libertado. Leia alguns versos do canto VIII.

Leitura

VIII

[...]
Possas tu, isolado na terra,
Sem arrimo e sem pátria vagando,
Rejeitado **da morte** na guerra,
Rejeitado **dos homens** na paz,
Ser das gentes o espectro **execrado**;
[...]
Não encontres um tronco, uma pedra,
Posta **ao sol**, posta **às chuvas** e **aos ventos**,
Padecendo os maiores tormentos,
Onde possas a fronte pousar.
[...]

DIAS, Gonçalves. I-Juca-Pirama. In: BUENO, Alexei (Org.). *Gonçalves Dias: poesia e prosa completas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1998. p. 389. (Fragmento).



Execrado: desprezado, odiado.

Observe que os complementos nominais destacados completam o sentido de nomes aos quais se ligam por preposição.

Complemento nominal é o termo da oração que completa nomes, isto é, substantivos, adjetivos e advérbios, e vem preposicionado.

• Complemento nominal e adjunto adnominal

Para diferenciá-los, leia as observações a seguir.

O **complemento nominal** completa o sentido de um nome transitivo (substantivo, adjetivo ou advérbio), vem sempre precedido de preposição e nunca indica posse. Ele indica o alvo da noção expressa pelo substantivo. Se o termo preposicionado completar um adjetivo ou um advérbio, será sempre complemento nominal.

A moça tinha pavor de lugares altos.
substantivo complemento nominal

O estagiário estava satisfeito com o serviço.
adjetivo complemento nominal

A fábrica ficava longe do centro.
advérbio complemento nominal

O **adjunto adnominal** determina, especifica ou qualifica somente substantivos (concretos ou abstratos), nem sempre vem precedido de preposição e pode indicar posse.

Nossa amizade de infância durou longos anos.
adjunto substantivo adjunto adjunto substantivo
adnominal adnominal adnominal

Os dois filmes já estavam nos cinemas.
adjuntos substantivo adjunto substantivo
adnominais adnominal

Caso haja um termo preposicionado ligado a um substantivo, esse termo pode ser complemento nominal ou adjunto adnominal. Se o substantivo tem sentido transitivo (incompleto) e o termo com preposição é o **paciente**, ocorre o complemento nominal. Mas quando esse termo é o **agente**, ele representa o adjunto adnominal. Observe.

O benefício ao idoso é necessário.
substantivo complemento
transitivo nominal (paciente)

O benefício do idoso é necessário.
substantivo adjunto
intransitivo adnominal (agente)

Predicativo do sujeito

NO TEXTO

Sérgio Capparelli é mineiro e começou a escrever em 1979, mas seus primeiros poemas foram publicados mais tarde. Recebeu prêmios por vários livros, em prosa e em verso, escritos para crianças e jovens. Leia este poema.

Leitura

Menina na janela

A lua é uma gata branca,
mansa,
que descansa entre as nuvens.

O sol é um leão sedento,
mulambento,
que ruge na minha rua.

Eu sou uma menina bela,
na janela,
de um olhar sempre à procura.

CAPPARELLI, Sérgio. *Restos de arco-íris*.
Porto Alegre: L&PM, 2005. p. 35.



ANDRÉA VILELA

1 Observe o subjetivismo da linguagem, uma das características do autor.

- Escreva no caderno e interprete as metáforas presentes no poema.
- Qual pode ser o sentido da expressão “um olhar sempre à procura”?

2 Releia estes versos.

“A lua é uma gata branca, mansa,”
“O sol é um leão sedento, mulambento,”

- Qual é a transitividade dos verbos destacados? Como se chamam os predicados?
- Identifique o núcleo de cada predicado.
- A que termo de cada verso se referem esses núcleos?
 - Que função sintática exercem as palavras que caracterizam ou determinam os núcleos?

Há palavras ou expressões, como “uma gata branca, mansa”, ou “um leão sedento, mulambento”, que caracterizam o sujeito (a lua, o sol). Esse termo que expressa uma característica, qualidade ou estado do sujeito, e funciona como núcleo do predicado nominal ou verbo-nominal, chama-se **predicativo do sujeito**.

LENDO O CONTEXTO

Leia estes versos de Cruz e Sousa.

(Ele) “Fica sereno, num sorriso justo,”
sujeito verbo predicativo do sujeito
de ligação

“Quando (eu) vou pela Luz arrebatado,”
sujeito verbo predicativo do sujeito
intransitivo

Como você viu, o **predicativo do sujeito** pode ser encontrado no predicado nominal e no predicado verbo-nominal; em ambos, representa o núcleo nominal.

Predicativo do sujeito é um termo presente no predicado e que atribui características ao sujeito da oração.

Predicativo do objeto

NO TEXTO

Leia este poema de Mario Quintana.

Leitura

Canção

Cheguei a concha da orelha
à concha do caracol.

Escutei
vozes amadas
que eu julgava
eternamente perdidas.

Uma havia
que dentre as outras mais graves
tão clara e alta se erguia...

que eu custei mas descobri
que era a minha própria voz:
sessenta anos havia
ou mais
que ali estava encerrada.

Meu Deus, as coisas que ela dizia!
as coisas que perguntava!

Eu deixei-as sem resposta.
[...]

QUINTANA, Mario. In: CARVALHAL, Tania Franco (Org.).
Mario Quintana: poesia completa. São Paulo: Nova Aguilar, 2005.
p. 389-390. (Fragmento). © by Elena Quintana.

- 1 No poema, o eu lírico fala de vozes que pareciam esquecidas.
 - a) De quem seriam as “vozes amadas” que voltam, de repente, para fazer com que ele recorde o passado?
 - b) Explique por que foi difícil para o eu lírico reconhecer sua própria voz. Como ele reagiu?
- 2 Releia esta estrofe.

“Escutei
vozes amadas
que eu julgava
eternamente perdidas.”

 - a) Na segunda oração, “que eu julgava eternamente perdidas”, qual é a transitividade do verbo? Ele tem complemento?
 - b) Que termo se refere ao objeto direto, caracterizando-o? Observe a concordância.
 - c) Nesse caso, quais são os núcleos do predicado e como se chama esse predicado?
 - d) Que nome recebe o núcleo nominal do predicado?
 - e) Ele caracteriza o sujeito ou o objeto direto dessa oração?



LENDO O CONTEXTO

Veja outro exemplo tirado do poema de Quintana.

“Uma havia
que dentre as outras mais graves
tão clara e alta se erguia...”

predicativo do objeto objeto direto verbo transitivo direto

Predicativo do objeto é o termo que atribui características ao objeto direto ou ao objeto indireto do predicado.

Aposto

NO TEXTO

Leia esta tira.



- 1 Percebe-se, no texto, que Hagar é um guerreiro *viking* respeitado. Qual é o conteúdo humorístico identificado na tira?
- 2 Releia esta oração do primeiro quadrinho: “Aquele é o grande Hagar, o terrível!”
 - O que expressa o termo destacado?

Há termos que são empregados para explicar outro termo, que pode ser um substantivo, pronome ou ainda uma oração. Veja exemplos.

Dom Casmurro, obra-prima de Machado de Assis, apresenta uma análise do comportamento humano.

Famoso como cantor, Michael Jackson morreu aos 50 anos.

LENDO O CONTEXTO

O **aposto** pode vir separado do termo a que se relaciona por vírgula, dois-pontos, travessão ou parênteses.

Voltou à casa da praia, **seu refúgio predileto**.

Sobre a cristaleira — **estilo século XVIII** — havia um vaso de murano.

Às vezes, não existe pausa entre o aposto e o nome que ele especifica ou individualiza.

A rua **do Ouvidor** guarda reminiscências do Rio de Janeiro.

O rio **Amazonas** deságua no oceano **Atlântico**.

Aposto é o termo da oração que explica, esclarece, resume ou identifica o nome ao qual ele se refere: substantivo, pronome ou equivalente desses.

Vocativo

NO TEXTO

Leia a seguir alguns versos do poema “Antífona”, de Cruz e Sousa. Antífona é um verso curto, recitado ou cantado pelo celebrante, antes e depois de um salmo, ao qual respondem duas metades do coro, alternadamente.

Leitura

Antífona

Ó Formas alvas, brancas, Formas claras
de luares, de neves, de neblinas!...

Ó Formas vagas, fluidas, cristalinas...

Incensos dos **turíbulos** das **aras**...

Formas do Amor, consteladamente puras,
de Virgens e de Santas vaporosas...

Brilhos errantes, **mádidas** frescuras
e **dolências** de lírios e de rosas...

Indefiníveis músicas supremas,
harmonias da Cor e do Perfume...

Horas do **Ocaso**, trêmulas, extremas,

Réquiem do Sol que a Dor da Luz resume...

[...]

SOUSA, João da Cruz e. In: AGUIAR, Flavio Wolf de (Sel.).
Os melhores poemas de Cruz e Sousa. São Paulo:
Global, 2001. p. 25. (Fragmento).

Turíbulos: vasos onde se queima incenso nos templos.

Aras: altares.

Mádidas: umedecidas, orvalhadas.

Dolências: mágoas, dores.

Ocaso: pôr do sol.

Réquiem: música sobre o ofício dos mortos; repouso, descanso.

- 1 Que características do estilo simbolista se identificam nesses versos de Cruz e Sousa? Exemplifique.
- 2 Em que verso ocorre uma sinestesia ou mistura de sensações?
- 3 Escreva no caderno um verso que apresenta aliteração, figura que explora a repetição de fonemas idênticos ou parecidos.
- 4 Que palavras ou expressões do texto expressam apelo ou chamamento?
- 5 Se tirássemos esses chamamentos do poema, o seu sentido ficaria comprometido? Justifique-se.

LENDO O CONTEXTO

O termo que se refere a um interlocutor, sintaticamente é chamado de **vocativo**.

Veja exemplos.

Amada, não penses
escutemos a chuva que o inverno chegou.

LIMA, Jorge de. Poema à bem-amada. In: BUENO, Alexei (Org.). *Jorge de Lima: poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004. p. 289. (Fragmento).
© by Maria Thereza Alves Jorge de Lima e Lia Corrêa Alves de Lima.

E o sino chora em lúgubres resposos:
"Pobre Alphonsus! Pobre Alphonsus!"

GUIMARAENS, Alphonsus de. A catedral. In: GUIMARAENS FILHO, Alphonsus de (Sel.). *Os melhores poemas de Alphonsus de Guimaraens*. 3 ed. São Paulo: Global, 1997. p. 120-121. (Fragmento).

O **vocativo** deve sempre aparecer separado por vírgulas, qualquer que seja sua posição na frase. Às vezes é precedido da interjeição *ó*, que indica apelo.

Vocativo é o termo da oração que serve para invocar, chamar um interlocutor, não fazendo parte nem do sujeito nem do predicado.

APLICAÇÃO

1 Leia o anúncio.

REPRODUÇÃO

FÓRUM DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL.



O Desenvolvimento Sustentável é uma preocupação do presente como do futuro. Para promover um debate abrangente e inteligente sobre o tema, a revista Época vai realizar o Fórum de Desenvolvimento Sustentável. O evento deverá reunir autoridades, empresários, consultores e estudiosos com diferentes pontos de vista em busca de uma solução comum: conciliar o desenvolvimento econômico com a preservação do meio ambiente.

O Desenvolvimento Sustentável é uma preocupação do presente como do futuro. Para promover um debate abrangente e inteligente sobre o tema, a revista Época vai realizar o Fórum de Desenvolvimento Sustentável. O evento deverá reunir autoridades, empresários, consultores e estudiosos com diferentes pontos de vista em busca de uma solução comum: conciliar o desenvolvimento econômico com a preservação do meio ambiente.

- Encontros como esse têm se realizado em vários países. O que significa "desenvolvimento sustentável"?
- Observe a imagem do anúncio. Em que aspectos ela retrata a relação do homem com a Natureza? Como reverter esse quadro?
- Na primeira oração do texto, que termo o verbo *ser* liga ao sujeito? Que palavra centraliza a ideia relacionada ao sujeito e que representa o núcleo?



- d) Que palavras, nessa primeira oração, caracterizam ou determinam substantivos? Que nome recebem, sintaticamente?
- e) Que termos estão relacionados aos substantivos *fórum* e *busca*? Eles completam ou determinam esses nomes? Por quê?
- f) Que oração nesse anúncio tem o valor de um aposto, pois explica um termo antecedente? Que termo seria esse?
- g) Escreva no caderno os termos relacionados aos nomes, na última oração, e classifique-os.
- 2 Garfield, personagem do cartunista americano Jim Davis, é a segunda tira de humor mais publicada em jornais e revistas, perdendo somente para Peanuts. Garfield era nome do avô de Jim Davis.



- a) Na tira, o gato Garfield comemora mais um aniversário, mas não parece satisfeito. Explique por que há incoerência nas palavras dele.
- b) Os adjuntos adnominais encontrados no texto pertencem a que classes gramaticais? A que substantivos (ou pronome substantivo) se referem?
- 3 Fernando Sabino, contemporâneo de Clarice Lispector, Drummond e Vinicius de Moraes, nasceu em Belo Horizonte (MG), em 1923. Tornou-se escritor somente a partir de 1957; antes foi advogado, professor de português e colaborou em jornais. Em 1959, publicou *O encontro marcado*, romance autobiográfico considerado sua obra-prima. Foram vários os livros de crônicas e romances publicados até 2004, quando morreu no Rio de Janeiro. Leia o trecho de uma crônica do autor.

A invenção da laranja

Nem todos sabem que a laranja, fruta cítrica, suculenta e saborosa, foi inventada por um grande industrial americano, cujo nome prefiro calar, mas em circunstâncias que merecem ser contadas.

Começou sendo chupada às dúzias por este senhor, então um simples molecote de fazenda no interior da Califórnia. Com o correr dos anos o molecote virou moleque e o moleque virou homem, passando por todas as fases lírico-vegetativas a que se sujeita uma juventude transcorrida à sombra dos la-

ranjais: apaixonou-se pela filha do dono da fazenda, meteu-se em peripécias amorosas que já inspiraram dois filmes em Hollywood e que culminaram nas **indefectíveis** flores de laranjeira, até que um dia, para encurtar, viu-se ele próprio casado, com uma filha que outros moleques cobiçavam, e dono absoluto da plantação.

[...]

SABINO, Fernando. *Obra reunida*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996. p. 244. (Fragmento).

Indefectíveis: incontestáveis, infalíveis.

- Nessa crônica em 3ª pessoa, o narrador decide contar como a laranja passou a ser consumida em larga escala. A que “circunstâncias” ele se refere?
- Interprete a ironia nesta frase: “virou homem, passando por todas as fases lírico-vegetativas”.
- Releia o primeiro parágrafo e escreva no caderno os seguintes termos relacionados aos nomes.
 - aposto
 - adjuntos adnominais
- Explique a diferença de emprego das expressões destacadas.
 - Veio da **Califórnia**.
 - Veio do interior da **Califórnia**.
- Releia estas orações: “o molecote **virou** moleque e o moleque **virou** homem”.
 - Qual é a transitividade do verbo *virar*, nos dois casos? Como se chamam os predicados?
 - Que função sintática exercem os substantivos *moleque* e *homem* em cada oração?
- No início do segundo parágrafo, que termo explica ou esclarece quem era o “senhor”? Qual é o núcleo desse termo?
- Releia este período: “viu-se ele próprio casado e dono absoluto da plantação.”
 - Quantas são as orações? Separe-as.
 - Que transitividade apresenta o verbo *ver*? Como se chama o termo que o completa?
 - Qual é e como se classifica o predicado em cada oração? Ele apresenta um ou mais núcleos?
 - Que função sintática exercem os termos relacionados ao objeto se?

- 4 Você já conhece o trabalho do cartunista Bill Watterson, criador do personagem Calvin e autor desta tira.

CALVIN



Bill Watterson

1986 WATTERSON/DIST. BY ATLANTIC SYNDICATION/UNIVERSAL UCLICK

- a) Os pais de Calvin contrataram a babá Rosalyn para cuidar dele, porque tiveram de sair. Que fatos comprovam a dificuldade da babá em lidar com Calvin?
- b) Que palavras expressam um chamamento ou apelo na tira? Que nomes recebem?

5 Machado de Assis produziu, inicialmente, obras em estilo romântico e, já na fase madura, em estilo realista. Nesse período, publicou o romance *Memórias póstumas de Brás Cubas* e mais quatro obras-primas. Sua obra caracteriza-se pela ironia sutil, percepção aguda da natureza humana, estilo elegante e conciso. Dentre os fatos que ocorrem nesse romance, destacam-se os seguintes: Brás Cubas herda a herança da família; é inconstante nas relações amorosas, como ocorre no seu envolvimento com Virgília; aos 64 anos, cria um “emplasto”, mas morre antes de lançá-lo no mercado. Leia o capítulo final desse romance, cujo título é bem significativo.

Das negativas

[...]

Este último capítulo é todo de negativas. Não alcancei a celebridade do emplasto, não fui ministro, não fui califa, não conheci o casamento. Verdade é que, ao lado dessas faltas, coube-me a boa fortuna de não comprar o pão com o suor do meu rosto. Mais; não padeci a morte de D. Plácida, nem a semidemência do Quincas Borba. Somadas umas cousas e outras, qualquer pessoa imaginará que não houve minguagem nem sobra, e conseqüentemente que saí quite com a vida. E imaginará mal; porque ao chegar a este outro lado do mistério, achei-me com um pequeno saldo, que é a derradeira negativa deste capítulo de negativas: — Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria.

ASSIS, Machado. In: COUTINHO, Afrânio (Org.).
Machado de Assis: obra completa. Rio de Janeiro:
Nova Aguilar, 1992. p. 639. (Fragmento).

- a) O trecho sugere que Brás Cubas está morto. O que representa esse último capítulo do romance?
- b) Após analisar os fatos que não aconteceram em sua vida, para o seu bem ou para o seu mal, a que conclusão ele chega?
- c) Que característica do estilo machadiano se destaca na derradeira negativa do capítulo?
- d) Na primeira oração do texto, que sentido apresenta o pronome *todo*? Qual é a função sintática do termo *de negativas*?
- e) Classifique, no contexto, a função sintática dos termos destacados.
- “não fui **ministro**”
 - “ao lado **dessas faltas**”
 - “quite **com a vida**”

Como plantar um futuro sustentável

Fornecer alimentos à crescente população global é um dos principais objetivos do milênio. Para a Bunge, melhorar a vida das pessoas, aprimorando a cadeia global de alimentos e o agronegócio, é a forma de dar sua contribuição

À medida que a população mundial cresce, crescem também as responsabilidades de cada um sobre o destino do planeta. Todos nós – indivíduos, empresas, governos e sociedade civil – temos uma contribuição a dar para tornar o lugar onde vivemos mais justo, tanto do ponto de vista econômico, quanto social e ambiental.

Você contribui usando os recursos naturais sem desperdício, reciclando materiais e preservando a natureza. Nós, da Bunge, também procuramos fazer a nossa parte. Com 102 anos de história no Brasil, a décima sétima marca mais valiosa do país (pesquisa da Brand Finance) tem colaborado para o desenvolvimento sustentável antes mesmo de esse termo virar moda.

Seja na área alimentícia, fabricando alguns dos produtos mais conhecidos e queridos do brasileiro, seja no setor de fertilizantes, ajudando a melhorar a produtividade e a segurança no campo, a Bunge aposta na gestão responsável e nos compromissos de longo prazo como forma de obter o sucesso empresarial e ajudar no crescimento do país.

- Essa empresa multinacional, produtora de alimentos, é a responsável pela divulgação da campanha que ensina a plantar com sustentabilidade.
 - Por que a preocupação com o fornecimento de alimento se tornou uma questão cada vez mais séria?
 - Segundo o texto, como podemos participar dessa campanha, contribuindo para que haja maiores recursos no planeta?
 - Que qualidades da empresa são enfatizadas no anúncio, visando fortalecer sua imagem perante os consumidores?
- Releia a oração: “crescem também as responsabilidades de cada um sobre o destino do planeta.”
 - Qual é o sujeito da forma verbal *crescem*? Observe a concordância do verbo.
 - Escreva no caderno qual é o núcleo do sujeito e a função sintática dos demais termos e relacione os substantivos aos quais se referem.
- Leia esta oração: O fornecimento de alimentos à crescente população global é um dos principais objetivos do milênio.
 - Explique a diferença de emprego entre os termos **de alimentos** e **à crescente população global**.
- Observe, no contexto, a que palavras se referem os termos a seguir e que função sintática exercem em relação a elas.
 - mais justo
 - moda
- Explique por que se empregou a enumeração que segue o sujeito na frase: “Todos nós – indivíduos, empresas, governos e sociedade civil”. Sintaticamente, como ele se chama?